

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO

**MANOEL EDUARDO DO PRADO SHAMAH**

**ANÁLISE DE DESEMPENHO NO FUTEBOL: A PRÁTICA DO ANALISTA DE  
DESEMPENHO NAS CATEGORIAS DE BASE DOS CLUBES BRASILEIROS DA  
SÉRIE A**

**PORTO ALEGRE  
2021**

**MANOEL EDUARDO DO PRADO SHAMAH**

**ANÁLISE DE DESEMPENHO NO FUTEBOL: A PRÁTICA DO ANALISTA DE  
DESEMPENHO NAS CATEGORIAS DE BASE DOS CLUBES BRASILEIROS DA  
SÉRIE A**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências do Movimento Humano.

**Orientador: Prof. Dr. Rogério da Cunha Voser**

**PORTO ALEGRE  
2021**

## CIP - Catalogação na Publicação

Shamah, Manoel Eduardo do Prado

ANÁLISE DE DESEMPENHO NO FUTEBOL: A PRÁTICA DO ANALISTA DE DESEMPENHO NAS CATEGORIAS DE BASE DOS CLUBES BRASILEIROS DA SÉRIE A / Manoel Eduardo do Prado Shamah. -- 2021.

227 f.

Orientador: Rogério da Cunha Voser.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Análise de Desempenho . 2. Futebol. 3. Análise de Jogo. 4. Categorias de Base. 5. Formação Esportiva. I. Voser, Rogério da Cunha, orient. II. Título.

**MANOEL EDUARDO DO PRADO SHAMAH**

**ANÁLISE DE DESEMPENHO NO FUTEBOL: A PRÁTICA DO ANALISTA DE  
DESEMPENHO NAS CATEGORIAS DE BASE DOS CLUBES BRASILEIROS DA  
SÉRIE A**

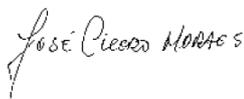
Conceito final:

Aprovado em 09 de agosto de 2021.

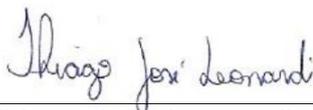
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Gibson Moreira Praça - UFMG



Prof. Dr. José Cícero Moraes - UFRGS



Prof. Dr. Thiago José Leonardi - UFRGS



Orientador - Prof. Dr. Rogério da Cunha Voser - UFRGS

Dedico este trabalho, primeiramente, ao meu avô,  
Manoel Duarte do Prado (*in memoriam*), pelo legado  
deixado de dedicação à educação.  
Também, para todos aqueles que não desprezam a  
ciência.

Para todos aqueles que valorizam o poder do  
conhecimento e o entendem como algo rico e  
libertador, seja d'onde vier.

Dedico este trabalho para todos aqueles que com  
empenho, fazem do futebol suas lutas diárias.

Aos que acreditam em um futebol pensado, bem  
jogado e com ideias inspiradoras.

Àqueles que rompem o discurso dualista, colocando  
em confronto, teoria x prática ou prática x teoria.

Para os/as que entendem a práxis como o melhor  
caminho para um verdadeiro progresso.

Para todos aqueles que não sabem só de futebol.

Às pessoas pequenas, que estão em lugares  
pequenos, fazendo coisas pequenas, mas que  
deixam um grande legado.

## **AGRADECIMENTOS**

Considero um grande privilégio e uma satisfação gigante chegar até este momento. Uma ótima oportunidade de olhar para trás e perceber o quanto as durezas do caminho me fizeram seguir em frente, junto com todos aqueles que se fizeram presentes nesta trajetória. Agradeço imensamente a todos vocês.

Agradeço especialmente a minha família. À minha companheira de vida, Lais Nardon Martins, que com a sua revolução diária, me ajuda a enxergar o mundo com um olhar descolonial. À minha amada filha, Linda Nardon Shamah, com sua doçura, por me ensinar diariamente o poder do afeto e do amor. Obrigado por compreenderem os tantos momentos ausentes. Obrigado por estarem ao meu lado nos momentos mais difíceis, de grande angústia e sofrimento. Obrigado por nos tornarmos melhores juntos. Obrigado por me ajudarem. Obrigado por me abrirem os olhos, quando isso parecia impossível. Vocês não são parte da minha vida, vocês são a minha vida. E, no final das contas, é isso o que importa.

Agradeço à minha mãe, Cleonice Silveira do Prado Shamah e ao meu pai, Antonio Shamah, que com todas as dificuldades da vida me ensinaram os valores mais nobres. Infelizmente, com estas palavras não será possível expressar o tamanho da minha gratidão a vocês.

Mãe, obrigado por ser incansável na sua dedicação, zelo e carinho. Obrigado pelo estímulo, incentivo e exemplo na valorização dos estudos. Obrigado por ser quem tu és, do jeito que tu és. Somente por causa disso, sou o que sou. Tu és o meu maior exemplo de empenho, sacrifício e esforço.

Pai, obrigado por ser meu maior e mais fiel torcedor. Obrigado por me apresentar a paixão pelo esporte. Obrigado pelas eternas lembranças das inúmeras bolas na garagem de casa. Pelos variados tipos de jogos que inventávamos. Pela construção de uma veia esportiva competitiva, mantendo sempre as regras éticas e morais do esporte. Obrigado pelas críticas. Sim! Elas me fizeram (e me fazem) mais forte. Obrigado por me acolher sempre com um bom churrasco.

Agradeço ao meu irmão, Antonio do Prado Shamah, por ser compreensivo, crítico e leal. Te agradeço por muitas vezes abrir o caminho para que eu possa caminhar. Que mesmo de longe, por tantas vezes é o meu guia. Obrigado por me ouvir. Obrigado pelo companheirismo e por partilhar as suas dores. Obrigado por fazer parte desta história.

Agradeço a todos os meus professores, sou eternamente grato a vocês, por fazerem com dedicação, uma das maiores virtudes da vida: ensinar. Agradeço especialmente ao meu orientador, Prof. Dr. Rogério da Cunha Voser, que me incentivou e me estimulou neste grande desafio acadêmico. Obrigado por acreditar em mim, em um momento que talvez nem eu acreditasse. Obrigado pela oportunidade que me proporcionou. É uma enorme honra estar ao seu lado. Pude perceber, e confirmar, o que todos sempre me disseram: que és um professor querido, cativante e humano. Obrigado pela paciência, pela orientação e por indicar o melhor caminho. Obrigado por romper as barreiras do conhecimento acadêmico/científico. Este é o maior aprendizado que podes deixar.

Agradeço de maneira especial, também, a dois treinadores, que não foram somente treinadores, mas foram professores fundamentais, contribuindo de maneira inestimável na minha trajetória, pessoal e profissional, e que talvez nem tenham a dimensão disso. Agradeço ao professor Vinicius Ferreira, de Tramandaí/RS, por ser um exemplo de competência profissional, por buscar a excelência com as condições disponíveis. Não só por isso, mas meus sinceros agradecimentos pelo convite a iniciar na área de análise de desempenho. Por enxergar em mim, qualidades e competências que eu não imaginava. Obrigado por não poupar esforços para tentar me ajudar sempre.

Agradeço, também, ao treinador, professor e amigo, Zeca Brochier, da União Jovem do Rincão (UJR), da cidade de Novo Hamburgo/RS, muito mais que conhecimentos técnicos e táticos, deixaste um grande exemplo de humanidade e liderança. Fostes importante em um período de grandes mudanças na minha vida. És um exemplo profissional e pessoal, pela cordialidade e acima de tudo pela forma acolhedora e agregadora que transmite. Por enxergar os atletas além das esferas esportivas. Obrigado por me ensinar muito mais que futsal.

Obrigado aos meus amigos, especialmente aos colegas Rodrigo Carlet, Marquinhos Xavier e Rogério Bonorino, que embarcam junto comigo no início deste grande desafio. Por muitas vezes tornarem leves e gratificantes as discussões, reflexões e críticas. Obrigado por estarem juntos, me puxando para cima neste árduo trajeto. Não poderia deixar de citar e agradecer, a colega e amiga Vitória Sanchotene, que me incentivou, mostrando os primeiros caminhos desta jornada.

Obrigado à Instituição Associação Sport Club Ivoti e Escola Academia Sporting Ivoti, por me proporcionar o crescimento pessoal e profissional. Agradeço aos meus amigos e colegas de clube, por compartilharem diariamente comigo conhecimentos, frustrações e aprendizados. Obrigado pelas substituições quando não pude estar presente. Obrigado, principalmente, pela companhia e pelas recordações que ficarão guardadas no “baú” das minhas histórias.

Agradeço, imensamente, aos analistas de desempenho participantes deste trabalho, diversas vezes me vi em vocês, nas palavras, nas trajetórias e nos desafios de cada um. Obrigado por aceitarem fazer parte desta pesquisa, por serem solícitos e estarem dispostos a contribuir com o conhecimento. Obrigado por colaborarem em aproximar a prática profissional do conhecimento acadêmico/científico. Obrigado por acreditarem que esta pesquisa poderia trazer novas perguntas, e inspirar outros profissionais.

Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e todos que a compõem. Por estar na vanguarda do conhecimento científico. Por não poupar esforços, e não baixar a guarda, nestes tempos tão difíceis para a educação pública. Obrigado por proporcionar importantes aprendizados, que farão parte da minha trajetória profissional. Obrigado por estar diariamente lutando pela pluralidade, igualdade e justiça social. Obrigado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH), por investir e acreditar na ciência. Obrigado aos professores do PPGCMH, em especial, aos que compartilharam os seus conhecimentos comigo, me acolhendo de forma tão afetuosa: Anelise Gaya, Fabiano Bossle, Guy Ginciene, Thiago Leonardi e, também, ao grande professor José Cícero Moraes. Vocês são grandes inspirações, sou eternamente grato.

Agradeço, também, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Pela concessão da bolsa de pesquisa e estudos, garantindo a execução desta pesquisa.

Costumo dizer que o maior privilégio que tive na vida foi de ter cruzado pelo caminho de pessoas dispostas a contribuir. E talvez essa seja a maior responsabilidade que levo, continuando este legado, e procurando contribuir na trajetória de cada um que se aproxima.

A todos aqueles que deixaram as suas marcas na minha vida, muitíssimo obrigado!

“Queira-se ou não, acredite-se ou não, o futebol continua sendo uma das mais importantes expressões de identidade cultural coletiva, dessas que em plena era de globalização obrigatória nos recordam que o melhor do mundo está na quantidade de mundos que o mundo contém”.

(Eduardo Galeano – Fechado por Motivo de Futebol)

## RESUMO

A área da análise de desempenho é uma área de conhecimento atribuída às Ciências do Esporte que busca qualificar a prática esportiva, seja no ambiente de formação ou no alto nível competitivo. Com o avanço do desenvolvimento tecnológico, o conhecimento acadêmico/científico (teórico), junto ao conhecimento técnico (prático), tem possibilitado buscar informações cada vez mais profundas e qualificadas sobre o desempenho das equipes e dos jogadores em contexto de jogo e treino. Embora apresente contribuições relevantes no contexto das categorias de base, a produção teórica da área, especialmente no Brasil, se concentra no nível do futebol profissional. Desta maneira, o presente estudo tem como objetivo principal descrever como ocorre o processo de análise de desempenho e a atuação do analista de desempenho nas categorias de base em clubes brasileiros de futebol. A metodologia da pesquisa foi de corte transversal, de natureza aplicada e descritiva, adotando como procedimento técnico a abordagem qualitativa. Foram participantes do estudo, através de entrevista semiestruturada, 10 analistas de desempenho das categorias de base dos clubes brasileiros participantes do Campeonato Brasileiro da Série A de 2020. As informações foram analisadas de forma qualitativa, com procedimento de análise por Triangulação de Métodos. Todos os preceitos éticos foram respeitados e todas as entrevistas foram validadas pelos participantes. Os resultados desta pesquisa indicam que os analistas de desempenho das categorias de base exercem diversas funções, compreendendo que o papel da análise neste contexto deve ser focado no desenvolvimento dos jogadores. Além de haver uma diferença significativa em relação à estrutura disponível no contexto de cada profissional, principalmente, em relação aos recursos humanos (quantidade de profissionais) e materiais de trabalho, um dos principais desafios mencionados é fazer com que os demais profissionais no contexto dos clubes, especialmente nas categorias de base, tenham clareza do escopo de trabalho dos analistas de desempenho. A relação dos analistas com os treinadores/comissão técnica e com os atletas, é crucial para a qualificação do trabalho exercido. Ainda que se constitua como fundamental a participação do analista no ambiente do treino, as análises ocorrem de maneira mais sistematizada no contexto do jogo, com olhar voltado para o desempenho coletivo (equipe) e individual (atletas), considerando com maior abrangência a perspectiva qualitativa e aspectos do rendimento tático e técnico. A gestão e a interpretação das informações coletadas,

a longo prazo, auxiliam diversos profissionais na tomada de decisão dentro dos clubes, concretizando a importância que tem sido atribuída a área. Os achados deste estudo, com a visão particular dos analistas envolvidos no contexto das categorias de base, fornecem importantes informações para a contextualização da realidade destes profissionais nos clubes brasileiros. Isso pode proporcionar uma maior compreensão desta área de conhecimento, otimizando o trabalho desenvolvido pelos analistas com o efeito de qualificar o processo de formação de atletas no contexto do futebol nacional.

**Palavras-chave:** Análise de Desempenho. Futebol. Análise de Jogo. Categorias de Base. Formação Esportiva.

## **ABSTRACT**

The area of performance analysis is a knowledge area attributed to Sports Science that seeks to qualify sports practice, whether in the training environment or at a highly competitive level. With the advancement of technological development, academic/scientific (theoretical) knowledge, together with technical (practical) knowledge, has made it possible to seek increasingly deeper and more qualified information about the performance of teams and players in the context of game and training. Although it presents relevant contributions in the context of the base categories, the theoretical production in the area, especially in Brazil, focuses on the level of professional football. Thus, the main objective of this study is to describe how the performance analysis process occurs and the performance of the performance analyst in the youth categories in Brazilian football clubs. The research methodology was cross-sectional, applied and descriptive, adopting a qualitative approach as a technical procedure. Ten performance analysts from the base categories of Brazilian clubs participating in the Brazilian Championship Series A 2020 participated in the study, through semi-structured interviews. The information was analyzed in a qualitative way, with an analysis procedure using Triangulation of Methods. All ethical precepts were respected and all interviews were validated by the participants. The results of this research indicate that the performance analysts of the base categories have several functions, understanding that the role of analysis in this context must be focused on the players' development. In addition to there being a significant difference in the structure available in the context of each professional, especially in relation to human resources (number of professionals) and work materials, one of the main challenges mentioned is to make other professionals in the context of clubs, especially in the base categories, be clear about the scope of work of the performance analysts. The relationship of the analysts with the coaches/technical committee and with the athletes is crucial for the qualification of the work performed. Although the analyst's participation in the training environment is fundamental, the analyzes occur in a more systematic way in the context of the game, with an eye on collective (team) and individual (athletes) performance, considering more coverage of the qualitative perspective, and aspects of tactical and technical performance. The management and interpretation of the information collected in the long term help several professionals in decision-making within the clubs, realizing the importance that has been attributed to

the area. The findings of this study, with the particular view of analysts involved in the context of base categories, provide important information for contextualizing the reality of these professionals in Brazilian clubs. This can provide a greater understanding of this area of knowledge, optimizing the work developed by analysts with the effect of qualifying the process of training athletes in the context of national football.

**Keywords:** Performance Analysis. Soccer. Game Analysis. Base Categories. Sports Training.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Evolução anual de publicações sobre análise de desempenho no futebol nas revistas indexadas da base de dados da <i>Web Of Science</i> (WOF) .....	28
<b>Figura 2</b> – Evolução anual de teses defendidas na área de análise de desempenho .....	28
<b>Figura 3</b> – Processo de aperfeiçoamento na realização de análises.....	29
<b>Figura 4</b> – Fases de formação de jogadores de futebol no Brasil.....	34
<b>Figura 5</b> – Ciclo de formação para a profissão de jogador de futebol .....	35
<b>Figura 6</b> – Principais campos de investigação da análise de desempenho.....	42
<b>Figura 7</b> – Exemplo de análise de redes sociais .....	53
<b>Figura 8</b> – Formas utilizadas para observar o jogo.....	56
<b>Figura 9</b> – Perguntas para definição do método de análise .....	57
<b>Figura 10</b> – Analista de desempenho em contato com jogadores dentro do vestiário .....	58
<b>Figura 11</b> – Grandes áreas da análise de desempenho no futebol .....	63
<b>Figura 12</b> – Processo utilizado para coleta das informações.....	74
<b>Figura 13</b> – Processo de análise pelo procedimento de Triangulação de Métodos..	76
<b>Figura 14</b> – Procedimentos de análise adotados na pesquisa .....	78
<b>Figura 15</b> – Processo de análise no ambiente de treino.....	141
<b>Figura 16</b> – Processo de gestão da informação .....	170

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Termos usados para área de análise de desempenho.....	24
<b>Quadro 2</b> – Primeiras ações observadas na análise do jogo.....	26
<b>Quadro 3</b> – Quadro comparativo das abordagens de análise .....	32
<b>Quadro 4</b> – Principais cursos de análise de desempenho no futebol ofertados no Brasil .....	39
<b>Quadro 5</b> – Cursos específicos para análise nas categorias de base ofertados no Brasil .....	41
<b>Quadro 6</b> – Principais características das perspectivas qualitativa e quantitativa.....	46
<b>Quadro 7</b> – Características e limitações da Perspectiva Estática.....	48
<b>Quadro 8</b> – Características e limitações da Perspectiva Dinâmica .....	49
<b>Quadro 9</b> – Síntese dos métodos de análise e suas principais características .....	49
<b>Quadro 10</b> – Possibilidades de análise do desempenho tático .....	52
<b>Quadro 11</b> – Possibilidades de análise do desempenho técnico.....	54
<b>Quadro 12</b> – Possibilidades de análise de aspectos do desempenho físico/fisiológico .....	55
<b>Quadro 13</b> – Possibilidades de análise de aspectos do desempenho psicológico/comportamental.....	55
<b>Quadro 14</b> – Divisão de clubes de acordo com suas regiões.....	66
<b>Quadro 15</b> – Ordem estipulada para participação na pesquisa.....	67
<b>Quadro 16</b> – Critérios de participação na pesquisa.....	68
<b>Quadro 17</b> – Caracterização dos sujeitos participantes .....	69
<b>Quadro 18</b> – Informações pessoais substituídas.....	72
<b>Quadro 19</b> – Procedimento para coleta de informações .....	74
<b>Quadro 20</b> – Categorias de análise elaboradas .....	77
<b>Quadro 21</b> – Inserção na área e experiência profissional dos analistas entrevistados .....	80
<b>Quadro 22</b> – Principais diferenças de atuação do analista (base x profissional).....	94
<b>Quadro 23</b> – Dificuldades, sugestões de melhoria e desafios mencionados.....	95
<b>Quadro 24</b> – Resumo da perspectiva de atuação e contexto pretendido .....	103
<b>Quadro 25</b> – Contexto de atuação dos analistas de desempenho nas categorias de base .....	109

<b>Quadro 26</b> – Objetivos dos departamentos de análise e funções exercidas pelos analistas das categorias de base dos clubes brasileiros .....	120
<b>Quadro 27</b> – Principais características da análise do treino no contexto das categorias de base do futebol brasileiro .....	137
<b>Quadro 28</b> – Perspectiva e ênfase na análise do jogo .....	150
<b>Quadro 29</b> – Dados e informações coletadas na análise do jogo pelos analistas das categorias de base dos clubes brasileiros.....	158
<b>Quadro 30</b> – Caminho das informações pós-jogo .....	165
<b>Quadro 31</b> – Formas de apresentação das informações aos atletas .....	174
<b>Quadro 32</b> – Exemplos práticos mencionados pelos analistas.....	182

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>20</b>
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	<b>23</b>
2.1 SURGIMENTO E EVOLUÇÃO DA ANÁLISE DE DESEMPENHO .....	23
2.1.1 As origens .....	23
2.1.2 O processo de evolução da análise de desempenho .....	27
2.2 O CONTEXTO DAS CATEGORIAS DE BASE NO FUTEBOL BRASILEIRO .....	33
2.2.1 O desenvolvimento das categorias de base no Brasil .....	33
2.2.2 A análise de desempenho no processo de formação de atletas .....	37
2.3 ABORDAGENS DA ANÁLISE DE DESEMPENHO NO FUTEBOL .....	41
2.3.1 Perspectiva de análise: quantitativa e qualitativa .....	43
2.3.2 Métodos de análise e fatores de rendimento .....	46
2.3.3 Análise de desempenho como área de atuação do analista .....	58
<b>3 MATERIAIS E MÉTODOS</b> .....	<b>64</b>
3.1 ASPECTOS ÉTICOS .....	64
3.2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA .....	65
3.3 PARTICIPANTES DO ESTUDO .....	65
3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE INFORMAÇÕES .....	70
3.5 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE INFORMAÇÕES .....	71
3.6 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE INFORMAÇÕES .....	75
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	<b>79</b>
4.1 O ANALISTA: VISÃO E IMPRESSÕES PESSOAIS SOBRE A ÁREA .....	79
4.1.1 Entrada na área de análise de desempenho .....	80
4.1.2 O papel do analista nas categorias de base .....	86
4.1.3 Dificuldades encontradas e desafios da área .....	95
4.1.4 Perspectivas pessoais e profissionais futuras no futebol .....	103

4.2 CONTEXTO: O AMBIENTE PARA REALIZAÇÃO DO TRABALHO DENTRO DOS CLUBES .....	108
4.2.1 A estrutura disponível dentro dos clubes.....	109
4.2.2 Objetivos da área e função exercida pelos analistas.....	119
4.2.3 Relação dos analistas com a comissão técnica.....	125
4.2.4 Relação dos analistas com os atletas .....	130
4.3 PROCESSO DA ANÁLISE: OPERACIONALIZAÇÃO DO TRABALHO EXECUTADO PELOS ANALISTAS .....	136
4.3.1 A intervenção e a participação do analista nos processos de treino e jogo .....	136
4.3.2 A análise de jogo dentro do clube .....	149
4.3.3 O processo de gestão e condução da informação.....	164
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	186
REFERÊNCIAS.....	191
APÊNDICES .....	204
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE.....	204
APÊNDICE B – FORMULÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO.....	206
APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	207
APÊNDICE D – CARTA CONVITE COLABORAÇÃO EM PESQUISA ACADÊMICA.....	209
APÊNDICE E – MODELO DE TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA.....	210
ANEXOS .....	224
ANEXO A – APROVAÇÃO NA COMISSÃO PESQUISA-ESEFID.....	224
ANEXO B – QUALIFICAÇÃO DO PROJETO PELA BANCA DE QUALIFICAÇÃO (ESEFID/UFRGS).....	225
ANEXO C – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	226

## **PREÂMBULO**

Crescido em uma pequena cidade do litoral norte do estado do Rio Grande do Sul (Tramandaí), estudante de Escola Pública, desde pequeno, incentivado pelo meu pai, tive contato direto com o meio esportivo praticando e observando diversos esportes (futebol, futsal, tênis, padel, basquete, vôlei, e tantos outros). Como boa parte das crianças nascidas no Brasil, inclusive dos meus amigos de infância, o meu sonho era me tornar jogador de futebol.

Atuando em categorias de base de alguns clubes de futebol e futsal no estado do RS, começou a minha fascinação pelo entendimento do jogo, onde sempre fui considerado um atleta “inteligente”. Após ter dificuldades para continuar na carreira de atleta, optei por iniciar os estudos na área de maior gosto e conhecimento (empírico até então). No final do ano de 2012, primeiro ano do curso de Educação Física, recebi um convite do grande professor Vinicius Ferreira, meu treinador de futsal e futebol de longos anos na infância, para ingressar na área de análise de desempenho.

No começo do ano de 2013 iniciei a minha trajetória profissional nas categorias de base da Associação Sport Club Ivoti (clube do interior do estado do RS), como analista de desempenho das categorias Sub 17 e Sub 15. Iniciei sem um conhecimento aprofundado da área de análise de desempenho, que era considerada uma novidade nas categorias de base. Após os primeiros meses de ambientação, e buscando um conhecimento que despertava muita curiosidade, implementei o setor Central de Análise de Jogos (CAJ), iniciando de fato (com papel e caneta) as primeiras análises diante deste contexto.

Aliado ao desenvolvimento prático do trabalho no clube, com os conhecimentos teóricos do curso de Educação Física, que vivia diariamente como aluno, mantive as minhas veias esportivas “pulsantes” sendo atleta bolsista da Universidade Feevale, de Novo Hamburgo/RS, por cinco temporadas, entre os anos de 2013 e 2017. Como atleta universitário na modalidade de futsal, participei de uma geração vitoriosa dentro da Instituição, onde tive o prazer de realizar viagens pelo Brasil, conquistando títulos estaduais e nacionais.

Nos anos de 2015 e 2018, tive duas experiências internacionais que ampliaram o meu olhar relacionado ao esporte, especialmente sobre o processo de formação esportiva. Na primeira delas, tive a oportunidade de vivenciar um período na cidade de Shanghai (China), ministrando treinamentos para atletas chineses e

compartilhando conhecimentos com os profissionais locais. Três anos mais tarde, tive a oportunidade de realizar uma formação profissional dentro do centro de treinamento das categorias de base do Sporting Clube de Portugal, na cidade de Alcochete, próxima a Lisboa, em Portugal. Tendo contato com profissionais altamente qualificados, pude comprovar na prática o que a teoria já me dizia, construindo um novo aprendizado sobre o que envolve os processos de formação esportiva dentro do futebol, e, assim, valorizando ainda mais os conhecimentos (práticos e teóricos) advindos daquele País.

A área de análise de desempenho como campo de pesquisa, surgiu para mim após participar do IV Congresso Internacional de Futebol, realizado na cidade de Porto Alegre/RS, no ano de 2016. Após perceber a temática da análise de desempenho nas categorias de base sendo discutida pelos profissionais da área, refleti sobre os processos adotados dentro do clube que eu estava inserido (A.S.C Ivoti). Chegando ao período final da graduação no curso de Educação Física, no meu trabalho de conclusão de curso (TCC) decidi pesquisar sobre a temática da análise de desempenho nas categorias de base, realizando um estudo em âmbito regional.

Desenvolvendo o trabalho de análise no contexto da categoria sub 20 dentro do clube, após me graduar na área, busquei um maior aprofundamento no conhecimento acadêmico, adentrando ao ambiente da Pós-graduação na reconhecida Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Primeiramente, no curso de Especialização em Técnico Desportivo e, posteriormente, sendo aprovado para o curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH).

Percebendo a necessidade e, também, um grande desafio, continuei a investigar a área de análise de desempenho, especialmente a atuação dos analistas de desempenho nas categorias de base. Em virtude da inexpressiva produção científica disponível, buscando aproximar o conhecimento técnico/prático do conhecimento acadêmico/científico, com o Prof. Dr. Rogério da Cunha Voser, como orientador, construímos um projeto que, tem como resultado, a presente pesquisa. Espero que este trabalho possa contribuir com os seus conhecimentos, tenha uma boa e agradável leitura.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo trata, como tema central, a análise de desempenho no contexto das categorias de base no futebol. A fim de trazer uma nova perspectiva para o conhecimento acadêmico científico na área deste trabalho, a pesquisa se debruça na concepção dos analistas de desempenho dos clubes brasileiros, considerando suas práticas diárias dentro deste campo de atuação.

A análise do desempenho (*performance analysis*) é uma área de conhecimento relacionada com as Ciências do Esporte. Sendo que, através da coleta de uma série de dados e informações, registrados em ambiente de jogo e treino, busca analisar, de maneira aprofundada, aspectos que influenciam o rendimento dos jogadores e das equipes, identificando os fatores associados ao sucesso esportivo com o intuito de qualificar a prática esportiva (CARLING; WILLIAMS; REILLY, 2005; GLAZIER, 2010; VOLOSSOVITCH; FERREIRA, 2013).

Dessa maneira, o olhar científico para o desempenho no esporte, tem proporcionado nas últimas décadas um grande avanço no entendimento do jogo, trazendo contribuições relevantes para a evolução do futebol. Assim, com o apoio do desenvolvimento tecnológico e a constante qualificação profissional, as equipes passaram a se preparar cada vez melhor, influenciando fortemente o contexto competitivo, tendo como objetivo a busca por melhores resultados no meio futebolístico. Em razão disso, clubes de alto nível passaram a investir em departamentos altamente estruturados para análise do jogo (GÓMEZ-RUANO, 2017; PEDREÑO, 2018; VENTURA, 2013).

Portanto, com a necessidade de possuir informações cada vez mais qualificadas para atingir os resultados esperados, considerando a alta competitividade do futebol contemporâneo, a figura do analista de desempenho passou a ganhar espaço, sendo integrado nas comissões técnicas dentro dos clubes. Entretanto, essa prática é observada com maior relevância no contexto do futebol profissional, quando comparada com as categorias de base (GAMA *et al.*, 2017; SÁNCHEZ, 2018; VÁZQUEZ, 2012).

No futebol brasileiro, ainda que no contexto do futebol profissional muitos clubes contem com a organização de departamentos de análise bem estruturados, no ambiente das categorias de base esse processo se encontra em fase de desenvolvimento. Tendo em vista que, faz poucos anos que os clubes passaram a

investir de forma específica nessa área dentro das categorias de base (CARLET, 2020).

Além disso, embora a aplicação dos conhecimentos de análise apresentem aplicações específicas para a etapa de formação de atletas, podendo contribuir no desempenho de jovens jogadores, grande parte da produção teórica se concentra no ambiente do futebol profissional (CARLET, 2020; PEDREÑO, 2018; REEVES; ROBERTS, 2013; SARMENTO *et al.*, 2014). Assim, portanto, há carência de pesquisas que investiguem o contexto da análise de desempenho nas categorias de base, com o olhar voltado para a prática profissional dos analistas de desempenho nesse ambiente.

O interesse pessoal em desenvolver este estudo, surge a partir do contato do autor com o esporte após deparar-se vinculado à área de análise de desempenho no ambiente formativo de atletas. A partir disso, questionou o emprego dos mesmos métodos de análise realizados no futebol profissional, sendo aplicados nas categorias de base de formação de atletas, refletindo sobre a reprodução desses conceitos e os seus efeitos.

Frente ao exposto, supõe-se que esta pesquisa, acerca de um tema que vem mostrando-se com um futuro promissor dentro do contexto esportivo, especialmente, relacionado as categorias de base, possa vir a contribuir para a ampliação do conhecimento de profissionais da área deste estudo, qualificando os processos de formação e possibilitando a otimização das informações coletadas na busca pela melhoria do desempenho de jovens jogadores de futebol.

Com base na definição do objeto de estudo elaborado, tendo em vista os anseios e questionamentos que o fenômeno envolve, estruturou-se a seguinte questão de pesquisa: **Como ocorre o processo de análise de desempenho e a atuação dos analistas de desempenho nas categorias de base em clubes brasileiros de futebol?**

Para operacionalizar a pesquisa, adotou-se o objetivo geral de **descrever como ocorre o processo de análise de desempenho e a atuação do analista de desempenho nas categorias de base em clubes brasileiros de futebol.**

Como objetivos específicos do estudo, busca-se **identificar a visão do analista sobre o seu papel dentro dos clubes e os objetivos atribuídos à análise de desempenho** nas categorias de base. Ainda de maneira específica o estudo

pretende **identificar as formas de utilização das ferramentas e o contexto estrutural disponível** para análise de desempenho, bem como **verificar os desafios e perspectivas** na atuação profissional, além de **identificar o perfil do analista de desempenho** vinculado as categorias de base dos clubes brasileiros de futebol.

Portanto, a fim de aprofundar-se na temática do estudo, apresenta-se a revisão da literatura em três capítulos. O primeiro capítulo descreve o contexto histórico com o surgimento e a evolução da área de análise de desempenho no âmbito esportivo. No segundo capítulo, aborda-se a questão das categorias de base no ambiente do futebol brasileiro e a sua relação com o tema tratado. Finalizando a revisão da literatura, o terceiro capítulo adentra nas abordagens da análise de desempenho, tendo em consideração a figura do analista de desempenho e as suas principais atribuições no exercício da função.

Com o propósito de esclarecer a construção do trabalho, de acordo com os preceitos éticos e científicos determinados, descrevem-se os materiais e métodos da pesquisa. Identifica-se a caracterização do estudo e os seus participantes, os instrumentos utilizados, bem como os procedimentos para a coleta das informações e para análise e interpretação destas.

Dando seguimento à pesquisa, caracteriza-se a discussão e os resultados encontrados. Na primeira categoria de análise, revela-se a opinião e a visão do analista de desempenho sobre temas pertinentes à área do estudo. A segunda categoria, apresenta o contexto da análise de desempenho nos clubes brasileiros. E finalizando esse capítulo, identifica-se o processamento da análise executada pelos participantes do estudo.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura deste trabalho apresenta-se em três capítulos, especificando os temas tratados. O primeiro capítulo, intitulado “**Surgimento e Evolução da Análise de Desempenho**”, discorre acerca das primeiras formas de análise de desempenho no contexto do esporte, além disso, aponta para a evolução da análise de desempenho no contexto futebolístico.

Emergindo o assunto das categorias de base no futebol brasileiro, o segundo capítulo desta pesquisa, denominado “**O Contexto das Categorias de Base no Brasil**”, visa apontar como se deu o desenvolvimento das categorias de base no futebol brasileiro e a relação da área de análise na formação de atletas.

Finalizando a revisão teórica apresentada, o terceiro capítulo, “**Abordagens da Análise de Desempenho no Futebol**”, descreve os métodos de análise de desempenho no futebol, levando em consideração os fatores de rendimento ligados ao desempenho esportivo, bem como se aprofunda na função do analista de desempenho no futebol, apontando as principais características de atuação deste profissional.

### 2.1 SURGIMENTO E EVOLUÇÃO DA ANÁLISE DE DESEMPENHO

A apresentação deste capítulo ocorre a partir de uma perspectiva linear da história da análise de desempenho. Assim, apresenta-se como ocorreu o surgimento da área no contexto esportivo mundial e a característica dos primeiros trabalhos desenvolvidos. Posteriormente, descreve-se como aconteceu a evolução da área, levando em consideração o apoio da tecnologia no processo de análise, a ampliação do olhar científico na análise do jogo, assim como, as consequências desses processos até os dias atuais.

#### 2.1.1 As origens

O estudo a partir da observação e análise do desempenho é nomeado de diferentes formas na abordagem científica do esporte, conforme exposto no quadro 1. Segundo Garganta (2001), a mais comum adotada pelos autores é análise do jogo, que basicamente consiste no processo de levantamento, coleta e análise de dados obtidos a partir da observação do jogo. Porém, o termo *performance analysis* (análise

de desempenho) tem sido utilizado nos últimos anos para denominar uma subdisciplina formada no campo da Ciência do Esporte (GLAZIER, 2010).

**Quadro 1** – Termos usados para área de análise de desempenho

<b>TERMOS TEÓRICOS/TÉCNICOS USADOS PARA A ÁREA DE ANÁLISE DE DESEMPENHO NO CONTEXTO ESPORTIVO</b>	<b>AUTORES</b>
- <i>Match Analysis</i>	Carling, Williams e Reilly (2005) e Garganta (2001)
- <i>Performance Analysis</i>	Carling, Williams e Reilly (2005), Glazier (2010) e Hughes e Bartlett (2002)
- <i>Notational Analysis</i>	Hughes (2004) e Hughes e Franks (2005)
- <i>Scouting</i>	Gama <i>et al.</i> (2017), Mendes (2016) e Ventura (2013)
- <i>Game Analysis</i>	McGarry, O'Donoghue e Sampaio (2013)
- <i>Game Observation</i>	Garganta (2001)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Apesar de o futebol estar contribuindo de maneira significativa para o desenvolvimento da área de análise de desempenho nas últimas décadas, as primeiras análises no contexto esportivo são oriundas de outros esportes (ANDERSON; SALLY, 2013; GARGANTA, 2001). Os primeiros trabalhos publicados na área surgiram no beisebol, com o jornalista esportivo norte americano Hugh Fullerton, no ano de 1910 (AQUINO; GONÇALVES, 2019; SARMENTO *et al.*, 2014).

De acordo com Garganta (2001), em seu trabalho de revisão acerca da análise de jogo, os estudos de Messersmith e Corey e Messersmith e Fay, nos anos de 1931 e 1932, no basquetebol e no futebol americano, respectivamente, são considerados como precursores na área. Em ambos estudos, a análise se voltara para saber a distância percorrida pelos jogadores em situação de jogo.

Na construção histórica da área de análise no futebol, é importante ressaltar que as principais referências apresentam tempo e local específico: primeiras décadas do século XX, na Inglaterra. De acordo com Anderson e Sally (2013), o pioneirismo em estudos com viés de análise no futebol veio com o inglês Charles Reep, nos anos de 1930.

Para Volossovitch e Ferreira (2013), o início da tendência em análise de desempenho, relaciona-se com a evolução da sociedade moderna, à qual é regida

por princípios de rendimento e competitividade. Os conceitos de abordagem da investigação científica, têm no contexto esportivo, sua representação através de formas de observar e analisar os acontecimentos, a fim de compreendê-los de maneira aprofundada.

Com isso, o surgimento da análise de desempenho ocorreu no intuito de qualificar a prática desportiva de alto rendimento (REILLY; GILBOURNE, 2003). O surgimento dessa área, fundou-se a partir de um pensamento de confiança e credibilidade cada vez maior em dados. Deste modo, os dados poderiam representar estatísticas, que por sua vez, poderiam representar probabilidades. Assim, portanto, permitindo a possibilidade de predizer o que seria necessário para alcançar resultados positivos e vencer partidas (ANDERSON; SALLY, 2013).

Apesar da escassa produção científica após os primeiros estudos (AQUINO; GONÇALVES, 2019; SARMENTO *et al.*, 2014), as ideias de tornar científica as ações no jogo de futebol se firmaram com o pensamento do contabilista inglês Charles Reep, considerado o primeiro analista da história do futebol, que buscava obter maiores informações referentes ao jogo (ANDERSON; SALLY, 2013). Segundo Anderson e Sally (2013), para Reep, sistematizar e anotar cada lance ocorrido em uma partida, possibilitaria avançar para um entendimento que não se restringisse a tradição e as impressões pessoais. Os fatos ocorridos ajudariam a ver o que a “olho nú” não seria possível (REEP; BENJAMIN, 1968).

A partir disso, concentrado em anotar (com papel e caneta) detalhadamente os acontecimentos ocorridos nos jogos, emergiu uma ciência. Para além de apenas contabilizar acontecimentos, os lances foram subdivididos em elementos presentes nas partidas. Nota-se ainda, que na época em que os seus estudos foram realizados, as suas ideias foram incompreendidas e os seus achados altamente questionados (ANDERSON; SALLY, 2013).

De tal forma, antigamente (em algumas culturas esportivas percebe-se essa resistência presente até os dias atuais) as tradições do futebol consideravam investigações científicas inadequadas, tal que o profissional que estivesse buscando repostas técnico/científicas para os acontecimentos do jogo muitas vezes era recebido com enorme suspeita e encoberto por uma desconfiança silenciosa (REILLY; GILBOURNE, 2003).

Contudo, apesar da descrença em relação aos resultados encontrados nos seus primeiros estudos, observa-se que muitas formas de perceber os eventos ocorridos no contexto do jogo continuaram a ser reproduzidos anos após esses primeiros achados (REEP; BENJAMIN, 1968; REEP; POLLARD; BENJAMIN, 1971). As primeiras análises de Reep, buscavam respostas concretas, no entanto, apesar de diversos aspectos do jogo apresentarem padrões numéricos fortes e estáveis (ANDERSON; SALLY, 2013), ainda assim, as suas interpretações são dificultadas por conta das características imprevisíveis que envolve o jogo de futebol (GARGANTA, 2001).

O quadro abaixo, apresenta as primeiras ações observadas na análise do jogo no contexto do futebol.

**Quadro 2** - Primeiras ações observadas na análise do jogo

Passes	Classificados a partir da frequência, distância, direção, altura, resultado, posição no campo de onde se originou e onde acabou.
Cruzamentos	Classificados a partir da frequência, distância, direção, altura, resultado, posição no campo de onde se originou e onde acabou.
Chutes	Classificados a partir da frequência, distância, direção, altura, resultado, posição no campo de onde se originou e onde acabou.
Movimento da bola	Representação da movimentação da bola através de desenhos durante o jogo.
Divisão do campo	Organização de zonas específicas para ocorrência de eventos.

Fonte: Elaborado pelo autor<sup>1</sup>.

Ainda que carecesse de critérios claros para classificação das ações observadas, os resultados dos primeiros achados científicos de Charles Reep, com registro de mais de 2.200 partidas, se tornaram importantes indicativos, apontando caminhos a seguir nas décadas posteriores (ANDERSON; SALLY, 2013).

A busca por uma fórmula de sucesso, a partir de uma visão estritamente matemática (quantitativa) que Reep buscara, acreditando que apenas contabilizar os

<sup>1</sup> Baseado nos trabalhos de Garganta (2001), Reep e Benjamin (1968) e Reep, Pollard e Benjamin (1971).

eventos ocorridos no campo de futebol demonstraria a sua realidade complexa, modificou-se ao longo do desenvolvimento da área. Absorvido por esses conhecimentos, a área de análise de desempenho iniciou o seu processo de evolução.

### 2.1.2 O processo de evolução da análise de desempenho

A popularização do termo *performance*, difundida entre diversas áreas do comportamento humano (arte, economia, política, gestão, etc.), desencadeou no esporte uma necessidade constante de analisar os acontecimentos ocorridos em ambiente de jogo e treino (VOLOSSOVITCH; FERREIRA, 2013). Diante disso, intensificou-se a busca pelo rigor científico no futebol, de forma que procurou-se sistematizar esse conhecimento. Esse fato levou a um período de grande troca de informações, evoluindo consideravelmente o entendimento do jogo (GARGANTA, 2001).

Nesse período (década de 1980) desenvolveram-se iniciativas importantes para o aprofundamento da análise de desempenho, desta forma deu-se o início de congressos internacionais, que serviram como marcadores importantes para o aumento da produção bibliográfica da área (GARGANTA, 2001; MCGARRY; O'DONOGHUE; SAMPAIO, 2013). Além disso, esses conhecimentos foram importantes para introduzir a temática em programas de pesquisa de instituições acadêmicas (MCGARRY; O'DONOGHUE; SAMPAIO, 2013).

Assim, a partir da década de 1980 a temática da análise do desempenho começou a tomar caminhos mais especializados. Causando, como consequência, um olhar específico para a área. Esse olhar ganhou expressão na investigação não só no futebol, mas também nos jogos esportivos coletivos (MARCELINO; SAMPAIO; MESQUITA, 2011).

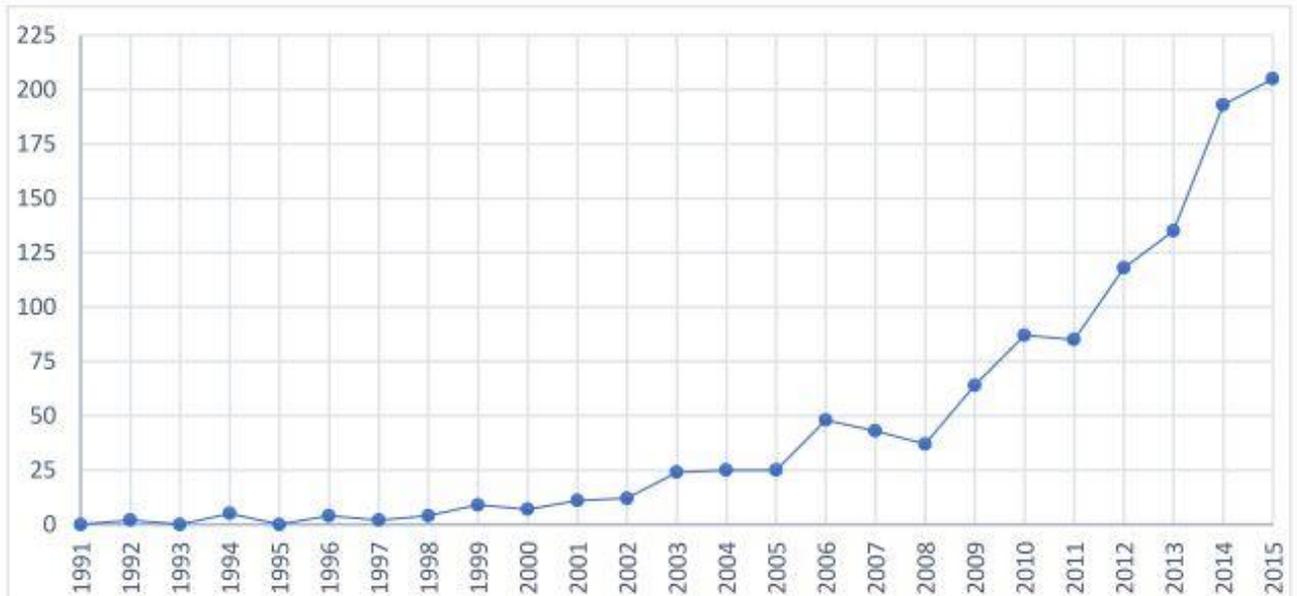
Então, conforme exposto, nas figuras 1 e 2 (abaixo), houve um aumento considerável no número de estudos científicos (artigos<sup>2</sup> e teses<sup>3</sup>), especialmente com crescimento constante após os anos 2000 (GARGANTA, 2001; GÓMEZ-RUANO, 2017; MARCELINO; SAMPAIO; MESQUITA, 2011; MCGARRY; O'DONOGHUE; SAMPAIO, 2013).

---

<sup>2</sup> As palavras-chave utilizadas pelo autor foram: *sport, performance analysis* e *soccer* ou *football*.

<sup>3</sup> As palavras-chave utilizadas pelo autor foram: *deporte, observacion, codificación, análisis de juego, análisis notacional, análisis de rendimiento, sport, observation, notation, match analysis, game analysis, notational analysis* e *performance analysis*.

**Figura 1** - Evolução anual de publicações sobre análise de desempenho no futebol nas revistas indexadas da base de dados da *Web Of Science* (WOF)



Fonte: Fonseca (2018, p. 32).

**Figura 2** - Evolução anual de teses defendidas na área de análise de desempenho

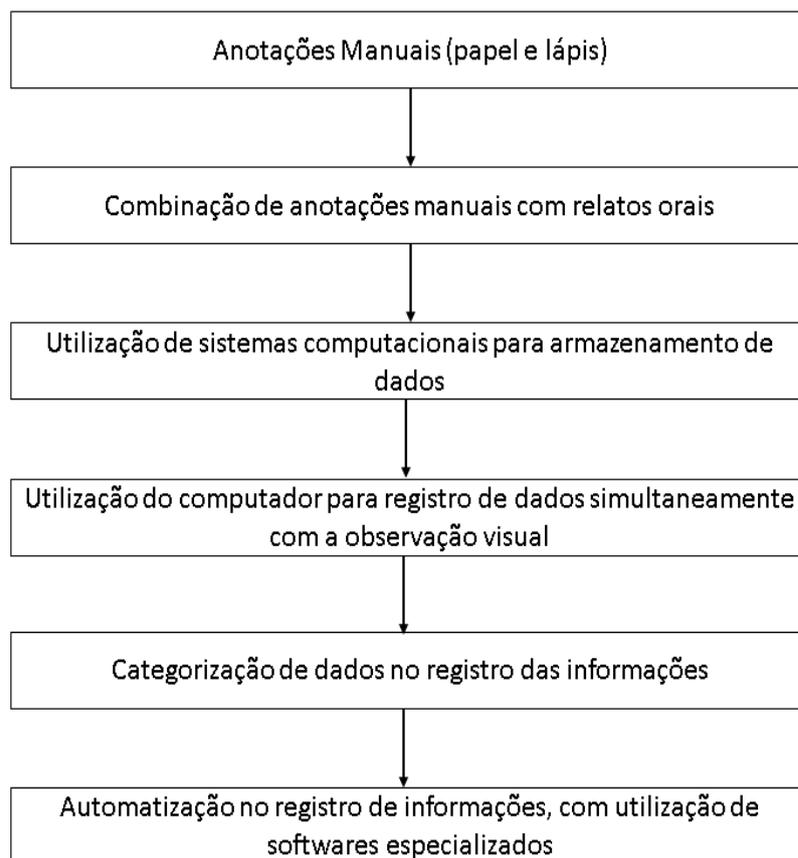


Fonte: Gómez-Ruano (2017, p. 2).

De acordo com Garganta (2001), a evolução da análise de desempenho, ocorrida a partir da década de 1980, se estabeleceu a partir da profissionalização das práticas esportivas de alto rendimento, aumento do aporte financeiro disponibilizado pelos clubes/entidades, e também pela utilização do esporte como campo de aplicação de meios tecnológicos.

Torna-se importante ressaltar que o desenvolvimento de meios tecnológicos teve papel crucial na evolução da análise de desempenho, não somente no futebol, como em diversos esportes (CARLING; WILLIAMS; REILLY, 2005; CARLING *et al.*, 2014; OKAZAKI *et al.*, 2012). Por muitos anos os procedimentos utilizados para o registro do comportamento dos atletas e das equipes não tiveram suporte teórico, recorrendo a anotações manuais (papel e lápis), sendo imprecisas, assistemáticas e subjetivas, servindo para identificar apenas características particulares dos contextos esportivos. No entanto, essa forma “rudimentar” de análise passou por um processo de aperfeiçoamento no modo realizá-lo (figura 3) (CARLING; WILLIAMS; REILLY, 2005; GARGANTA, 2001; MARCELINO; SAMPAIO; MESQUITA, 2011; SARMENTO *et al.*, 2014).

**Figura 3** – Processo de aperfeiçoamento na realização de análises



Fonte: Elaborado pelo autor<sup>4</sup>.

Ao passo que o futebol teve o seu progresso, houve também o desenvolvimento de sistemas computacionais que viabilizaram uma maior compreensão do que envolve o desempenho esportivo (SARMENTO *et al.*, 2014). Além disso, o uso de

<sup>4</sup> Baseado em Carling, Williams e Reilly (2005) e Garganta (2001).

computadores e a utilização de vídeo, tornaram-se grandes vantagens pela quantidade e rapidez na disponibilização das informações, oferecendo maiores possibilidades de analisar os fatos ocorridos em ambiente de jogo e treino (AQUINO; GONÇALVES, 2019; CUNHA; BINOTTO; BARROS, 2001; SILVA, 2006).

Assim, a tecnologia contribuiu (e ainda contribui expressivamente) para a evolução da forma de se analisar o desempenho no futebol. A utilização de computadores tornou-se fundamental para o registro de eventos, pois as atividades ocorrem muito rapidamente para serem anotadas manualmente com a precisão que se necessita, especialmente em contextos em que a exigência por rendimento têm sido cada vez maior (CARLING; WILLIAMS; REILLY, 2005).

Contudo, apesar de atualmente com o apoio da tecnologia disponível a coleta de informações se tornar mais simples (COUTTS, 2014) quando comparada a formas antigas de recolha de dados, o desafio atual parece a identificação de sequências capazes de categorizar padrões de comportamentos regulares ao longo do tempo (SARMENTO *et al.*, 2014).

No futebol brasileiro, a análise de desempenho começou a ganhar maior relevância na última década (CARLET, 2020). Ocorrendo uma atenção especial, a partir do momento que Rafael Vieira, um dos mais conceituados analistas do futebol brasileiro, foi anunciado como analista de desempenho da Seleção Brasileira de Futebol (CANÔNICO, 2010).

Para Fantato (2010), a decisão da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), em contar com um analista de desempenho integrando a comissão técnica foi um marco para o futebol brasileiro, atribuindo uma valorização dessa função. Todavia, embora a área técnica tenha valorizado esses conhecimentos nos últimos anos, nota-se que o Brasil ainda carece de pesquisa científica na área de análise, já que em levantamento realizado, o país ocupou o 10º lugar em número de publicações sobre a temática (GÓMEZ-RUANO, 2017).

Com a maior visibilidade que vem ocorrendo, boa parte dos clubes que atuam em alto nível nas competições nacionais, começaram a contar com profissionais responsáveis pela área. Nesta perspectiva, clubes com maior poder financeiro, e que tem enxergado na análise de desempenho uma possibilidade de sucesso, contam com departamentos altamente estruturados, inclusive integrando a área também nas categorias de base (CARLET, 2020; PEDREÑO, 2018).

Relativamente ao desenvolvimento desse campo de conhecimento, aponta-se que os profissionais que ignoram as possibilidades advindas da área, podem ser considerados negligentes no ambiente desportivo competitivo, já que grande parte dos clubes profissionais têm acesso a meios de análise de desempenho. Além disso, diversos programas de capacitações tem atribuído importância aos conteúdos de análise de desempenho (CARLING; WILLIAMS; REILLY, 2005; JAMES, 2006).

Indubitavelmente o esporte tem evoluído, de modo que tem sido questionadas antigas certezas e se estudado profundamente, diversas possibilidades que surgem a todo o momento, pois “a ciência do futebol que se iniciou décadas atrás está em expansão, em constante desbravamento” (ANDERSON; SALLY, 2013, p. 36). Ao passo que é possível considerar que a análise de desempenho tem conquistado seu próprio espaço nas Ciências do Esporte, abrangendo características de grande aplicação no controle do treinamento e da competição (GÓMEZ-RUANO, 2017).

Nesta senda, o futebol vem se remodelando ao longo dos últimos anos, a análise tem se mostrado, cada vez mais, como um ponto-chave na busca por informações que possam interferir nos processos deste esporte, evoluindo progressivamente (GAMA *et al.*, 2017). Sendo que,

Seria injusto definir como uma ‘revolução’ a relação atual do futebol com a análise, mas tampouco de uma mera evolução. Talvez a melhor palavra seja reforma: o esporte é o mesmo, mas a forma de jogá-lo está mudando. E estamos vivendo a etapa mais empolgante desse processo, em que a cada dia, a cada semana, a cada ano, surge um aspecto diferente; o progresso se acelera (ANDERSON; SALLY, 2013, p. 25).

Portanto, evolução da área de análise de desempenho no contexto do futebol, permitiu classificar as formas de análise, a partir de duas dimensões, conforme exposto no quadro 3. O modelo de análise realizado de forma semelhante as primeiras análises, tem sido denominado de abordagem tradicional-clássica (PRAÇA; DE VITO, ([s. d.]<sup>5</sup>). Em contrapartida, na evolução dos processos de análise, desenvolveu-se o que são chamados de métodos contemporâneos (AQUINO; GONÇALVES, 2019).

---

<sup>5</sup> Material produzido para um curso técnico na área de análise de desempenho.

**Quadro 3 - Quadro comparativo das abordagens de análise**

<b>PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS</b>	
<b><u>ABORDAGEM CLÁSSICA-TRADICIONAL</u></b>	<b><u>ABORDAGEM CONTEMPORÂNEA</u></b>
Pouco suporte teórico (natureza empírica)	Aliada ao conhecimento científico
Identifica particularidades	Identifica o contexto
Somatório de dados	Busca informações
Centrada no jogador	Centrada no jogador e na equipe
Centrada na bola	Considera ações sem bola
Eventos discretos	Eventos com padrão de frequência
Centrada na performance técnica/física	Centrada no envolvimento de aspectos técnicos/físicos/táticos/psicológicos
Demora no compartilhamento de dados	Rápido compartilhamento de dados
Sistemas fechados	Sistemas flexíveis

Fonte: Elaborado pelo autor<sup>6</sup>.

Dessa forma, o progresso da área de análise permitiu que, ao mesmo tempo em que o fornecimento de informações possa identificar e adequar o treinamento, garantindo a sua especificidade, as análises poderiam constatar padrões de movimentos de forma sistemática durante as partidas, as quais poderiam estar relacionados com os resultados coletivos alcançados (BRAZ, 2013; O'DONOGHUE, 2015).

Garganta (2001, p. 59) destaca que, ao longo do tempo, as linhas de análise foram se desenvolvendo, "evoluindo para a denominada análise do tempo-movimento, através da qual se procura identificar, detalhadamente, o número, tipo e frequência das tarefas motoras realizadas pelos jogadores ao longo do jogo".

Na mesma linha de pensamento, Vendite, C., Vendite, L., e Moraes (2005, p. 184) argumentam sobre os aspectos ligados a análise do jogo, em que efetivamente entende-se que "a evolução do futebol como jogo desportivo tem passado, cada vez mais, pelo estudo e sistematização de elementos relativos a duas realidades interdependentes: o jogo e o jogador". Assim, paralelamente ao estudo do jogo, centrado nas particularidades da sua estruturação, trata-se também a do indivíduo que interage com o jogo.

A evolução da análise de desempenho vem ocorrendo posto que se têm buscado respostas relativas à lógica interna do jogo e as relações comportamentais

<sup>6</sup> Quadro elaborado baseado nos trabalhos de Aquino e Gonçalves (2019), Garganta (2001), Marcelino, Sampaio e Mesquita (2011) e Praça e De Vito, (i.s.d.).

dos jogadores e das equipes com os divergentes acontecimentos e os contextos da partida. Ainda, os processos de desenvolvimento nos avanços tecnológicos propiciaram uma melhora nas análises efetuadas, tanto de caráter quantitativo como qualitativamente (FONSECA, 2018; REIN; MEMMERT, 2016).

## 2.2 O CONTEXTO DAS CATEGORIAS DE BASE NO FUTEBOL BRASILEIRO

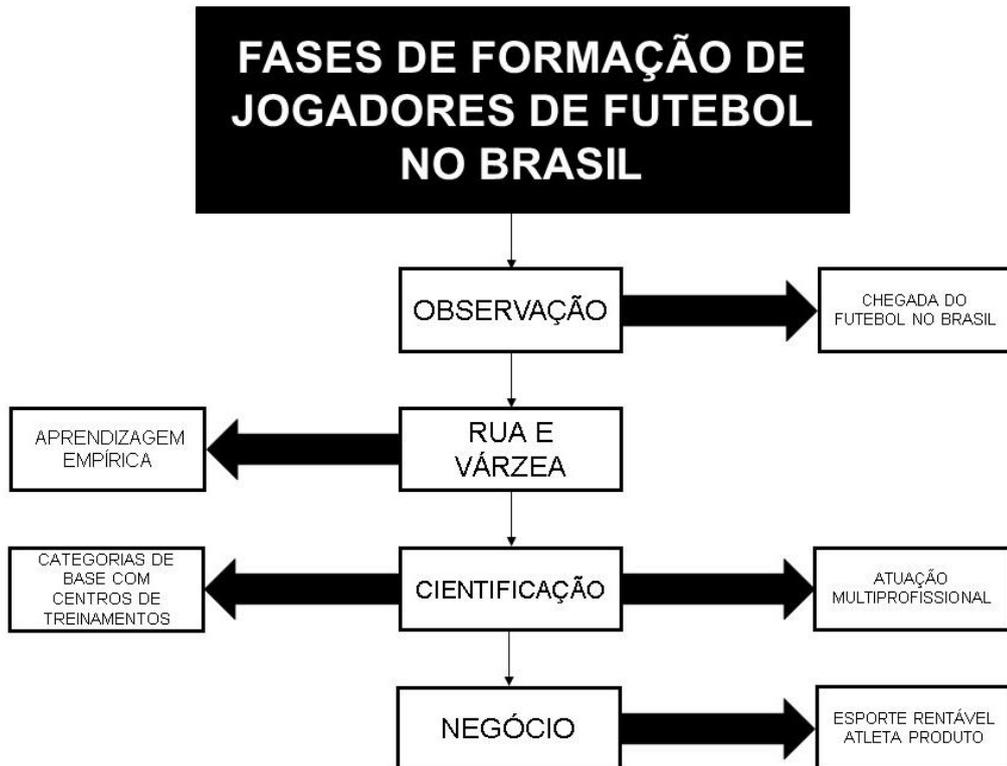
Imbuído em apresentar o contexto das categorias de base no futebol brasileiro, o presente capítulo, aponta como se deu o desenvolvimento das categorias de base no futebol do país, as fases que levaram a valorização das categorias de base, além de relacionar o período de desenvolvimento de atletas com a área de análise de desempenho.

### 2.2.1 O desenvolvimento das categorias de base no Brasil

O futebol como modalidade de alto rendimento e de formação, é atualmente interpretado e analisado nos seus mais minuciosos detalhes, seja pelas vertentes físicas, técnicas, táticas ou psicológicas. Cada faceta desse esporte é considerada, e serve como caminho para se chegar a um determinado lugar, seja de obtenção de resultados esportivos, ou resultados no processo de desenvolvimento dos envolvidos (PEREIRA, 2017).

No Brasil, o processo de formação de atletas foi configurado a partir da evolução da modalidade no contexto do país (figura 4), e trouxe consequências importantes no olhar sobre o desempenho esportivo dos jovens jogadores, passando de uma formação empírica, e chegando a um processo sistematizado (categorias de base), com clubes formadores, como se tem atualmente nos clubes brasileiros (MORAES; BASTOS; CARVALHO, 2016).

**Figura 4 - Fases de formação de jogadores de futebol no Brasil**



Fonte: Elaborado pelo autor<sup>7</sup>.

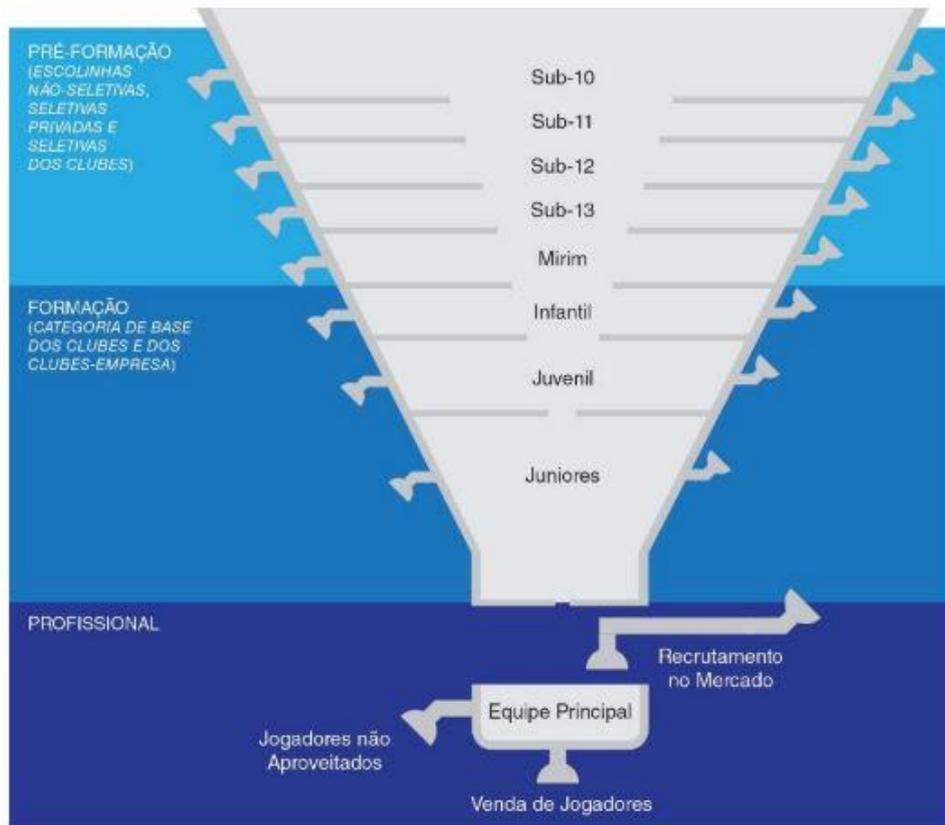
De acordo com Montagner (2003), a performance humana se altera e sofre transformações ao longo de todo processo na vida esportiva, assim os estímulos recebidos são “propulsores” que determinam, dentro de um espaço de tempo, os atletas mais aptos para o alto desempenho esportivo. Da mesma forma, Drubscky (2003) coloca que o período em que os atletas passam nas categorias de base é o responsável pelo sucesso ao ascender para categoria profissional no esporte de alto rendimento, tal que esse período é um processo longo e contínuo, que demanda muitas horas destinadas à aprendizagem e desenvolvimento de habilidades específicas para atuação no futebol. Ainda, o surgimento de novos talentos está relacionado ao período de formação destes atletas, sendo resultado do planejamento executado no período das categorias de base (PAOLI, 2007).

Os períodos em que os atletas permanecem nas categorias de base são classificados a partir das suas idades e fazem parte de um ciclo de formação (figura

<sup>7</sup> Baseado na pesquisa de Moraes (2016).

5) para ascender ao futebol profissional (DAMO, 2005; MORAES; BASTOS; CARVALHO, 2016).

**Figura 5** - Ciclo de formação para a profissão de jogador de futebol



Fonte: Retirado de Moraes, Bastos e Carvalho (2016, p.158).

No Brasil, os clubes passaram a dar uma importância maior a formação de jogadores a partir da década de 1970, de modo a garantir o surgimento de atletas talentosos, já que a demanda por atletas profissionais havia aumentado em consequência à procura de clubes do exterior por atletas qualificados (MORAES; BASTOS; CARVALHO, 2016).

Ao longo dessa época os clubes brasileiros passaram por uma modernização, com o objetivo de aperfeiçoar a formação de novos jogadores e enfatizar o processo de treinamento (MORAES, 2016). Sobre esse fato, Rodrigues (2004) comenta que se tratou de um alinhamento com os padrões de formação no futebol mundial. Neste contexto surgiram os centros de treinamento com uma atenção especial para as categorias de base, local para a formação e preparação de atletas para um futebol que se tornava cada vez mais competitivo em que a preparação física e tática passou a ter cada vez mais destaque (RODRIGUES, 2003).

Para Moraes (2016), esse período denominado de fase de “cientificação”, levou a modalidade no país a passar por um processo de mudança que abrangeu praticamente todos os aspectos do esporte. Com forte influência das Ciências do Esporte, modificou desde o estilo do jogo até a maneira de desenvolvimento dos jogadores, causando consequências importantes até a atualidade, como a implementação de setores de inteligência e análise de desempenho, valorizando conhecimentos com base científica.

Com o desenvolvimento que tornou o futebol um rentável produto, as categorias de base no futebol brasileiro passaram a ter um importante papel, tornando a formação e comercialização de atletas uma importante fonte de renda para os clubes brasileiros (RODRIGUES, 2003). Assim, o processo de formação de atletas no futebol do país, passou a ser encarado como um valoroso “negócio” (MORAES, 2016; PAOLI, 2007).

Para Paoli (2007, p.163) o olhar para as categorias de base como um “negócio” no futebol brasileiro está baseado em cinco aspectos:

1. Necessidades econômicas dos clubes brasileiros, com a obtenção de recursos financeiros através da negociação de jogadores;
2. A qualidade do “produto atleta”, como uma fonte que não “seca”;
3. O apelo internacional pela negociação dos jogadores brasileiros, com o sucesso cada vez mais representativo de atletas brasileiros no exterior;
4. O interesse dos intermediários, que lucram com a gestão da carreira de jovens atletas;
5. O apelo sócio financeiro dos atletas, que recorrem diariamente aos clubes para integrar as suas categorias de base com o sonho de se tornarem jogadores profissionais de futebol.

Entretanto, Heineck, Casarin e Grebogy (2012) destacam ser prejudicial à concepção de formar atletas com a ideia exclusivamente de “venda”, como muitas vezes se observa no Brasil, pois, isso pode levar a uma falta de cuidado no desenvolvimento do trabalho visando a formação dos atletas, que necessitam de um olhar específico e progressivo nas categorias de base. Sendo que é a execução destes procedimentos que garantem capacitar os atletas para os desafios futuros no futebol profissional.

Tendo em vista uma preocupação maior com as categorias de base, os clubes que possuíam os chamados “centros de treinamentos” passaram a cuidar da

estruturação de áreas mais amplas, com o intuito de aperfeiçoar o desenvolvimento e formação dos atletas, possibilitando a integração de aspectos físicos, psicológicos, técnicos e táticos (MORAES, 2016). Porém, assim como no futebol profissional, a condição financeira dos clubes, interfere nos investimentos em equipamentos, tecnologias e infraestrutura, especialmente para a área de análise de desempenho, que necessita de recursos (ANDERSON; SALLY, 2013).

### **2.2.2 A análise de desempenho no processo de formação de atletas**

O processo que modificou a realidade do esporte ocasionou a utilidade de novos métodos na formação de atletas, com a finalidade de possibilitar a melhora na capacidade de aprendizado dos jogadores, novos meios foram introduzidos no contexto de treinos e jogos. Mecanismos para gravação de treinamentos, correções visuais com ferramentas de vídeo, e diferentes formas de análise do desempenho foram ferramentas introduzidas de modo a contribuir na formação dos atletas no contexto do futebol brasileiro (RODRIGUES, 2003).

De acordo com Reeves e Roberts (2013), a utilização de ferramentas da análise de desempenho baseada em vídeo pode contribuir para o desenvolvimento do rendimento em atletas de categorias de base. Os autores sugerem que a melhora do rendimento pode estar associada com a reflexão sobre a própria *performance*, além de servir como ferramenta motivacional e ainda contribuir na melhora do desempenho através da identificação de fragilidades (REEVES; ROBERTS, 2013).

Da mesma forma, Macedo e Leite (2009) colocam que a informação passada aos atletas de acordo com o seu desempenho individual é uma das variáveis imprescindíveis que influenciam a aprendizagem e, posteriormente, a execução da tarefa motora. Tal que no processo de formação de atletas, a abordagem das maneiras corretas de execução, movimentação, posicionamento são formas relevantes na contribuição dos processos de aprendizagem.

Neste sentido, Macedo e Leite (2009, p. 27) ainda colocam pontos importantes na utilização de uma das ferramentas (*scout*) de análise de desempenho no processo formativo de atletas:

1. Melhorias no entendimento do jogo por parte do técnico e consequentemente dos jogadores;

2. Aperfeiçoamento técnico-tático das ações realizadas no jogo por parte da equipe a ser analisada;
3. Melhora no *feedback* entre técnico e jogador;
4. Acompanhamento do atleta em todos os níveis da preparação, tanto na ordem física, técnica, tática e psicológica;
5. Identificação dos problemas que ocorrem com os jogadores durante treinos e jogos sejam eles técnicos, táticos, físicos ou psicológicos;
6. Melhorias na intervenção por parte da comissão técnica junto aos atletas dessas categorias de base;
7. Reflexão por parte da comissão técnica sobre os métodos que estão sendo utilizados para o treinamento desses jogadores de base, a fim de estarem sendo coesos com a aprendizagem de todo o processo formativo do futebol.

De acordo com Garganta (2008), a informação coletada através da análise e observação do desempenho de atletas, é uma das formas que mais contribuem para o desenvolvimento e aprendizagem esportiva. Os autores Praça e De Vito, ([s.d.]), destacam que o papel central da análise de desempenho nas categorias de base deve ser o fornecimento de informações que levem à melhora do rendimento contribuindo para a formação de atletas.

Segundo Pereira (2017), a presença de um departamento de observação e análise dentro de um clube é fundamental na intenção de promover a melhora do rendimento de uma equipe ou de um atleta, quer seja na formação ou no alto rendimento. O mesmo autor ainda aponta que, o departamento deve ter uma boa estrutura e funcionalidade, em que todos os participantes devem estar alinhados, e possuir conhecimentos específicos da área.

Portanto, considerar a formação do jogador de futebol sem métodos e planejamentos sistemáticos, que estejam em coerência com as etapas deste processo, pode ser um grande equívoco. A falta de alinhamento e coordenação destes procedimentos nos clubes, pode levar muitas vezes a colocar os objetivos individuais e pessoais em primeiro plano, prejudicando a formação dos atletas (HEINECK; CASARIN; GREBOGGY, 2012).

No contexto do futebol brasileiro, o efeito de estar em processo de implementação em diversos clubes é evidenciado pelo aumento na demanda por cursos específicos voltados para a área de análise de desempenho (quadro 4). No

entanto, aponta-se que apesar de ofertar qualificações profissionais para a área, poucas são as instituições que contemplam conteúdo específico para a temática de análise de desempenho especificamente ao contexto das categorias de base.

**Quadro 4 - Principais cursos de análise de desempenho no futebol ofertados no Brasil**

<u>INSTITUIÇÃO</u>	<u>NOME DO CURSO</u>	<u>CARGA HORÁRIA</u>	<u>VALOR<sup>8</sup></u>
<b>UNIVERSIDADE DO FUTEBOL</b>	<u>Análise de Desempenho: uma perspectiva sistêmica</u> <b>*Módulo específico para análise de desempenho em categorias de base</b>	30 HORAS (EAD)	R\$ 600,00
<b>THE 360</b>	<u>Scout – Curso de Análise de Desempenho – 19ª Edição</u> <b>*Módulo específico: Acompanhamento da evolução e desenvolvimento dos atletas</b>	21 HORAS (presencial)	Valor não encontrado
<b>UNIGRA – Centro de Formação em Ciências do Esporte</b>	<u>Análise de Desempenho no Futebol: conceitos introdutórios e princípios táticos</u> <b>*Aula específica: Qual o papel da análise de desempenho nas categorias de base?</b>	60 HORAS (ensino à distância)	R\$150,00
<b>UNISPORT BRASIL</b>	<u>Curso análise de desempenho no futebol (3º edição) – 2018</u> <b>*Conteúdo específico: Análise de Desempenho nas Categorias de Formações</b>	40 HORAS (presencial)	R\$ 999,00
<b>UFMG Soccer Science Center</b>	<u>Análise de Desempenho no Futebol: Teoria e Prática</u>	Carga horária não especificada (Presencial)	Valor não encontrado

<sup>8</sup> Valores referentes a pesquisa realizada no ano de 2020.

<b>FUTEBOL INTERATIVO</b>	<u>Análise de desempenho básico o início da jornada</u>	50 HORAS (Curso <i>online</i> )	Valor não encontrado
<b>FUTEBOL INTERATIVO</b>	<u>Análise de desempenho o que há por trás da vitória</u>	50 HORAS (Curso <i>online</i> )	Valor não encontrado
<b>GO UP FOOTBALL</b>	<u>Introdução a análise de desempenho e de mercado no futebol</u>	Não Especificada (Curso <i>online</i> )	Mediante pagamento de planos da plataforma
<b>GO UP FOOTBALL</b>	<u>Análise de desempenho no futebol</u>	Não Especificada (Curso <i>online</i> )	Mediante pagamento de planos da plataforma
<b>CIÊNCIA DA BOLA</b>	<u>Análise de Jogo no Futebol</u>	6 HORAS (Curso <i>online</i> )	R\$ 97,00
<b>LABESFUT (UERJ)</b>	<u>Análise de desempenho no futebol, aplicações e perspectivas futuras</u>	16 HORAS (Curso presencial)	R\$ 380,00
<b>UNIDRUMMOND</b>	<u>Especialização em Análise de Desempenho no Futebol</u>	Não Especificada	Valor não encontrado
<b>Ciência do Esporte</b>	<u>EAD de Análise de Desempenho no Futebol</u>	20 HORAS (Curso <i>Online</i> )	R\$ 59,90
<b>ScouTTimer</b>	<u>Curso de Formação de Analistas de Desempenho do Futebol</u>	78HORAS (Modo não especificado)	R\$ 1.760,00
<b>QUESTBR</b>	<u>Formação de Elite - Scouting e Análise de Desempenho</u>	Não Especificada	R\$ 1.900,00

Fonte: Elaborado pelo autor<sup>9</sup>.

Embora alguns cursos possuam conteúdo específico para as categorias de base, conforme exposto no quadro acima, observa-se que algumas instituições já disponibilizam formações próprias para as categorias de base (quadro 5), revelando

<sup>9</sup> Elaborado pelo autor com informações coletadas no ano de 2020 das seguintes fontes: Ciência da Bola, (*l.s.d.*); Ciência do Esporte, (*l.s.d.*); Futebol Interativo, (*l.s.d.*); *Go Up Football*, (*l.s.d.*); Labesfut UERJ, (*l.s.d.*); Longo Match, (*l.s.d.*); Questbr, (*l.s.d.*); The360 (2020); Unidrummond, (*l.s.d.*); UFMG Soccer Science Center, (*l.s.d.*); Unigra (2020); Unisport (2018); Universidade do Futebol, (*l.s.d.*).

a importância desse tema, visto que há diferentes aplicações em análise de desempenho.

**Quadro 5** - Cursos específicos para análise nas categorias de base ofertados no Brasil

<u>INSTITUIÇÃO</u>	<u>NOME DO CURSO</u>	<u>CARGA HORÁRIA</u>	<u>VALOR</u>
<b>CBF ACADEMY</b>	<u>Análise de Desempenho, Identificação e Desenvolvimento do Talento nas Categorias de Base</u>	50 HORAS Presencial (35h) + Ensino à distância (10h) + Estudos especiais e trabalhos (5h)	R\$ 2.285,00
<b>Núcleo de Pesquisa e Estudos em Futebol (NUPEF) – Universidade Federal de Viçosa (UFV)</b>	<u>Análise de Desempenho nas Categorias de Base</u>	6 HORAS  (Aulas online)	R\$ 400,00

Fonte: Elaborado pelo autor<sup>10</sup>.

Dado este cenário, entendendo o período de categorias de base como um processo na formação de atletas, e a importância atribuída à análise de desempenho, como ferramenta na contribuição da *performance*, conforme visto anteriormente, aponta-se para importância do conhecimento sobre os métodos de análise de desempenho, com o objetivo de qualificar esta prática profissional. Assim, o próximo capítulo deste trabalho, aponta as principais formas de abordagem da análise de desempenho e as atribuições do analista de desempenho no contexto do futebol.

### 2.3 ABORDAGENS DA ANÁLISE DE DESEMPENHO NO FUTEBOL

O presente capítulo busca apresentar as principais formas de investigação da análise desempenho, tendo um olhar específico para as abordagens da área no contexto do futebol. A partir disso, procurou-se trazer as perspectivas de análise e a identificação dos fatores de rendimento, apontando as principais atribuições e características de atuação do analista de desempenho no futebol.

<sup>10</sup> Elaborado pelo autor com informações coletadas das seguintes fontes: Confederação Brasileira de Futebol (CBF), (*l.s.d.*); Núcleo de Estudos e Pesquisa em Futebol (NUPEF), (2020).

A busca pelo máximo desempenho esportivo tem levado nas últimas décadas a inúmeros estudos que procuram se aprofundar nos conhecimentos que interferem no rendimento dos atores do esporte, especialmente atletas e treinadores. O conhecimento desses fatores, e o aprofundamento na temática relacionada as Ciências do Esporte aponta cinco importantes campos de investigação, conforme exposto na figura 6 (NEVILL; ATKINSON; HUGHES, 2008; VÁZQUEZ, 2012).

**Figura 6** - Principais campos de investigação da análise de desempenho



Fonte: Elaborado pelo autor<sup>11</sup>.

Assim, frente à necessidade de busca por respostas que proporcionem o sucesso esportivo, a observação e a análise da *performance* (desempenho), e especialmente a análise do jogo, recorrentemente são intervenções aplicáveis no contexto do esporte de alto rendimento (GARGANTA, 2008). Posto isso, nas últimas décadas, o uso de computador oportunizou aos profissionais de análise a utilização de metodologias com recursos e capacidades de registros cada vez maiores (GARGANTA, 2001; SILVA, 2006; OKAZAKI *et al.*, 2012).

Muitos sistemas de avaliação e análise de desempenho vem sendo usados atualmente no intuito de fornecer informações aos profissionais da área, conforme o conteúdo que se pretende averiguar, pois

<sup>11</sup> Baseado em Nevill, Atkinson e Hughes (2008) e Vázquez (2012).

Informações sobre os desempenhos técnico, tático e físico dos atletas e da equipe são essenciais para a fase de planejamento e durante as sessões de treino. Essas informações também são subsídios para as tomadas de decisão antes, durante e após as partidas ou provas de competição. Em função da importância em quantificar os parâmetros e variáveis potencialmente úteis para o treinamento e avaliação do desempenho desportivo, diversos sistemas para coleta e análise de dados têm sido utilizados. Esses sistemas são diferenciados em função da natureza de seus dados e da forma em que eles são analisados (OKAZAKI *et al.*, 2012, p. 144).

Deste modo, Volossovitch e Ferreira (2013, p. 28) argumentam que "a escolha do caminho e a seleção de diferentes variáveis põe em evidência aspectos distintos do jogo, dando origem a diversos modelos de análise". Contudo, as maneiras de se realizar a análise do jogo é dependente das ferramentas disponíveis por cada profissional.

O desempenho esportivo pode ser mensurado através da análise de diversos indicadores. A proporção dos resultados conseguidos, através da verificação de comportamentos, individuais e coletivos, inicialmente estabeleceu-se como base para diversas análises (MCGARRY, 2009). Sendo que comumente fora destinada a investigar diferenças entre vencedores e perdedores, classificando o resultado das ações em positivo/negativo, certo/errado, sucesso/insucesso, eficiente/ineficiente no contexto de diferentes esportes (VILAR *et al.*, 2012).

As informações relacionadas ao desempenho esportivo, delimitam uma ponte entre a teoria e a aplicação prática, onde os profissionais envolvidos no contexto da análise de desempenho buscam modificar o comportamento futuro dos atletas, baseado em informações advindas de indicadores de desempenho já realizados anteriormente (MCGARRY, 2009).

Destaca-se que, através do aprofundamento no entendimento da lógica dos jogos desportivos, em especial ao futebol que ocorreu ao longo dos últimos anos, causou como consequência uma influência relativamente importante na escolha dos procedimentos adotados na forma de se analisar o jogo, perspectivando cada vez mais a otimização do desempenho neste esporte (GARGANTA; GRÉHAIGNE, 1999).

### **2.3.1 Perspectiva de análise: quantitativa e qualitativa**

Ainda que a observação seja uma das formas mais antigas para se obter conhecimento, é necessário que haja na observação para análise do desempenho, conhecimento dos aspectos que influenciam a qualidade do que fora observado

(GARGANTA, 2001). Tal que, o desempenho esportivo decorre de situações complexas e dinâmicas, gerando um volume potencialmente grande de informações quantitativas e qualitativas (O'DONOGHUE; MAYES, 2013).

As informações fornecidas aos treinadores e jogadores, tendo em vista a utilização de aspectos da análise de desempenho, são amplamente classificadas a partir de duas perspectivas: quantitativas e qualitativas. A partir da escolha da perspectiva de análise, é possível a identificação de fatores de desempenho que necessitam de maior atenção durante treinos e jogos (CARLET, 2020; O'DONOGHUE; MAYES, 2013).

Nesse sentido, a perspectiva quantitativa é definida como “obtenção de dados coletados através de números, estatísticas, atribuídos após a criação de protocolos juntamente com a comissão técnica” (CARLET, 2020, p. 30). Tendo ainda o auxílio de tabelas, gráficos e diagramas como forma de apresentação dos dados, no intuito de facilitar a identificação de áreas do desempenho esportivo que necessitam maior atenção, já que as frequências dos acontecimentos podem fornecer indicações de desempenho (O'DONOGHUE; MAYES, 2013).

Segundo Vendite, C., Vendite, L., e Moraes (2005), os dados quantitativos de informações extraídas do jogo permitem aos treinadores moldar exercícios específicos na elaboração das atividades do treinamento, obtendo um melhor desempenho técnico dos atletas e, por consequência, a otimização do rendimento da equipe. Essa abordagem se relaciona com o propósito citado por Okazaki *et al.* (2012), onde os diagnósticos dos acontecimentos ocorridos servem para melhor organização das sessões de treino.

Ainda que a perspectiva quantitativa vise analisar o desempenho esportivo por meio de indicadores essencialmente mensuráveis envolva a descrição de dados por meios quantificáveis, e seja extremamente objetiva e sistematizada (PALAO; MORANTE, 2013), questiona-se o fato desta perspectiva não ser capaz de se adequar a aleatoriedade e imprevisibilidade, natural ao jogo de futebol (GARGANTA, 2001). A partir disso, torna-se difícil descrever de forma satisfatória os comportamentos ocorridos nos jogos. Assim um dos desafios é que se obtenha uma descrição que ofereça com maior riqueza de detalhes, tendo em vista a vasta quantidade de informações contextuais disponíveis em jogos e treinos (MCGARRY, 2009).

Para Sarmiento *et al.* (2017), deve-se evitar métodos e abordagens reducionistas, que não levem em consideração a complexidade da atuação esportiva. Devendo haver a condução em busca de análises multifatoriais, com integração de informações, amplificando o conhecimento com o intuito de identificar a dinâmica de padrões de desempenho de longo prazo. Desta forma a análise de desempenho pode contribuir para atingir e manter o rendimento pretendido, aumentando as possibilidades de sucesso.

A interpretação dos dados coletados, tendo em vista sua contextualização na busca por extrair informações, relevantes e de qualidade, é entendida como uma abordagem qualitativa (CARLET, 2020). Em relação a essa perspectiva, trata-se não apenas de quantificar comportamentos, mas sobretudo de os qualificar (GARGANTA, 2008). Deste modo, através de uma análise mais detalhada é possível identificar não somente como, mas também os motivos (porquê) de determinados comportamentos serem realizados (O'DONOGHUE; MAYES, 2013).

Na perspectiva qualitativa, o objetivo é verificar o resultado da ação de acordo com sua eficácia (AQUINO, 2019), como também a eficiência com que um movimento foi realizado, levando em conta os objetivos definidos (PALAO; MORANTE, 2013). Sendo assim o processo de análise é visto como menos objetivo e menos sistematizado (em comparação ao quantitativo), adequando-se as impressões subjetivas, posto que, a qualidade da análise é condicionada pela capacidade do profissional que a realiza (PERL *et al.*, 2013).

Para diagnosticar os erros ocorridos, costumeiramente é necessário que a partir da perspectiva qualitativa, se verifique visualmente o movimento/comportamento realizado, a fim de analisar o que têm efeito negativo em relação ao desempenho ocorrido. Posto que, tem-se percebido o movimento/comportamento como um padrão (LAMB; BARTLETT, 2013). Além disso, o olhar qualitativo permite a análise das dimensões temporais e espaciais do desempenho, como, por exemplo, a posse de bola (TENGA, 2013).

Mesmo que a utilização do método de abordagem para análise de desempenho seja algo definido previamente pelos profissionais da área, os sistemas adotados devem permitir, sempre que necessário, uma readequação de categorias e indicadores, tendo em vista que o processo de análise deve estar em constante aprimoramento (GARGANTA, 2001). Tal que a combinação de perspectivas, com

informações qualitativas e quantitativas, pode aprimorar a qualidade da análise, facilitando a identificação de fatores que interfiram no desempenho de atletas e equipes (O'DONOGHUE; MAYES, 2013).

Ainda que impliquem um grande investimento de tempo, para organização e avaliação/análise dos dados, e sendo que a perspectiva qualitativa tenha se introduzido progressivamente na análise de desempenho, ambas perspectivas são importantes para o entendimento do rendimento esportivo (CARLET, 2020; PERL *et al.*, 2013; POIZAT; SÈVE; SAURY, 2013). No entanto, caso não haja um direcionamento claro do modelo a ser usado, apesar da grande quantidade de dados coletados, haverá um vasto volume de números sem nenhum sentido com a complexidade do jogo (GARGANTA, 2001).

Abaixo apresenta-se um quadro sintetizando e identificando as principais características da perspectiva quantitativa e qualitativa de forma comparativa.

**Quadro 6** - Principais características das perspectivas qualitativa e quantitativa

<u>PERSPECTIVA QUANTITATIVA</u>	<u>PERSPECTIVA QUALITATIVA</u>
Coleta de dados objetiva e sistematizada	Coleta de dados detalhada, interpretativa e subjetiva
Dados coletados através de números e estatísticas	Análise visual do comportamento observado
Apresentação de dados em tabelas, gráficos e diagramas	Descreve e qualifica o comportamento analisado
Observação na frequência dos acontecimentos	Observação no padrão dos acontecimentos
Analisa o resultado da ação/comportamento	Analisa o processo que resulta a ação/comportamento
Propõe um indicador para análise do desempenho	Integra um conjunto de informações na análise do desempenho

Fonte: Elaborado pelo autor<sup>12</sup>.

### 2.3.2 Métodos de análise e fatores de rendimento

Levando em consideração que o desempenho esportivo se manifesta através de comportamentos de ordem tática, técnica, física/fisiológica e psicológica/comportamental, é possível identificar aspectos importantes relacionados aos fatores de rendimento e aos métodos de análise de desempenho (CARLET, 2020;

<sup>12</sup> Com base em Aquino (2019), Carlet (2020), Gama *et al.* (2017), Garganta (2001) e McGarry *et al.* (2013).

CARLING; WILLIAMS; REILLY, 2005; CARLING *et al.*, 2014; VENTURA, 2013; VOLOSISOVITCH; FERREIRA, 2013).

Posto que o futebol apresenta características complexas e multidimensionais, se configurando em uma rede de interações, e estas características lhe confirmam singularidade, tornando o jogo atrativo, essas características, paradoxalmente, dificultam a tarefa de observação e interpretação do jogo. No entanto, o comportamento dos jogadores e das equipes, quando observados frequentemente, são capazes de exibir particularidades que permitem identificar padrões de jogo e comportamentos (GARGANTA, 2001; GARGANTA; GRÉHAIGNE, 1999).

Um dos métodos tradicionais relacionado a análise de desempenho é a análise notacional, a qual apresenta um papel importante para fornecer evidências, geralmente numéricas, de como os jogadores podem influenciar o desempenho das equipes (AQUINO; GONÇALVES, 2019; GRÉHAIGNE; BOUTHIER; DAVID, 1997). Segundo Vilar *et al.* (2012), esse método é utilizado para descrever de forma objetiva o comportamento dos jogadores, considerando os diferentes momentos do jogo e conseqüentemente fornecendo informações relevantes na melhora do rendimento esportivo.

Outro método comumente utilizado é a análise biomecânica (*biomechanical analyses*), considerado uma das formas que apresenta as melhores condições em termos de objetividade e fidedignidade do desempenho esportivo, onde geralmente o desempenho é comparado com *performances* anteriores. Esse método, considera aspectos de cadeias cinéticas, articulações e musculaturas envolvidas nas ações dos atletas, utilizado geralmente na análise/avaliação de indicadores de *performance* do rendimento físico/fisiológico (OKAZAKI *et al.*, 2012; PEDREÑO, 2018).

Se por um lado, ao longo das últimas décadas, a análise do desempenho biomecânico tem sido utilizada para avaliar a eficiência da *performance* física e de movimentos técnicos de maneira individual, por outro, a análise notacional (termo comumente encontrado na literatura em língua inglesa como *notational analysis*) objetiva investigar o contexto do rendimento em uma perspectiva coletiva, focando nas interações entre os jogadores e nos movimentos/comportamentos das equipes (HUGHES; BARTLETT, 2002).

Ainda que a análise notacional seja frequentemente utilizada no contexto do futebol, contribuindo na compreensão das demandas táticas, técnicas, fisiológicas e

psicológicas de muitos esportes, identifica-se que este método pode ser limitado, pois, carece de uma justificativa de como, ou porquê, determinada ação foi realizada (HUGHES; BARTLETT, 2002). Além disso, a falta de uma compreensão da dinâmica relacional entre os jogadores e a associação entre esses fatores, como o resultado em ações eficazes, pode não ser respondida somente pela perspectiva da análise notacional (AQUINO; GONÇALVES, 2019; MCGARRY, 2009).

Nota-se a mesma limitação no método denominado *scout*, utilizado habitualmente no contexto esportivo, onde se utiliza de recursos estatísticos para analisar o desempenho dos atletas. Segundo Okazaki *et al.* (2012, p. 145), nesse método, as análises estatísticas têm dois propósitos: "1. Diagnosticar as características do esporte para melhor organização do treinamento; e 2. encontrar relações causa-efeito para possíveis previsões do desempenho".

Outros dois métodos também são encontrados para análise do jogo. Os métodos de perspectiva estática e perspectiva dinâmica, apresentados por Volossovitch e Ferreira (2013), apontam características que possibilitam a análise do jogo através de interpretações, considerando importantes aspectos, ilustrados nos quadros abaixo:

**Quadro 7 – Características e limitações da Perspectiva Estática**

<b><u>PERSPECTIVA ESTÁTICA</u></b>	
<b>Características</b>	<b>Limitações</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Análise sem que a evolução do tempo seja considerada;</li> <li>• Natureza descritiva e comparativa;</li> <li>• Dados acumulados por jogo ou por competição;</li> <li>• Utilizado na descrição dos modelos de jogo;</li> <li>• Compara equipes vencedora e equipes derrotadas;</li> <li>• Identifica os fatores mais relevantes para o resultado final;</li> <li>• Discriminar ações que produzem eventos chave;</li> <li>• Abordagem simples, analítica e informativa.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não considera as características específicas do contexto competitivo;               <ul style="list-style-type: none"> <li>• Difícil validade ecológica;</li> </ul> </li> <li>• Falta de consenso nas análises obtidas no âmbito das mesmas modalidades;</li> <li>• Registro das ações isoladas não permite obter informações sobre o decorrer do processo do jogo;</li> <li>• Não permite o entendimento das razões dos resultados obtidos;</li> <li>• Indicadores de performance perdem poder informativo em partidas equilibradas ou fora do contexto de jogo;</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Restrita capacidade para descrever as interações entre os eventos ao longo do tempo.</li> </ul>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Elaborado pelo autor baseado em Volossovitch e Ferreira (2013).

**Quadro 8 - Características e limitações da Perspectiva Dinâmica**

<b><u>PERSPECTIVA DINÂMICA</u></b>	
<b>Características</b>	<b>Limitações</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Análise da performance na dimensão do tempo;</li> <li>• Centra a atenção nas alterações cronológicas do comportamento das equipes;</li> <li>• Base teórica para análise dos aspectos táticos do jogo;</li> <li>• Abordagem complexa e interpretativa,</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dificuldade de captar com rigor as propriedades temporais do comportamento e sua relação com o ambiente;</li> <li>• Subjetividade de interpretação da ordem dos acontecimentos;</li> <li>• Dificuldade de caracterizar todas as variáveis que afetam o comportamento dos jogadores e das equipes.</li> </ul>

Fonte: Elaborado pelo autor baseado em Volossovitch e Ferreira (2013).

Se o método da perspectiva estática encontra limitações referentes às modificações imprevisíveis ocorridas nas partidas, o método da perspectiva dinâmica procura somar através da análise do desempenho a dimensão do tempo. Esse método de abordagem tem o enfoque nas modificações cronológicas do comportamento das equipes, ressaltando a incidência de padrões comportamentais relacionados ao tempo e ao movimento. As ocorrências percebidas não podem ser desvinculadas e explicadas se não considerarem os acontecimentos temporais integrados às situações observadas (VOLOSSOVITCH; FERREIRA, 2013).

Tendo em vista, os métodos apresentados, o quadro abaixo sintetiza as principais características desses.

**Quadro 9 - Síntese dos métodos de análise e suas principais características**

<b>MÉTODO</b>	<b>CARACTERÍSTICAS</b>
<b><u>Análise Notacional</u></b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Descrição de forma objetiva do comportamento dos jogadores e das equipes, em diferentes momentos no contexto de jogo e treino;</li> <li>- Pode ser realizada com papel e lápis, como também utilizando <i>softwares</i> tecnológicos para análise;</li> </ul>

	- Geralmente é mais utilizada para análise do rendimento tático-técnico e psicológico.
<b><u>Análise Biomecânica</u></b>	- Análise objetiva e com maiores condições de fidedignidade; - Em geral o desempenho é comparado com performances anteriores; - Está mais ligada a análise do rendimento físico e fisiológico.
<b><u>Análise de Redes Sociais</u></b>	- Análise utilizada para verificar a dinâmica das relações ofensivas nas equipes; - Apresenta representação gráfica, com métricas individuais e globais; - Utilizada para analisar o comportamento tático dos jogadores e da equipe; - Necessita de <i>software</i> específico para realização da análise.
<b><u>Scout</u></b>	- Análise que busca utilizar geralmente a perspectiva quantitativa do desempenho, de forma objetiva; - Utiliza-se de métodos estatísticos e comparação numérica das ações realizadas; - Busca encontrar relações causa-efeito na análise do desempenho.
<b><u>Perspectiva Estática</u></b>	- Apresenta natureza descritiva e comparativa; - Identifica os fatores mais relevantes para eventos “chave” e o resultado final; - Abordagem simples, analítica e informativa.
<b><u>Perspectiva Dinâmica</u></b>	- Apresenta abordagem complexa e interpretativa; - Utiliza a dimensão do tempo, centrada nas alterações cronológicas do comportamento esportivo; - Geralmente utilizada para analisar fatores do rendimento tático de jogadores e equipes.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Portanto, os diferentes métodos buscam analisar os fatores de rendimento apresentado pelos jogadores e pelas equipes. A análise envolvendo o plano espacial e temporal é apontada como análise de aspectos táticos e que deve considerar a ordem sistêmica em que o jogo decorre (GARGANTA; GREGHAINE, 1999). Nessa abordagem, o jogo apresenta uma dinâmica relacional entre jogador-ambiente-tarefa, onde as ações dos jogadores apresentam forte influência pela identificação das informações do jogo, sendo que a decisão do comportamento adotado nomeia-se como uma manifestação de ordem tática (AQUINO; GONÇALVES, 2019; TEOLDO; GUILHERME; GARGANTA, 2015).

Na análise voltada a ordem tática, realiza-se uma observação do comportamento tático com a finalidade de identificar a eficácia da ação. A partir disso, observa-se também a organização do jogo considerando características das unidades táticas que se encontram as equipes, as sequências que geram ações positivas, além de situações que geram desequilíbrios (GARGANTA, 2001; VOSER; GIUSTI; AZEVEDO JÚNIOR, 2018).

Diante disso, Carlet (2020) comenta que essas análises podem apresentar cunho individual ou coletivo, com a importância de obter características ofensivas e defensivas. Além disso, o autor aponta que ao analisar os aspectos táticos, deve-se analisar padrões de comportamentos. Ou seja, incidências de ações que a própria equipe ou o adversário apresentem, como também, comportamentos desviantes taticamente, sendo ações táticas ocorridas ao longo da partida, mas que não são caracterizadas como “padrão” (CARLET, 2020).

Diversas questões podem ser formuladas, quando se pretende analisar o comportamento tático de jogadores ou equipes, assim sendo a análise do desempenho tático associada à tomada de decisão (TEOLDO; GUILHERME; GARGANTA, 2015). Nesse ponto, coloca-se que o comportamento tático é influenciado pelo processo de tomada de decisão em jovens jogadores de futebol (GONZAGA *et al.*, 2014), levando em conta também os movimentos dos companheiros e adversários (GRÉHAIGNE; GODBOUT, 2013).

O quadro abaixo ilustra algumas possibilidades de análise do desempenho tático:

**Quadro 10 - Possibilidades de análise do desempenho tático**

<u>INDIVIDUAL</u>	<u>COLETIVO</u>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Características táticas individuais;</li> <li>• Comportamento individual dentro dos momentos de jogo (ofensivo e defensivo);</li> <li>• Posicionamento individual;</li> <li>• Movimentações individuais (ocupação de espaços);</li> <li>• Análise das decisões tomadas;</li> <li>• Interações específicas;</li> <li>• Princípios táticos fundamentais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Características táticas coletivas;</li> <li>• Comportamento da equipe nos momentos de jogo (ofensivo e defensivo);</li> <li>• Posicionamento da equipe;</li> <li>• Sistema de jogo;</li> <li>• Movimentações coletivas realizadas;</li> <li>• Estilo/modelo de jogo predominante;</li> <li>• Princípios táticos específicos;</li> <li>• Interações coletivas;</li> <li>• Área de ocupação da equipe;</li> <li>• Organização coletiva em bolas paradas.</li> </ul>

Fonte: Elaborado pelo autor<sup>13</sup>.

Uma forma que vem ganhando espaço nos últimos anos, no que se refere a análise do desempenho tático, é a análise de redes sociais (*social network analysis*). Sendo utilizada a fim de verificar a dinâmica de relação ofensiva dos jogadores por meio das interações decorrentes das ações em treinos e jogos. Essa forma de análise considera a interação dos jogadores através de passes bem-sucedidos, que resulta em uma representação gráfica com métricas individuais e globais (figura 7) (AQUINO; GONÇALVES, 2019; GAMA *et al.*, 2017; PRAÇA; GRECO, 2020).

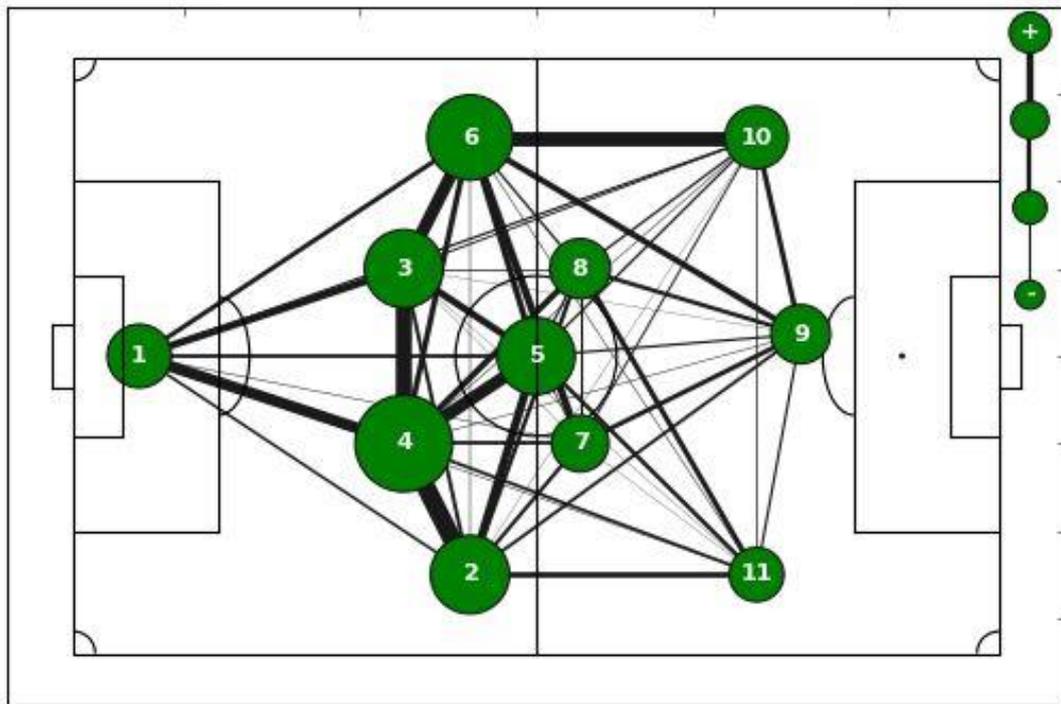
Nesse tipo de análise, leva-se em consideração indicadores de rendimento como:

- Nível geral de cooperação interpessoal apresentados pelos atletas de equipe;
- Subgrupo de jogadores que apresentam maior frequência em suas ações por meio de passes;
- Número de passes que cada jogador recebe de forma bem-sucedida;
- Número de passes que cada jogador transmite para seus companheiros, de forma bem-sucedida;
- Somatória dos passes recebidos e realizados de forma bem-sucedida;
- Quantidade de interações que um determinado jogador controla;
- Relação de proximidade (alta ou baixa) entre os jogadores da equipe;

<sup>13</sup> Baseado em Aquino e Gonçalves (2019), Carlet (2020), Garganta (2001), Mendes (2016) e Teoldo, Guilherme e Garganta (2015).

- Identificação de jogadores-chave que desempenham papel importante na organização da equipe;
- Traçar o mapeamento e a tendência da ação dos jogadores nas áreas mais influentes do jogo.

**Figura 7 - Exemplo de análise de redes sociais**



Fonte: <https://www.cienciadabola.com.br/blog/analise-de-redes-futebol>.

No futebol as condições de jogo são estabelecidas pelo confronto entre as equipes, sendo oposições que se coordenam pelas ações individuais de cada jogador. Essas ações são realizadas com base nos aspectos cognitivos (tática) e de execução motora (técnica), conforme as relações determinadas pelo contexto de jogo, e concomitantemente, à interação com atletas e equipe adversária (BETTEGA *et al.*, 2015).

Ainda que a tática preceda a técnica no desenvolvimento do jogo, a condição/habilidade técnica de jogadores, se torna importante, pois permite, através dos fundamentos técnicos, dar sequência e continuidade ao jogo, bem como a operacionalização das suas intenções táticas (GALATTI *et al.*, 2017). A técnica apresenta-se como um dos fatores de rendimento, que aliado a outros fatores (tático-físico-psicológico) complexificam a atuação dos esportistas (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012; TEOLDO; GUILHERME; GARGANTA, 2015; VOSER, 2019). No quadro a seguir, apontam-se alguns fatores para a análise da técnica:

**Quadro 11 - Possibilidades de análise do desempenho técnico**

<u>INDIVIDUAL</u>	<u>COLETIVO</u>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Características técnicas individuais (ofensivas ou defensivas, perna dominante);</li> <li>• Eficiência nas ações relacionadas aos fundamentos técnicos de passes (curtos e longos), finalizações (curta, média e longa distância), cruzamentos (altos ou baixos), domínios (próximos ou longe do corpo), desarmes, cabeceios (ofensivos e defensivos), dribles e fintas (que permitam a manutenção da posse de bola ou não), bolas perdidas, etc.;</li> <li>• Análise da execução dos movimentos técnicos (gesto motor);</li> <li>• Análise da relação do jogador com a bola;</li> <li>• Análise dos fundamentos técnicos e a relação com diversas variáveis do jogo (zona do campo, tempo de jogo, pressão sofrida, etc.).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Características técnicas da equipe;</li> <li>• Tipos de passes efetuados;</li> <li>• Tipos de finalizações e cruzamentos executados;</li> <li>• Formas de desarmes de adversários;</li> <li>• Intenção das ações técnicas da equipe e a relação com a proposta de jogo;</li> <li>• Análise dos fundamentos técnicos em contexto coletivo e a relação com diversas variáveis do jogo (zona do campo, tempo de jogo, pressão sofrida, etc.).</li> </ul>

Fonte: Elaborado pelo autor<sup>14</sup>.

Portanto, a análise das habilidades técnicas, com a utilização de gravação em vídeo, pode ser usada para a evolução da capacidade técnica dos atletas, sendo promovida com a aplicação de *feedbacks* específicos (CARLING; WILLIAMS; REILLY, 2005). A análise da técnica considera detalhes mecânicos da *performance*, classificando o desempenho em positivo ou negativo, sendo que a utilização de ferramentas de análise permite identificar e modificar essas ações durante a fase de treinamento (O'DONOGHUE, 2015).

Relacionado aos aspectos físicos/fisiológicos, Aquino e Gonçalves (2019) colocam que é importante considerar a capacidade biológica de cada indivíduo, a fim de analisar com maior eficácia os resultados apresentados por cada jogador. Nota-se

<sup>14</sup> Baseado em Carlet (2020), Carling, Williams e Reilly (2005), Mendes (2016), Pereira (2017), Teoldo, Guilherme e Garganta (2015) e Voser (2019).

que este tipo de análise geralmente realiza-se de forma individual. O quadro abaixo identifica algumas possibilidades de análise relacionada ao desempenho físico/fisiológico.

**Quadro 12 - Possibilidades de análise de aspectos do desempenho físico/fisiológico**

<u>INDIVIDUAL</u>	<u>COLETIVO</u>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Características físicas individuais;</li> <li>• Distâncias percorridas;</li> <li>• Intensidade da corrida;</li> <li>• Número de acelerações e desacelerações;</li> <li>• Percepção Subjetiva de Esforço;</li> <li>• Desempenho de corrida;</li> <li>• Parâmetros de agilidade, velocidade, força e resistência;</li> <li>• Respostas de frequência cardíaca;</li> <li>• Medidas de lactato sanguíneo;</li> <li>• Trajetória realizada pelo jogador ao longo do jogo;</li> <li>• Somatório do tempo de jogo do atleta;</li> <li>• Identificação dos níveis de fadiga.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Características físicas da equipe;</li> <li>• Distâncias percorridas (medida ou valor total) pela equipe em jogo e treino;</li> <li>• Somatório do tempo de jogo da equipe em jogo e treino;</li> <li>• Mapeamento das zonas de maior ocupação da equipe;</li> </ul>

Fonte: Elaborado pelo autor<sup>15</sup>.

Diante da importância de conhecer os jogadores nos seus diferentes aspectos, a análise de desempenho de indicadores psicológicos/comportamentais torna-se importante, pois pode apresentar probabilidade de ocorrência de ações/comportamentos. Além disso, através da análise de diferentes aspectos, pode-se também perceber como determinado jogador reagirá em futuras situações (MENDES, 2016). Assim, apresenta-se componentes que podem ser observados na análise do desempenho psicológico/comportamental.

**Quadro 13 - Possibilidades de análise de aspectos do desempenho psicológico/comportamental**

<u>INDIVIDUAL</u>	<u>COLETIVO</u>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Atitude de determinado atleta frente aos acontecimentos do jogo;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Atitude coletiva da equipe frente aos acontecimentos do jogo;</li> </ul>

<sup>15</sup> Baseado em Aquino e Gonçalves (2019), Carlet (2020), O'donoghue (2015) e Okazaki *et al.* (2012).

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Comportamento sob situações de pressão (importância de confronto, situações de placar e tempo de jogo);</li> <li>• Comportamento/Atitudes quando solicitações da comissão técnica não estão de acordo com suas ideias;</li> <li>• Perfil dos atletas da equipe;</li> <li>• Perfil dos atletas a serem contratados.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Análise das relações comportamentais entre os atletas;</li> <li>• Coesão do grupo de atletas;</li> <li>• Atletas que exercem papel de liderança;</li> <li>• Perfil da equipe.</li> </ul>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Elaborado pelo autor<sup>16</sup>.

O processo de análise dos indicadores de desempenho tem origem na observação dos acontecimentos. Contreras e Ortega (2000) e Ventura (2013) trazem algumas formas que são utilizadas para observar o jogo (figura 8). Na qual a que proporciona a melhor forma é a que permite a visualização total do evento, seja no mesmo instante pela presença física do profissional que a realiza ou de forma posterior através do uso de vídeo.

**Figura 8 - Formas utilizadas para observar o jogo**



Fonte: Elaborado pelo autor<sup>17</sup>.

Os diferentes modelos de análise/observação do jogo e do desempenho prestam diferentes objetivos, podendo-se dizer que são complementares, "o fundamental não é o julgamento valorativo dos modelos, mas a racionalidade e a utilidade das perguntas que sobre o jogo se entenda fazer" (VOLOSSOVITCH;

<sup>16</sup> Baseado em Carlet (2020) e Mendes (2016).

<sup>17</sup> Baseado em Contreras e Ortega (2000) e Ventura (2013).

FERREIRA, 2013, p. 28). Dessa forma, uma série de questões devem ser levantadas para definir a escolha do método utilizado, conforme aponta a figura 9.

**Figura 9 - Perguntas para definição do método de análise**



Fonte: Elaborado pelo autor<sup>18</sup>.

Embora apresente diferentes abordagens, no que concerne à análise de desempenho, os métodos utilizados compartilham uma série de semelhanças como melhorar o desempenho esportivo, apoiar-se grandemente na tecnologia disponível, fornecer informações para os atletas e treinadores, produzir dados válidos e confiáveis, como apontar fatores que interferem no rendimento, sendo os analistas de desempenho responsáveis por refinar estes processos (GLAZIER, 2010).

É importante salientar que, a partir do desenvolvimento dos processos que vem ocorrendo dentro do futebol, as equipes de alto nível têm se nivelado em relação a diferentes parâmetros, metodologias de treino, avaliação médica, infraestrutura, bem como na análise do jogo. Assim, os profissionais que sabem gerir melhor os recursos que possuem, tendem a conquistar melhores resultados (MENDES, 2016).

A necessidade de obter maior número de informação qualificada sobre o jogo, aumentando a eficiência nas intervenções, resultou no surgimento de um departamento especializado, considerando a análise do comportamento competitivo apresentado pelas equipes e pelos jogadores. Com o objetivo de potencializar o

<sup>18</sup> Baseado em Garganta (2001), Sánchez (2015) e Pereira (2017).

rendimento dos jogadores e das equipes, os clubes e os treinadores, tem contado cada vez mais com profissionais especializados em análise de desempenho (PEREIRA, 2017).

### 2.3.3 Análise de desempenho como área de atuação do analista

Embora o estudo do jogo não se tratar de algo recente (GARGANTA, 2001), faz poucos anos que os analistas de futebol ganharam relativa importância e se transformaram em presença frequente nos vestiários dos clubes (ANDERSON; SALLY, 2013), conforme ilustrado na figura abaixo:

**Figura 10** – Analista de desempenho em contato com jogadores dentro do vestiário



Fonte: <https://www.meutimao.com.br/noticia/230898/corinthians-implementa-tecnologia-de-analise-de-desempenho-dentro-do-vestiario-entenda>.

Dessa forma, algumas nomenclaturas têm sido recorrentemente utilizadas para identificar este profissional no contexto do esporte e do futebol, sendo denominados de analistas de jogo, analistas de desempenho (*performance analysts*), observadores de jogo, *scouters* e/ou analistas notacionais (*notational analysts*) (CARLET, 2020; CARLING; WILLIAMS; REILLY, 2005; GAMA *et al.*, 2017; GARGANTA, 2001; MARTINS, 2020; O'DONOGHUE, 2015; SARMENTO *et al.*, 2014; VÁZQUEZ, 2012; VENTURA, 2013).

A aparição dos profissionais de análise de desempenho no futebol, tem ocorrido das mesma maneira em que no passado ocorreu com especialistas de outras áreas, sendo que de forma gradual, a tendência é que em todos os contextos (da formação ao alto rendimento), estes profissionais se integrem às comissões técnicas, acrescentando ao trabalho dos treinadores produção de informações qualificadas, e assim, contribuindo no processo de tomada de decisão do corpo técnico dos clubes (VÁZQUEZ, 2012).

Por muitos anos o processo de análise e observação de jogo foi realizado pelos treinadores ou membros de confiança da comissão técnica, no entanto, atualmente devido as diversas atribuições que os treinadores têm assumido, com excesso de jogos e competições, essa função foi assumida pelos analistas de desempenho (VENTURA, 2013). Em outros tempos, a atuação desse profissional fora voltada somente para a filmagem do jogo e entrega de material em vídeo ao treinador e/ou comissão técnica, que realizavam os demais processos de análise (CARLET, 2020).

De acordo com as demandas atuais do futebol, claramente os procedimentos de gravação, análise e interpretação de dados, não deve sobrecarregar o trabalho dos treinadores ou de outros membros da equipe técnica, como preparadores físico e/ou preparadores de goleiros, coordenadores, etc., necessitando de profissionais especializados nessa área (CALVO, 2008; VENTURA, 2013). Fornecer informações do desempenho, contemplando sequências de vídeo que possibilitem a interatividade com os acontecimentos de jogo e treino, é crucial para auxiliar os treinadores e jogadores a se concentrarem em aspectos que requerem maior atenção, buscando uma maior eficiência (O'DONOGHUE; MAYES, 2013).

O objetivo de se criar uma estrutura de apoio, com um departamento especializado em análise de informações oriundas do jogo/treino, permite que os treinadores tenham informações atualizadas, e que se bem aproveitadas, causem como consequência a otimização do modelo de jogo, e, também, como base para a contratação de jogadores que possibilitem a melhoria do plantel da equipe (VÁZQUEZ, 2012).

O analista de desempenho é o profissional imbuído de realizar a coleta de informações oriundas de treinos e jogos. Segundo Carlet (2020, p. 29), o analista de desempenho é “o profissional da comissão técnica responsável pela compreensão

dos comportamentos observados e a transmissão de informações coletadas, sejam elas táticas, técnicas, físicas e comportamentais”.

Além disso, o analista é um profissional que busca identificar padrões que constituem um determinado modelo de jogo, analisando pontos fortes e fracos, características individuais ou coletivas, seja da própria equipe ou de equipes adversárias (CARLET, 2020; SÁNCHEZ, 2018). A sistematização do conhecimento obtido, através das análises realizadas, permite não somente conhecer melhor os adversários, mas dentro da sua totalidade, obter maiores conhecimentos sobre a própria equipe, como peça fundamental no desenvolvimento de atletas, assim, conhecendo os jogadores na sua individualidade (MENDES, 2016).

A atuação dos observadores/analistas de jogo/desempenho, é procurar analisar e perceber uma série de comportamentos, que decorrem das situações de jogo e treino (MENDES, 2016), classificando as ações e avaliando a eficiência do comportamento dos jogadores (individual) e das equipes (coletivo) (GARGANTA, 2001). Entretanto, para que a atuação no processo de análise e observação do jogo seja benéfica, é essencial que se tenha uma compreensão real do futebol e dos fatores que o englobam (MENDES, 2016; PEREIRA, 2017).

Os analistas de desempenho formam uma estrutura de profissionais, muitas vezes “invisíveis”, pois não aparecem diariamente na frente das câmeras, mesmo assim, são atribuídos de diversas funções, realizando todo o trabalho de análise de adversários e da própria equipe, e muitas vezes, também, auxiliam o departamento de futebol dos clubes na contratação de jogadores. Esses profissionais têm como função, recolher e analisar toda a informação possível de maneira detalhada, além da apresentação dos dados (VENTURA, 2013; PEREIRA, 2017).

Então, através da análise dos diversos aspectos do jogo, os profissionais de análise buscam auxiliar na tomada de decisão dentro da estrutura dos clubes. Todavia, o processo de análise se torna uma ferramenta útil, somente tendo com clareza os objetivos que se busca alcançar, pois caso não se saiba o que fazer com os dados coletados, pode ser um processo inócuo (MENDES, 2016).

Conforme Vieira (2018)<sup>19</sup>, são muitas as atribuições dos analistas, estas consistem em integração de conceitos e princípios de jogo, planejamento, organização e concepção do treino e do jogo, além de anotar, avaliar, interpretar, e

---

<sup>19</sup> Com base em material técnico produzido pelo autor para curso específico da área.

ainda conduzir as informações com os aparatos tecnológicos. Sendo que o analista é um profissional especializado em leitura de jogo e comportamento das equipes, com competência em editar, analisar e apresentar resultados. Diante disso, Pimenta (2019, p. 92) chama a atenção para um aspecto importante dentro do contexto de análise: "nem sempre a informação prestada pela competição, é suficiente para termos uma noção adequada da performance da equipa e dos jogadores. Por isso, a análise do processo de treino é fundamental".

O acompanhamento no processo de treino deve se constituir como uma forma imprescindível de buscar informações, podendo contribuir de maneira importante no conhecimento da própria equipe, porém esse meio de explorar o rendimento tem sido pouco utilizado (PIMENTA, 2019). Tal que, os analistas de desempenho devem se concentrar mais nos processos que sustentam o resultado do desempenho e não apenas o resultado do jogo (GLAZIER, 2010).

Para executar a função de analista de desempenho, é importante que esse profissional tenha competências específicas, tendo em vista a sua atuação interdisciplinar. Portanto, torna-se relevante que além de formação específica, apresente competência técnica da função, com o entendimento amplo do jogo, também, tenha competência de comportamento, já que é necessário que saiba claramente as suas atribuições, e executá-las com discrição e neutralidade. Além de que, tenha competência de diálogo para ter uma boa comunicação com os profissionais e atletas envolvidos (CARLET, 2020).

Corroborando, Pedreño (2018) aponta que o analista deve possuir características específicas para exercer esta função:

- 1) Conhecimento de Futebol em todos os seus níveis: tática, técnica, psicológica, metodologia, preparação física e sociologia;
- 2) Conhecimento sobre a categoria em que compete a equipe e sobre os jogadores adversários;
- 3) Conhecimento do plantel, características técnico-táticas e psicológicas dos atletas;
- 4) Ser consciente do modelo de jogo pretendido pelo treinador da equipe desde o primeiro dia;
- 5) Capacidade para utilizar corretamente os meios tecnológicos: câmera de vídeo, *software* específico de análise de jogo, aplicações de edição de vídeo, etc.;

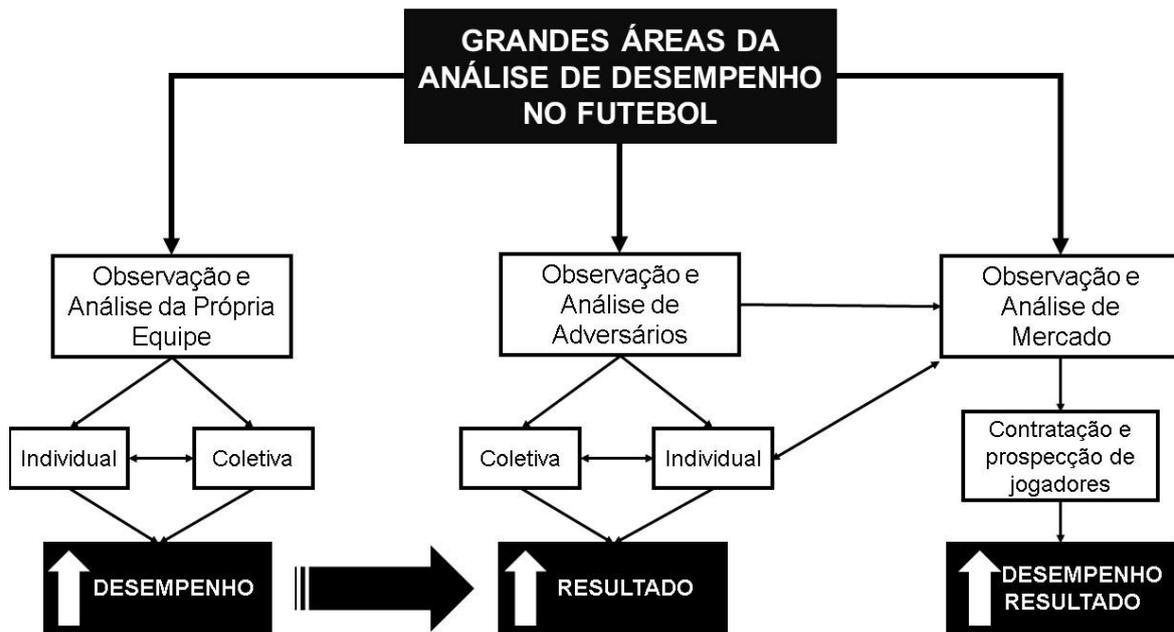
- 6) Capacidade comunicativa;
- 7) Capacidade e conhecimentos suficientes para participar na criação da estratégia operativa propondo exercícios que resolvam os problemas da equipe;
- 8) Capacidade para contrastar informações quantitativas com informações qualitativas;
- 9) Ser uma pessoa constante no trabalho, atualizar conhecimentos e estar sempre aberto a novas mudanças à sua volta;
- 10) Consciência de que a sua tarefa está ligada ao treinador;
- 11) Ter consciência de que analisar não supõe apenas criticar, mas também reforçar comportamentos desejados pelos jogadores.

Contudo, somente as características específicas do analista não garantem a qualidade no processo de análise e interpretação das informações coletadas. Nesse ponto, Hughes e Franks (2005) e Hughes (2004) apontam como necessária uma série de cuidados aos analistas, objetivando qualificar os processos de análise efetuados por esses profissionais, tais quais:

1. Definir indicadores claros de rendimento;
2. Determinar quais são fatores importantes no contexto em que se atua;
3. Garantir a confiabilidade das informações coletadas;
4. Certificar que dados suficientes foram coletados para definir perfis de desempenho;
5. Comparar um conjunto de dados;
6. Modelar/prescrever/intervir em desempenhos pretendidos.

A partir disso, a atuação dos analistas de jogo é caracterizada em três grandes áreas de análise, buscando o aumento do desempenho e dos resultados pretendidos, conforme apresentado na figura a seguir.

**Figura 11 – Grandes áreas da análise de desempenho no futebol**



Fonte: Elaborado pelo autor<sup>20</sup>.

Diante do exposto, parece pertinente que a função de analista de desempenho necessite de habilidades e conhecimentos específicos se pretende de fato intervir no desempenho de equipes e atletas. Além disso, o papel desse profissional assume grande importância ao possibilitar o desenvolvimento dos mais variados aspectos integrantes do jogo, especialmente pensando no contexto das categorias de base do futebol, já que esse contexto possibilita a formação de atletas.

Supõe-se que, somente elencar um profissional a realizar o trabalho de análise não seja suficiente, já que a área de análise de desempenho/jogo necessita da integração de diversas informações presentes no contexto de jogo e treino. Assim, um profissional atuando de maneira isolada não parece ser capaz de abordar os aspectos multifatoriais do desempenho esportivo. Ou seja, a integração de um profissional relacionado a análise de desempenho em comissões técnicas nos clubes esportivos é importante, especialmente em categorias de base. Contudo, isso passa pelo planejamento e gestão profissional dentro dos clubes de futebol, em que os recursos financeiros viabilizam a valorização da área de análise de desempenho.

<sup>20</sup> Baseado em Gama *et al.* (2017), Mendes (2016), Pereira (2017) e Ventura (2013).

### 3 MATERIAIS E MÉTODOS

#### 3.1 ASPECTOS ÉTICOS

No intuito de deixar o presente estudo em conformidade com os parâmetros éticos, se esclarece que a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Pesquisa da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio grande do Sul — ESEFID/UFRGS (anexo A), bem como obteve aprovação na banca de qualificação realizada no mês de dezembro de 2019, na ESEFID/UFRGS (anexo B). Após esses procedimentos, o projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética, através da Plataforma Brasil, obtendo aprovação em 10 de junho de 2020 (anexo C), com Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) sob nº 31000120.2.0000.5334 .

O estudo tem como base as diretrizes apresentadas no Conselho Nacional de Saúde (CNS) nº 466/12, que desenvolve os aspectos éticos dos seres humanos. Portanto, os participantes da pesquisa tiveram o livre arbítrio em relação aos questionamentos, podendo não responder a determinadas questões e/ou cancelar a sua participação no estudo a qualquer momento. Essa pesquisa manteve o comprometimento de respeitar os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos de cada entrevistado. O pesquisador ficou à disposição para qualquer esclarecimento necessário.

Durante o processo da pesquisa, para diminuir a inibição dos participantes, o pesquisador tomou total cuidado para não expor os entrevistados. Como forma de aproximação, explicou-se a experiência prévia do pesquisador com o tema do estudo. Além disso, se enfatizou que as informações prestadas seriam mantidas em formato anônimo.

Todos os entrevistados receberam e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido — TCLE (apêndice A), que tem como objetivo permitir que o indivíduo convidado a participar da pesquisa compreenda os procedimentos, riscos, desconfortos, benefícios e direitos envolvidos, permitindo uma decisão autônoma (GOLDIM *et al.*, 2003), e também, validaram as informações prestadas na transcrição das entrevistas, autorizando de maneira voluntária a utilização das informações para fins acadêmicos. No procedimento de validação das entrevistas, os analistas entrevistados puderam excluir e/ou alterar trechos que considerassem necessários.

### 3.2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Esta pesquisa apresenta natureza descritiva, adotou-se como procedimento técnico a abordagem qualitativa com caracterização fenomenológica, tratando-se de um trabalho de corte transversal (SILVA, 1996). A pesquisa qualitativa é guiada por um desejo de explicar fenômenos, acontecimentos e fatos por meio de conhecimentos e conceitos existentes ou que estão em transformação (YIN, 2016).

Na abordagem qualitativa, se adotou a entrevista semiestruturada, ao investigar a análise de desempenho no contexto das categorias de base dos clubes de futebol no Brasil. Uma das características da pesquisa qualitativa é poder representar opiniões e perspectivas das pessoas, e ainda contribuir com revelações e conceitos existentes ou emergentes em determinado assunto (YIN, 2016). Para tal, utilizou-se como tipo de informação o texto, a partir da transcrição das entrevistas, adequando-se aos procedimentos práticos a fim de realizar as necessárias interpretações (GIBBS, 2009).

Portanto, capturar as perspectivas dos sujeitos foi a proposta deste estudo qualitativo. Propôs-se como postura científica, o investimento na compreensão da experiência vivida e interpretada pelos próprios atores, sendo que as informações prestadas pela abordagem qualitativa representaram os significados e fatos da vida real, pelas pessoas que os vivenciam diariamente. Este trabalho seguiu as regras de Normalização de Trabalhos Acadêmicos da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS.

### 3.3 PARTICIPANTES DO ESTUDO

O universo da pesquisa compreendeu os analistas de desempenho das categorias de base de clubes brasileiros, cuja as equipes profissionais de futebol masculino eram participantes do Campeonato Brasileiro Série A de 2020.

Os clubes participantes da pesquisa foram selecionados de maneira aleatória intencional, critério utilizado quando a amostra potencial é muito grande (MILES; HUBERMAN, 1994, p. 28). Após a consulta dos clubes participantes do Campeonato Brasileiro da Série A, de 2020, no *site* da Confederação Brasileira de Futebol (CBF),

os clubes foram separados de acordo com as suas respectivas regiões geográficas<sup>21</sup>, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Assim, os clubes foram divididos nas seguintes regiões: norte, nordeste, sudeste, sul ou centro-oeste. (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL; INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2020). Como apresentado no quadro abaixo.

**Quadro 14 – Divisão de clubes de acordo com suas regiões**

<u>REGIÃO (Nº DE CLUBES)</u>	<u>CLUBE - ESTADO</u>
NORTE (0)	NENHUM
NORDESTE (4)	Bahia - BA
	Ceará - CE
	Fortaleza - CE
	Sport - PE
SUDESTE (10)	Atlético - MG
	Bragantino - SP
	Corinthians - SP
	Palmeiras - SP
	Santos - SP
	São Paulo - SP
	Flamengo - RJ
	Fluminense - RJ
	Vasco da Gama - RJ
	Botafogo - RJ
SUL (4)	Athletico Paranaense - PR
	Coritiba - PR
	Grêmio - RS
	Internacional - RS
CENTRO-OESTE (2)	Atlético - GO
	Goiás - GO

Fonte: Elaborado pelo autor.

Após serem separados de acordo com sua região, realizou-se um sorteio virtual<sup>22</sup>, indicando a ordem dos clubes que fariam parte do estudo, sendo

<sup>21</sup> Salienta-se que os clubes foram separados por regiões a fim de organizar e sistematizar o processo de inclusão na pesquisa, não havendo análise de informações baseada na região de cada clube.

<sup>22</sup> Sorteio realizado no *site* <https://www.sorteiogo.com/pt>.

selecionados metade (50%) dos clubes de cada região, totalizando 10 clubes participantes da pesquisa, apresentados no quadro 15.

Nos casos em que os sujeitos dos clubes sorteados não apresentaram os critérios de participação (quadro 16) ou não tenham sido autorizados a participar da pesquisa, o clube subsequente na ordem do sorteio foi incluído. Nos casos em que não houve mais clubes na região, foi realizado um novo sorteio com os clubes não participantes até o momento. Como forma de manter o anonimato na pesquisa, preservando as informações relatadas, os nomes dos clubes não foram revelados.

**Quadro 15 - Ordem estipulada para participação na pesquisa**

<u>REGIÃO (Nº DE CLUBES)</u>	<u>ORDEM DE SORTEIO</u>	<u>PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA</u>
NORTE (0)	NÃO HOUVE SORTEIO	NENHUM
NORDESTE (4)	Clube 1	✓ PARTICIPANTE
	Clube 2	x SUJEITO DO CLUBE NÃO APRESENTOU DISPONIBILIDADE PARA PARTICIPAÇÃO
	Clube 3	✓ PARTICIPANTE
	Clube 4	✓ *PARTICIPANTE APÓS UM NOVO SORTEIO <sup>23</sup>
SUDESTE (10)	Clube 1	✓ PARTICIPANTE
	Clube 2	✓ PARTICIPANTE
	Clube 3	✓ PARTICIPANTE
	Clube 4	✓ PARTICIPANTE
	Clube 5	✓ PARTICIPANTE
	Clube 6	NÃO CONSULTADO
	Clube 7	NÃO CONSULTADO
	Clube 8	NÃO CONSULTADO
	Clube 9	NÃO CONSULTADO
	Clube 10	NÃO CONSULTADO
SUL (4)	Clube 1	x NÃO AUTORIZOU PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

<sup>23</sup> Pelo fato do Clube 1 da região Sul não autorizar a participação na pesquisa, não havendo mais clubes disponíveis nessa região, realizou-se um novo sorteio com os clubes que ainda não eram participantes, independente da região. Assim, foi sorteado o Clube 4 da região Nordeste como participante do estudo.

	Clube 2	✓ PARTICIPANTE
	Clube 3	SUJEITO NÃO APRESENTOU CRITÉRIOS PARA PARTICIPAÇÃO
	Clube 4	✓ PARTICIPANTE
CENTRO-OESTE (2)	Clube 1	× NÃO APRESENTOU CRITÉRIOS PARA PARTICIPAÇÃO
	Clube 2	× NÃO APRESENTOU CRITÉRIOS PARA PARTICIPAÇÃO

Fonte: Elaborado pelo autor.

Foram sujeitos participantes do estudo 10 analistas de desempenho, dos clubes selecionados. Estes sujeitos foram elegidos com base nos critérios de participação (quadro 16), a fim de responder aos objetivos do trabalho, sendo convidados a participar de maneira voluntária com consentimento aos procedimentos desta pesquisa.

Para Ajjawi (2013 apud Vieira, 2014), a quantidade amostral em uma pesquisa qualitativa dependerá da profundidade e abrangência do estudo. Desta forma, levando em consideração a viabilidade logística e a exequibilidade de um projeto de mestrado, acreditou-se que com 10 participantes fosse possível atingir a profundidade necessária para a coleta de informações. Além disso trata-se de uma pesquisa de amostragem.

Os critérios de participação encontram-se elencados no quadro abaixo:

**Quadro 16 - Critérios de participação na pesquisa**

✓ Profissionais atuantes especificamente na área de análise de desempenho;
✓ Vinculados aos clubes selecionados da pesquisa;
✓ Experiência mínima de um ano na área de análise de desempenho;
✓ Atuação mínima de seis meses, como analista de desempenho dentro do clube;
✓ Atuação em alguma das categorias, sub 15, sub 17 ou sub 20.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Com o intuito de facilitar a compreensão das características dos sujeitos participantes na pesquisa, encontra-se abaixo um quadro com a caracterização dos analistas de desempenho entrevistados. As informações contidas foram prestadas pelos próprios profissionais<sup>24</sup>.

**Quadro 17 - Caracterização dos sujeitos participantes**

<b>Código do entrevistado</b>	<b>Idade (anos)</b>	<b>Formação acadêmica (ano de formação)</b>	<b>Tempo de experiência na área</b>	<b>Tempo de atuação no clube atual</b>	<b>Categorias de atuação</b>	<b>Foi atleta profissional</b>
Analista 1	29 anos	Jornalismo (2013)	2 anos	1 ano e 2 meses	Sub 17	Não
Analista 2	21 anos	Licenciatura em Educação Física (em curso – 7º semestre)	4 anos	8 meses	Sub 17	Não
Analista 3	26 anos	Comunicação Social (2016)	1 ano e 4 meses	8 meses	Sub 23, 20, 17,15 e 13	Não
Analista 4	25 anos	Licenciatura em Educação Física (2016); Bacharelado em Educação Física (em curso – 7º semestre)	2 anos e 6 meses	7 meses (estagiário)	Sub 17 e sub 16	Não
Analista 5	27 anos	Bacharelado em Educação Física (em curso – 8º semestre)	5 anos	3 anos	Sub 17	Não
Analista 6	36 anos	Bacharelado em Educação Física (2016)	6 anos	2 anos	Sub 17	Não
Analista 7	22 anos	Licenciatura em Educação Física (em curso – 5º semestre)	2 anos	2 anos	Sub 17	Não
Analista 8	27 anos	Bacharelado em Educação Física (2014); Pós-graduado em Futebol (2018)	3 anos	3 anos	Sub 23 e Sub 20	Não
Analista 9	23 anos	Bacharelado em Educação Física (em curso – 6º semestre)	4 anos	4 anos	Sub 23 e Sub 20	Não

<sup>24</sup> As informações contidas se referem ao momento do preenchimento do “Formulário de Identificação do Entrevistado”(apêndice B), sendo informadas pelos sujeitos participantes.

Analista 10	26 anos	Bacharelado em Educação Física (2015)	3 anos	9 meses	Sub 20, 17, 15 e 13	Não
Média de idade dos analistas entrevistados: 26 anos			Média de experiência na área: 3 anos e 3 meses			

Fonte: Elaborado pelo autor com base no preenchimento do Formulário de Identificação do Entrevistado.

### 3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE INFORMAÇÕES

Como instrumento utilizado para coleta das informações, foi realizada uma entrevista semiestruturada, com base nos objetivos proposto pelo trabalho. Para Prodanov e Freitas (2013, p. 106) a "entrevista é a obtenção de informações de um entrevistado sobre determinado assunto ou problema".

O roteiro da entrevista (apêndice C), composto por 22 questões, foi elaborado pelo autor do trabalho e definido previamente, pois "na entrevista semiestruturada, será necessário montar um roteiro das questões que conterão o tema-chave e que devem ser explorados" (CAUDURO, 2004, p. 80). Complementando, Prodanov e Freitas (2013) colocam que nesse tipo de instrumento as questões são padronizadas e elaboradas com antecedência a fim de comparar um grupo de sujeitos.

Segundo Gil (2009, p. 117), a entrevista parcialmente estruturada é "guiada por relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso". Diante disso, Cauduro (2004, p. 79) comenta que "a entrevista semiestruturada desenrola-se a partir de um esquema básico, mas não é aplicado rigidamente, permitindo adaptações realizadas inclusive no momento da efetivação da entrevista".

Para realização das entrevistas utilizou-se um *notebook* (marca *Dell*), modelo *Inspiron 14-2630*, um celular (marca *Samsung*) modelo *Galaxy A20* e um fone de ouvido (marca *Samsung*), materiais do pesquisador. Como consequência da pandemia de Coronavírus (Covid-19), vírus altamente infeccioso que atingiu o país no ano de 2020, todas as entrevistas foram realizadas através de aplicativos de chamada de vídeo. Para tal, utilizaram-se as plataformas *Skype*, *WhatsApp* e *Google Meet*, facilitando o acesso aos sujeitos de diferentes regiões do Brasil e reduzindo o custo da pesquisa.

Além da gravação das entrevistas pelas plataformas utilizadas (recurso disponível pelos aplicativos), as entrevistas também foram gravadas utilizando o programa *Open Broadcaster Software (OBS)*, como forma de manter no mínimo duas fontes das entrevistas realizadas. Como forma de segurança, além do vídeo, captou-

se o áudio das entrevistas utilizando o gravador de voz do celular e/ou do computador para a transcrição das informações.

Com o intuito de iniciar e facilitar a primeira fase da transcrição das entrevistas utilizou-se o software *Voicemeeter 1.0.7.4* e o *Voice Notepad*, onde foram realizadas parte das transcrições dos áudios, por meio de reconhecimento de voz, sendo conferidas integralmente pelo pesquisador. Posteriormente, as entrevistas foram transcritas utilizando o programa *Microsoft Word* do pacote *Microsoft Office 2019*.

A seguir apresentam-se os procedimentos de coleta das informações.

### 3.5 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE INFORMAÇÕES

Como procedimento para coleta das informações, primeiramente realizou-se uma lista de contatos do pesquisador<sup>25</sup> que poderiam auxiliar no encontro dos possíveis participantes do estudo. Desta forma, um dos contatos do pesquisador, por possuir experiência na área, disponibilizou o contato de diversos analistas de desempenho, que formam um grupo de mensagens no aplicativo *WhatsApp*, facilitando o acesso aos sujeitos.

Após possuir o contato dos possíveis sujeitos participantes na pesquisa, elaborou-se uma mensagem de apresentação (do pesquisador e do trabalho a ser executado), com o intuito de saber do interesse na participação da pesquisa, assim uma mensagem foi enviada de forma particular pelo aplicativo *WhatsApp*. Nos casos em que não se conseguiu o contato, o pesquisador utilizou uma busca pelo aplicativo *Instagram* para chegar aos sujeitos do estudo.

Após o contato inicial com os possíveis participantes da pesquisa, foi enviado, através de mensagem, os critérios para participação na pesquisa, a fim de verificar se os sujeitos apresentariam os critérios válidos de inclusão no estudo. Posteriormente, com o intuito de formalizar a participação, foram enviados os seguintes documentos:

1. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (apêndice A);
2. Carta Convite de Colaboração em Pesquisa Acadêmica (apêndice D) (documento enviado também a um profissional responsável pelo clube para anuência do clube participante);

---

<sup>25</sup> O fato de o autor ter exercido a função de analista de desempenho nas categorias de base de um clube no estado do RS, foi um fator facilitador no processo de contato com os participantes da pesquisa.

3. Formulário de Identificação do Entrevistado (apêndice B), a fim de obter dados de identificação, formação e atuação profissional.

Assim, após a recepção das informações iniciais, fez-se novamente contato com os participantes, com o objetivo de agendar uma data prévia para realização das entrevistas. Todas as datas das entrevistas foram sugeridas pelos participantes do estudo. Após definida a data da entrevista, perguntou-se aos entrevistados, a plataforma que tinham preferência para realização da mesma, sendo escolhido os aplicativos que os entrevistados apresentavam maior proximidade. Os entrevistados não tiveram acesso ao roteiro de entrevista. O pesquisador solicitou que as entrevistas ocorressem em local que os entrevistados se sentissem à vontade. Nos casos em que houve interrupção na chamada de vídeo, o pesquisador refez a chamada, continuando o diálogo de onde havia sido interrompido.

Como estratégia para aproximação dos entrevistados, primeiramente fez-se a explicação de todo o procedimento adotado na entrevista, onde reforçou-se que as informações prestadas seriam mantidas em anonimato. Após isso, o pesquisador falou da sua relação com o tema da pesquisa, solicitando que o entrevistado comentasse sobre a sua relação primária com o futebol, e também na área de análise de desempenho.

Após a realização da entrevista, efetivou-se a transcrição das mesmas. No processo de transcrição das entrevistas, com o intuito de manter em anonimato a participação dos entrevistados, buscou-se substituir qualquer informação pessoal que pudesse identificar os mesmos (quadro 18). A transcrição das entrevistas ocorreu conforme o diálogo entre pesquisador e entrevistado.

**Quadro 18** - Informações pessoais substituídas

<b>INFORMAÇÕES PESSOAIS DOS ENTREVISTADOS SUBSTITUÍDAS PELO AUTOR</b>
<i>*clubes dos entrevistados</i>
<i>*nomes de analistas dos clubes dos entrevistados</i>
<i>*nomes de centros de treinamento dos clubes dos entrevistados</i>
<i>*nomes dos entrevistados</i>
<i>*clubes brasileiros citados</i>
<i>*campeonatos estaduais citados</i>
<i>*estados de residência dos entrevistados</i>
<i>*estados brasileiros citados pelos entrevistados</i>
<i>*federações estaduais citadas pelos entrevistados</i>
<i>*nomes de profissionais citados pelos entrevistados</i>
<i>*região geográfica dos entrevistados</i>
<i>*copas regionais citadas</i>

<b><i>*cidades da região dos entrevistados</i></b>
<b><i>*cidades brasileiras citadas pelos entrevistados</i></b>
<b><i>*instituições de ensino citadas pelos entrevistados</i></b>
<b><i>*clubes do estado dos entrevistados</i></b>
<b><i>*nome do estádio dos clubes dos entrevistados</i></b>
<b><i>*clubes antigos dos entrevistados</i></b>
<b><i>*nomes dos departamentos de análise dos clubes</i></b>
<b><i>*siglas dos departamentos de análise dos clubes</i></b>

Fonte: Elaborado pelo autor.

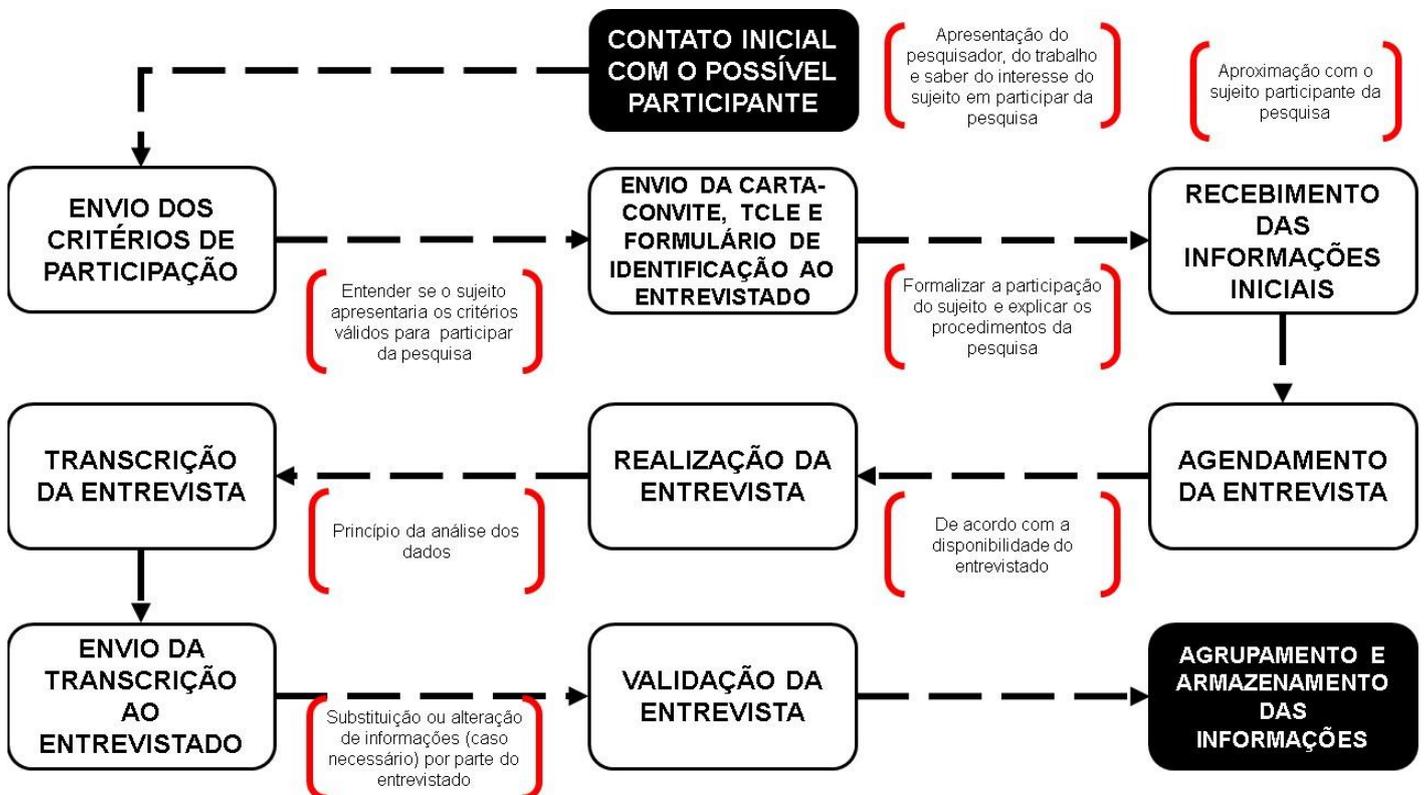
Após ocorrida a substituição das informações pessoais, as transcrições foram enviadas (via *e-mail* e *WhatsApp*) para os entrevistados validarem as informações contidas. Os entrevistados tiveram a liberdade de alterar, modificar e/ou substituir as palavras e/ou trechos que entendessem necessários.

Para o procedimento de validação das entrevistas, foi encaminhada a mensagem: “Tendo sido devidamente esclarecido(a) sobre os procedimentos, eu (nome do entrevistado) valido a transcrição da entrevista descrita acima. Autorizo de maneira voluntária a utilização destes dados para fins acadêmicos, mantendo o sigilo dos dados na publicação deste documento. Declaro que recebi cópia deste documento”.

Desta forma, as entrevistas foram validadas através de assinatura ou mensagem de validação (*e-mail* ou *WhatsApp*) sendo enviadas ao pesquisador. Por opção do autor, a fim de conferir maior credibilidade a pesquisa, como também no intuito de contribuir na compreensão das práticas diárias dos analistas de desempenho, optou-se por disponibilizar a transcrição de uma das entrevistas realizadas (apêndice E) mantendo os dados pessoais do entrevistado em sigilo.

Objetivando facilitar o entendimento para o leitor, encontra-se abaixo um esquema que elucida o processo adotado para a coleta de informações (figura 12), como também um quadro que resume as datas e formas destes procedimentos (quadro 19).

**Figura 12 - Processo utilizado para coleta das informações**



Fonte: Elaborado pelo autor.

**Quadro 19 - Procedimento para coleta de informações**

<u>CÓDIGO DO ENTREVISTADO</u>	<u>DATA CONTATO INICIAL</u>	<u>DATA ENTREVISTA</u> <sup>26</sup>	<u>DURAÇÃO</u>	<u>PLATAFORMA UTILIZADA</u>	<u>DATA DE INÍCIO DA TRANSCRIÇÃO</u>	<u>DATA DE VALIDAÇÃO DAS INFORMAÇÕES</u>
Analista 1	1º/04/2020 (WhatsApp)	15/04/2020	51 minutos	WhatsApp	01/07/2020	22/09/2020
Analista 2	13/05/2020 (WhatsApp)	21/05/2020	69 minutos	Google Meet	14/06/2020	29/01/2021
Analista 3	22/04/2020 (WhatsApp)	27/04/2020	40 minutos	Skype	19/05/2020	21/07/2020
Analista 4	1º/04/2020 (WhatsApp)	13/04/2020	52 minutos	Skype	03/06/2020	12/08/2020
Analista 5	31/03/2020 (WhatsApp)	09/04/2020	41 minutos	Skype	20/06/2020	11/05/2021
Analista 6	1º/04/2020 (WhatsApp)	22/04/2020	59 minutos	Skype	07/06/2020	29/10/2020
Analista 7	1º/04/2020 (Instagram)	09/04/2020	35 minutos	WhatsApp	12/05/2020	21/07/2020
Analista 8	02/04/2020 (WhatsApp)	16/04/2020	67 minutos	Skype	20/05/2020	05/09/2020

<sup>26</sup> Destaca-se que por conta de os entrevistados estarem em casa, em função da paralisação do futebol nacional, como consequência da pandemia de Coronavírus (Covid19), houve uma maior facilidade e agilidade para realização das entrevistas.

Analista 9	02/05/2020 ( <i>WhatsApp</i> )	13/05/2020	63 minutos	<i>WhatsApp</i>	06/07/2020	14/09/2020
Analista 10	1º/04/2020 ( <i>WhatsApp</i> )	16/04/2020	66 minutos	<i>Skype</i>	23/06/2020	01/09/2020

Fonte: Elaborado pelo autor.

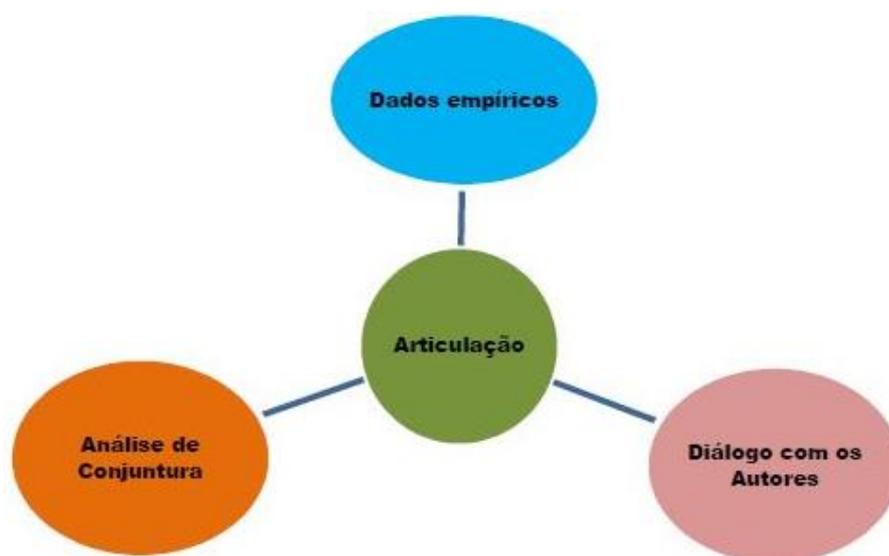
Posteriormente a validação das entrevistas os documentos foram agrupados e armazenados para a efetivação do procedimento de análise e interpretação das informações. Ressalta-se que para a apresentação das informações dos entrevistados (nos quadros acima e nos resultados) foi realizado um sorteio, sendo assim a ordem de apresentação dos participantes ocorreu de forma aleatória.

### 3.6 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE INFORMAÇÕES

A análise de dados tem por objetivo identificar os procedimentos adotados pelo autor para obter informações sobre os dados coletados (PRODANOV; FREITAS, 2013). Embora a análise de estudos qualitativos não siga um “livro de receitas”, não se pode dizer que é realizada de maneira desordenada. Para Yin (2016), a análise das informações na pesquisa qualitativa deve seguir um rigor metodológico, ser planejada e organizada para se chegar aos objetivos do estudo.

Neste estudo utilizou-se o procedimento de análise de Triangulação de Métodos, que para Marcondes e Brisola (2014) pauta-se na preparação do material coletado (dados empíricos), interpretação das informações obtidas e articulação com autores da área da temática da pesquisa.

No processo de análise por triangulação de métodos (figura 14), encontram-se as informações concretas coletadas com a pesquisa, como os dados empíricos e as narrativas dos entrevistados, o diálogo com os autores, que é um aprofundamento teórico com especialistas da temática em questão, e a análise da conjuntura, na qual deve-se relativizar o contexto, de forma ampla e abstrata da realidade, a fim de realizar as próprias interpretações (MARCONDES; BRISOLA, 2014).



Fonte: Retirado de Marcondes e Brisola (2014, p. 204).

Na análise de informações por Triangulação de Métodos, operacionalizam-se procedimentos e etapas relativas aos processos adotados para interpretação das informações.

A operacionalização do **primeiro procedimento** de análise, seguiu três etapas. Primeiramente realizou-se a transcrição e organização das informações coletadas, seguido de reflexão e enquadramento aos objetivos da pesquisa, finalizado com a elaboração das categorias de análise.

Na **primeira etapa**, deste procedimento, transcreveram-se as entrevistas, buscando atribuir importância especialmente a narrativa dos entrevistados. Na medida em que as suas falas eram transcritas, foram realizados marcações e comentários no que se considerou importante, como repetição de falas, frases com impacto, termos técnicos e discursos que exploravam os objetivos da pesquisa.

Na **segunda etapa**, realizou-se a avaliação dos dados primários coletados, somada à avaliação das marcações e comentários realizados na etapa anterior. Segundo Marcondes e Brisola (2014) essa fase é chamada de pré-análise. Sendo realizada uma releitura dos objetivos do estudo e a possibilidade de direcionar o estabelecimento de categorias de análise de forma ampla.

A **terceira etapa**, ocorreu contextualizando as diversas dimensões do estudo, assim, fez-se uma filtragem dos conteúdos, separando o que destoava do propósito e objetivo da pesquisa. Juntamente a esse processo, concretizou-se a elaboração das

categorias de análise e as suas subsequentes seções de análise, conforme apresentado no quadro 20.

**Quadro 20 - Categorias de análise elaboradas**

<b>I - O ANALISTA: VISÃO E IMPRESSÕES PESSOAIS SOBRE A ÁREA</b>
Entrada na área de análise de desempenho
O papel do analista nas categorias de base
Dificuldades encontradas e desafios da área
Perspectivas pessoais e profissionais futuras no futebol
<b>II - CONTEXTO: O AMBIENTE PARA REALIZAÇÃO DO TRABALHO DENTRO DOS CLUBES</b>
A estrutura disponível dentro dos clubes
Objetivos da área e função exercida pelos analistas
Relação dos analistas com a comissão técnica
Relação dos analistas com os atletas
<b>III - PROCESSO DA ANÁLISE: OPERACIONALIZAÇÃO DO TRABALHO EXECUTADO PELOS ANALISTAS</b>
A intervenção e a participação do analista nos processos de treino e jogo
A análise de jogo dentro do clube
O processo de gestão e condução da informação

Fonte: Elaborado pelo autor.

O **segundo** procedimento de análise, coloca-se como um momento de aprofundamento prático-teórico, no qual buscaram-se as reflexões e interpretações dos atores (sujeitos do estudo e autores), abordando o objeto da pesquisa, com as interpretações crítico-reflexivas do pesquisador.

Na **primeira etapa** deste processo, caracterizado pela leitura aprofundada do material selecionado, procurou-se trazer uma contextualização ampla dos dados com a realidade. Nesta fase, o questionamento sobre a realidade dos dados fora ponderado. Em seguida, na **segunda etapa**, buscou-se realizar de fato o diálogo com autores que abordam questões pertinentes às categorias de análise surgidas. Esse processo ocorreu ancorado nos trabalhos que apresentaram relevância acerca da temática da análise de desempenho no contexto esportivo, mais especificamente nas categorias de base do futebol.

Na **terceira etapa**, fez-se o exercício de interpretar as informações emergidas, e a partir disso, perspectivar novas ideias. Este processo ocorreu realizando uma análise interpretativa, onde procurou-se atribuir valor não somente às informações

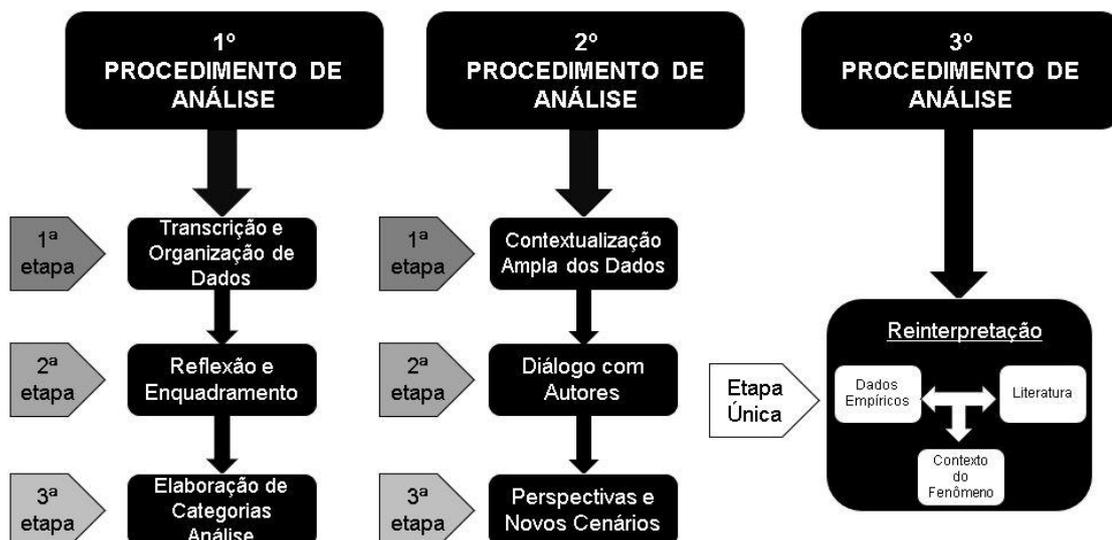
alcançadas, como também, à conjuntura em que as informações foram geradas. Considerando a ideia de novos cenários para o objeto de estudo.

Portanto, no **terceiro e último procedimento de análise**, buscou-se realizar uma construção sintetizada com diálogo entre os dados empíricos, literatura especializada na temática e a análise contextual do fenômeno estudado. Para Marcondes e Brisola (2014, p. 206) esse processo é caracterizado “pela reinterpretação, em outras palavras, uma interpretação das interpretações”. Nessa fase, foi importante a retomada dos conteúdos abordados nos processos anteriores, de modo a formular, com a consciência crítica necessária, as conclusões dos delineamentos finais da pesquisa.

A escolha pelo procedimento de análise baseado na Triangulação de Métodos, imbuí ao autor um comportamento crítico-reflexivo-conceitual, além de prático, ao objeto de estudo. Tal que, como mencionam as autoras Marcondes e Brisola (2014, p. 206) através de diferentes perspectivas possibilita “complementar, com riqueza de interpretações, a temática pesquisada, ao mesmo tempo, em que possibilita que se aumente a consistência das conclusões”. Torna-se importante salientar que a análise das informações ocorreu desde o momento de início das entrevistas, além disso, todas as etapas dos procedimentos de análise foram realizadas pelo autor da pesquisa.

Para facilitar a compreensão dos procedimentos de análise por Triangulação de Métodos adotados neste trabalho, coloca-se abaixo uma figura que sintetiza os processos ocorridos.

**Figura 14 - Procedimentos de análise adotados na pesquisa**



Fonte: Elaborado pelo autor baseado em Marcondes e Brisola (2014).

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados e discussão apresentados no presente trabalho, buscam de maneira específica se aprofundar nas categorias de análise elencadas, contextualizando esse campo de atuação nas categorias de base do futebol brasileiro.

A primeira categoria, denominada “**O analista: visão e impressões pessoais sobre a área**” visa apontar, a partir da perspectiva dos profissionais entrevistados, a temática da análise de desempenho. Assim, descreve-se a entrada dos analistas na área, o seu papel nas categorias de base nos clubes, as dificuldades e desafios encontrados, bem como as suas perspectivas de atuação futura no ambiente do futebol.

Na segunda categoria, denominada “**Contexto: o ambiente para realização do trabalho dentro dos clubes**”, apresentam-se as condições possuídas pelos analistas nas suas práticas diárias, os objetivos atribuídos a área de análise e as funções exercidas, como também, a relação destes profissionais com a comissão técnica e com os atletas.

A última categoria de análise denominada “**Processo da análise: operacionalização do trabalho executado pelos analistas**”, identifica como ocorre o processo de participação dos analistas no ambiente de jogo e treino, se aprofundando na maneira em que são efetuadas as análises no contexto competitivo, além disso, apresenta-se de que forma acontece a gestão e a condução das informações coletadas.

### 4.1 O ANALISTA: VISÃO E IMPRESSÕES PESSOAIS SOBRE A ÁREA

A presente categoria de análise apresenta a visão e as impressões pessoais que os analistas de desempenho tem sobre a área de atuação em que estão inseridos. Portanto, caracteriza-se como principais pontos, de que forma ocorreu a entrada destes profissionais na área de análise de desempenho, como percebem o papel do analista nas categorias de base, a importância atribuída à área, e a relação da análise de desempenho nas categorias de base em comparação ao futebol profissional.

Além disso, descreve-se as principais dificuldades encontradas pelos analistas de desempenho nos seus contextos de atuação, o que entendem como os desafios futuros para a área de análise, bem como as perspectivas pessoais/profissionais futuras no ambiente do futebol.

#### 4.1.1 Entrada na área de análise de desempenho

Embora a análise do jogo e do desempenho não seja um assunto recente no meio esportivo (GARGANTA, 2001), no contexto do futebol brasileiro, especialmente nas categorias de base, essa prática ainda se encontra em processo de desenvolvimento. Como consequência disso, o analista de desempenho é um profissional que vem se inserindo gradualmente no ambiente dos clubes de futebol no Brasil (CARLET, 2020).

Portanto, tratando de investigar como acontece a inserção desse profissional no contexto das categorias de base, a seguir, apresenta-se como ocorreu a entrada destes profissionais na área, bem como as primeiras experiências que obtiveram. Além disso, relatam-se os meios percorridos e as consequências para permanência no desenvolvimento do trabalho na área de análise de desempenho.

Desta maneira, o quadro abaixo resume como ocorreu a inserção na área, a experiência destes profissionais em análise de desempenho, como também as experiências profissionais prévias à efetivação da função de analista nas categorias de base.

**Quadro 21** - Inserção na área e experiência profissional dos analistas entrevistados

<b>QUADRO RESUMO COM A INSERÇÃO NA ÁREA DE ANÁLISE DE DESEMPENHO E EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL PRÉVIA</b>			
<b><u>ENTREVISTADO</u></b>	<b><u>INSERÇÃO NA ÁREA</u></b>	<b><u>EXPERIÊNCIA NA ÁREA DE ANÁLISE</u></b>	<b><u>EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL PRÉVIA</u></b>
<b>ANALISTA 1</b>	Realizou um curso de análise de desempenho (CBF) e posteriormente participou de um processo seletivo indicado por um colega da área.	2 anos	- Jornalismo esportivo
<b>ANALISTA 2</b>	Era auxiliar na preparação física, e começou a fazer análises ( <i>scouts</i> ). Após apresentar bons resultados para comissão, foi efetivado por conta de o clube não possuir profissionais na área.	4 anos	- Auxiliar de preparação física (estagiário)
<b>ANALISTA 3</b>	Recebeu convite de estágio em um clube, após realização de um curso ( <i>The 360</i> ) voltado para a área de análise.	1 ano e 4 meses	- Jornalismo Esportivo
<b>ANALISTA 4</b>	Recebeu o convite do coordenador da área de análise de um clube, que era	2 anos e 6 meses	- Professor de Educação Física

	seu conhecido, para realizar estágio na área de análise.		- Professor em escola de futsal
<b>ANALISTA 5</b>	Após iniciar estágio na área de preparação física, surgiu a oportunidade de estagiar na área de análise de desempenho no clube, pois proporcionava horários mais flexíveis.	5 anos	- Preparação física em categorias de base (estagiário)
<b>ANALISTA 6</b>	Recebeu convite de um amigo (preparador físico) para realizar estágio na área de análise.	6 anos	- Preparação física em categorias de base (futsal e futebol)
<b>ANALISTA 7</b>	Participou de um processo seletivo para estágio na área de análise.	2 anos	NÃO MENCIONADO
<b>ANALISTA 8</b>	Trabalhava como treinador e recebeu convite do clube, após surgir uma vaga de analista na categoria Sub 15.	3 anos	- Auxiliar técnico em categorias de base - Treinador (Sub 11,12 e 13)
<b>ANALISTA 9</b>	Recebeu convite para ser estagiário na área de análise de desempenho.	4 anos	NÃO MENCIONADO
<b>ANALISTA 10</b>	Era auxiliar de preparação física, iniciou fazendo análises para o treinador da categoria, que gostava de receber informações dos adversários.	3 anos	- Auxiliar técnico em categorias de base (Sub 17 e Sub 20) - Auxiliar de preparação física em categorias de base (Sub 20) - Preparador físico em categorias de base

Fonte: Elaborado pelo autor de acordo com as informações prestadas pelos entrevistados.

Portanto, apesar da área de análise de jogo/desempenho não ser algo recente no futebol e ter uma atribuição importante para o rendimento esportivo (CARLING; WILLIAMS; REILLY, 2005; O'DONOGHUE, 2015), nota-se, como exposto no quadro acima, que se por um lado os profissionais ingressam na área por caminhos semelhantes, por outro, apresentam experiências prévias diferentes. Nesse ponto, os resultados encontrados diferem do que aponta Vieira (2010), o autor coloca que o analista de desempenho é um profissional que advém do campo. No entanto, percebe-se que em alguns casos, os analistas das categorias de base não são vindos da prática do futebol.

Além disso, identifica-se que para alguns profissionais a área de análise de desempenho surge como uma porta de entrada para o contexto do futebol, conforme relatado “[...] eu resolvi que focar na minha carreira pra entrar no mercado do futebol, aí fui procurar caminhos para entrar nisso... aí eu conheci a análise de desempenho, que eu não conhecia até então [...]” (ANALISTA 3, p. 1). No entanto, salienta-se que

o fato do Analista 3, não obter conhecimento prévio sobre a área de análise de desempenho, pode estar relacionada por não possuir formação acadêmica na área de Educação Física.

Ainda de maneira semelhante, em relação a ser uma porta de entrada, o Analista 7 (p. 1) comenta que mesmo já possuindo certo conhecimento sobre análise, o seu ingresso também foi considerado como uma forma de entrar no meio do futebol, “[...] *participei do processo e me ofereceram a, a vaga de estagiário na área de análise de desempenho... eu conhecia a área, mas não era assim... nenhum especialista, e aí fui... foi através dessa porta aí que eu consegui entrar*”.

O Analista 9, que também ingressou no futebol através da análise nas categorias de base, destaca que apesar de já ter tido contato breve com a área (através de uma palestra), possuía pouco conhecimento antes de ocupar a função de analista no clube. De maneira similar, o Analista 5 coloca que ainda que soubesse da existência da área, os conhecimentos eram relacionados somente a questões de filmagem de jogos.

Apesar dos analistas citados possuírem formações acadêmicas distintas, parece que a formação acadêmica destes profissionais não possibilitou contato com a área. Neste sentido, os autores Rein e Memmert (2016) apontam para a necessidade de que os currículos universitários garantam que os alunos recebam uma formação básica, não somente para uso de técnicas em pesquisa, mas também para que haja uma compreensão dos fundamentos teóricos desta área. Sendo que a formação em Educação Física é considerada um fator importante para os profissionais de atuação em análise (CARLET, 2020), já que a área está situada no campo das Ciências do Esporte (GLAZIER, 2010).

Embora a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) possua um curso de formação específica para atuação do profissional da área de análise de desempenho, a formação organizada pela entidade não é tida como obrigatória para a execução da função. Desse modo, nota-se que a falta de uma formação específica obrigatória para o cargo, pode ser uma justificativa da área ser entendida como uma porta de entrada no ambiente do futebol (especialmente nas categorias de base no Brasil), sem necessitar conhecimentos prévios específicos.

Por outro lado, conforme exposto no quadro 21, evidencia-se que alguns profissionais ingressaram na área de análise após estarem exercendo outras funções

na estrutura dos clubes. O exercício de diferentes funções é um fator que pode contribuir para a prestação do trabalho do analista, considerando que a associação entre os conhecimentos adquiridos (práticos e teóricos) ao longo da trajetória profissional é fundamental (CARLET, 2020).

Apesar de exercerem a função de analista atualmente, alguns profissionais não projetavam atuar na área no início das suas carreiras, conforme relatado:

[...] eu trabalhava já com futebol, mas é, com outro viés, não tinha a intenção de trabalhar com análise, pra mim era, era uma coisa nova, não, não tinha conhecimento que poderia inserir nessa área, sempre gostei muito de futebol [...] mas é, trabalhava com o esporte mas em outro viés, nem, não pensava em análise [...] (ANALISTA 1, p. 1).

Assim como,

[...] todo mundo acho que sempre entra no futebol com a ideia de trabalhar como treinador né, de auxiliar enfim, mas eu acho que dentro de... de algum tempo tu vai conhecendo outras áreas né e tu vai te especializando e vai achando outros caminhos assim, e aí análise de desempenho foi mais ou menos isso, eu entrei com um pensamento, mas quando eu fui conhecendo, desde a época de estagiário, análise de desempenho, eu fui gostando, fui me especializando, e, e tô até hoje [...] (ANALISTA 9, p. 2-3).

E também,

[...] conhecia a área né, que a gente acaba fazendo um processo de análise só que como treinador, como líder da equipe ali mesmo, então a gente mesmo fazia né [...] não pensava em ir para essa área né, mas surgiu a possibilidade, eu achei interessante e avalei como que poderia ser produtiva pra mim, principalmente no desenvolvimento profissional e arrisquei (risos) (ANALISTA 8, p. 2).

O fato de não cogitarem a atuação na área de análise no início das suas trajetórias profissionais, pode ser consequência do próprio desenvolvimento da área, especialmente nas categorias de base no Brasil, onde até anos atrás não se tinha a figura do analista de desempenho como um profissional de atuação específica nos clubes (CARLET, 2020; VÁZQUEZ, 2012). Contudo, com a especialização técnica que vem ocorrendo no futebol, os clubes têm necessitado da atuação destes profissionais (PEDREÑO, 2018).

A inserção na área de análise de desempenho, percebe-se também que se dá como um desafio profissional, justamente por ser considerada como uma “nova” função no contexto das categorias de base no futebol brasileiro, e poder contribuir

com novos conhecimentos na formação profissional dentro do futebol, conforme relata um dos entrevistados:

[...] então que eu falei “*não, é um lugar melhor pra eu começar a entender os números se não pela análise de desempenho*” [sic], a oportunidade seria muito maior, devido a ser uma área que tá se iniciando no futebol agora...então, e aí eu comecei fazendo estágio [...] (ANALISTA 4, p. 1).

Em outro caso, um dos analistas comenta sobre o convite e a decisão de ingressar na área de análise como um processo para adquirir competências, relatando, “[...] *achei que ia ser importante pra minha formação como profissional... de futebol mesmo né... é... experimentar uma área que eu ainda não tinha uma vivência, é... isso ia me trazer competências [...]*” (ANALISTA 8, p. 2).

Destaca-se que essa ideia de desafio na atuação profissional, adquirindo competências, pode estar relacionada ao fato de a área de análise de desempenho necessitar de diversos conhecimentos, que além de uma abordagem multidisciplinar, requer habilidades específicas para a atuação profissional (PEREIRA, 2017; REIN; MEMMERT, 2016; VÁZQUEZ, 2012).

Além disso, o fato de ingressar em uma nova área de atuação, fora ressaltada pelos entrevistados, como uma novidade em termos práticos. Para o Analista 6, o conhecimento dos protocolos, a rotina profissional e as formas de filmagem, foram as novidades citadas. Para o Analista 9, que comentou possuir certo conhecimento de jogo (aspectos táticos e técnicos) antes de trabalhar na área, as questões operacionais também foram novidades, tendo que aprender de forma contínua na rotina de trabalho.

Nesse sentido, demonstra-se que a operacionalização do trabalho do analista, conforme o que apontam alguns autores, necessita características pessoais e profissionais elencadas como fundamentais para exercer essa função, sendo adaptação rápida ao contexto, ajustar-se às necessidades de outros profissionais, senso crítico, capacidade de inovação, estar aberto a mudanças e possuir domínio de ferramentas tecnológicas (ANDERSON; SALLY, 2013; CARLET, 2020; PEDREÑO, 2018; PEREIRA, 2017; VÁZQUEZ, 2012).

Em alguns casos, o ingresso na área se deu pela oportunidade observada na demanda por informações do jogo e por falta de iniciativas dos clubes na implementação de departamentos de análise, como mencionado pelo Analista 2:

[...] eu vi que no clube não tinha um departamento, nunca tinha tido um analista, eu comecei a fazer *scouting* na própria categoria sub 20, *scout* manual, a gente não tinha computador, filmagem, não tinha nada, e aí comecei, o treinador gostou, o auxiliar técnico também gostou, a comissão foi, e aí passou pro clube, quando passou pro clube eu comecei a fazer isso pras outras categorias [...] (ANALISTA 2, p. 1).

Semelhantemente, o Analista 10 (p. 2) comenta:

[...] e aí quando virou o ano depois da Taça São Paulo, mesmo sendo auxiliar da preparação física, esse treinador ele gostava de receber informações sobre os adversários né, então ali no início do campeonato estadual de 2017 eu comecei efetivamente a realizar, é, uma análise de desempenho sobre os nossos adversários [...] (ANALISTA 10 p. 2).

Esses relatos corroboram com a ideia de que a inserção do analista de desempenho no meio esportivo, assim como nas categorias de base do futebol brasileiro, surge de acordo com a necessidade dos profissionais envolvidos (equipe técnica), principalmente dos treinadores na demanda de se obter cada vez mais informações confiáveis a respeito do rendimento dos jogadores e das equipes (da própria equipe ou adversários) (CARLING *et al.*, 2014; JAMES, 2006; VÁZQUEZ, 2012).

O ingresso dos entrevistados na área de análise de desempenho vem ocorrendo por caminhos comuns. Se por um lado alguns profissionais (analistas 4, 6 e 9) ingressaram através de convites de contatos conhecidos para realizar estágio na área, por outro, os analistas 1, 3 e 7 receberam oportunidade através de processos seletivos<sup>27</sup> em que participaram. Além disso, outros entrevistados (analista 2, 5, 8 e 10), aproveitaram por já estarem atuando dentro dos clubes e tiveram a possibilidade de desenvolver um trabalho na área de análise, motivados por convite do próprio clube ou por circunstâncias específicas do contexto de cada profissional.

No entanto, cabe ressaltar que nenhum analista entrevistado exerceu a profissão de jogador profissional de futebol, diferentemente do contexto, por exemplo de treinadores de futebol, em que muitas vezes o fato de ser ex-jogador torna-se uma porta de entrada no ingresso para o futebol, relacionando-se com o prestígio adquirido ao longo da carreira (FERNANDES *et al.*, 2013). Esse fato pode estar ocorrendo por conta das particularidades que envolvem essa “nova” função (habilidades específicas

---

<sup>27</sup> Ressalta-se que o Analista 1 e o Analista 3 receberam oportunidade de participar de processo seletivo, após a realização de curso específico na área. Portanto, sendo uma importante forma de oportunidade profissional.

e domínios de ferramentas tecnológicas), não se assemelhando ao perfil de jogadores de futebol.

Ainda que este trabalho apresente abordagem qualitativa, atenta-se ao fato de que a média de idade dos analistas entrevistados e o tempo de experiência na área de atuação (análise de desempenho) são inferiores à de treinadores das categorias de base (sub 20, 17, 15 e 13). Segundo Costa, Samulski e Costa (2009), os treinadores de futebol das categorias de base no Brasil apresentam média de idade de 38 anos e experiência de atuação na função de sete anos (em média). Já os analistas de desempenho desta pesquisa apresentaram média de idade de 26 anos e três anos (em média) de experiência de atuação na função. Assim, coloca-se que os analistas de desempenho desta pesquisa são mais jovens e possuem menos tempo de experiência em comparação aos treinadores de categorias de base. Esses resultados podem estar relacionados com o recente ingresso deste profissional na base dos clubes brasileiros, como também, pelo diferente perfil destas funções (analista e treinador).

Diante dos resultados apresentados nesta seção, percebe-se que a inserção dos analistas entrevistados ocorreu de forma circunstancial à realidade de cada indivíduo. Contudo, embora alguns profissionais não apresentassem ideia de desempenhar a função de analista, a permanência na área ocorreu por conta dos desafios e novos conhecimentos que a área trouxe.

#### **4.1.2 O papel do analista nas categorias de base**

Tendo em vista a entrada dos analistas de desempenho no contexto das categorias de base dos clubes brasileiros nos últimos anos, esta seção de análise apresenta a visão dos entrevistados em relação a importância atribuída à área, como entendem o papel do analista nas categorias de base, e a diferença de atuação existente em comparação à categoria profissional.

Por mais que a área de análise de desempenho não seja realidade para todos os clubes, inegavelmente têm se atribuído grande importância para este campo de conhecimento. Alguns entrevistados, relatam que não conseguem visualizar um trabalho qualificado no futebol, em especial nas categorias de base, sem a participação deste profissional, “[...] *eu não consigo ver um trabalho profissional hoje, na base, sem a figura do analista.*” (ANALISTA 1, p. 3). Como também, para o Analista

8 (p. 3), “[...] *então hoje eu acho que é extremamente importante e... dentro futebol dificilmente você vai ver, dificilmente eu vejo é... o clube... se desenvolver sem análise de desempenho*”.

Os relatos corroboram com a literatura especializada, assim, para aqueles que pretendem obter sucesso em alto nível, essa área de conhecimento deve ser uma realidade dentro dos clubes (VENTURA, 2013), sendo indispensável no intuito de proporcionar as melhores informações possíveis para se obter alto rendimento (GAMA *et al.*, 2017), aumentando as probabilidades de ser assertivo, e diminuindo as possibilidades de tomar decisões equivocadas, especialmente nas categorias de base (PEDREÑO, 2018).

A área é mencionada como fundamental, principalmente nas categorias de base, por buscar auxiliar no desenvolvimento dos atletas em período de formação, pois os atletas têm a oportunidade de ver os próprios números e vídeos (ANALISTA 4; ANALISTA 5). De forma mais específica, outro entrevistado comenta, “*só que principalmente na base a análise de desempenho né, no mundo ideal na verdade, ele é de tentar contribuir é, com o desenvolvimento principalmente técnico e tático, dos nossos atletas né [...]*” (ANALISTA 10, p. 3).

No mesmo sentido, o Analista 9, declara:

[...] pra mim fundamental, porque acho que toda vez que tu tem uma pessoa, que coleta informações né, e transforma essas informações em dicas, em demonstrações seja ela no campo ou seja ela em, por vídeo né, todas as vezes que tu levanta isso, mostra pro atleta, tem *feedback*, tu já consegue evoluir ele de certo ponto né, e tu já tá, e tu já tá trabalhando isso. Então eu acho particularmente, que hoje cada vez mais vai se tornar, muito importante análise de desempenho né, principalmente na base por esse sentido [...]

(ANALISTA 9, p. 9).

Esses relatos corroboram com a pesquisa de Reeves e Roberts (2013), os autores indicaram que quando utilizada de maneira correta, a análise de desempenho baseada em vídeo pode contribuir no desenvolvimento de jovens atletas, sendo fundamental nas etapas de formação. É importante mencionar que através do uso dessas ferramentas, os atletas podem melhorar o seu desempenho, utilizando a reflexão sobre o seu rendimento, assim melhorando o seu comportamento futuro. Além disso, outro fator contribuinte em jovens atletas, citado pelos autores, está relacionada a aspectos psicológicos, como a motivação para a prática.

Entretanto, caso o processo de análise não seja bem conduzido, seja pelo analista, seja pelo treinador, a utilização desta ferramenta pode impactar a confiança dos atletas, acarretando prejuízo no desenvolvimento esportivo (GROOM; CUSHION; NELSON, 2011). Também, o uso indiscriminado de vídeos pode ocasionar um atraso no processo de aprendizagem em virtude da quantidade (excesso) de informação passada aos atletas, especialmente nos mais jovens (CALVO, 2008).

Embora, muitas vezes, o papel do analista seja específico, no contexto das categorias de base é apontado pelos entrevistados como diversificado, sendo importante unir, filtrar e tratar as informações, para realizar intervenções pensando em potencializar o máximo desempenho possível. Assim, através do acompanhamento e dos materiais elaborados, cercar as comissões e os atletas de informações (ANALISTA 2; ANALISTA 6; ANALISTA 7).

O papel de fornecer informações, seja para a comissão técnica, seja para os atletas, também é mencionado por outro profissional:

Eu acho que realmente o papel dele é filtrar e... filtrar dados né, e passar os dados e informações de maneiras mais, de maneira mais objetiva, didática, tanto pra comissão, pensando em questões coletivas e também pro atleta pensando em questões individuais que é o mais importante principalmente na formação e desenvolvimento do atleta (ANALISTA 8, p. 4).

Esses relatos reforçam um dos benefícios apontados na utilização da análise de desempenho, que ocorre através da utilização de uma série de dados e informações (coletadas nos treinos e jogos), gerando relatórios que descrevam as qualidades e as deficiências dos atletas. Estas informações quando chegam para outros profissionais (corpo técnico), possibilitam uma maior compreensão do que é necessário ser desenvolvido (CARLING; WILLIAMS; REILLY, 2005).

Não somente passar as informações, mas também saber se os atletas estão apresentando entendimento, é um dos papéis atribuídos aos analistas, conforme a opinião do Analista 10,

[...] eu acho que tentar mesmo, orientar e municiar a comissão pra eles conseguirem observar se os atletas estão tendo entendimento né, estão conseguindo absorver as informações que estão sendo passadas pra eles, não só em jogo, mas também no dia a dia né (ANALISTA 10, p. 4).

Além de possuir um papel amplo (organizando dados), auxiliando os profissionais do clube no processo de tomada de decisão, conforme exposto por outro entrevistado,

[...] ser algo que ele ajude a base a organizar todos os dados, todos... desde aspecto de fisioterapia, de aspecto médico, aspecto de campo, de jogo e poder fazer cruzar esses dados e dá pro clube também uma, não só pro jogador, mas pro clube facilitar que ele tome a melhor decisão (ANALISTA 2, p. 4).

Na opinião do Analista 2 (p. 4), apesar de não tomar as decisões, os analistas acabam contribuindo para que isso ocorra, gerando informações para que outros profissionais decidam,

[...] só que o analista de desempenho, não é ele que toma a decisão, a gente não toma decisão nenhuma, então é sempre o quê, tentando gerar informações pra que quem tome a decisão de fato, ou seja o jogador ou o treinador, o jogador ele toma decisões dentro do campo, então a gente ajuda ele a isso, ou o treinador a gerir a equipe da melhor forma pra que o desenvolvimento seja alcançado né, de fato (ANALISTA 2, p. 4).

Outros entrevistados consideram que o analista proporciona uma informação complementar, tanto para treinadores, como para atletas e diretores. E que sem o analista, esses profissionais não teriam acesso a esse tipo de informação para poder ter uma melhor opinião sobre o desenvolvimento do trabalho, especialmente para a formação dos atletas no clube (ANALISTA 3; ANALISTA 5).

De acordo o exposto, O'Donoghue (2015) cita que diversos profissionais no contexto do futebol têm a incumbência de tomar decisões. No entanto, os treinadores e atletas estão tomando decisões a todo o momento, com isso, precisam ser informados através de evidências, quais as áreas do rendimento precisam de maior atenção.

Deste modo, essas informações, servem como uma forma de direcionamento do trabalho. Um dos profissionais opina como entende que isso deva ocorrer:

[...] pra a gente tentar observar se a gente, se estamos conseguindo seguir né, e atingir aqueles objetivos que foram traçados, aqueles objetivos, quer que sejam eles técnicos, táticos ou até mesmo fisiológicos e psicológicos também né, comportamental do atleta dentro de campo (ANALISTA 10, p. 3-4).

Nas categorias de base, parece haver uma diferenciação relativa as formas do analista exercer seu papel, em comparação à figura do analista de desempenho na categoria profissional. Os relatos dos entrevistados, que apesar de atuarem nas categorias de base, apresentaram conhecimento dos procedimentos adotados na categoria profissional, corroboram com o que apontam Pedreño (2018) e Carlet (2020). Os autores destacam a diferença que deve ocorrer os processos de análise, tendo em conta a distinção dos ambientes.

Neste sentido, o Analista 9, relata:

[...] eu discordo muito quando, quando eu ouço de alguns analistas, enfim né, de alguns modelos de clube, de que a análise da base tem que ser igual à do profissional, eu discordo porque eu acho que não tem que ser, eu acho que o trabalho de base e do profissional são dois mundos completamente diferentes (ANALISTA 9, p. 3).

De forma semelhante, o Analista 4 cita que o olhar para os atletas deve ser feito de forma distinta, apresentando um olhar crítico sobre o tema. O entrevistado entende que nas categorias de base deveria ocorrer um olhar mais voltado para o lado humano, já que as informações acabam tendo uma influência grande no futuro dos atletas (ANALISTA 4).

Nesse sentido, Carlet (2020) menciona a necessidade de os profissionais de análise obterem conhecimento de diversos aspectos do desempenho, inclusive de aspectos relacionados às questões psicológicas e comportamentais, avaliando o comportamento dos atletas em determinadas situações para que tenham uma maior compreensão do rendimento apresentado. Isso possibilita uma visão real do desempenho do atleta, havendo uma maior valorização dos jogadores do clube, especialmente os mais jovens (MENDES, 2016).

As diferenças entre o contexto das categorias de base e do futebol profissional, são mencionadas também do ponto de vista da parte técnica da análise. Para o Analista 7, na categoria profissional os analistas apresentam uma maior facilidade para realizar análise de adversários, sendo muitas vezes o foco da análise, já na categoria de base as análises são mais voltadas para a própria equipe. Este relato se assemelha ao que comenta outro entrevistado:

[...] eu penso que no profissional é muito mais voltado pra questão de adversário, claro que o, lá no profissional geralmente nós temos divisões né, um fica com o adversário, outro com o mercado, mas, e tem esse viés muito

do adversário. Na base, hoje claro, nós temos que analisar o adversário, mas, é, a política né do **clube do entrevistado**, é você melhorar a sua equipe, sua equipe jogar bem, conseqüentemente os resultados virão, independente do adversário, então focamos muito nos nossos atletas, na melhoria do, do indivíduo tanto como jogador como ser humano e conseqüentemente a melhoria da equipe, e conseqüentemente tá mais próximo do resultado também, também não tem como deixar de lado, também é importante né nesse mundo (ANALISTA 1, p. 4).

Essas ideias corroboram com o que escreve Carlet (2020), o autor aponta que apesar de apresentar algumas similaridades, é fundamental que os analistas das categorias de base se atentem para as particularidades de cada contexto. Assim, o autor coloca como prioridade nas categorias de base:

1. Acompanhamento, desenvolvimento e avaliação dos atletas;
2. Identificação de atletas promissores;
3. Análise de adversários (em menor proporção comparada a categoria profissional).

O desenvolvimento do jogador fora colocado pelos entrevistados como um processo importante na diferenciação entre um contexto e outro. Assim, o Analista 2 e o Analista 5, comentam que a diferença é que na base busca-se desenvolver o jogador, enquanto no profissional se volta mais para o resultado. Enquanto no profissional um jogador que não apresenta resultado pode ser “descartado”, na base os jogadores são apostas para o futuro, desenvolvendo o potencial para que os atletas possam subir de categoria (ANALISTA 2; ANALISTA, 5).

Além disso, outros pontos como a evolução, o nível de desenvolvimento físico e o entendimento do jogo, foram mencionados pelo Analista 3, como pontos importantes de percepção dos analistas nas categorias de base. Para o entrevistado, na categoria profissional não tem que ensinar os atletas, deve-se cobrar o desempenho dos jogadores, sendo que os atletas devem chegar “prontos”.

De forma semelhante, mencionando o desenvolvimento dos atletas, o Analista 8 opina em relação a diferença dos contextos de atuação do analista de desempenho:

[...] você tem que dar muito mais atenção pra desenvolvimento do atleta, que esse é o papel eu acho... o diferencial entre o profissional e a base né, porque você tá pensando em formação, então desenvolver conteúdo, desenvolver informação, pra que você possa realmente potencializar o atleta e quando ele chegar na equipe principal ele esteja pronto pra... pra... pra exigência da equipe principal, que vai ser o dia a dia de vitória, busca de resultado e tudo mais (ANALISTA 8, p. 4).

Contudo, salienta-se que os atletas só podem chegar “prontos”, com a otimização do trabalho desenvolvido nas categorias de base, como sugere Cavichioli *et al.* (2011), pois na fase de formação de atletas é importante que ocorra o acompanhamento, desenvolvimento e promoção do talento esportivo. Sendo assim, a qualificação do seu desempenho é um fator contribuinte para que os jovens tenham condições adequadas para ascender às categorias profissionais nos clubes de futebol. Portanto é necessário que haja o acompanhamento destes atletas, senão, muitas vezes por observação inadequada, podem ficar pelo caminho, não atingindo o sucesso esperado.

Por esse lado, é importante que no trabalho desenvolvido em relação ao acompanhamento dos atletas tenha-se uma visão clara que o seu impacto se dará em longo prazo. Diferentemente do que se pretende quando a busca pelo máximo rendimento objetiva fundamentalmente a obtenção da vitória, como ocorre no futebol profissional (VENTURA, 2013).

Esses relatos convergem também para o que indica Pedreño (2018), o autor coloca que no processo de formação de jogadores a análise de desempenho deve ter um viés voltado às questões individuais dos atletas, especialmente aos aspectos técnicos e táticos, além de identificar se a equipe está seguindo os objetivos estabelecidos. Corroborando, Garganta (2018) coloca que neste contexto o foco é fazer com que os jogadores compreendam seus comportamentos e como podem modificá-los.

Ainda, relativamente à análise de desempenho no futebol profissional em comparação com a base, um dos entrevistados opina:

[...] eu vejo até como mais fácil, em trabalhar com profissional do que com base, porque base é você desenvolver o jogador, é difícil pra caramba, você conseguir saber que você tá desenvolvendo é difícil, porque ele vai demorar três, quatro anos pra explodir, então isso é diferente também, [...] (ANALISTA 2, p. 20).

No futebol profissional as maiores cobranças em relação exclusiva às vitórias e ao rendimento imediato são atribuídas pelo contexto do futebol brasileiro, em que o principal objetivo é a busca pela vitória (ANALISTA 8). De forma semelhante outro entrevistado aponta que independentemente de como ocorre o processo, no futebol profissional o objetivo final é a vitória (ANALISTA 2). Sendo que a valorização do resultado parece ser um cenário comum no ambiente do futebol profissional como cita

Pereira (2017), o autor menciona que no futebol processo sem resultado acaba não sendo processo.

Contudo, Mendes (2016) traz uma contribuição necessária, na qual é importante avaliar que muitos clubes possuem categorias de base, no entanto, passam a ter como objetivo principal vencer (mentalidade profissional), isso pode gerar prejuízos. O autor ainda cita que não é o caso de que vencer não é importante, mas parece que neste contexto é prioridade que se valorize os jogadores (ativos) do clube.

Todavia, um dos entrevistados, entende que nas categorias de base, o trabalho do analista poderia ter uma função semelhante a que se tem no futebol profissional, *“eu acho que o analista na base ele poderia ser muito mais, é, também um auxiliar técnico como normalmente é no profissional”* (ANALISTA 10, p. 5). E, ainda:

Eu acho que na base, acho que deveria ter mais essa liberdade para o analista, pra que ele pudesse realizar suas intervenções, participar mais da elaboração de treinamentos e tudo mais, participar mais do processo metodológico né (ANALISTA 10, p. 5).

Ressalta-se que a participação do analista, tanto nas categorias de base como nas equipes profissionais, participando destes processos junto à equipe técnica é colocada como imprescindível e que esse é um papel atribuído ao profissional de análise (CARLET, 2020; PEREIRA, 2017; VÁZQUEZ, 2012). Nota-se que a falta desta liberdade, mencionada pelo entrevistado, pode estar atrelada a visão que outros profissionais têm do analista de desempenho<sup>28</sup>.

Portanto, devido ao fato de estar envolvido em todo o contexto das categorias de base, desenvolvendo, muitas vezes, o trabalho em diversas categorias, um dos entrevistados comenta:

Então acho que a gente...fica muito inserido é, dentro de todo contexto da base, porque a gente acaba conhecendo todos jogadores, de todas categorias, então acho que... por tanto que a gente conhece, pelo tanto de informação que a gente gere e... concluí, a nossa opinião lá dentro, eu acho mais importante na base do que até no profissional (ANALISTA 3, p. 2).

O analista de desempenho deve ser um elemento importante na composição de uma equipe técnica, especialmente nas categorias de base, em que acompanha

---

<sup>28</sup> Este ponto é explorado na próxima seção de análise 4.1.3 “Dificuldades encontradas e desafios da área”.

diversos atletas. Além disso, é fundamental para contextualizar os demais profissionais acerca das informações necessárias visando a otimização dos objetivos estabelecidos (PEREIRA, 2017).

Sendo assim, o entendimento do contexto em que está inserido é um fator crucial, que deve ser levado em consideração para o bom exercício da função. O quadro abaixo, elucida as principais características encontradas em relação ao trabalho desenvolvido pelos analistas de desempenho nas categorias de base, em comparação com a categoria profissional.

**Quadro 22** - Principais diferenças de atuação do analista (base x profissional)

<b>CATEGORIAS DE BASE</b>	<b>PROFISSIONAL</b>
Menor divisão de trabalho	Maior divisão do trabalho
Protocolos de análise mais simples	Protocolos de análise mais completos e complexos
Atuação mais ampla	Atuação mais específica
Maior atenção a própria equipe	Maior atenção as equipes adversárias (análise de adversário e análise de mercado)
Baixa utilização de análise de mercado	Alta utilização de análise de mercado
Atenção ao desenvolvimento (evolução) do jogador com visão de futuro (potencial)	Cobrança do máximo desempenho com foco no resultado
Maior atenção ao lado humano (aspectos psicológicos e emocionais)	Substituição de jogadores que não apresentem o rendimento desejado
Menor velocidade de condução da informação	Maior velocidade na condução da informação
Dificuldade para encontrar informações de adversários	Facilidade para encontrar informações de adversários
Analista do clube	Analista da comissão técnica

Fonte: Elaborado pelo autor baseado nos relatos dos entrevistados e em Mendes (2016), Pedreño (2018), Sánchez (2018), Vázquez (2012) e Ventura (2013).

De certo modo, ainda que a atuação do analista de desempenho seja importante, independente do contexto de atuação, a discussão deste tema aponta para o fato de que nas categorias de base, o desenvolvimento do trabalho deve operacionalizar-se com características particulares, diferenciando-se em certos pontos com o trabalho realizado na categoria profissional. Torna-se importante enfatizar essas diferenças, no sentido de tornar cada vez mais assertivo o desenvolvimento do trabalho dos analistas dentro das categorias de base dos clubes.

Diante dos resultados apresentados nessa seção, percebe-se a importância atribuída a área de análise de desempenho na execução de um trabalho profissional no contexto das categorias de base. Nesse sentido, ressalta-se que a presença do analista é considerada como fundamental na busca por contribuir na formação dos atletas de futebol, tendo um papel pedagógico relevante, pois possui informações importantes para auxiliar nas tomadas de decisões dentro dos clubes, especialmente nas categorias de base.

Dando seguimento a opinião dos analistas de desempenho, a próxima seção de análise identifica as dificuldades encontradas na área, os desafios e as sugestões para a melhoria da prática profissional.

#### 4.1.3 Dificuldades encontradas e desafios da área

Levando em consideração a recente inserção do analista de desempenho no contexto das categorias de base dos clubes brasileiros, esta seção de análise procura identificar, de acordo com a opinião dos profissionais entrevistados, as principais dificuldades na execução do trabalho, as sugestões de melhoria, bem como os desafios futuros da área.

Desse modo, o quadro abaixo, resume os principais pontos citados, sob a perspectiva dos analistas atuantes nas categorias de base dos clubes brasileiros.

**Quadro 23** - Dificuldades, sugestões de melhoria e desafios mencionados

DIFICULDADES	SUGESTÕES DE MELHORIA	DESAFIOS
<ul style="list-style-type: none"> <li>× Quantidade de profissionais para o desenvolvimento do trabalho;</li> <li>× Muitas vezes um analista para todas as categorias de base;</li> <li>× Grande demanda de trabalho;</li> <li>× Visão diminuída que se tem do analista dentro do clube;</li> <li>× Materiais disponíveis e questões estruturais;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Os clubes entenderem a importância da análise de desempenho como ferramenta na formação dos atletas;</li> <li>✓ Investimento na contratação de mais profissionais, para que cada analista possa ser responsável por uma categoria;</li> <li>✓ Investir para que os analistas possam estar presentes nas viagens;</li> <li>✓ Utilização de material (informações) de longo prazo para contribuição na formação de atletas;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Analista entender o contexto que está inserido;</li> <li>➤ O analista fazer com que os clubes e os demais profissionais entendam a importância do trabalho desenvolvido;</li> <li>➤ Relação interpessoal no desenvolvimento do trabalho;</li> <li>➤ Ser entendido como um auxiliar técnico, com participação</li> </ul>

<ul style="list-style-type: none"> <li>× Acesso à comissão técnica;</li> <li>× Optar por alguma (as) categoria (as) em detrimento de outra (as);</li> <li>× Enfrentar os pensamentos retrógrados, que acham que a área não é importante.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Implementar um modelo metodológico de trabalho a ser seguido;</li> <li>✓ Ver a análise como um investimento e não como um gasto;</li> <li>✓ Analistas e clubes investirem em qualificação profissional específica da área.</li> </ul>	<p>importante na comissão técnica;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Entender como o analista pode contribuir para o trabalho de todos dentro da estrutura e gerar receita para o clube;</li> <li>➤ Relacionar diversas informações dos fatores de rendimento (tático-técnico-físico-psicológico) para realizar uma análise mais completa;</li> <li>➤ Atualização constante, principalmente em meios tecnológicos, dos profissionais envolvidos na área.</li> </ul>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Elaborado pelo autor com base nas entrevistas realizadas.

Conforme exposto no quadro acima, uma das principais dificuldades encontradas pelos analistas é em relação ao número de profissionais para o desenvolvimento do trabalho nas categorias de base dos clubes, no qual em alguns casos os analistas necessitam acompanhar mais de uma categoria no processo de formação dos atletas.

Para o Analista 1, o ideal dentro do clube, é que cada analista pudesse ficar com uma categoria, para então poder dispor atenção e foco necessário para as necessidades exclusivas da categoria. Esse fato, também é mencionado pelo Analista 10, que relata uma dificuldade na realização do trabalho diário dentro do clube, sendo que, mais profissionais melhorariam as demandas nas categorias do clube. Como também, *“as dificuldades... e a sugestão de melhora é o número de pessoas trabalhando no departamento, porque eu acho que um analista para trabalhar sozinho na base inteira, eu acho que fica muita coisa para fazer [...]”* (ANALISTA 3, p. 7).

Ainda que se tenha a clareza de que com pouco pode se fazer muito, conforme aponta Pereira (2017), dentro das estruturas disponíveis no clube, claramente esses aspectos influenciam diretamente a qualidade e a prestação do serviço do analista de desempenho das categorias de base. De acordo com Carlet (2020), para que se

efetue uma análise, otimizando os processos dentro do clube, assumindo a importância que lhe tem sido atribuída, o primeiro investimento dos clubes deve ser nos profissionais que realizam a análise.

No entanto, caso isso não ocorra, como consequência pode acontecer uma diferença na qualidade do trabalho desenvolvido dentro do clube, entre uma categoria e outra, conforme comenta um dos profissionais:

[...] não tenho muita condição de assumir três, quatro categorias e entregar sempre 100% que a categoria precisa. Por isso, que geralmente as mais... que mais... é... que eu dou mais atenção a 20 e 17, principalmente a 20, mas a 17 também... e aí as outras categorias eu deixo um pouco a desejar por causa de tempo... porque um jogo atrás do outro não tem como um analista só (ANALISTA 3, p. 7).

Esse relato apresenta semelhança com a pesquisa de Ford *et al.* (2020), os autores identificaram que em 29 clubes de alto nível do futebol mundial, as práticas adotadas dentro dos clubes apresentavam maior tendência à qualificação (profissionalização) do trabalho, em categorias maiores, quando comparadas a categorias menores. Claramente esse não é um processo adotado de forma preferencial, em que se pretere algumas categorias em relação a outras. No entanto, é importante que se tenha a clareza do que pode acarretar estes processos, como o prejuízo na formação dos atletas do clube.

Além disso, conforme exposto no quadro 23, questões relacionadas a infraestrutura e o material disponibilizado para o trabalho de alguns profissionais também são relatados como dificuldades encontradas. Para o Analista 1, na sua opinião a falta de materiais disponíveis (*softwares* e computadores) ainda são dificuldades dentro do clube. Em outro caso, um dos entrevistados comenta que ainda que se tenha uma boa condição em relação à proposta metodológica e espaço de trabalho, as principais dificuldades são relacionadas às questões estruturais, necessitando de mais recursos (câmeras) e mais modernização (ANALISTA 7). Fato que se assemelha ao apontado pelo Analista 4, ao qual entende que umas das dificuldades é em relação à disposição da tecnologia, além de comentar que a utilização de computadores pessoais, acaba dificultando o desenvolvimento do trabalho realizado.

Por outro lado, um dos entrevistados comenta que a única dificuldade é em relação às ferramentas:

A principal dificuldade é, pra gente hoje é ferramenta, é talvez a única, a gente tem um espaço físico muito bom, centro de treinamento muito bom, e a gente tem profissionais, a gente tem um pra cada categoria [...] só que a gente ainda não tem ferramenta pra isso, a gente ainda não tem três, três *notebooks*, só tem uma filmadora, se for pegar só do clube é uma, então o que falta é ferramenta, só...é nossa dificuldade essa hoje [...] (ANALISTA 2, p. 18-19).

De acordo com Ventura (2013) e Carlet (2020), a atuação profissional do analista de desempenho é dependente em grande parte das condições financeiras dos clubes, já que no trabalho desenvolvido em alto nível tem-se a necessidade de ferramentas essenciais para isso. Ainda, apesar das grandes vantagens que trouxe a evolução tecnológica para o futebol, nota-se que, cada vez mais, a necessidade de haver ferramentas e *softwares* específicos para a atuação do analista (não devendo ocorrer por outros profissionais) e a demanda de maiores recursos humanos, gerou um aumento nos investimentos realizados pelos clubes (CALVO, 2008), sendo que, a concepção das possibilidades de atuação deste profissional dentro dos clubes, demonstra ser importante para que se tenha maiores investimentos na área.

Os desafios futuros para o desenvolvimento da área são semelhantes às dificuldades encontradas atualmente. Ou seja, para que isso ocorra (desenvolvimento da área), faz-se necessário modificar um pensamento pouco moderno de futebol, que ainda se têm na estrutura das categorias de base de alguns clubes no futebol brasileiro. Os relatos dos entrevistados parecem exemplificar esse fato:

Então... eu acho que as dificuldades vão ser as que a gente já tem hoje, é, dificuldades de, penso que já diminuiu muito mas, algumas pessoas retrógradas é, acharem que, que não é necessário, que somos pentacampeões do mundo e não tinha análise antigamente, eu acho que a nossa dificuldade vai ser essa, de investimento, de acreditarem, é, de comprarem ideia, vê a análise como um investimento, não como um gasto simplesmente, ter essa visão futura, é, questão de infraestrutura, sobrecarga de trabalho, acumular funções, eu acho que vai mais ou menos por essa linha as dificuldades que nós teremos (ANALISTA 1, p. 11).

De forma semelhante, outro profissional menciona:

[...] vai esbarrar um pouco na visão de quem tá à frente, de quem tá no comando, é, pra entender e acreditar que qualquer setor de análise ou qualquer tipo de estrutura que você vai dar pros seus profissionais do clube de trabalhar não é um gasto, mas é um investimento, ainda mais pros clubes que não tem um recurso financeiro muito grande [...] (ANALISTA 10, p. 13).

A visão que se tem do analista de desempenho, principalmente nas categorias de base, em que muitas vezes não se sabe a atribuição deste profissional no contexto dos clubes, é citado como um desafio a ser superado pela área.

Assim, o entendimento dos demais profissionais do clube, em relação à área de análise de desempenho, e a visão das pessoas em relação ao analista precisa ser mais clara (ANALISTA 10). É imprescindível que os clubes entendam a importância da análise de desempenho, como sendo um setor que, se bem organizado, pode produzir e trazer resultados para dentro do campo (ANALISTA 2). Além disso, fazer com que os profissionais que ainda tenham resistência à análise acreditar nesta área, mostrando que não é um “achismo” e que serve para melhorar os processos dentro do clube (ANALISTA 9).

Nota-se que a resistência à utilização de ferramentas tecnológicas, necessárias a operacionalização do trabalho do analista, bem como o entendimento das possibilidades desta área, está relacionada à mentalidade de muitos gestores econômicos dos clubes. Muitas vezes, esses gestores desconhecem aspectos relacionados ao desempenho esportivo, assim, não veem como prioridade o investimento para qualificar o rendimento dos jogadores e das equipes (VÁZQUEZ, 2012).

Em alguns casos acaba se confundindo a atuação do analista com funções que não são da área técnica, ou com profissionais atrelados exclusivamente à tecnologia ou filmagem de jogos:

[...] o que a gente sempre quer melhorar é a questão da visibilidade do analista de desempenho dentro do clube né, eu acho que isso é o ponto principal, não só pra gente, como pra todos os clubes do país né, que o analista de desempenho tenha autonomia, pra que ele consiga desempenhar o trabalho dele, da maneira que é pra ser desenvolvida né, e não como as pessoas acham que é, que é como cinegrafista né, ou, tem gente que acha que a gente é de T.I (*tecnologia da informação*) também né, entendeu, antigamente então, claro hoje em dia já não tanto, mas acho que isso é o que toda, todo setor de análise, todo analista quer, ser reconhecido pelo seu real trabalho (ANALISTA 9, p. 14).

Na mesma linha, entendendo como um desafio da profissão, um dos entrevistados menciona que se deve ter a percepção que a atuação profissional dos analistas não é simplesmente ser um editor de vídeo (ANALISTA 7). Carlet (2020) menciona que antigamente a prática do analista era muito mais voltada unicamente para a filmagem das partidas e entrega de vídeos aos treinadores. Então, coloca-se

que essa visão pode estar atribuída a um pensamento desatualizado das funções deste profissional.

De forma semelhante, percebendo um dos desafios profissionais, o Analista 3 (p. 7) comenta, *“eu acho que é mais ser encarado como auxiliar técnico do que ser o cara do computador, porque eu vejo que muitas... muitas pessoas até dentro do clube vê a gente como o estagiário do computador”*. O fato de ser encarado como um auxiliar técnico também é mencionado por outro entrevistado, que comenta:

Eu vejo analista hoje como um auxiliar técnico, entendeu, eu não vejo mais aquele cara editor de vídeo ou aquele cara que só armazena dado ou aquele cara que só passa dado, ou aquele enfim... eu vejo ele como um membro efetivo da comissão técnica, é isso que eu, que eu vislumbro aí pro futuro e vejo acontecendo a cada dia (ANALISTA 6, p. 13).

Esses relatos corroboram com o que aponta Carlet (2020), o autor afirma que, em função da valorização ocorrida nos últimos anos, sendo evidenciada, em parte, na prática das categorias de base dos clubes brasileiros, o analista deve ser realmente um integrante da comissão técnica<sup>29</sup>.

Além disso, o acesso e o momento de se posicionar em relação à comissão técnica, também é mencionado como uma dificuldade e como um desafio para os analistas, que em determinados momentos necessitam entender o contexto em que estão inseridos (ANALISTA 6). Com isso, a questão do relacionamento interpessoal é mencionada como um ponto de desafio para os profissionais da área, para que saibam se portar, e até onde podem intervir junto aos outros profissionais (ANALISTA 1). Neste sentido, é importante que estes profissionais invistam em habilidades de comunicação e compreensão das características de personalidade, pois isso pode auxiliar na relação com os demais profissionais, tarefa extremamente ligada à prática diária do analista de desempenho (AQUINO; GONÇALVES, 2019).

Um ponto sugerido como melhoria para a atuação do analista, mencionado pelo Analista 6, é sobre o acompanhamento dos profissionais nas viagens, no sentido de que se entenda a importância disto e que se tenha uma logística adequada para estes profissionais<sup>30</sup>. Como também que, dentro da gestão dos clubes, possa haver uma

---

<sup>29</sup> Este ponto é explorado na seção de análise 4.2.3 “Relação dos analistas com a comissão técnica”.

<sup>30</sup> Esse tema é tratado de forma específica na seção de análise 4.3.1 “A intervenção e participação do analista nos processos de treino e jogo”.

linha definida de trabalho para os analistas, embasando os departamentos de análise pensando na eficiência do trabalho desenvolvido:

E aí talvez uma sugestão seria essa, você criar um perfil metodológico, um modelo metodológico de trabalho, ter um caminho a seguir, porque senão você fica andando, andando e não sabe bem pra onde você vai, e eu acho que o mais importante seria isso (ANALISTA 10, p. 13).

É imprescindível que, a área de análise de desempenho, seja qual for a atuação específica do analista, tenha com clareza a definição do caminho que se pretende seguir (GARGANTA, 2001). O fato de não apresentar um escopo de trabalho definido, especialmente dentro das categorias de base, pode evidenciar como este é um assunto que requer maior atenção e profundidade em pesquisas futuras. Além disso, um dos profissionais comenta sobre uma ideia ultrapassada do futebol brasileiro de que o analista pensa em assumir um cargo diferente dentro da comissão técnica, sendo:

[...] o futebol brasileiro ele carrega alguns vícios né, até tabus assim... vamos dizer tabus, um deles vai se somando quanto a análise, que é “o analista quer derrubar o treinador” ou “que o analista quer se meter no trabalho do treinador”, um medo assim né quanto a atuação do analista, falta ainda o entendimento de que o analista é um parceiro do treinador, ele é um assistente direto e não um cara que tá ali pra julgar e criticar o trabalho, entende?! [...] (ANALISTA 7, p. 7).

Neste sentido, este pensamento pode justificar-se, já que por muito tempo a atuação do treinador se caracterizou por ser de caráter intuitivo e baseado na sua experiência (muitas vezes como jogador) (LYLE, 2008). Dessa forma, Anderson e Sally (2013) destacam que um olhar conservador do jogo acaba se tornando uma resistente disputa por espaço. Se por um lado as informações obtidas pelos analistas representam transparência, por outro, afastam ideias pré-concebidas. Assim, os números não tem a capacidade de substituir o treinador, e sim, apenas fornecer uma visão mais clara do que ocorre em campo (ANDERSON; SALLY, 2013).

Ponto importante mencionado como desafio futuro da área é com a utilização de informações de áreas diferentes do conhecimento, fazendo uma análise mais completa do rendimento, considerando dados de diversas áreas (ANALISTA 8). De fato, esse é um dos pontos levantados como desafios tanto para a atuação como para o desenvolvimento de pesquisas sobre o desempenho na análise da *performance*. Já que na medida que mais dados vão surgindo é possível se aprofundar na análise do

jogo, necessitando uma abordagem multidisciplinar, que busca dar sentido a uma série de dados complexos (REIN; MEMMERT, 2016).

Conforme exposto no quadro 23, outro ponto colocado como desafio para atuação do analista, está relacionado ao acompanhamento do desenvolvimento da tecnologia dentro do futebol (ANALISTA 2). Esse é um desafio da área, para Calvo (2008) as mudanças constantes que ocorrem em consequência da grande utilização dos meios tecnológicos, acaba gerando/implicando uma dinâmica difícil de seguir, necessitando atualização constante. Portanto, é fundamental que este profissional se mantenha atualizado, já que usar a informação de forma inteligente, com o apoio cada vez maior da tecnologia, pode ser uma vantagem no desenvolvimento do trabalho do analista de desempenho (ANDERSON; SALLY, 2013; MENDES, 2016).

Diante dos resultados apresentados, coloca-se que por mais que a área de análise de desempenho esteja em desenvolvimento dentro das categorias de base nos clubes de futebol do país, percebe-se que ainda são inúmeras as dificuldades encontradas por estes profissionais. Claramente necessita-se de maior investimento em infraestrutura e também em maior quantidade de analistas de desempenho para o trabalho nas categorias de base, já que isso interfere diretamente na qualidade do serviço prestado por estes profissionais.

Parece necessário que os profissionais dentro dos clubes, especialmente os gestores esportivos, tenham com maior clareza a visão real das possibilidades de atuação dos analistas, conhecendo melhor esse campo de atuação profissional, a ponto de considerar o investimento na área como um benefício que pode contribuir com diversas áreas, e não como um gasto que apresente um “peso” econômico na gestão financeira do clube. No entanto, a dificuldade dessa “visão” pode estar atribuída ainda a uma visão desatualizada dos processos que vem ocorrendo no contexto atual do futebol.

A qualificação profissional dos analistas de desempenho é apontada como um grande desafio da área. Tal que, estes profissionais necessitam cada vez mais entender as especificidades e o contexto de atuação, especialmente nas categorias de base, em que a comunicação e a forma de se relacionar com a equipe técnica e com os atletas é um fator determinante. Além disso, a atualização constante dos conhecimentos, em virtude das frequentes novidades tecnológicas que surgem, e a interpretação das informações de maneira relacionada com diversas áreas, são

desafios importantes para a atuação futura dos profissionais de análise de desempenho.

#### 4.1.4 Perspectivas pessoais e profissionais futuras no futebol

Tendo em vista a recente integração do analista de desempenho no contexto das categorias de base dos clubes brasileiros, conforme apresentado anteriormente, esta seção de análise identifica as perspectivas pessoais e profissionais futuras deste profissional no futebol. Dessa maneira, o quadro abaixo apresenta de forma sintetizada, a perspectiva futura dos analistas entrevistados em relação à área e ao contexto de atuação pretendido.

**Quadro 24** – Resumo da perspectiva de atuação e contexto pretendido

QUADRO RESUMO DE PERSPECTIVA PROFISSIONAL FUTURA				
<u>ENTREVISTADO</u>	<u>PERSPECTIVA DE ATUAÇÃO FUTURA</u>		<u>CONTEXTO PRETENDIDO DE ATUAÇÃO NO FUTURO</u>	
<b>ANALISTA 1</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <u>Analista de Desempenho</u></li> <li>• <u>Analista de Mercado</u></li> </ul>	<p>“[...] eu tenho muita vontade de trabalhar é num setor de análise de mercado [...] me vejo com perfil pra analista, seja de mercado, analista de desempenho” (ANALISTA 1, p. 11-12).</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Futebol Profissional</li> </ul>	<p>“[...] almejo chegar algum dia no profissional [...]” (ANALISTA 1, p. 11).</p>
<b>ANALISTA 2</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <u>Analista de Desempenho</u></li> <li>• <u>Auxiliar técnico</u></li> </ul>	<p>“prefiro me especializar na análise de desempenho primeiro e a partir daí ir ganhando campo dentro do mercado... [...] talvez virar um auxiliar técnico no, no futuro” (ANALISTA 2, p. 19-20).</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Futebol Profissional</li> </ul>	<p>“[...] meu objetivo final é trabalhar com futebol profissional [...]” (ANALISTA 2, p. 19-20).</p>
<b>ANALISTA 3</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <u>Analista de Desempenho</u></li> <li>• <u>Auxiliar técnico</u></li> </ul>	<p>“daqui pra frente na análise de desempenho [...] bem mais pra frente uns seis, sete, oito anos talvez ser auxiliar técnico de campo mesmo” (ANALISTA 3, p. 8).</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Futebol Profissional</li> </ul>	<p>“[...] me vejo como meu próximo passo eu quero assumir o profissional” (ANALISTA 3, p. 8).</p>
<b>ANALISTA 4</b>	NÃO RELATOU PERSPECTIVA DE ATUAÇÃO FUTURA		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Futebol Profissional</li> </ul>	<p>“[...] minha ideia hoje cara, é chegar num profissional aqui no Brasil lógico, e pensar em ir</p>

			<i>pro exterior né [...]” (ANALISTA 4, p. 11).</i>
<b>ANALISTA 5</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <u>Analista de Desempenho</u></li> <li>• <u>Auxiliar técnico</u></li> </ul>	<p>“[...] <i>pretendo futuramente tentar migrar para de auxiliar, sinceramente eu não me vejo como treinador, mas sendo de auxiliar é uma área que eu gosto muito, me interessa [...] no caso profissional seria como analista né, e auxiliar seria mais questão de base mesmo</i>” (ANALISTA 5, p. 8).</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Futebol Profissional</li> </ul> <p>“[...] <i>também tenho interesse em trabalhar no profissional, futuramente.. . profissional do *clube do entrevistado por quê é onde está, é o, é o topo né</i>” (ANALISTA 5, p. 8).</p>
<b>ANALISTA 6</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <u>Auxiliar técnico</u></li> <li>• <u>Treinador</u></li> </ul>	<p>“[...] <i>auxiliar técnico e logo em seguida treinador</i>” (ANALISTA 6, p. 13).</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Futebol Profissional</li> </ul> <p>“[...] <i>o sonho do profissional é chegar, do profissional da área, é chegar no profissional, é chegar numa Série A, e eu não sou diferente, eu tenho esse mesmo pensamento [...]</i>” (ANALISTA 6, p. 13).</p>
<b>ANALISTA 7</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <u>Analista de Desempenho</u></li> </ul>	<p>“[...] <i>não pretendo sair da área da análise não, entendeu, quero me aprofundar cada vez mais</i>” (ANALISTA 7, p. 7).</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Futebol Profissional</li> </ul> <p>“[...] <i>o objetivo é trabalhar com profissional [...]</i>” (ANALISTA 7, p. 7).</p>
<b>ANALISTA 8</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <u>Analista de Desempenho</u></li> <li>• <u>Auxiliar técnico</u></li> <li>• <u>Treinador</u></li> </ul>	<p>“[...] <i>meu objetivo como profissional é... continuar dentro dessa área técnica-tática né, seja como um auxiliar, como auxiliar, como treinador, como um analista</i>” (ANALISTA 8, p. 17).</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Futebol Profissional</li> </ul> <p>“<i>A pretensão é trabalhar em alto nível né... então, é... tentar, conseguir chegar a equipes profissionais de alto nível [...]</i>”</p>

				(ANALISTA 8, p. 16).
<b>ANALISTA 9</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <u>Analista de Desempenho</u></li> </ul>	“[...] eu pretendo seguir como analista de desempenho futuramente [...]” (ANALISTA 9, p. 15).	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Futebol Profissional</li> </ul>	“[...] futuramente sim, quero subir pro profissional do clube né [...] algumas questões assim até maiores, como... sei lá, seleção brasileira, fora do país né [...]” (ANALISTA 9, p. 15).
<b>ANALISTA 10</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <u>Analista de Desempenho</u></li> <li>• <u>Auxiliar técnico</u></li> </ul>	“[...] eu pretendo num futuro de, de curto a médio prazo, é, estar num clube profissional da primeira divisão do país como analista de desempenho [...] se eu permanecer numa equipe na base, talvez é... eu ser hoje um auxiliar técnico [...]” (ANALISTA 10, p. 14).	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Futebol Profissional</li> </ul>	“[...] ser integrado num departament o de um clube profissional como analista de desempenho ” (ANALISTA 10, p. 14).

Fonte: Elaborado pelo autor com base nas entrevistas realizadas.

Embora os analistas entrevistados se encontrem atualmente vinculados ao contexto das categorias de base, conforme exposto no quadro acima, demonstra ser um desejo comum dos entrevistados a ascensão ao futebol profissional, sendo que, “[...] eu acredito que como sei lá 90% que trabalha com futebol objetivo é chegar no profissional né [...]” (ANALISTA 7, p. 7), “[...] eu quero buscar meu espaço no profissional também, me vejo como meu próximo passo eu quero assumir o profissional” (ANALISTA 3, p. 8), como também, “eu particularmente tenho muita vontade de chegar em profissional trabalhar em clube [...]” (ANALISTA 4, p. 11).

Para o Analista 5, o futebol profissional é o topo da carreira. Outro entrevistado comenta sobre a questão da busca por resultados [...] meu objetivo final é trabalhar com futebol profissional, é, eu gosto muito disso, de tá atrelado a resultado, a desempenho [...]” (ANALISTA 2, p. 19-20). De forma semelhante, para o Analista 6 e para o Analista 8, além da pretensão de trabalhar no ambiente do futebol profissional, o pensamento é que futuramente possam desenvolver trabalhos em equipes de alto

nível dentro do futebol. Em outro caso, além de buscar espaço dentro do seu clube, um dos entrevistados, cita que pretende buscar também reconhecimento internacional, como seleção brasileira e atuação em equipes do exterior (ANALISTA 9, p. 15).

Dessa forma, o reconhecimento do futebol profissional parece ser um dos motivos que faz com que a pretensão dos analistas entrevistados seja ascender à categoria profissional no futebol, em que citam que a valorização profissional e financeira é maior, obtendo maior exposição para a carreira. Além disso, atingir um maior reconhecimento traz possibilidades de maiores desafios (ANALISTA 3; ANALISTA 7; ANALISTA 8).

A busca por reconhecimento e valorização é comum no ambiente da prática profissional, especialmente no contexto esportivo, que apresenta fortes princípios de rendimento e competitividade (VOLOSSOVITCH; FERREIRA, 2013). Tal que, o processo de evolução que passou o futebol nas últimas décadas, na esteira da globalização, fez com que a prática profissional no contexto do alto rendimento esteja sendo cada vez mais prestigiada (MARQUES, 2008). Assim, quanto maior o nível de competitividade os profissionais estão inseridos, a tendência é que sejam mais valorizados profissionalmente, obtendo melhores condições de trabalho e mais altas remunerações.

Contudo, mesmo com a pretensão comum de atuar no contexto do futebol profissional, nota-se a valorização da atuação no contexto das categorias de base como um caminho de aprendizado “[...] *eu gosto muito de base, hoje eu quero trabalhar com base, mais muito pro meu desenvolvimento também pessoal, como profissional, é, eu interpreto que é um caminho que a gente tem que seguir [...]*” (ANALISTA 2, p. 19). Como também menciona outro entrevistado, “[...] *pretendo continuar me especializando, continuar pegando muita experiência, pretendo continuar mais alguns anos na base né*” (ANALISTA 9, p. 15).

A atuação dos analistas nas categorias de base, de forma similar com o que ocorre com os atletas, é um período de aprendizado e desenvolvimento de habilidades necessárias para a atuação futura, ou seja, se torna um período de formação profissional (PEDREÑO, 2018). Portanto, o conhecimento adquirido neste período não é encarado somente como um instrumento profissional, mas também como uma forma

de realização pessoal, que possibilita configurar a profissão como um projeto de vida, de valorização e crescimento pessoal (ROSADO; MESQUITA, 2008).

Conforme apresentado no quadro 24, alguns entrevistados pretendem futuramente se desenvolverem em outras áreas de atuação, principalmente na função de auxiliar técnico. Esse fato pode se caracterizar por conta de a função de analista de desempenho necessitar (e promover) um profundo conhecimento de jogo, capacitando o profissional em diversas vertentes, além de proporcionar a compreensão dos processos inerentes ao rendimento esportivo (PAULA, 2015; PEREIRA, 2017).

Por outro lado, em alguns casos se percebe o desejo de permanecer na área de análise. Questionado sobre a pretensão de atuar em outra área um dos analistas relata:

Não, não, não tenho essa pretensão, não, nunca tive na verdade né, sei que muitos entram né, com essa ideia já, que é um caminho né, é um caminho mais fácil realmente. Mas não, gosto muito do que eu faço, é, não me vejo em outra área, é... gosto do que faço, acho que eu tenho perfil pra isso, não sei se tenho *pras* outras, outras funções, me vejo com perfil pra analista, seja de mercado, analista de desempenho. Mas não... quem sabe no futuro, mas hoje não tenho essa pretensão, nem me vejo exercendo outra função (ANALISTA 1, p. 12).

De acordo com o relato, evidencia-se a ideia de um perfil para a função de analista, que difere do perfil de outras funções no futebol. Portanto, entende-se esse perfil de acordo com as características e habilidades específicas para a atuação do profissional de análise, como já caracterizado anteriormente.

Nota-se que os objetivos de atuação também variam de acordo com contexto de atuação futura. O Analista 10 e o Analista 5 mencionam que no contexto do futebol profissional pretendem atuar na área da análise de desempenho. No entanto, permanecendo no contexto das categorias de base, os entrevistados comentam que pretendem exercer a função de auxiliar técnico por conta das experiências vivenciadas na área de análise e para estar mais próximo do campo.

Diante do exposto, embora os analistas de desempenho entrevistados reconheçam e valorizem a trajetória de atuação nas categorias de base, percebe-se um consenso entre os profissionais na perspectiva de atuação futura em relação ao contexto pretendido. Em face do maior reconhecimento, da valorização profissional e financeira, os analistas de desempenho entrevistados pretendem ascender para a

categoria profissional. Ou seja, o período de atuação dos analistas nas categorias de base é um caminho percorrido para o futebol profissional.

Além disso, nota-se que a pretensão de alguns profissionais entrevistados mencionarem a possibilidade de exercer outras funções no contexto do futebol, pode estar relacionada com a atuação na área de análise de desempenho possibilitar a aquisição de habilidades e conhecimentos importantes para a compreensão do rendimento esportivo. Contudo, percebe-se que não há um consenso entre os analistas entrevistados em relação a área de atuação futura. Se por um lado alguns profissionais pretendem seguir atuando na área de análise de desempenho futuramente, por outro, determinados analistas almejam desempenhar outras funções dentro do ambiente do futebol (auxiliar técnico e treinador).

Entretanto, parece importante se aprofundar no motivo que leva os analistas de desempenho das categorias de base a pretenderem unanimemente integrar categorias profissionais, como também, entender a motivação de desempenhar outras funções. Claramente as oportunidades do futebol profissional são mais “tentadoras” em comparação com a das categorias de base. Então, caso pretenda-se desenvolver trabalhos de longo prazo dentro das categorias de base, torna-se necessário levar estes fatores em consideração.

#### 4.2 CONTEXTO: O AMBIENTE PARA REALIZAÇÃO DO TRABALHO DENTRO DOS CLUBES

Buscando entender o contexto em que o analista de desempenho está inserido dentro dos clubes brasileiros, a presente categoria de análise descreve quais são os recursos disponíveis para a realização do trabalho do analista, levando em consideração a estrutura disponibilizada para a atuação desse profissional nas categorias de base. Além disso, apresenta-se quais são as funções exercidas por este profissional no contexto das categorias de base, bem como os objetivos estabelecidos pelos departamentos de análise dos clubes brasileiros. Ainda, caracteriza-se a relação dos analistas de desempenho com as comissões técnicas e com os atletas dentro dos clubes.

#### 4.2.1 A estrutura disponível dentro dos clubes

A presente seção de análise busca apresentar o contexto de atuação dos analistas de desempenho dentro dos clubes brasileiros. Assim, descreve-se a realidade contextual dos profissionais, em relação aos recursos disponíveis, a utilização de materiais, e a estrutura disponibilizada, bem como as ferramentas tecnológicas utilizadas para o desenvolvimento do trabalho.

Os clubes de futebol, em sua maioria, apresentam condições diferentes de trabalho para os seus profissionais, que variam de acordo com os objetivos do clube, poder financeiro, modelo de gestão, contexto cultural e outros fatores associados (GARGANTA, 2001; PEDREÑO, 2018; VENTURA, 2013). Na área da análise de desempenho, uma área ainda em desenvolvimento no futebol brasileiro (como comentado anteriormente), especialmente nas categorias de base, essa realidade não é diferente, levando em consideração que alguns profissionais possuem mais condições, enquanto outros profissionais possuem menos recursos para o desenvolvimento do seu trabalho.

No sentido de sintetizar o contexto de atuação dos analistas entrevistados, abaixo apresenta-se um quadro retratando a realidade de cada profissional no clube.

**Quadro 25** - Contexto de atuação dos analistas de desempenho nas categorias de base

<u>Contexto</u>	<u>Nº de analistas* e categorias que atuam</u>		<u>Estrutura física e materiais utilizados</u>	<u>Necessita utilizar material pessoal</u>	<u>Softwares de análise disponíveis</u>
<b>Analista 1</b>	Dois (2)	Sub 20 Sub 17 Sub 15	- Sala ampla de todas as comissões da base; - Computador (quantidade não mencionada); - Tripé (quantidade não mencionada); - Câmera (1).	SIM	- <i>Métrica Play</i> - <i>InStats</i> - <i>Wyscout</i>
<b>Analista 2</b>	Três (3)	Sub 20 Sub 17 Sub 15	- Sala espaçosa junto com	SIM	- <i>Sportscodex</i> - <i>LongoMatch</i> - <i>Wyscout</i>

		Sub 14	comissões das categorias de base; - Câmera (2); - Notebook (2); - Tripé (3); - iPad (2).		
<b>Analista 3</b>	Um (1)	Sub 23 Sub 20 Sub 17 Sub 15 Sub 13	- Sala individual para o analista (pequena); - Câmera (4); - Tripé (2); - Computador (1).	NÃO	- <i>TacticalPad</i> - <i>InStat</i> - <i>Filmora</i> - <i>Sony Vegas</i> - <i>Sportscore</i>
<b>Analista 4</b>	Seis (6)	Sub 20 Sub 17 Sub 15 Sub 14 Sub 12	- Sala no estádio do clube; - Câmera (5); - Tripé (5).	NÃO MENCIONADO	- <i>LongoMatch</i> - <i>Movavi</i> - <i>Avidemux</i> - <i>Wyscout</i>
<b>Analista 5</b>	Sete (7)	Da categoria Sub 20 à categoria Sub 10	- Sala própria para o departamento de análise e metodologia; - Câmera (5); - Tripé (3/4); - Drone.	NÃO MENCIONADO	- <i>LongoMatch</i>
<b>Analista 6</b>	Quatro (4)	Sub 20 Sub 17 Sub 15 Sub 14	- Sala própria para o departamento de análise; - Projetor (4); - Câmera (4); - Notebook (4); - Tripé (quantidade não mencionada).	NÃO	- <i>Sportscore</i> , - <i>Wyscout</i> - <i>InStats</i>
<b>Analista 7</b>	Dois (2)	Sub 20 Sub 17 Sub 15	- Uma sala em cada sede do clube; - Computador (quantidade não mencionada);	SIM	- <i>Hudl</i> - <i>Sportscore</i> - <i>InStats</i> - <i>iMovie</i>

			<ul style="list-style-type: none"> <li>- Câmera (quantidade não mencionada);</li> <li>- Tripé (quantidade não mencionada);</li> <li>- iPad (quantidade não mencionada).</li> </ul>		
<b>Analista 8</b>	Seis (6) <sup>31</sup>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Sub 20</li> <li>Sub 17</li> <li>Sub 15</li> <li>Sub 14</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sala junto com demais membros das comissões técnicas;</li> <li>- MacBook (4);</li> <li>- Câmera (4);</li> <li>- iPad (1);</li> <li>- Tripé (quantidade não mencionada).</li> </ul>	NÃO	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sportscode</li> <li>- Coda</li> <li>- Coach Paint</li> <li>- Hudl</li> <li>- Quin Statistics</li> </ul>
<b>Analista 9</b>	Cinco (5)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Sub 23</li> <li>Sub 20</li> <li>Sub 19</li> <li>Sub 17</li> <li>Sub 16</li> <li>Sub 15</li> <li>Sub 14</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sala específica para análise;</li> <li>- MacBook (2);</li> <li>- iMac (1);</li> <li>- Câmera (5);</li> <li>- Tripé (5).</li> </ul>	NÃO	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sportscode</li> <li>- Hudl</li> <li>- LongoMatch</li> <li>- Pinnacle</li> </ul>
<b>Analista 10</b>	Um (1)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Sub 20</li> <li>Sub 17</li> <li>Sub 15</li> <li>Sub 13</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sala específica para o setor de análise;</li> <li>- Câmera (quantidade não mencionada);</li> <li>- Tripé (quantidade não mencionada);</li> <li>- Computador (quantidade não mencionada).</li> </ul>	SIM	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Instats</li> <li>- LongoMatch</li> <li>- Movie Maker</li> </ul>

Fonte: Elaborado pelo autor com base nas informações prestadas nas entrevistas realizadas.

<sup>31</sup> No contexto do analista 8, o profissional citou que dois analistas atuam especificamente em relação a análise individual de jogadores.

Os clubes que possuem a área de análise nas categorias de base, geralmente são organizados por departamentos ou setores específicos para a análise de desempenho, sendo que cada departamento é organizado conforme as possibilidades de cada contexto/local (VÁZQUEZ, 2012).

Apesar de apresentarem especificidades diferentes, entre profissional e base, em alguns casos os procedimentos adotados dentro dos departamentos de análise nas categorias de base dos clubes baseiam-se pela organização da categoria profissional. Como comenta um dos analistas entrevistados, “[...] *procuramos fazer a mesma coisa que o profissional faz, é, questão de salvar, questão de HD, de compartilhamento, nomenclaturas, tudo padronizado conforme o departamento*” (ANALISTA 1, p. 4).

De forma similar, outro profissional comenta que o fato de estarem eventualmente realizando trabalho para a categoria profissional causa uma uniformidade nos procedimentos, “*então a gente é muito integrado a gente tá na base, mas pode estar servindo ao profissional também, até porque é um mesmo departamento*” (ANALISTA 6, p. 5). Porém, apesar de ser o mesmo departamento, conforme mencionado, as atuações (base e profissional) são distintas. O entrevistado coloca que, além do profissional trabalhar com mais analistas em uma partida, a operacionalização do trabalho é bem diferente, inclusive nos protocolos de análise e os relatórios de jogo (ANALISTA 6).

Diferentemente, em outros casos, base e profissional apresentam departamentos separados, “*o nosso dia a dia não é tão inteirado assim, não tem ninguém do profissional que dite como vai ser... é mais tudo dentro da própria base mesmo*” (ANALISTA 2, p. 10). No entanto, o mesmo profissional reforça que todo o material construído pelos analistas no departamento da base é embasado nos materiais produzidos pelos analistas da categoria profissional. Embora esteja em fase de implementação no contexto do clube, o Analista 3 (p. 2) de maneira semelhante aponta a separação dos departamentos entre a categoria profissional e a base: “*é assim... a gente tem um setor de análise que é junto com profissional, só que quando chega na base segrega um pouco, porque a gente tá começando a criar agora lá o centro de excelência na base [...]*”.

Independente da forma de estruturar e organizar as informações dentro dos departamentos de análise, seja baseado na categoria profissional ou de forma

específica na categoria de base, o mais importante é que os profissionais tenham a clareza de que deve ocorrer um ajuste ao contexto em que estão inseridos (PEREIRA, 2017). Nesse sentido, é necessário que os analistas encontrem soluções dentro da estrutura disponível, a fim de preencher as possíveis lacunas, para que cada vez mais o trabalho desenvolvido se torne uma realidade (VENTURA, 2013).

De acordo com Pereira (2017), para que os departamentos se tornem cada vez mais valorizados, seja nas categorias de base ou nas equipes profissionais de alto rendimento, as tarefas devem estar previamente definidas para que todos os intervenientes nesse processo tenham clareza do caminho que se deve seguir. Assim, é necessário compreender a relevância de uma linguagem e procedimento comum ao departamento, independente do cenário (PAULA, 2015).

Ainda que a maioria dos clubes dos analistas entrevistados se organizem em formato de setor ou departamento, um outro formato de organização é apontado por um dos profissionais, sendo utilizada a nomenclatura de “área”, conforme relatado:

[...] o clube usa uma matriz um pouco diferente né, então o que seria equivalente a um departamento, hoje nós temos uma área de análise de desempenho, [...] então o objetivo de, de transformar em área é pra que ele realmente possa trabalhar muito mais para o clube [...] que tá englobando o todo né, e tá se relacionando com todas as outras áreas (ANALISTA 8, p. 4-5).

Esse relato, corrobora com o que aponta Carlet (2020), vez que para o autor uma das principais finalidades dos departamentos/setores/áreas de análise de desempenho, é que ocorra uma interação constante com outros setores dentro do clube. Além disso, é importante que se possua clareza dos processos realizados, pois o domínio dos conteúdos é fundamental para estabelecer uma interação qualificada entre os profissionais das demais áreas.

Apesar dos relatos dos entrevistados apontarem que o início do processo de análise de desempenho dentro dos clubes muitas vezes comecem em categorias menores (Sub 12,13,14), pontua-se que os trabalhos desenvolvidos nessas categorias são diferentes do efetivado em categorias maiores (Sub 15, 17, 20), corroborando com a pesquisa de Ford *et al.*, (2020), os autores identificaram que isso ocorre de forma comum aos clubes, em que é disposta maior atenção para categorias maiores. Conforme os analistas entrevistados, nas categorias de base dos clubes brasileiros,

as categorias sub 17 e sub 20, são as categorias que recebem maior atenção no processo de análise de desempenho.

A maior atenção relacionada às categorias maiores, pode estar relacionada com a quantidade de profissionais vinculados aos clubes. Esse fato é apontado como uma das dificuldades no desenvolvimento do trabalho dos analistas, conforme visto anteriormente. Todavia, torna-se importante ressaltar que, mesmo que a análise efetuada com categorias maiores seja mais “profissional”, apresentando propósitos diferentes, em comparação com categorias menores, as análises realizadas no processo de iniciação, podem contribuir efetivamente para os atletas chegarem mais capacitados às categorias superiores, além disso, pontua-se que o processo de análise em categorias menores facilita a identificação de atletas promissores (CARLET, 2020; PEDREÑO, 2018).

Então, mesmo que se entenda que essa é uma prática que vem se inserindo aos poucos nos clubes brasileiros de base, e que ainda que muitas vezes os analistas não tenham condições de analisar diversas categorias, a gestão dos clubes deve estar consciente destes processos. Dessa maneira, o gerenciamento desses procedimentos fornece papel importante quanto à disponibilização da estrutura e caminhos metodológicos no contexto de trabalho dos seus profissionais. Para o Analista 1, por exemplo, a mudança de gestão ocorrida dentro do seu clube, ocasionou uma reconhecida transformação, não somente em aspectos metodológicos, como também do ponto de vista estrutural, conforme relatado:

[...] temos um departamento, é, uma sala nova, é, final do ano tivemos uma mudança de gestão, então eles dão bastante ênfase na parte da base, eles valorizam bastante[...] penso que a antiga gestão de base via mais como um gasto do que um investimento, então demoramos pra ter tripé, demoramos pra ter câmera, tínhamos que pegar emprestado por um bom tempo, por meses [...] (ANALISTA 1, p. 4-5).

Muitas vezes, conforme apresentado no quadro 25, os analistas de desempenho das categorias de base necessitam utilizar materiais pessoais para desenvolvimento do trabalho dentro do clube. No caso do Analista 2, além de utilizar seus materiais pessoais (tripés e filmadoras), o profissional comenta que o seu próprio *notebook* fica dentro do departamento de análise no clube. Para o Analista 10, a realidade é parecida, citando que os materiais de trabalho dentro clube são praticamente todos de uso pessoal.

Da mesma forma (em relação ao uso pessoal), o Analista 7 (p. 3) comenta sobre a utilização de materiais pessoais. Nesse caso, embora o clube disponibilize outros materiais necessários (câmeras, tripés, *iPad*) o computador disponibilizado não é adequado para as necessidades do trabalho realizado, “o computador é pessoal, tem sim um computador do clube, mas o computador do clube não tem as ferramentas que a gente costuma usar, a gente usa o nosso pessoal [...]”.

Se por um lado, a realidade é que se observa a necessidade de utilização de materiais próprios para alguns profissionais. Em outros contextos essa realidade vem mudando aos poucos, “no começo eu usava o meu computador, aí esse meu computador que aí o clube conseguiu, foi uma conquista minha... brigando lá, cobrando e aí eles me deram, hoje eu não uso nada meu” (ANALISTA 3, p. 4). No mesmo sentido, comparando o seu início dentro do clube, o Analista 9 (p. 6) comenta, “[...] é hoje a gente já tem um material bem maior que quando eu entrei né, hoje já, a gente até brinca né, que a gente tá no paraíso [...]”.

No entanto, percebe-se um contraste entre a estrutura disponível para o trabalho dos analistas. Tendo em vista que em determinados contextos os profissionais dispõem de todos os materiais necessários para operacionalização dos seus trabalhos, conforme apontam os relatos:

[...] a gente tem todos os materiais em relação à computador, todos os computadores são *Mac* tá, a gente tem enfim, tripés a gente tem um, um projetor pra cada categoria, uma câmera 4k pra cada categoria, é... computadores cada um tem o seu, cada um tem o seu notebook um *Mac* também, fora as ferramentas enfim, de trabalho (ANALISTA 6, p. 6).

Igualmente,

[...] hoje o clube disponibiliza pra gente, pra cada auxiliar-analista um *MacBook* né, pra que... a gente possa operar o *Sportscod*, então cada auxiliar-analista ele tem esse *MacBook* e a disponibilidade de uma licença do *Sportscod*, que é a ferramenta que a gente utiliza pra... edições de imagem e realmente pra análise né, que ela é específica pra isso, dentro disso, aí os outros materiais auxiliares que são essenciais né, câmera, cada categoria ou cada auxiliar- analista tem sua câmera, um *iPad* que a gente utiliza pra fazer o *tagueamento* [...] (ANALISTA 8, p. 6).

Outro profissional comenta ainda sobre a utilização de um drone para auxiliar nas demandas de filmagem, “[...] ano passado compramos um drone também pra fazer filmagem de treino, até de jogo também dependendo de onde for a gente

*consegue filmar, o drone a gente consegue ter uma imagem muito boa né*” (ANALISTA 5, p. 3-4).

De acordo com Ventura (2013), não são todos os clubes que possuem condições financeiras para a estruturação do trabalho de análise. Assim sendo, os analistas de desempenho precisam encontrar as soluções dentro das suas possibilidades para dar continuidade no desenvolvimento das suas atividades. Além de que se torna importante que os analistas iniciem o trabalho com as condições que tenham disponíveis, para assim ganhar valorização dos profissionais responsáveis pela gestão dos clubes (diretores, coordenadores, etc.), repercutindo em mais investimentos para o crescimento do setor (CARLET, 2020).

Apesar disso, entende-se que, para um futebol disputado em alto nível, como é o ambiente dos analistas entrevistados, pois representam as melhores equipes de futebol do país, as diferenças de realidades podem representar detalhes importantes, que separam os clubes de obterem melhores desempenhos esportivos (GAMA *et al.*, 2017).

Embora apresentem diferenças em relação a quantidade e recursos disponíveis, os analistas dos clubes brasileiros possuem os aparatos básicos para desenvolvimento das tarefas dos departamentos de análise, de maneira geral, tripés, câmeras e computadores (*notebooks*). No entanto, o domínio de *softwares* específicos para a análise de jogo é essencial para que haja a otimização dos demais recursos utilizados (PAULA, 2015; VÁZQUEZ, 2012). Dessa forma, os *softwares* citados pelos analistas qualificam o trabalho desenvolvido, sendo considerados de extrema importância no contexto que atuam. Além de qualificar as análises realizadas, servem também para editar os vídeos selecionados para análise, como aponta um dos entrevistados “*eu utilizo o LongoMatch free, então eu já utilizo ele como plataforma de análise e também pra edição de vídeo*” (ANALISTA 10, p. 10). De maneira semelhante, outro profissional exemplifica o funcionamento do uso dos *softwares* dentro do clube:

Edição de vídeo já é dentro do *Sportscode* e do *LongoMatch*, que é, serve como editor de vídeo e como análise de jogo, esse é a grande sacada também né, a gente, a partir do momento que eu clico num passe errado, o programa ele já recorta, já deixa separado pra mim numa *playlist*, são *softwares* que ajudam muito no nosso trabalho (ANALISTA 2, p. 12).

Essas ferramentas são utilizadas com diversas funções na operacionalização do trabalho diário dos analistas. Nesse sentido, o Analista 3 (p. 5) comenta, “*a gente*

usa o *TacticalPad* pra monta treino, usa o *InStat* pra colher informações dos adversários e de mercado, é... usa edições de vídeo usa o *Filmora*, usa o *Sony Vegas* [...]”. Outro profissional relata que dentro do clube, os analistas da base utilizam os *softwares* de análise (*Sportscod*e, *Wyscout* e *InStats*) tanto para qualificar como para quantificar as ações dos jogadores e das equipes. Além disso, a utilização destas ferramentas também serve para a edição dos vídeos analisados (ANALISTA 5; ANALISTA 6).

A utilização das ferramentas de análise serve para relacionar os números obtidos na coleta de dados com a imagem do jogo, seja de dados individuais ou coletivos, e encaminhar essas informações para os demais envolvidos. Ou seja, um dos analistas declara como os *softwares* são importantes no trabalho desenvolvido:

O *Sportscod*e ele é fundamental porque que a gente, consegue ligar os números ao vídeo né, então esse que é o mais importante né, ele tem as marcações né, então a gente consegue no momento de taguear e ficar marcado né, a ação, a gente consegue só clicando nela já, já abrir o vídeo né, então ele facilita muito pra nós nessa questão de recorte né, esses vídeos individuais e coletivos a gente usa muito [...] (ANALISTA 9, p. 10).

Ademais, essas ferramentas também são utilizadas para busca de vídeos externos, o Analista 7 comenta a utilização de um dos *softwares* (*InStats*) para buscar referências de algumas ideias que o treinador quer passar aos atletas, e quando há possibilidade, fazem o uso para encontrar jogos de adversários. Outra utilidade mencionada é na elaboração de elementos para apresentação<sup>32</sup>, onde os recursos utilizados auxiliam os profissionais para deixar os materiais mais instrutivos e com maior praticidade, evidenciando uma preocupação destes com a qualidade e organização dos conteúdos (ANALISTA 8; ANALISTA 10).

Porém, os recursos disponíveis para utilização dos *softwares* ainda são limitados em alguns casos:

[...] *softwares* também tá engatinhando, usamos o *Métrica* né, *Métrica Play* que muito bom, muito bom, não sei como vai ficar agora essa questão pra base, talvez não tenhamos, mas isso não é certo, não estávamos podendo utilizar esse ano, então ainda acho, temos que evoluir bastante nessa questão [...] (ANALISTA 1, p. 5).

---

<sup>32</sup> Na seção de análise 4.3.3 “O processo de gestão e condução da informação” este tema é abordado de forma mais específica.

Dessa maneira, muitas vezes, os analistas utilizam versões gratuitas das ferramentas, “*a gente utiliza né o LongoMatch que é o padrão na versão gratuita né, é a realidade de muitos clubes ainda [...]*” (ANALISTA, 4, p. 7). Como também citado por outro entrevistado, “*a gente usa o LongoMatch que é gratuito, como a gente só, a gente não tem Mac suficiente, nem licença suficiente, a gente usa o LongoMatch que é gratuito [...]*” (ANALISTA 2, p. 12). Portanto, salienta-se que nesses casos as versões gratuitas dessas ferramentas são básicas, assim, não dispendo das mesmas funcionalidades que as versões adquiridas (pagas).

Diante dos relatos dos entrevistados, em que consideram a grande utilidade dos *softwares* de análise de jogo nos seus contextos de atuação, coloca-se a necessidade de os analistas de jogo dominarem a utilização destas ferramentas, à medida que, “*estes domínios de softwares informáticos são hoje em dia essenciais para uma melhor captação, informação e exposição dos dados que se obtêm*”, como também permitem transmitir a informação de forma mais eficiente (PAULA, 2015, p. 21).

Além disso, é claro, torna-se evidente que os clubes, especialmente nas categorias de base, necessitam investir neste tipo de tecnologia, já que os dados coletados por *softwares* de análise têm possibilitado apontar em tempo real a tomada de decisão dos jogadores, e compreender de que forma estes reagem aos desafios colocados nas complexas situações de jogo (GAMA *et al.*, 2017).

Por outro lado, torna-se importante salientar que a utilização da tecnologia no meio do futebol não garante necessariamente a eficácia da interpretação dos dados, muito menos o conhecimento sobre determinada realidade. Mas claramente, pode expandir significativamente a qualidade e a velocidade do processo de observação e análise do desempenho. Contudo, para que se desfrute (do máximo potencial) é necessário se faça o uso correto da tecnologia (GARGANTA, 2001).

Neste sentido, reforçando a necessidade do investimento em tecnologia, aponta-se que, hoje em dia, os treinadores desejam que as informações disponíveis dos jogos cheguem aos atletas através de recursos informáticos e meios visuais. Pois essas formas de transmissão da informação permitem uma melhor compreensão das informações disponíveis (GAMA *et al.*, 2017).

Doravante as informações fornecidas pelos entrevistados, denota-se que alguns possuem condições menos favorecidas de recursos disponíveis para o

desenvolvimento das atividades de análise nas categorias de base, enquanto outros possuem maiores meios de trabalho para executar as funções profissionais na área da análise de desempenho dentro dos clubes.

Embora já discutido anteriormente, o fato de que o número de profissionais que compõem os departamentos de análise dos clubes, retratem uma dificuldade enfrentada por alguns analistas, discrepante em relação a outros. Coloca-se que esse contraste (nos quais alguns casos há somente um analista para diversas categorias) é incompatível com a importância que tem sido atribuída a área de análise, bem como com a realidade competitiva (alto nível) dos clubes brasileiros integrantes deste estudo.

Além disso, apesar de obterem os materiais mínimos necessários (alguns casos de uso pessoal), evidencia-se que há uma disparidade em relação a disponibilização de materiais e estrutura para o desenvolvimento do trabalho dos analistas entrevistados. Nota-se que isso se dá pelas condições econômicas e pela forma de gestão exercida dentro dos clubes. No entanto também, salienta-se que no nível competitivo em que estão inseridos os profissionais de análise, a carência das melhores condições de trabalho pode apresentar limitação na busca pelos resultados esportivos pretendidos pelos clubes.

#### **4.2.2 Objetivos da área e função exercida pelos analistas**

Tendo em vista a importância dos departamentos de análise de desempenho, bem como a relevância que a figura do analista vem ganhando nos últimos anos, especialmente no contexto do futebol brasileiro, torna-se necessário compreender com maior profundidade como está organizada essa área nas categorias de base dos clubes.

Portanto, nesta seção de análise serão apresentadas quais as funções exercidas pelos analistas de desempenho dentro dos clubes, considerando a contribuição desse profissional em diversos aspectos do rendimento. Assim, apresentam-se as demandas em relação às solicitações da comissão técnica e do corpo diretivo nos clubes. Além disso, caracteriza-se os objetivos estabelecidos pelos departamentos de análise de desempenho nas categorias de base.

O quadro abaixo apresenta os principais resultados encontrados, levando em consideração a perspectiva dos analistas entrevistados.

**Quadro 26 - Objetivos dos departamentos de análise e funções exercidas pelos analistas das categorias de base dos clubes brasileiros**

<p><b>OBJETIVOS DOS DEPARTAMENTOS DE ANÁLISE DE DESEMPENHO NAS CATEGORIAS DE BASE</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Potencializar e desenvolver as capacidades dos atletas do clube;</li> <li>- Analisar e avaliar o desempenho para evolução dos atletas e das equipes;</li> <li>- Promover atletas das categorias de base à categoria profissional do clube;</li> <li>- Atender as demandas da comissão técnica de acordo com as exigências do treinador;</li> <li>- Filmar e armazenar todos os jogos das categorias de base do clube;</li> <li>- Gerar e compartilhar informações que a comissão técnica não tem acesso;</li> <li>- Contribuir para qualificar a tomada de decisão dentro do clube;</li> <li>- Construir banco de dados com informações e imagens dos atletas do clube;</li> <li>- Organizar informações gerais do clube;</li> <li>- Apresentar o potencial dos atletas aos diretores, coordenadores e comissão técnica;</li> <li>- Apresentar um histórico do desempenho dos atletas das categorias de base;</li> <li>- Manter contato direto com as comissões técnicas das categorias;</li> <li>- Identificar o perfil e as características dos atletas do clube.</li> </ul>
<p><b>FUNÇÕES EXERCIDAS PELOS ANALISTAS DE DESEMPENHO NAS CATEGORIAS DE BASE</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Filmagem de jogos e treinos das categorias de base do clube;</li> <li>- Edição e análise de jogos e treinos, atendendo a demanda da comissão técnica (especialmente treinador);</li> <li>- Armazenagem de jogos e treinos de forma organizada;</li> <li>- Análise e edição de lances individuais dos atletas do clube;</li> <li>- Análise e edição de lances da própria equipe e das equipes adversárias;</li> <li>- Edição de lances de atletas de alto nível, para exemplificar ações e comportamentos;</li> <li>- Acompanhamento dos treinamentos, auxiliando a comissão técnica nas demandas dentro do campo;</li> <li>- Organização dos dados e informações das categorias de base do clube;</li> <li>- Acompanhamento de minutagem dos atletas;</li> <li>- Criação de banco de dados (lances, características dos atletas do clube);</li> <li>- Coleta e registro do comportamento dos atletas e das equipes;</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fornecimento de instruções e <i>feedbacks</i>, individuais e coletivos;</li> <li>- Elaboração de relatórios de análise, individuais e coletivos;</li> <li>- Filtragem e condução de informações para comissão técnica, coordenação e direção do clube;</li> <li>- Montagem de preleção em conjunto com a comissão técnica (escalação, bolas paradas, informações sobre a própria equipe e adversário).</li> </ul>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos relatos dos entrevistados.

Dado o grau de competição que os clubes de alto nível estão inseridos, a organização dos processos e a qualificação na estruturação dos clubes tornou-se fundamental para se obter resultados positivos. Nesse sentido, os departamentos de análise de desempenho devem dar suporte para o desenvolvimento do trabalho de diversas áreas no clube, especialmente no fornecimento de informações para que os treinadores obtenham melhores informações objetivando o maior rendimento dos jogadores e das equipes (CARLING *et al.*, 2014).

Assim, conforme exposto no quadro 26, os objetivos dos departamentos de análise dos clubes brasileiros e a função exercida pelos analistas nas categorias de base abrangem duas características relacionadas. Buscam contribuir com o clube, sob diversos aspectos, no desenvolvimento dos atletas e concomitantemente, procuram auxiliar as comissões técnicas com informações, oriundas da análise dos jogos e dos treinos, para melhora do desempenho das equipes.

Desta maneira um dos profissionais entrevistados comenta, “[...] *o clube entende que análise de desempenho tenha essa importância né, de analisar, avaliar, desempenhar todo esse trabalho pra evolução do atleta e da equipe né [...]*” ANALISTA 9 (p. 7). Semelhantemente, outro profissional coloca:

O objetivo principal é a gente dá suporte pro atleta, isso na formação é o principal, nosso produto final é isso, desenvolver o atleta, e então a gente acaba auxiliando, na... na transmissão de informação pra esses atletas e *feedbacks* né, tanto pro atleta diretamente, como pro, pra comissão, dando suporte pra comissão pra que eles possam elaborar estratégias pra desenvolver os atletas também (ANALISTA 8, p. 7).

Esses relatos se relacionam com o que destaca Mendes (2016, p. 97) “os jogadores possuem um vasto conjunto de capacidades motoras e intelectuais, porém nem sempre estão potenciadas no seu melhor”. Portanto, parece que, especialmente no contexto de categorias de base, é papel fundamental da análise de desempenho

utilizar as ferramentas disponíveis, visando a evolução dos jogadores aos seus mais elevados potenciais.

Para isso, o armazenamento das imagens é um dos pontos comentados pelo Analista 1, dentro do departamento de análise do clube. O profissional comenta que o objetivo é que se tenha todos os jogos das categorias (Sub 15,17 e 20) filmados e editados em função das exigências do treinador. No contexto de outro profissional, ainda que o departamento estivesse sendo organizado à pouco tempo, o armazenamento de dados e imagens também foi colocado como um dos objetivos relacionados à análise, contemplando informações importantes para que seja possível analisar o rendimento dos jogadores e das equipes no clube (ANALISTA 10).

Em outro caso, o Analista 2 (p. 8) comenta que é responsável pelos dados da sua categoria no intuito de poder auxiliar o clube na tomada de decisão:

Então a gente é responsável, eu no sub 17 pelo, por todos os dados da minha categoria desde técnico, tático, físico, dado de exame, de exame não, de teste de antropometria por exemplo, a gente que filtra tudo e organiza pra poder melhorar a tomada decisão do clube em geral (ANALISTA 2, p. 8).

Embora o tema do armazenamento de informações seja discutido com maior abrangência posteriormente<sup>33</sup>, os relatos apontam para a importância de os departamentos de análise objetivarem a criação de um banco de dados dentro dos clubes. Nesse sentido, pontua-se a importância deste procedimento, já que a capacidade de armazenar dados e informações pode auxiliar a tomada de decisão por diversos setores nas instituições (CARLET, 2020).

Entretanto, quando questionados sobre os objetivos estabelecidos pelos departamentos de análise dentro dos clubes, muitas vezes os relatos dos entrevistados não foram objetivos, confundindo-se com as funções exercidas pelos profissionais. Desta forma, percebe-se que, em alguns casos, os departamentos de análise não apresentaram objetivos específicos. Isso pode estar atrelado à falta de uma diretriz metodológica dentro da estrutura dos clubes.

Para a operacionalização do trabalho em um departamento de análise de desempenho, é crucial que se tenha objetivos claramente determinados, pois a ausência de uma proposta estabelecida pode desorientar o trabalho dos profissionais,

---

<sup>33</sup> Este tema é tratado com maior especificidade na seção de análise 4.3.3 “O processo de gestão e condução da informação”.

como também pode ser ineficiente, diante das diversas possibilidades que se propõem os departamentos (GAMA *et al.*, 2017). Do mesmo modo, Pereira (2017) coloca que a falta de um direcionamento (objetivos estabelecidos de forma clara), pode atrapalhar as tarefas dentro dos departamentos de análise. Por outro lado, uma linha norteadora em relação ao trabalho pretendido, pode facilitar o trabalho dos analistas, já que, esse tipo de proposta define o caminho que se deve seguir pelos profissionais do clube. Contudo, atenta-se para o fato de que a falta de um objetivo estabelecido dentro dos departamentos de análise nos clubes brasileiros, pode estar relacionado com a falta de um direcionamento institucional.

Conforme apresentando no quadro 26, percebe-se que o analista de desempenho é um profissional que exerce diversas funções na sua prática profissional dentro das categorias de base dos clubes brasileiros, sendo um profissional responsável por coletar, analisar e avaliar, diversas informações disponíveis, tendo em vista os objetivos estabelecidos pelos clubes, que muitas vezes são de maneira informal.

Uma prática comum na função dos analistas é atender as demandas da comissão técnica após os jogos, de acordo com as exigências das informações solicitadas pelos treinadores (ANALISTA 1; ANALISTA 4; ANALISTA 5). Além das informações prestadas para as comissões técnicas, a função desse profissional dentro das estruturas dos clubes no futebol brasileiro parece estar atrelada a outros setores diretivos, como a relação com questões metodológicas, objetivando proporcionar informações que os demais profissionais não teriam (ANALISTA 3; ANALISTA 5).

Nesse sentido, um dos profissionais comenta:

É um profissional que tá altamente atrelado com à coordenação também, então a gente tem uma comunicação com a coordenação e com as comissões técnicas, então serve também muito de intermédio dessas informações né, de trazer coisa, de... também tá ligado com a captação, mas principalmente organizar os dados da base em geral né (ANALISTA 2, p. 8).

A fala apresentada corrobora com o que sugere Carlet (2020), para o autor, essas interações (com demais membros do clube) são cruciais para a valorização do trabalho do analista. O autor aponta que para que isso ocorra da melhor maneira é necessário que o profissional tenha a capacidade de apresentar uma linguagem clara e boa capacidade comunicativa. Além disso, é necessário que os profissionais estejam sempre prontos para atender as demandas que surgem, como ressalta um

dos analistas, “até porque o nosso trabalho ele se adequa muito com o quê a coordenação do momento pede” (ANALISTA 9, p. 7). Em outro caso, por exemplo, o Analista 1, comenta que dentro do seu clube é comum a ascensão dos atletas para outras categorias, então umas das funções é que os analistas do clube estejam com as edições dos jogadores sempre atualizadas. Portanto, identifica-se que essa função se caracteriza com uma das competências apontadas por Paula (2015), na qual o analista necessita estar sempre se ajustando à realidade do momento no clube.

Assim como também, uma das funções realizadas é gerir essas informações. Para o Analista 2, a principal função dentro do clube é organizar e conduzir os dados da sua categoria e as informações gerais do clube, em que a gestão destas informações deve servir para potencializar e desenvolver as capacidades identificadas através das filmagens (ANALISTA 7). A função de identificar determinados aspectos, mediante a captação das imagens (filmagens de treinos e jogos) é colocada como crucial para que possa ocorrer a intervenção dos analistas (ANALISTA 8).

As funções ressaltadas pelos analistas, estão de acordo com que aponta Mendes (2016). O autor coloca que a função do analista, principalmente nas categorias de base, é compreender que não se pode viver de suposições e acasos. Então, é necessário que os profissionais busquem identificar as informações (através das ferramentas disponíveis) que podem servir para a qualificação do rendimento dos jogadores, e assim representar uma valorização financeira ao clube.

Para Vieira (2018) a função exercida pelo analista de desempenho é analisar e decifrar os principais comportamentos das equipes e dos jogadores, sendo um auxiliar técnico que ofereça subsídios para as demandas da comissão técnica. Deste modo, o Analista 3 e o Analista 6, apontam as suas funções com viés de auxiliar técnico dentro do clube. Na mesma linha, outro profissional define a figura do auxiliar-analista “[...] dentro de cada categoria, é... se tem um auxiliar-analista né, então alguém que tem as ferramentas e um conhecimento pouco maior da utilização das ferramentas pra análise de desempenho [...]” (ANALISTA 8, p. 4). O mesmo entrevistado ainda comenta que dentro do clube a ideia é que o analista seja um auxiliar de campo, dando suporte e contribuindo com informações para o treinador e para os atletas. Relato que se assemelha com o que traz Sánchez (2018), segundo o autor, a figura do analista, além de possuir um grande conhecimento de jogo, é de um profissional que possua a capacidade e o domínio de manejar as ferramentas disponíveis para analisar o

rendimento das equipes e dos jogadores, assim contribuindo no sentido de proporcionar o melhor conhecimento possível para os atletas e para os treinadores.

Diante disso, coloca-se que a função exercida pelo analista de desempenho dentro dos clubes, e os objetivos atribuídos aos departamentos de análise nas categorias de base, servem principalmente a duas questões, quais sejam: 1. Desenvolvimento dos atletas visando a ascensão dentro do clube; e, 2. Fornecimento de informações à comissão técnica, especialmente treinadores, para melhora da equipe. Contudo, aponta-se que exercer funções restritamente as exigências da comissão técnica (especialmente do treinador), pode interferir/prejudicar o trabalho dos analistas, já que, muitas vezes as exigências dos treinadores (vitórias-curto prazo) são diferentes das necessidades dos clubes (organização de dados-longo prazo).

Assim, salienta-se que é importante que os departamentos de análise dentro dos clubes brasileiros estabeleçam objetivos claros, no sentido de facilitar a execução das inúmeras funções atribuídas aos profissionais responsáveis pela análise. A clareza dos propósitos estabelecidos, bem como a formalização destas propostas podem contribuir para a adequação do trabalho realizado dentro das categorias de base dos clubes brasileiros. No entanto, esses procedimentos devem estar de acordo as finalidades institucionais.

#### **4.2.3 Relação dos analistas com a comissão técnica**

Como visto anteriormente, a função do analista de desempenho está constantemente ligada a diversos profissionais dentro da estrutura dos clubes, especialmente aos treinadores e aos atletas, que necessitam de informações para qualificar a execução de suas atividades. Em vista disso, a forma como se dá essas relações influencia o trabalho destes profissionais. Portanto, esta seção de análise busca identificar como ocorre a relação dos analistas de desempenho com a comissão técnica, especialmente com os treinadores.

Independentemente do nível de atuação no desenvolvimento do seu trabalho, o analista de desempenho está fortemente vinculado às necessidades da comissão técnica e do treinador da equipe, já que, como visto anteriormente, as funções exercidas pelos analistas estão diretamente relacionadas com as demandas necessitadas por estes profissionais (PEDREÑO, 2018).

O diálogo constante com os integrantes da comissão técnica é uma realidade da função do analista. Esse processo garante um alinhamento em relação ao desenvolvimento do trabalho, tanto do analista, como da comissão técnica de uma forma geral, em especial o trabalho desenvolvido pelo treinador da equipe. Os analistas relatam a importância de estarem próximos da comissão técnica no ambiente de atuação profissional.

Para o Analista 1, o investimento em um espaço de trabalho que possibilitou a integração de todos os membros da comissão técnica fora citado como um grande avanço dentro do seu clube, pois é um local que os analistas de desempenho estão constantemente compartilhando ideias, com maior proximidade dos integrantes da comissão técnica. No mesmo sentido, outro entrevistado comenta que o espaço onde se localizam os analistas é onde ficam os demais integrantes da comissão técnica (treinadores, preparadores físicos entre outros) para que tenha uma maior integração entre os profissionais (ANALISTA 2).

A proximidade com membros da comissão técnica, parece ser um fator de importância também para o Analista 3 (p. 3). De modo que apesar de ter um espaço específico para trabalhar (sala individual), prefere estar mais próximo das comissões, conforme comenta, *“eu tenho uma salinha específica pra mim lá no CT, da qual eu não uso porque eu não gosto, prefiro ficar junto com a comissão na sala das comissões, eu prefiro ficar trabalhar junto com todo mundo [...]”* (ANALISTA 3, p. 3).

Os relatos parecem convergir com o que identifica Ventura (2013), vez que para o autor é importante que os analistas dediquem parte do seu tempo de trabalho para fortalecer as relações com os demais membros do clube, em especial a comissão técnica, já que estão diretamente em contato em função das informações fornecidas. Neste sentido, dada a complexidade da tarefa exercida pelos treinadores, torna-se importante que a comissão técnica, com a inclusão do analista de desempenho, seja colaborativa e unida, pois a visão de cada elemento que compõe a equipe técnica é complementar, independente da função exercida, sendo fundamental que haja harmonia entre todos os integrantes (PIMENTA, 2019).

Contudo, percebe-se que muitas vezes é o treinador que indica os procedimentos adotados dentro dos clubes, *“[...] por mais que seja um departamento institucional o líder do processo acaba sendo o treinador, então tudo passa por ele, ele que vai dar as diretrizes”* (ANALISTA 7, p. 3). Assim, o nível de atuação do analista

dentro da comissão técnica varia de acordo com a relação estabelecida entre os profissionais, em especial na forma como o treinador propõe, conforme exposto pelo mesmo entrevistado:

[...] o nível de atuação depende muito da comissão, do treinador que você tá em contato... tem treinador por exemplo, ele vai chegar pra mim e vai falar “o **nome do entrevistado** eu quero esse, esse e esse momento separa pra mim”. E aí eu vou lá e vou reproduzir o que ele me pediu, enquanto vai ter outro treinador que vai falar “o **nome do entrevistado** recorta, isso essa parte do nosso desempenho (parte inaudível) e traz para mim pra gente debater [...]” (ANALISTA 7, p. 3).

De forma semelhante, outro profissional comenta que o nível de atuação dentro do clube é dependente da comissão técnica que o analista está inserido, em que por vezes a sua participação é solicitada para dar a sua opinião. Os analistas conversam entre si e passam as informações aos treinadores, e caso sejam solicitados, expressam a sua opinião (ANALISTA 4). O Analista 10 (p. 10) comenta sobre a diferença existente, em relação a apresentação das informações, entre duas categorias dentro do seu clube (sub 17 e sub 20), qual seja: “*quem fala são eles (treinadores), no 17 que as vezes ele me dá abertura pra fazer algum tipo de comentário, mas no sub 20, não, não, não há essa possibilidade*” (ANALISTA 10, p. 10).

Como também se evidencia essa relação no momento de transmitir determinadas informações aos atletas, como por exemplo,

Então aí também vai de acordo com o treinador, tem treinador que dá essa liberdade, incentiva a ter uma conversa individual com atleta né, até para se dividir tarefas mesmo, dividir espaço, as vezes o treinador não dá conta de tudo. Já tem outros treinadores não, não gostam, preferem receber esse material de você e passar pro atleta (ANALISTA 7, p. 5).

Conforme o Analista 5, muitos dos processos são definidos pela comissão técnica, variando muito de uma comissão para outra dentro do próprio clube. Relato parecido é encontrado na fala de outro profissional, o entrevistado coloca que apesar de possuir muita liberdade para intervir com informações que considera importante, geralmente a apresentação das informações é comandada por outros profissionais da comissão técnica, e complementa dizendo que “[...] *eles gostam de tomar frente de... eles explicarem... isso é que é mais do... cada clube, cada treinador tem à sua maneira*” (ANALISTA 3, p. 4).

Em outro caso, um dos profissionais entrevistados comenta que apesar de ter uma boa relação, com liberdade para intervir junto aos atletas, acha importante ter um primeiro contato com a comissão técnica, em função da hierarquia estabelecida:

Eu procuro sempre antes falar com o, com a comissão é, ver se eles concordam com meu ponto de vista, se tem que melhorar, a gente graças a Deus tem uma relação boa e aberta, e, posteriormente a conversar com eles, eles me dão liberdade de intervir, chamar atenção, chamar pra corrigir, eles me dão essa liberdade. Mas eu acho, não, não gosto de, pra tomar a frente e já acordar com o atleta, legal respeitar essa hierarquia, não sei como eles veem isso, mas eu sempre, primeiramente eu me reporto a eles, depois falo com os atletas (ANALISTA 1, p. 9).

A forma de relação que parece ser evidenciada, em que a atuação dos analistas é condicionada pela liberdade concedida pelos treinadores sob um ponto de vista hierárquico, pode ser relativa ao que indicam Costa, Samulski e Costa (2009). Investigando o perfil de liderança dos treinadores de categorias de base no futebol brasileiro, os autores identificaram que o perfil autopercebido por estes profissionais é de exercerem uma liderança autoritária, em que muitas vezes os processos são definidos de forma autocrática, ou seja, de uma forma centralizadora.

Entretanto, coloca-se que é importante que a relação entre o analista e a comissão técnica (especialmente o treinador que muitas vezes é o líder do processo), seja baseada em uma relação de liberdade e confiança. Pois sem este tipo de relação o trabalho destes profissionais (tanto de um quanto de outro) pode não atingir os melhores resultados. Então, é fundamental que o analista esteja dentro do corpo técnico na instituição, executando sua função de forma autônoma, entendendo os processos que ocorrem dentro da comissão técnica (GARGANTA, 2018).

No mesmo sentido, Aquino e Gonçalves (2019) destacam que a aproximação dos analistas de desempenho com os demais integrantes da comissão técnica é uma necessidade diária, para que tenham o entendimento dos princípios estabelecidos na maneira com que estes profissionais conduzem o processo dentro do clube. Nesse ponto, Carlet (2020) coloca que os analistas devem compreender a filosofia empregada pelo treinador da equipe.

O Analista 8 refere que normalmente há um consenso entre os analistas e a comissão técnica em relação à maneira que ocorrem os procedimentos dentro do clube que atua. Na mesma linha, outro profissional cita que o ideal é que os profissionais estejam compactuados, independente da função exercida, participando

de maneira conjunta dos processos, como ocorre dentro da estrutura do seu clube (ANALISTA 2).

Como citado, atribuindo importância a essa aproximação com a comissão técnica, especialmente com o treinador, o Analista 10 (p. 11) conta que, após selecionar os lances solicitados, chama os treinadores na sua sala para que participem do processo (ainda que na parte final), “*e aí eu sento com eles, eu ‘sequestro’ eles lá pra sala, [...] é mais ou menos dessa forma que eu tento trabalhar pra trazer eles pra perto de mim, entende, eu tento finalizar os vídeos junto com eles [...]*”.

O fato de tornar a análise de desempenho importante dentro do clube, é relatado por um dos analistas como um fator crucial para a aproximação com as comissões técnicas, “[...] *então a gente tornou o nosso trabalho muito, muito importante e muito próximo de toda a comissão [...]*” (ANALISTA 9, p. 6). Em virtude disso, a relação de confiança, por parte dos coordenadores e dos treinadores, no trabalho realizado, é referida da seguinte forma:

[...] todo o material que nós produzimos, dos analistas, somos nós que passamos né, é lógico que a gente não entra num confronto se o treinador ele quer passar, nós hoje, nós só temos a agradecer assim, pela, tanto pelo respaldo da coordenação, quanto dos treinadores que nós temos hoje, são muito mente aberta assim, nós não temos nenhum treinador que, que fala “não, não, não, analista não toca aqui, eu que passo” né, não temos nenhum (ANALISTA 9, p. 12).

O relato parece evidenciar o que aponta Vázquez (2012), uma vez que o autor coloca que muitas vezes a participação do analista junto à comissão técnica, especialmente as solicitações do treinador, depende fortemente do grau de confiança e cumplicidade em que estão envolvidos os profissionais. Contudo, esse grau de confiança parece também estar relacionado com a visão que os treinadores apresentam da análise de desempenho.

O fato de muitas vezes centralizarem as informações, limitando a atuação dos analistas, pode estar relacionada com o que apontam Wright, Atkins e Jones (2012). Em estudo realizado com 46 treinadores de diferentes esportes, os autores constataram que a maioria dos treinadores investe de uma a três horas revendo informações em vídeos, relatórios e estatísticas após os jogos. Assim, pode ser que isso lhes confira uma maior apropriação das informações, confiando mais em si do que em outros profissionais, como os analistas.

Percebe-se que, diante dos resultados encontrados, o trabalho dos analistas está fortemente condicionado com a forma com que os treinadores definem os processos dentro dos clubes, em que muitas vezes o perfil “centralizador” do treinador acaba interferindo na forma de atuação dos profissionais de análise. Todavia, torna-se fundamental que o analista tenha a liberdade, sabendo da sua posição dentro da comissão técnica, para apontar o que entende que possa estar relacionado com o desempenho, já que, como visto anteriormente, as informações trazidas por estes profissionais podem beneficiar diversos aspectos dentro dos clubes, inclusive o trabalho dos treinadores.

O alinhamento de ideias entre os profissionais deve ser considerado para seguir uma linha de trabalho que beneficie a chegada aos objetivos estabelecidos dentro do clube. No entanto, evidentemente, este é um fator que não é uma responsabilidade inerente somente ao trabalho do analista, e sim, de todos os profissionais envolvidos no contexto das categorias de base dos clubes, tendo como consequência, a qualidade/eficiência/eficácia no desenvolvimento do trabalho realizado por este conjunto de importantes profissionais.

#### **4.2.4 Relação dos analistas com os atletas**

Da mesma maneira que a relação do analista com a comissão técnica influencia a direção do trabalho desenvolvido, também a forma como os analistas de desempenho se relaciona com os atletas é importante para a qualificação do trabalho, e conseqüentemente o desenvolvimento dos próprios atletas. Embora ainda não seja a realidade nas categorias de base de todos os clubes do futebol brasileiro, perceber como ocorre essa relação (analista-atleta) é importante para possibilitar a melhora da atuação deste profissional. Deste modo, esta seção de análise apresenta como ocorre essa relação entre os analistas de desempenho e os atletas dos clubes brasileiros.

Assim como os treinadores precisam estar cientes da estrutura de poder que envolve a relação treinador-atleta, se os analistas de desempenho pretendem criar um ambiente de aprendizagem positiva, também necessitam estar conscientes dessa relação, buscando construir uma relação de confiança e respeito com os jogadores (GROOM; CUSHION; NELSON, 2011).

Relatando um caso em seu antigo clube, o Analista 2, menciona que construir uma relação de confiança com os atletas foi um dos principais caminhos para conseguir criar um vínculo com os mesmos, então:

[...] você precisa primeiro ganhar confiança, [...] então quando você ganha confiança fica muito mais fácil essa ligação, e é fazer o jogador, e geralmente o jogador percebe isso, quando ele percebe que você tá pra ajudar [...] que a gente é útil pra ele melhorar o futebol dele né, é muito disso [...] (ANALISTA 2, p. 14).

Não só estabelecer uma relação de confiança, como também fazer o atleta se interessar pelo seu desempenho é um fator que parece aproximar os analistas dos atletas. Conforme o Analista 9 (p. 11), “[...] *o atleta ele só não se interessa por um material que é dele, se tu não fizer ser interessante, no meu ponto de vista né [...]*”. Nesta perspectiva, despertar o interesse nos atletas, em relação à análise de desempenho é um dos caminhos relatados pelo Analista 8 (p. 14), “*então a gente tenta caminhar pra um... pra essa direção aonde o atleta consiga realmente ter um interesse muito grande por analisar o jogo né*”. Além de ressaltar a proximidade com os atletas, o mesmo profissional, comenta sobre conscientização dos mesmos e a autonomia para analisar seu próprio desempenho:

É... nós temos uma relação bem próxima assim dos atletas né, tanto que o clube e os treinadores dão liberdade pra gente mesmo passar informação pros atletas, e a gente pensa muito numa questão de educação dos atletas em relação a... a análise mesmo, pra que a gente chegue num momento aonde o atleta, ele sente, assista o jogo, faça análise do jogo, ele mesmo faça sua autoanálise, seja crítico em cima do que ele fez de bom ou ruim no que ele precisa evoluir (ANALISTA 8, p. 14).

Neste sentido, o relato se aproxima com o que colocam Groom, Cushion e Nelson (2011), De forma que, muitas vezes, os treinadores (entrevistados pelos autores) mencionam a necessidade de encorajar os jogadores a assumir a responsabilidade e realizar sua autoanálise através do vídeo, utilizando as ferramentas disponíveis para assumir uma filosofia mais centrada no jogador, possibilitando que eles aprendam com seus erros, e conseqüentemente assumam uma autonomia neste processo.

Na mesma linha, o relato parece evidenciar o que aponta Garganta (2018). Para o autor, é importante que se crie essa cultura nos jovens jogadores, pois quando se cria essa cultura, os jogadores entendem que estes procedimentos são

necessários para que eles possam qualificar seu desempenho. Se interessando por isso, os atletas vão solicitar cada vez mais que se faça, pois necessitam disso para melhorar e seguirão fazendo continuamente em categorias maiores. Por outro lado, se não estão acostumados, não gostam e se incomodam com estes procedimentos, perdem a oportunidade de melhorar o seu rendimento. Corroborando, Carlet (2020) escreve que é importante que se utilize estas ferramentas nas etapas de formação, para que seja possível formar atletas que se interessem pelas informações coletadas.

Em outro caso, a receptividade e a abertura dos atletas em relação a análise são colocadas pelo Analista 1 (p. 9), principalmente dos jogadores mais experientes, que inclusive já serviram a seleção brasileira, tendo outra mentalidade, “[...] *eles são bem abertos também, bem receptivos à análise, temos alguns jogadores de seleção, então eles já tem isso né dentro deles, já sabem como funciona, a mentalidade profissional né*” (ANALISTA 1, p. 9).

Semelhantemente, em relação às vivências de atletas mais experientes do seu clube, relacionadas à análise de desempenho, o Analista 2 (p. 15) aponta:

[...] por exemplo no sub 20, as vezes chega um jogador que já passou por um clube do **região geográfica brasileira**, um clube do **outra região geográfica brasileira**, chegou a ir na Seleção Brasileira por exemplo, então ele já tem contato com isso, então ele já sabe como é que funciona, se no clube dele já tem, então eles esperam também que o, que às vezes que você traga coisas né [...].

Os relatos se assemelham com o que coloca Pedreño (2018). O autor traz que as experiências adquiridas pelos atletas ao longo das suas trajetórias, com a contribuição da análise de desempenho, melhoram a cultura tática dos jogadores, enriquecendo seu entendimento de jogo, fazendo com que busquem cada vez mais informações.

Diante disso, a boa relação estabelecida, parece ser um ponto importante, no contato dos analistas com os atletas. Essa relação parece dar liberdade aos atletas, no sentido de procurarem os analistas, a fim de saber sobre seu rendimento e seus lances nos jogos, “*é muito muito aberto essa relação né, entre os analistas e os jogadores, eles tem total liberdade, tem jogador que as vezes batem na sala, a gente nem tá esperando [...]*” (ANALISTA 2, p. 14).

Situação semelhante é relatada por outros três profissionais entrevistados, “*as vezes tem atletas mais interessados, que me... que me procuram e querem saber ‘ah*

*qual foi os números do meu jogo? quantos passes eu dei? quantas finalizações?* (ANALISTA 3, p. 6). Como, “[...] *eles passam muito lá na sala [...] eles vão com frequência lá na sala*” (ANALISTA 6, p. 11). E também, “[...] *hoje, não digo assim que é todos, mas existe uma grande parte dos atletas que eles nos procuram pra pedir materiais né, realmente pra ver... pra ver as suas ações no jogo [...]*” (ANALISTA 8, p. 14).

Muitas vezes esse interesse é consequência da confiança estabelecida entre os analistas e os atletas, em que a confiança faz com que os jogadores acreditem nas observações realizadas e estejam sempre interessados em aprender algo novo. Assim, a utilização das ferramentas de desempenho como a utilização do vídeo, pode ter um efeito psicológico útil, estimulando a confiança. Tanto que muitos treinadores destacam como uma importante ferramenta de aprendizagem para os atletas, contribuindo na formação dos jogadores (GROOM; CUSHION; NELSON, 2011).

Destaca-se ainda que, segundo os analistas entrevistados, o interesse por parte dos atletas em relação à análise de desempenho tem aumentado consideravelmente nos últimos anos, como colocado pelo Analista 9 (p. 12),

[...] eu tô à quatro anos no **clube do entrevistado** tá, a dois anos atrás, analista de desempenho era cinegrafista pros atletas tá, atleta só passava na sala pra te pedir gol ou te pedir vídeo né, de jogo inteiro, e pra te perguntar “filmou o jogo hoje?” (ANALISTA 9, p. 12).

E comparativamente coloca:

Hoje né, eu já consigo, pra ti ter uma ideia eu recebo, não só mensagem, mas eu recebo muitos atletas na sala né, que querem sentar, sem eu chamar, pra ver o seu material, que me mandam mensagem pra... se eu tenho algum vídeo de correção deles, eles me aceleram muito pra saber os números e ter os *feedbacks* né [...] (ANALISTA 9, p. 12).

No mesmo sentido, o Analista 8 (p. 14), comenta:

[...] e tem atleta que ele tem... ele mesmo busca a gente pra poder debater e... a gente explicar, tirar algumas dúvidas que ele tem, com a maior liberdade assim... e principalmente a gente dá uma atenção bem grande para esses atletas, que vem nos procurar, pra que eles possam realmente fazer isso com frequência [...] (ANALISTA 8, p. 14).

Assim o entrevistado complementa, “[...] *é muito mais fácil quando ele vem de livre e espontânea vontade, é... até mesmo pra ele assimilar as informações é muito*

*melhor né, o atleta vem aberto pra receber essas informações*” (ANALISTA 8, p. 14). Outro profissional comenta que essa relação também é uma forma de aprendizado para o analista, enfatizando que este processo é uma troca de conhecimento. O mesmo profissional ainda salienta que deixa claro que fica à disposição dos atletas para que eles aproveitem ao máximo as suas contribuições, além disso, leva em consideração o fato dos atletas estarem dentro de campo, e o analista fora, para tentar chegar em um “denominador comum” (ANALISTA 2).

De acordo com Garganta (2018), este é um cuidado essencial nas categorias de base, e que muitas vezes não é considerado no ambiente dos clubes de formação. Desta forma é muito importante que os analistas percebam a perspectiva do jogador que está dentro do campo. Não somente observando, mas buscando compreender o que os atletas dizem e sentem. Pois, muitas vezes ao efetuar a análise, observando os jogadores, pode não se constatar muitas coisas, mas quando se conversa com os atletas, estes apresentam uma outra percepção dos acontecimentos no campo. Então, escutar a opinião dos jogadores possibilita que se possa compreender melhor diversos aspectos, analisar melhor e reformular conceitos (GARGANTA, 2018). Além disso, este tipo de comunicação-relação pode desenvolver um entendimento mútuo entre o treinador e o atleta, estimulando o diálogo entre estes e possibilitando que falem a “mesma língua”, notando, portanto, a importância atribuída ao analista de desempenho neste sentido. Pois assim, é possível potencializar a compreensão do jogo por parte dos atletas, já que não há nada mais claro que um jogador olhando para o seu próprio desempenho (GROOM; CUSHION; NELSON, 2011).

Nessa linha, um dos profissionais comenta sobre a sua vontade de que os atletas busquem mais informações de qualidade, não somente lances esporádicos como por vezes acontece (quando os atletas lhe procuram), para que percebam outras escolhas e entendam a forma como podem melhorar as suas ações em campo (ANALISTA 6). Por outro lado, mas também relatando uma boa relação com os atletas, o Analista 9, aponta para o fato de os analistas entenderem o seu espaço de atuação em relação à forma com que se comunicam com os atletas:

[...] eles gostam muito de receber esse tipo de material, de conversar sobre isso, eu acho que tu tem que ser flexível quanto a isso né, porque tu tem que entender o teu, o teu espaço, entender a tua profissão, que tu é o analista de desempenho, tu tem que passar essas informações pra eles, mas tu não tem que, cobrar eles de uma forma né, que a comissão tem que cobrar enfim, tu é responsável por passar essa informação e passar o teu conhecimento pra

que ele melhore aquilo, mas nunca de uma forma ríspida assim né, até porque isso não é teu papel, mas enfim, acho que eles, eles gostam muito de receber esse tipo de material e tem sido boa assim a relação (ANALISTA 9, p. 11).

O analista 1 (p. 9) comenta que o fato de ter uma boa relação com os atletas é consequência da continuidade no desenvolvimento do trabalho dentro do clube. Além disso, devido ao fato de conviver diariamente com os atletas, acaba se estabelecendo uma maior afinidade. No entanto, por mais que a relação seja considerada boa, o entrevistado relata que não pode deixar esse fato influenciar a análise dos jogadores, com um distanciamento natural nesta relação (ANALISTA 1). Diante disso, ressalta-se que, da mesma forma que o treinador deve ter cuidado na forma como se relaciona com os atletas, para que as suas avaliações não sejam distorcidas em função da relação estabelecida, isto também se coloca na relação entre o analista e os atletas, já que muitas vezes, conforme exposto pelos entrevistados, essa relação necessita ser um tanto próxima (PEDRENÕ, 2018).

Apesar de relatar haver contato com os atletas dentro do clube, o Analista 10 (p. 10), por sua vez, comenta que:

E aí às vezes algum, alguns jogadores acabam me, me procurando por já me conhecerem né, acabam me procurando, digamos que em off, às vezes antes do treinamento ou depois do treinamento, ou às vezes algum deles vai lá na sala fazer algum tipo de pergunta, de alguma coisa ou tirar alguma dúvida, mas assim, de um modo geral eu tenho tido pouco contato com os atletas né (ANALISTA 10, p. 10).

Salienta-se que, neste caso, o pouco contato do profissional com os atletas do clube pode estar atribuído ao fato de o analista apresentar uma alta demanda de trabalho, em que se dedica a diversas categorias dentro do clube, como também, pelo fato de ter uma liberdade limitada em função da relação estabelecida com a comissão técnica.

Embora algumas evidências ainda apontem que alguns jogadores podem ser céticos em relação a análise de desempenho por conta da forma como os profissionais dos clubes estabelecem essa relação (WRIGHT; ATKINS; JONES, 2012), é importante ressaltar que, para se tornar cada vez mais benéfica a relação entre analistas e atletas (assim como treinadores e atletas) deve-se levar em consideração os processos que impactam o interesse dos atletas por informações do jogo (GROOM; CUSHION; NELSON, 2011).

Diante do exposto, percebe-se que a relação que os analistas de desempenho estabelecem com os jogadores (em especial os jovens), tende a influenciar positivamente o interesse dos atletas no próprio desempenho. Isso pode contribuir efetivamente no desenvolvimento dos jogadores, contribuindo para a formação dos mesmos. Além disso, constata-se que gradativamente o interesse dos atletas por informações do jogo vem aumentando. Este contributo, pode ser pela forma como os profissionais de análise vem constituindo seu escopo de trabalho, especialmente nas categorias de base. Assim, a continuidade do trabalho (em longo prazo) do analista dentro das categorias de base, pode fazer, no decorrer dos anos, com que a capacidade dos jogadores de perceberem o seu desempenho, seja melhorada.

Dessa maneira, os analistas de desempenho (assim como outros profissionais), tem grande responsabilidade em buscar formas de se aproximar dos atletas, para que estes sejam os maiores beneficiados pelas possibilidades desta área de conhecimento.

#### 4.3 PROCESSO DA ANÁLISE: OPERACIONALIZAÇÃO DO TRABALHO EXECUTADO PELOS ANALISTAS

A presente categoria de análise descreve como ocorre a operacionalização do trabalho dos analistas de desempenho nas categorias de base dos clubes brasileiros, tendo em vista os procedimentos de análise adotados nas situações práticas diárias destes profissionais. Assim, aborda-se de que forma acontece a intervenção deste profissional na realização do seu trabalho, em contexto de jogo e treino, bem como a sua participação junto à comissão técnica. Esta categoria de análise apresenta também como é efetuada a análise do jogo e do treino, considerando aspectos específicos da análise de desempenho nas categorias de base. Além disso, descreve-se como se sucede o processo de interpretação das informações obtidas pelos analistas e de que forma acontece a condução destas informações aos atletas e aos profissionais que integram o corpo técnico dos clubes brasileiros.

##### **4.3.1 A intervenção e a participação do analista nos processos de treino e jogo**

A presente seção de análise identifica como ocorre a análise no contexto de treino e a intervenção do analista de desempenho junto à comissão técnica nas categorias de base dos clubes brasileiros. Descrevendo-se de que forma se dá a

presença dos analistas no ambiente de treino e de jogo, e o suporte dado por estes profissionais à comissão técnica. Além disso, apresenta-se a visão que o analista possui neste processo e como ocorre a integração deste profissional nas viagens, junto às categorias que atuam.

A atuação do analista de desempenho no contexto do treinamento vem ganhando cada vez mais atenção nos últimos anos, já que as comissões técnicas, em especial os treinadores, tem buscado recorrentemente utilizar as ferramentas da área para melhorar o rendimento das equipes e dos jogadores. Outrossim, o contexto do treinamento é importante para que os treinadores possam elaborar e colocar em prática suas ideias e estratégias (PEDREÑO, 2018; VÁZQUEZ, 2012; VILAR *et al.*, 2012).

Para apresentar as principais características da análise de desempenho no ambiente de treino nas categorias de base dos clubes brasileiros, encontra-se abaixo um quadro, sintetizando as informações mencionadas pelos analistas entrevistados.

**Quadro 27** - Principais características da análise do treino no contexto das categorias de base do futebol brasileiro

- Avaliar a qualidade da sessão de treinamento em função dos objetivos estabelecidos pela comissão técnica;
- Identificar as atividades realizadas e caracterizá-las dentro da metodologia do clube;
- Analisar o comportamento da equipe em função do modelo de jogo pretendido;
- Analisar o comportamento dos atletas e capacitá-los para desenvolver o modelo de jogo pretendido;
- Qualificar a sessão de treinamento com *feedbacks* individuais e coletivos;
- Relacionar as situações do treinamento com as executadas nos jogos, elaborando novas estratégias para intervenção futura;
- Estimular a competitividade entre os atletas nas sessões de treinamento.

Fonte: Elaborado pelo autor com base nas informações prestadas nas entrevistas realizadas.

Diante do exposto, entende-se que em diversos momentos o analista de desempenho acaba tendo um papel importante nas atividades do treinamento, buscando contribuir com a comissão técnica em diversos aspectos. O Analista 9 relata que dentro do seu clube, os protocolos de treino elaborados junto à comissão técnica, estimulam a competitividade entre os atletas durante a sessão realizada, fator que pode motivar os atletas durante as atividades. Dessa forma, o uso das ferramentas de análise, especialmente baseada em vídeo, é referido como um resultado pretendido

por treinadores de futebol das categorias de base para aumentar a motivação dos atletas (GROOM; CUSHION; NELSON, 2011).

A análise das atividades ocorridas no treinamento, também servem como uma forma de identificar o trabalho realizado por cada comissão técnica. Neste caso, o Analista 2 comenta que no clube, existe uma orientação metodológica para caracterizar o trabalho realizado em cada categoria. Assim, o analista, além de filmar, é responsável por coletar diversas informações durante as atividades desenvolvidas, como o tempo total da sessão de treino, especificando o tipo de atividade. Além disso, o profissional coleta informações sobre o tempo que os atletas passam em recuperação (se hidratando), tempo de instrução (e *feedback*) utilizado pelos treinadores e o tempo efetivo de treinamento (bola rolando).

Nesse sentido, é importante salientar que a análise dessas informações possibilita o planejamento de treinamentos mais específicos e personalizados (VÁZQUEZ, 2012). Já que isso pode contribuir com o desempenho dos próprios treinadores, pois ao se verem nos treinamentos (e terem informações da sua própria prática) podem realizar um processo de reflexão, desenvolvendo e melhorando as estratégias utilizadas nas atividades futuras (GROOM; CUSHION; NELSON, 2011).

Além das informações relativas ao desenvolvimento das atividades nas sessões de treino, o Analista 2 comenta ainda, que posteriormente ao treinamento ocorre uma análise, avaliando as situações em relação aos diversos objetivos (táticos) estabelecidos pelo treinador da equipe. Outro profissional relata que a análise do treino acontece de acordo com a demanda de cada sessão, exemplificando “*hoje o objetivo do treino foi desenvolver muito mais conceitos de comportamento de linha defensiva, então eu vou dar atenção pra isso né [...]*” (ANALISTA 8, p. 9). Porém, salienta que eventualmente acontece também a análise de aspectos mais gerais das atividades, como a observação do comportamento individual dos atletas.

Como visto anteriormente, uma das funções realizadas pelos analistas de desempenho é a filmagem de treinos. Isso ocorre para que posteriormente a comissão técnica possa assistir ao vídeo e observar as situações realizadas pelos atletas (e pela equipe), como justifica um dos analistas entrevistados “*por que a comissão depois quer ver como foi o treino né, é... ver como atleta ele se comportou, [...] como foi com muito espaço, como foi com pouco espaço, como é a leitura dele do jogo [...]*” (ANALISTA 4, p. 6).

Sendo que, em alguns casos, a comissão acaba solicitando ao analista situações mais específicas. No entanto, o profissional cita que mesmo que a comissão técnica não solicite nenhuma análise do treinamento, por vezes realiza a entrega de informações das atividades, exemplificando o caso:

[...] mas aí a gente tem aquela questão da pró atividade né... é... o objetivo foi finalização, tá separa os dois grupos lá, treino de finalização então a gente vê, ah o grupo tal finalizou um pouco melhor e tal, as finalizações foram mais no gol, sem a comissão pedir pra gente...a gente vai lá e entrega, entendeu (ANALISTA 4, p. 6).

Para outro profissional o foco da análise no treinamento ocorre um dia antes, com a participação da comissão técnica, em que conjuntamente, sentam e pontuam o que deverá ser observado, para que posteriormente à sessão do treino o analista possa realizar a análise com base no que foi combinado entre os profissionais. Sendo que, muitas vezes, a análise no treinamento ocorre no sentido de observar se os comportamentos treinados ocorrerão posteriormente nas situações de jogo (ANALISTA 6).

De forma semelhante o Analista 3 comenta que as análises buscam relacionar os acontecimentos do treinamento com os ocorridos nos jogos, comparando a eficiência nas ações,

A gente faz muito relacionando uma coisa com a outra... pega o treino, e relaciona com aquele treino durante o jogo... do nosso, dos nossos jogos “ah o treino de hoje foi ataque de espaço”, pega todos os lances de ataque de espaço nossos, que a gente não atacou o espaço, e os que a gente atacou o espaço, a diferença do que acontece no final da jogada (ANALISTA 3, p. 5).

A análise do treinamento acontece no sentido de analisar o comportamento da equipe em relação ao modelo de jogo definido pelo treinador, além disso, como uma forma de observar a atuação dos atletas para correções futuras, conforme o entrevistado explica: “*em conjunto com o treinador de acordo com o modelo de jogo dele [...] e para ter um feedback para você corrigir junto ao atleta pra alguma sessão posterior*” (ANALISTA 7, p. 4).

Com base nisso, é importante que se tenha a concepção das tarefas de treinamento, pois, a partir da análise do treino é possível reproduzir diversos comportamentos, buscando consolidar os comportamentos eficazes, e, por outro lado, corrigir comportamentos/ações que não sejam positivas para o desempenho. Assim a

análise do treinamento proporciona a adaptação de comportamentos necessários para a melhora do rendimento (VILAR *et al.*, 2012).

Para Vázquez (2012) além de correções de ações técnicas e táticas, a análise no ambiente de treino é crucial para promover um *feedback* instantâneo, podendo assim desenvolver características individuais neste processo (PIMENTA, 2019). Aquino e Gonçalves (2019) trazem que as análises em treinamento devem estar relacionadas ao contexto de monitoramento de carga (questões físicas) e a relação disso com o comportamento dos atletas. Contudo, nota-se que não foi citada pelos analistas a análise de aspectos físicos no ambiente do treino. Sendo assim, entende-se que essas práticas podem estar atribuídas aos preparadores físicos/fisiologistas no ambiente dos clubes.

Apesar de ser considerada importante, e de ser realizada por boa parte dos analistas, ainda assim, a análise em treinamentos acaba sendo difícil em alguns casos, devido a estrutura disponível, como menciona o Analista 10 (p. 7):

É, análise de treino realmente pra mim acaba ficando puxado porque só tem eu e... enfim...não tenho, não tenho condições, infelizmente não tenho condições, na verdade no nosso CT a gente não tem nenhuma estrutura alta ainda pra, pra que sejam realizadas essas, essas filmagens, acaba filmando de um plano um pouco baixo, não fica uma imagem muito boa [...] (ANALISTA 10, p. 7).

Reforçando a importância (da análise em treinamento), Pedreño (2018) cita que, especialmente no ambiente das categorias de base (formação) o uso da análise de desempenho deve servir para qualificar o trabalho dos treinadores, já que as ferramentas utilizadas servem para evoluir o trabalho destes profissionais. Essa prática possibilita observar se o desenvolvimento e a organização das tarefas de treino estão de acordo com os objetivos estabelecidos. Além disso, a partir dessas análises os treinadores podem realizar uma autoavaliação do trabalho desenvolvido.

De acordo com Pimenta (2019), o processo de treino deve ser analisado detalhadamente, crítica e permanentemente. Pois, muitos treinadores se baseiam nestas análises para realizar o planejamento e os objetivos das atividades (GROOM; CUSHION; NELSON, 2011). Sendo assim, o efeito da análise ocorrida em contexto de treino (quando bem executada), é que melhores sessões de treino serão proporcionadas, conseqüentemente isso possibilita a qualificação das tarefas,

otimizando o desempenho dos jogadores e das equipes, conforme apresentado na figura abaixo (PEDREÑO, 2018).

**Figura 15** - Processo de análise no ambiente de treino



Fonte: Elaborado pelo autor<sup>34</sup>.

Sobretudo, a atuação deste profissional especialmente no contexto do treinamento, justifica-se muitas vezes pela falta de tempo que a comissão possui para atender às necessidades dos atletas, especialmente de forma individual, bem como, em alguns casos, pela falta de uma comissão técnica com maior número de profissionais, realidade de muitos clubes nas categorias de base. Como comenta um dos analistas entrevistados “[...] a comissão é muito pequena, a comissão não consegue, abranger todos os atletas né, se for parar pra pensar, tem muitas, comissões que não tem nem auxiliar, que a gente tá falando de base né [...]” (ANALISTA 9, p. 2).

Outro profissional menciona a importância do analista de desempenho auxiliar a comissão técnica por conta da falta de tempo do treinador, pois “[...] nesse ponto a gente é muito importante porque o treinador não tem o tempo de ficar mostrando individualmente para cada atleta ação dele [...]” (ANALISTA 3, p. 7). O Analista 4 também relata que a realidade no clube é de que o treinador não tem tempo em uma sessão de treinamento de passar instruções individuais para cada atleta. Outro

<sup>34</sup> Baseado em Groom, Cushion e Nelson (2011), Pedreño (2018) e Pimenta (2019).

analista ainda reforça que muitas vezes o próprio treinador da categoria solicita que o analista esteja no campo exercendo a função de auxiliar, quando a filmagem do treinamento não é considerada necessária (ANALISTA 1). Semelhantemente o Analista 5 coloca que sempre que possível está em campo auxiliando nos treinamentos e contribuindo da maneira que a comissão entenda como necessidade.

Outro ponto mencionado como importante na atuação do analista auxiliando a comissão técnica, especialmente o treinador, é o fato de tentar se fazer uma divisão de tarefas, justamente por muitas vezes o treinador estar com grande demanda de trabalho e não “dar conta de tudo” (ANALISTA 7, p. 5), como também, pelo fato de a comissão técnica não conseguir realizar um trabalho mais aprofundado das informações disponíveis (ANALISTA 9).

A relação auxiliar-analista, e analista-auxiliar, é uma relação que foi mencionada por muitos profissionais, destacando a necessidade de o analista de desempenho estar próximo das sessões de treinamento (no campo), fator que pode contribuir na execução do trabalho deste profissional:

[...] acho que o analista ele sempre tem que tá no campo tá, ele não consegue, eu não vejo hoje o analista dando um *feedback* durante um jogo se ele não acompanhe o treino, se ele não entende a transferência treino-jogo, então pra mim é essencial a que ele esteja no campo[...] (ANALISTA 6, p. 6).

Esses apontamentos corroboram com o que coloca Aquino e Gonçalves (2019). Os autores ressaltam que o papel do analista não pode se restringir à análise do jogo, sendo necessária a aproximação com as tarefas do treinamento, pois, a presença diária desse profissional no contexto de treino, contribui para a interpretação efetiva da interação treino-jogo. Além disso, como já destacado anteriormente, a aproximação entre o analista e o treinador, propiciada pelo contato no ambiente de treino, facilita a compreensão dos indicadores de desempenho selecionados, qualificando o trabalho do analista.

A participação ativa nos exercícios do treinamento, seja planejando e/ou executando, em colaboração com a equipe técnica, é fundamental para a prática do analista de desempenho, visto que isso promove um aumento no conhecimento dos processos inerentes ao rendimento, relacionando as tarefas do treino com o jogo (PAULA, 2015). De acordo com Sánchez (2018), é importante que os analistas

realizem formações destinadas a treinadores, para terem maior compreensão dos fatores característicos de funcionamento do jogo e da relação com o treinamento.

Por conta dessas intervenções/participações no ambiente de treino, o Analista 6 se considera, e se vê, muito mais como um auxiliar técnico na estrutura profissional no clube que atua. A atuação do analista de desempenho, intervindo nos treinamentos, quando possível, também é mencionada pelo Analista 8. A atuação desse profissional, dentro do seu contexto é também como um auxiliar técnico, com algumas atribuições específicas nas sessões de treino:

Na medida do possível sempre o auxiliar-analista ele tá no campo, então ele tem que tá dando suporte no treino, então... fazendo papel de auxiliar realmente, passando informação pro atleta, contribuindo no exercício, contribuindo na elaboração do exercício, no planejamento da semana, então é realmente um papel de igual um auxiliar [...] (ANALISTA 8, p. 7).

Por outro lado, para outro profissional, a sua participação nos treinamentos é muito mais em função da filmagem e análise posterior do treino. Sendo assim, comenta que *“é sistematizado que vai tá, vai tá sempre no treino, a função principal de, no dia a dia de campo, é filmar o treino, é, esse ano eu não fiquei por exemplo nenhuma vez no, não, não dei nenhum treino no campo de fato”* (ANALISTA 2, p. 8). Complementando que essa função (de participação no treinamento) varia de acordo com a demanda, *“[...] e aí também vai muito da rotina né, a gente fala aqui de uma forma ideal que todo dia vai tá filmando o treino, mas nem sempre dá [...]”*. Ainda que a participação no campo seja um propósito, buscando estar presente o máximo de dias possíveis, a mudança na rotina do analista em relação aos treinamentos também é mencionada pelo Analista 6, em que comenta que a sua intervenção nos treinamentos fica dependente da rotina de jogos e da demanda de trabalho no clube.

Desta forma, a demanda de trabalho do Analista 10, que acompanha todas as categorias no clube, é um fator que dificulta a presença do profissional no dia a dia de treinamento. Embora prefira acompanhar as atividades no campo, o entrevistado pontua, *“então não consigo estar presente nos treinamentos, mas sempre que, que eu posso, que eu consigo, eu prefiro tá no campo, digamos que eu consiga assistir ali, dois treinos por semana né, dentro das categorias”* (ANALISTA 10, p. 8).

Ressalta-se que a dificuldade de estar presente diariamente no contexto de treinamentos, especialmente intervindo na sessão de treino junto à comissão técnica, pode dificultar a compreensão do analista em relação a metodologia empregada

dentro de cada categoria, visto que, na maioria das vezes é o treinador da categoria que estabelece os procedimentos adotados dentro do clube (CARLET, 2020).

Portanto, diante da grande demanda de trabalho, em relação às categorias no clube, a organização semanal dos analistas facilita o acompanhamento do dia a dia de treinamentos. No caso do Analista 9, os profissionais selecionam os treinos que entendem como mais importantes,

[...] então toda vez que vai fazer o cronograma da semana, “ah o quê que vai ser o treino da segunda?”, “ah então segunda feira nós *vamos fazer* isso”, eu vou na sub 20, depois eu vou na 19, tem jogo na quarta, então eu vou no pré-jogo da 20 na terça, enfim, a gente organiza e estrutura dessa forma (ANALISTA 9, p. 7).

Tendo em vista que muitas vezes nas categorias de base esses profissionais possuem uma grande demanda de trabalho, torna-se ainda mais importante a organização e o planejamento das ações, sendo essenciais para a operacionalização e para a intervenção dos analistas, especialmente no dia a dia de treinamento, já que essa participação pode contribuir para a melhora do rendimento (CARLET, 2020; SÁNCHEZ, 2018).

Um aspecto característico mencionado na forma de atuação do analista se trata sobre a visão que esse profissional apresenta do jogo, já que, para alguns profissionais, a forma como o analista vê o jogo difere de outros profissionais que estão envolvidos de uma maneira mais “direta” nas partidas (como o auxiliar técnico, por exemplo). Especificamente, o Analista 4 (p. 10) considera um aspecto importante, diferenciando a relação analista-auxiliar e auxiliar-analista, entendendo que a “emoção” de estar envolvido com o jogo pode atrapalhar a análise por parte tanto dos auxiliares como do treinador:

[...] eu vejo a análise, o analista como auxiliar né e não vejo um auxiliar como um analista, assim, não sei se você consegue entender essa relação... porque muitos clubes tem utilizado o auxiliar como analista, mas o auxiliar tá muito presente no jogo assim como o treinador, então é pouco mais difícil, como eu falei, é preciso ter esse olhar crítico [...] (ANALISTA 4, p. 10).

Também por esse lado, outro entrevistado entende a visão do analista com aspectos característicos, diferente da visão considerada no “calor” do jogo apresentada por outros profissionais. Assim, justifica, “[...] *porque nós temos um outro, uma outra visão, um outro olhar né, porque o nosso olhar ele é um pouco mais, mais*

*frio digamos assim né, é um olhar um pouco diferente daquele calor do treino, do jogo [...]” (ANALISTA 9, p. 3).*

O olhar mais “frio”, também é mencionado na fala de outro profissional, em que adicionalmente relata o olhar refinado que os analistas possuem, “[...] *a gente meio que tem um olhar frio do jogo, frio do atleta [...] a gente consegue ver o jogo com outro olhar né cara...é... olhar um pouco mais refinado [...]” (ANALISTA 4, p. 2).* Além disso, o Analista 3 (p. 8), aponta um fator que pode influenciar esse olhar mais “frio” (termo utilizado pelos entrevistados) que o analista de desempenho possui do jogo, “[...] *eu acho que o analista como fica acima filmando, não pega tão a tensão do jogo”.*

Desta forma, os relatos parecem corroborar com o que apontam alguns autores. Garganta (2018) destaca que muitas vezes os treinadores e auxiliares estão sujeitos às tensões do jogo, sob efeito de estresse e centrados principalmente na bola. Então, por conta da localização privilegiada (geralmente em um local mais alto), os analistas podem observar e reconhecer mais informações nos jogos. Além disso, muitas vezes os analistas estão próximos da equipe técnica, mas apresentam particularidades na forma de observar o jogo, contribuindo com uma visão distinta. Tal que estes processos permitem maneiras de intervir que sejam mais acertadas e racionais (VÁZQUEZ, 2012).

Ressalta-se que nas últimas décadas tem se mencionado as limitações que os treinadores têm encontrado para observar o jogo, como por exemplo o campo visual diminuído, que dificulta o acompanhamento geral do comportamento coletivo, por conta do posicionamento em que se encontram o banco de reservas e a área técnica nos campos de futebol. Além disso, a limitação da memória humana e o efeito das emoções durante os jogos são mencionados como barreiras para a observação dos treinadores (CARLING; WILLIAMS; REILLY, 2005; GARGANTA, 2008; PIMENTA, 2019). Nota-se ainda que a influência das emoções na forma de avaliar o rendimento, relatada pelos entrevistados, pode estar associada ao “efeito *Halo*” que é uma distorção cognitiva que ocorre quando as pessoas emitem juízos sobre determinado indivíduo, baseadas por uma impressão preconcebida (THORNDIKE, 1920 *apud* PEDREÑO, 2018, p. 21).

Diante disso, parece que esses fatores ressaltam a importância do profissional de análise de desempenho intervir, tanto em contexto de treino como de jogo, visto que a participação do analista não se restringe somente ao jogo ou ao treino. No entanto,

as maneiras de intervenção/participação variam de acordo com o tipo de relação que cada profissional possui com a comissão técnica dentro do clube. Para o Analista 3 (p. 4), corrigir situações que estão chamando a sua atenção é uma forma de intervir tanto em jogos quanto em treinamentos,

[...] eu vou a campo, principalmente em jogos...é... intervalo de jogo quando tem alguma coisa que tá que chamou minha atenção, alguma característica do outro time ou nossa, eu vou pra dentro do campo eu passo especificamente pra algum atleta que tá errando muito [...] eu tenho a liberdade para falar especificamente com jogador dentro do campo. Treinamento, pra passar pro treinador, o que tá acontecendo, o que não tá dando certo... eu geralmente, eu filmo, gravo lá de cima, e eu na hora eu desço e falo, “ô professor os nossos extremas não tá atacando o espaço”[sic], tenho muita liberdade para isso (ANALISTA 3, p. 4).

Na mesma direção, outro profissional refere que as intervenções realizadas durante os jogos são em função de determinados comportamentos treinados durante a semana ou em casos específicos, como comportamentos estratégicos para uma partida. A análise durante o jogo é passada para um membro da comissão técnica (geralmente o auxiliar técnico), que decide se passa ou não para o treinador da equipe (ANALISTA 6). O canal de comunicação para intervir no momento do jogo, também ocorre pela figura do auxiliar técnico no caso do Analista 9. Utilizando as ferramentas tecnológicas disponíveis pelo clube, algumas análises (baseada em questões táticas) são realizadas no momento do jogo e enviadas diretamente com a utilização de um dispositivo eletrônico (*iPad*) (ANALISTA 9). De forma semelhante, em relação às informações no intervalo do jogo outro profissional coloca “[...] *dependendo da estrutura o próprio analista consegue levar o computador mesmo, pra mostrar pro auxiliar ou pro treinador*” (ANALISTA 5, p. 6).

O analista deve fazer chegar a informação da melhor forma possível, sabendo que a informação terá grande utilidade (PEDREÑO, 2018). A intervenção do analista, muitas vezes repassando informações pontuais no momento dos jogos aos treinadores (ou demais membros da comissão técnica), serve para uma análise mais detalhada de um elemento específico do desempenho (NEVILL; ATKINSON; HUGHES, 2008).

No entanto, um dos entrevistados coloca que os protocolos de análise utilizados, que permitem a intervenção do analista, se modificam em relação ao local do jogo,

[...] a gente só consegue fazer ele (*protocolo*) quando os jogos são em casa, porque ele é um protocolo que ele não é o principal, ele é um protocolo complementar né, então a gente precisa de mais uma pessoa pra tá fazendo ele junto, então é mais complicado (ANALISTA 9, p. 9-10).

Isso parece demonstrar que o fator local é um dos pontos que interfere na participação e na qualidade do trabalho desenvolvido pelos analistas de desempenho, pois quando os jogos são “em casa” conseguem dar uma atenção maior às análises efetuadas, inclusive com participação de outros analistas do clube,

[...] se a gente joga dentro de casa por exemplo, um jogo de importância, um Brasileiro, uma Copa do Brasil, ou até um jogo de **\*nome do campeonato estadual de base**, que seja de nível, vão todos os analistas, e aí a gente consegue de fato fazer o trabalho bom [...] quando o jogo é fora de casa vai só um analista, então você filma e você tem que marcar também e fazer o nosso protocolo de jogo [...] (ANALISTA 2, p. 6-7).

Além disso, a participação/inclusão do profissional nas viagens é um ponto mencionado pelos entrevistados. Nesse sentido, um dos analistas cita que a participação em viagens é um fator de valorização do trabalho, comentando que “a gente não deve tratar o analista de desempenho na viagem como um a mais né, uma despesa, e sim como um trabalho muito importante né [...]”, e complementa dizendo que “[...] a gente faz algumas situações na viagem, que outras pessoas não poderiam fazer né, a gente não vai só pra filmar (risos)” (ANALISTA 9, p. 7). Por conta disso, percebe-se que a participação do analista de desempenho nas viagens é crucial, tendo em vista que a sua atuação é específica, com características singulares (como, por exemplo, manejo de ferramentas tecnológicas para análise do jogo).

Em outro caso, o Analista 1 (p. 6) cita a intervenção do treinador para a sua participação nas viagens:

[...] íamos mais quando realmente o treinador, isso ano passado, o treinador brigava pela, por achar importante nossa presença, então aí íamos, mas não é uma coisa, não é sempre, muitas viagens deixamos de ir ano passado. Nessa, tivemos um jogo só, foi a estreia do Brasileiro, e o professor fez questão que eu fosse [...] (ANALISTA 1, p. 6).

A participação nas viagens é a realidade para alguns profissionais, que viajam praticamente para todos os jogos com a comissão técnica, como comenta o Analista 8 (p.5-6) “[...] pra quase todas as competições sempre tem um auxiliar-analista, dificilmente não vai... eu desde que tô no clube, eu não vi nenhuma competição que não fosse um auxiliar-analista, pra fazer esse trabalho de análise”. Bem como, “é...

*todas as competições têm analista na base né, todos os jogos dentro ou fora de casa, pode ser viagem, o analista da categoria ele sempre vai [...]*” (ANALISTA 2, p. 6).

Outros profissionais, comentam inclusive da participação em competições Internacionais, *“a gente viaja bastante, todas as competições nacionais e internacionais [...] então assim a gente é privilegiado em relação a isso, a gente consegue viajar e vivenciar outras escolas isso é muito rico né”* (ANALISTA 6, p. 6).

Da mesma forma como cita o Analista 9, que reforça

Então a gente sempre vai pra todas as viagens, pra todas as competições, pra todas as excursões [...] então ano passado foi analista de desempenho pro Equador, ficou os 20 dias lá, até foi o *\*profissional citado*, nunca tinha ido analistas de desempenho pra Europa, ano passado eu fui pra Alemanha também, brigamos muito por isso [...] (ANALISTA 9, p. 6-7).

Dessa forma, os relatos parecem reforçar a importância que os treinadores (e os clubes) tem dado em relação às informações do jogo. Além disso, como visto anteriormente a atuação do analista de desempenho muitas vezes está ligada à demanda das comissões técnicas, especialmente os treinadores. Assim, cada vez mais a participação deste profissional é vista, não como uma tendência, mas como uma necessidade (SÁNCHEZ, 2018).

Por outro lado, apesar de realizar um trabalho específico, que vai além da filmagem do jogo, não é a realidade de todos os analistas estarem sempre envolvidos nas viagens com as comissões técnicas, que muitas vezes fica dependente do local, do tempo de viagem ou da competição. Conforme colocado por um dos entrevistados, *“[...] eu geralmente viajo quando é uma competição... que dure muito tempo fora, [...] aí eu vou... mas quando é um jogo bate e volta, ah ‘Campeonato Brasileiro sub 17’ vai para **cidade brasileira citada** e volta, eu não vou [...]*” (ANALISTA 3, p. 3).

Já o Analista 4 (p. 10) comenta que, no seu contexto, é difícil a inclusão do analista em viagens e que isso por vezes acaba atrasando o processo da análise. Em outro caso, um dos analistas entrevistados relata que nem sempre a sua participação é certa, mas que as vezes o analista viaja com a equipe, e ainda coloca que a sua participação nas viagens depende muitas vezes do jogo (ANALISTA 7). Situação semelhante é apontada pelos Analistas 5, 10 e 1 em que suas participações nas viagens, que geralmente ocorrem, variam de acordo com aspectos externos, como local do jogo e tipo da competição, com influência de questões financeiras.

Portanto, a falta de um profissional de análise de desempenho nas viagens, com as comissões técnicas, pode atrasar o processo de análise do jogo. Ademais, a presença do analista no local dos jogos facilita a identificação de fatores contextuais da partida, sendo essenciais para interpretar o real desempenho dos jogadores e das equipes. Além disso, a não presença dos analistas nas viagens pode acarretar perda de informações importantes, que muitas vezes os treinadores e auxiliares técnicos não tem condições de registrar (VENTURA, 2013).

Tendo em vista os resultados apresentados, importantes atribuições são mencionadas pelos analistas de desempenho na análise do treinamento nas categorias de base dos clubes brasileiros. Contudo, embora muitas vezes a análise no contexto de treino seja realizada conforme a demanda do treinamento, muitas vezes não há aplicações sistematizadas, diminuindo assim, o proveito desta prática.

Em função da falta de tempo das comissões técnicas nas categorias de base para realizar intervenções específicas, a participação do analista de desempenho é considerada fundamental, especialmente no contexto da prática de campo, visando a compreensão dos procedimentos adotados no treino, pois, considera-se que este profissional apresenta um olhar diferenciado na forma de analisar o rendimento dos jogadores e das equipes, quando comparado com outros membros do corpo técnico nos clubes. No entanto, ressalta-se que apesar da possibilidade de contribuir singularmente, a presença deste profissional em viagens não apresenta uma realidade uniforme no contexto dos analistas entrevistados.

#### **4.3.2 A análise de jogo dentro do clube**

A análise do desempenho apresenta algumas particularidades na maneira que se observa o rendimento dos atletas e das equipes em contexto de jogo. Portanto, a presente seção de análise descreve como os analistas de desempenho realizam as análises no ambiente do jogo nas categorias de base dos clubes brasileiros.

De modo a especificar os procedimentos adotados por esses profissionais, levar-se-á em consideração as perspectivas de análise, quantitativa e qualitativa, e as análises de forma individual e coletiva. Além disso, identifica-se quais os dados e informações coletadas na análise do jogo, e também, como ocorre a análise de adversário realizada pelos analistas de desempenho.

Assim como no treinamento, a análise do jogo traz informações que podem servir como parâmetro para melhorar a capacidade dos atletas e o rendimento das equipes. Entretanto, na operacionalização desse processo as análises ocorrem com ênfase e prioridades diferentes, considerando aspectos qualitativos e quantitativos, e também, baseando-se no desempenho individual e coletivo.

Dessa maneira, o quadro abaixo apresenta de maneira sintetizada de que forma os analistas de desempenho das categorias de base operacionalizam e desenvolvem as análises no contexto de jogo.

**Quadro 28 - Perspectiva e ênfase na análise do jogo**

<b><u>ANALISTA</u></b>	<b><u>PRIORIDADE NA PERSPECTIVA DE ANÁLISE</u></b>	<b><u>ÊNFASE NO PROCESSO DE ANÁLISE</u></b>
ANALISTA 1	PRIORIDADE QUALITATIVA	FOCO INDIVIDUAL
ANALISTA 2	QUANTITATIVA E QUALITATIVA	INDIVIDUAL E COLETIVA
ANALISTA 3	PRIORIDADE QUALITATIVA	MAIOR ABRANGÊNCIA COLETIVA
ANALISTA 4	QUANTITATIVA E QUALITATIVA	VALORIZAÇÃO MAIOR INDIVIDUAL
ANALISTA 5	QUANTITATIVA E QUALITATIVA	INDIVIDUAL E COLETIVA
ANALISTA 6	QUANTITATIVA E QUALITATIVA	MAIOR ABRANGÊNCIA COLETIVA
ANALISTA 7	PRIORIDADE QUALITATIVA	PRIORIDADE INDIVIDUAL
ANALISTA 8	PRIORIDADE QUALITATIVA	PRIORIDADE INDIVIDUAL
ANALISTA 9	QUALITATIVA E QUANTITATIVA	MAIOR ABRANGÊNCIA INDIVIDUAL (DE FORMA QUALITATIVA)
ANALISTA 10	PRIORIDADE QUALITATIVA	MAIOR ABRANGÊNCIA COLETIVA

Fonte: Elaborado pelo autor com base nas informações prestadas nas entrevistas realizadas.

Embora as formas de observar e analisar o desempenho se diferencie na atuação de cada analista, conforme exposto no quadro acima, uma das atribuições da análise efetuada no contexto do jogo ocorre com o objetivo de passar a informação de forma rápida para a equipe técnica e para os atletas. A separação dos lances em tempo real, conduzidas muitas vezes no intervalo das partidas, são utilizadas para

informar aos treinadores o rendimento identificado. Esta primeira informação analisada é conduzida da forma mais rápida possível para a comissão técnica, dando atenção para o que a equipe necessita fazer para melhorar o desempenho e superar os adversários (ANALISTA 2; ANALISTA 8).

Semelhantemente, o Analista 10 (p. 10) comenta que no decorrer do jogo, realiza as marcações no intuito de conseguir ganhar tempo posteriormente, em que relata, “*eu faço as marcações, independentemente do que vai acontecer no jogo, do que vai ser pedido, eu faço essas marcações, sempre que possível eu faço ela ao vivo né, pra ganhar tempo*”. Outro profissional coloca também, “[...] *então, acabou o jogo eu já tenho as informações do jogo completo, simultaneamente eu já coloquei no computador, já passei aí, a informação chega pra comissão [...]*” (ANALISTA 2, p. 9).

Ainda que grande parte das análises realizadas sejam posteriormente aos jogos, o uso da tecnologia permite a coleta de informações de forma simultânea durante as partidas, utilizada para identificar comportamentos que necessitam de ajustes (CARLING; WILLIAMS; REILLY, 2005). Neste sentido, Carlet (2020) identifica que a possibilidade de comunicação dos analistas com os membros da comissão técnica durante os jogos, permitida nos últimos anos, foi um dos fatores que valorizou e contribuiu para utilidade deste profissional em meio às partidas.

No entanto, ressalta-se que embora muitas vezes as análises efetuadas de maneira instantânea possam auxiliar os profissionais a tomar decisões rápidas para a melhora do rendimento momentâneo, é importante que sigam critérios claros e sejam objetivas, pois a falta desses fatores, aliada com a necessidade de compreensão rápida dos dados/informações podem trazer equívocos de interpretação, portanto sendo ineficazes (VÁZQUEZ, 2012). Então, a capacidade de interpretar rapidamente as ocorrências durante os jogos, comunicando-se pontualmente com treinadores e auxiliares são características relevantes para a atuação dos analistas.

Conforme apresentado no quadro 28, a abordagem qualitativa é realizada comumente entre os profissionais entrevistados nos procedimentos adotados para analisar o jogo. Segundo o mencionado pelo Analista 1 (p. 7), as análises efetuadas no clube são prioritariamente considerando aspectos qualitativos do jogo, sendo em função da importância atribuída pelos treinadores e pela demanda de trabalho, conforme colocado, “*as vezes sabe como que é, a demanda é muito grande, então*

*temos que, não dá pra fazer o scout realmente quantitativo, então a gente prioriza a parte qualitativa do jogo, realmente”.*

Igualmente, ressaltando utilizar com maior prioridade a perspectiva qualitativa por conta da demanda de trabalho no clube, outro profissional relata que essa abordagem é mais específica, atingindo mais os atletas dentro do clube:

Aqui a gente faz mais *quali*, mais qualitativa, porque como sou, como eu sou sozinho pra todas as categorias, tem que ser algo mais específico, tem que ser uma coisa que atinja mais o atleta. Mas eu também faço a quantitativa, só que a quantitativa a gente faz como... a gente se reúne um mês e a gente apresenta a análise quantitativa para as comissões, pros atletas não chega nada de quantitativo, só qualitativo (ANALISTA 3, p. 4-5).

Relato parecido é encontrado na fala do Analista 10 (p. 9), em que comenta que apesar de analisar alguns dados quantitativos, há dificuldade de realizar esse tipo de análise, dado o contexto de trabalho do profissional no clube. Deste modo, acaba sendo realizada de forma predominante a análise a partir de uma perspectiva qualitativa,

Então como eu tô sozinho aqui né, é, geralmente não é, não há tempo hábil para que eu possa realizar uma análise quantitativa do jogo, em relação a *scout* [...] então estes compactos, estes materiais que a gente, que a gente realiza são praticamente 100% qualitativo [...] (ANALISTA 10, p. 9).

Então, de acordo com os relatos dos entrevistados, parece que além da importância atribuída a análise qualitativa, a demanda de trabalho também é um dos pontos que acaba influenciando na escolha desta perspectiva. Isto parece estar de acordo com o que aponta Pereira (2017), o autor considera que o analista deve ajustar-se ao contexto, adotando procedimentos que se adaptem à sua realidade para analisar as ocorrências nos jogos. Contudo, por conta destes fatores, coloca-se que muitas vezes estes profissionais podem não estar efetivamente realizando uma análise considerada como ideal.

Ainda, em relação às perspectivas de análise (quantitativa e qualitativa), o Analista 2 (p. 11) declara, *“é tudo uma construção, se você não tem o número lá, a partir do momento que você interpreta ele, já é uma análise qualitativa, ele já virou uma análise qualitativa, então as duas andam em total comunhão o tempo todo”*. De forma semelhante outros profissionais (Analista 5 e Analista 6) comentam que no processo de análise dentro do clube, as informações são quantificadas utilizando os

números (através do *scout*) de determinadas ações que interpretam quando são relevantes, posteriormente fazendo a utilização das imagens para qualificar as informações recolhidas.

Em relação a isso, o Analista 8 comenta que no clube valorizam muito mais a parte qualitativa, utilizada primeiramente de forma coletiva, com a utilização de imagens que aconteceram como padrão no jogo. Porém, reforça que junto às informações qualitativas, utilizam os dados quantitativos para poder ter um olhar diferente, comparando as informações qualitativas e quantitativas. Desta forma o profissional destaca, *“isso nos faz, é... olhar para o jogo de uma forma um pouco diferente depois para ver se realmente, o porquê não bateu os dados ou o contrário como a gente falou... que justamente tá batendo os dados”* (ANALISTA 8, p. 8-9). Por outro lado, o Analista 9 explica que o trabalho realizado na análise do jogo, apresenta uma parte quantitativa (por meio do *scout*) sendo mais voltada para as questões coletivas, e, ao mesmo tempo, realiza uma análise qualitativa pensando nas questões individuais.

As análises efetuadas no contexto dos profissionais entrevistados, ainda que em alguns casos também ocorra quantitativamente, demonstram maior prioridade sob a perspectiva qualitativa. Portanto, contrapondo o que afirmam Gama *et al.*, (2017), os autores assinalam que a análise do desempenho no contexto do futebol está baseada ainda em uma imagem descontextualizada, considerando o somatório de ações do jogo, assim, não revelando a verdadeira complexidade e essência do jogo.

No sentido de proporcionar uma análise com maior utilidade, os analistas das categorias de base do futebol brasileiro têm superado a análise baseada em dados estatísticos/quantitativos (somatório de ações) do rendimento. Assim, de acordo com o que aponta Silva (2017), em estudo realizado no contexto das categorias de base de um clube português, os treinadores tem sentido cada vez mais necessidade de receber informações do ponto de vista qualitativo. Isto pode ocorrer posto que nos últimos anos tem se valorizado a tomada de decisão no contexto do jogo (PRAÇA; GRECO, 2020; TEOLDO; GUILHERME; GARGANTA, 2015). Sendo assim, a análise qualitativa muitas vezes tende a considerar o comportamento das equipes e dos jogadores.

Então, a forma com que os profissionais têm olhado para o jogo parece estar de acordo com a ideia de que a utilização de dados quantitativos isoladamente não

apresentam de forma eficiente uma descrição satisfatória dos comportamentos identificados no jogo, necessitando a utilização de informações qualitativas que forneçam com maior riqueza de detalhes o ambiente do jogo, qualificando a compreensão dos acontecimentos (MCGARRY, 2009).

Posto isso, coloca-se que os analistas dividem a atenção da análise do jogo entre dois aspectos do rendimento, a *performance* coletiva e a *performance* individual, conforme apresentando no quadro 28. Mesmo que o olhar individual seja um fator considerado, o Analista 6 (p. 10) ressalta que, no clube, apresentam um olhar prevalente para o desenvolvimento de questões coletivas, conforme o relato: *“obviamente que o individual ele não é deixado no segundo plano, mas eles andam juntos, mas obviamente que mais coletiva, muito mais voltada pro nosso jogar, pro desenvolvimento do nosso jogar”*.

O Analista 3 e o Analista 10 referem que no clube a análise acaba tendo um olhar muito mais coletivo. Torna-se importante ressaltar que esses dois profissionais desenvolvem o trabalho sozinhos dentro de todas as categorias de base nos seus clubes, sendo que este fator apresenta interferência nas suas práticas diárias, como visto anteriormente.

De acordo com Mendes (2016), o fato de muitas vezes os analistas estarem se baseando sob um ponto de vista coletivo, especialmente nas categorias de base, pode ser um equívoco na execução da análise. O autor apresenta um olhar crítico neste ponto, ponderando que se fossem considerados mais aspectos individuais ocorreriam menos erros na análise coletiva, já que são os jogadores que constroem o coletivo.

Entretanto, Silva (2017) aponta que a necessidade dos treinadores é de uma análise coletiva no processo de análise do jogo, quando comparado às estatísticas e aspectos individuais, sendo que isso tem direcionado a análise considerando aspectos da própria equipe e do modelo de jogo. Salienta-se que muitas vezes as necessidades das análises para os treinadores, podem estar voltadas em maior parte para o ponto de vista coletivo, assim não estando de acordo com as demandas da análise com ênfase em aspectos individuais.

Por outro lado, embora mencione a importância para questões coletivas, o Analista 9 (p. 11) expõe que o trabalho realizado leva em considerações a análise voltada para o rendimento individual:

[...] eu entendo ela voltada muito pra parte individual né, eu acho que a, na, como eu te falei né, no profissional ela é mais pra parte coletiva, logicamente né, [...] mas na base especificamente nós trabalhamos muito com a ênfase individual né, a questão coletiva ela é importante, mas ela é complementar (ANALISTA 9, p. 11).

O Analista 1 (p. 8) comenta que o olhar focado no indivíduo faz com que os jogadores melhorem, assim conseqüentemente o rendimento coletivo também apresenta melhora, “[...] *a gente procura melhorar o jogador, conseqüentemente melhorando o jogador, vamos melhorar nossa equipe, que é o processo é natural [...]*”. Adicionalmente, o profissional coloca que esses aspectos vão fazer com que a equipe esteja mais próxima de atingir os resultados esperados.

Na mesma linha, o Analista 2 (p. 12) aponta para o desenvolvimento do jogador, e também para a importância do resultado, “*o foco da base é desenvolver o jogador, mas também não posso perder o jogo*”. Para tanto, em alguns casos a análise realizada no clube tem um olhar tanto para os aspectos individuais como para os aspectos coletivos (ANALISTA 2, ANALISTA 5). Reforçando os aspectos citados, o Analista 8 comenta sobre o processo em que as questões coletivas influenciam o desenvolvimento individual, e que as questões individuais levam à melhora do desempenho coletivo. Contudo, ainda que mencione a importância dos aspectos coletivos, aponta que a prioridade no clube é desenvolver os atletas. Dessa maneira o profissional coloca, “*se a gente for pensar em formação, hoje nós damos muito mais atenção pra uma análise individual, pensando... pensando em desenvolvimento do atleta, que nossa principal função é realmente desenvolver o atleta*” (ANALISTA 8, p. 12). Similarmente é a colocação de outro profissional, onde esclarece que:

[...] a gente busca sempre o desenvolvimento de ambos tanto individual, para você conseguir... pra você conseguir gerar um coletivo de qualidade né, assim como você também desprezar o coletivo dificilmente o individual vai acabar se sobressaindo... mas a nível de base principalmente o foco é o individual não pode deixa de ser tá [...] lógico não desprezando completamente coletivo, mas a prioridade é a nível individual (ANALISTA 7, p. 5).

Esses relatos aproximam-se do que descreve Mendes (2016). Para o autor, especialmente nas categorias de base, o ponto de partida da análise realizada deve ser do individual para o coletivo, considerando que são as interações existentes entre os jogadores, a partir de suas individualidades, que constroem o coletivo. Assim, a análise global do jogo (coletiva), não possibilita compreender o jogo na sua essência,

sendo fundamental realizar uma análise individual, já que a análise individual possibilita compreender com maior eficiência a análise coletiva.

A observação do comportamento das equipes e dos jogadores tende a ser mais vantajosa que isoladamente a verificação de aspectos quantitativos referentes às ações individuais dos atletas (GAMA *et al.*, 2017). Isto reforça que o foco na análise deve estar direcionado para o comportamento dos atletas (ou das equipes), entendendo como ponto central uma perspectiva dinâmica da análise, e não apenas o olhar para as ações estáticas do rendimento dos jogadores em campo (VOLOSSOVITCH; FERREIRA, 2013).

Nesse ponto, apesar de considerar que o clube necessita de avanço em relação ao olhar voltado para as questões individuais, um dos profissionais entrevistados comenta que a análise individual e a formação do atleta ocorrem pensando em questões de mercado. Dessa maneira comenta, “*então a gente dá muito valor a essa questão individual, como o atleta tá se comportando individualmente, as atuações técnicas e táticas, e como ele tá realmente se portando [...]*” (ANALISTA 4, p. 8).

O relato apresentado parece corroborar com o que escreve Carlet (2020), o autor aponta ser importante que se tenha uma valorização das questões individuais dos atletas, realizando um trabalho individualizado, pois além de acarretar melhoria no rendimento coletivo, isso pode proporcionar aos clubes benefícios na negociação de jogadores. Além disso, ao observar e analisar um jogador, especialmente jovem, é importante que se faça uma análise em perspectiva, percebendo que tipo de jogador pode se transformar quando estiver em outros contextos competitivos, podendo também perceber os limites do atleta (MENDES 2016).

O foco na individualidade dos jogadores, especialmente no contexto das categorias de base, é necessário para que os clubes pensem em uma lógica que torne o clube como um projeto sustentável, se abastecendo dos jogadores formados no clube para integrar a categoria profissional, assim fazendo com que as equipes se tornem cada vez mais competitivas (HEINECK; CASARIN; GREBOGGY, 2012). De acordo com Mendes (2016), o processo de formação de atletas deveria ser encarado com muito mais responsabilidade, principalmente por clubes que apresentam maiores dificuldades financeiras, pois isso pode representar a rentabilização de recursos para a instituição (MENDES, 2016).

Ademais, um papel importante da análise no contexto dos jogos, indiferente da análise realizada, parece ser que as informações coletadas servem como parâmetro para a comissão técnica projetar as semanas seguintes de treinamento. O Analista 8 (p. 14) comenta como ocorre este processo, *“dando ênfase em algo que seja importante que foi visto no jogo passado, daí que vai ser importante pro próximo jogo e principalmente que vai ser importante pra desenvolvimento dos atletas [...]”*.

O relato corrobora com o que apontam Carling, Williams e Reilly (2005). Os autores destacam que este é um dos principais objetivos de realizar a coleta e análise de informações no contexto competitivo, pois o desempenho apresentando pelas equipes e pelos jogadores durante os jogos representa uma possibilidade de se preparar melhor para os desafios futuros. Entretanto, para isso ocorrer, é importante que os analistas identifiquem a razão dos acontecimentos de modo a promover um melhor planejamento e uma intervenção adequada para a qualificação do desempenho.

O estudo de Wright, Atkins e Jones (2012) com treinadores de diferentes esportes, aponta a valorização que os treinadores dão para os procedimentos da análise de desempenho em contexto de jogo. Segundo os autores as informações recolhidas nas partidas são importantes para o planejamento dos treinadores. Sendo que 93% dos treinadores utilizaram as informações da análise para planejamento de curto prazo, 80% dos treinadores para planejamento de médio prazo e 70% dos treinadores para planejamento de longo prazo. Reforçando a importância das análises para qualificação dos procedimentos adotados pelos treinadores.

Além disso, outro ponto importante é que as observações das ocorrências no contexto da competição servem para perceber se há conformidade com as ideias de jogo da comissão técnica. Assim sendo, as análises permitem recolher novas informações para entender o rendimento, e principalmente, analisar o processo de evolução dos jogadores e da equipe (PAULA, 2015).

No entanto, de modo a operacionalizar esses processos, diversos dados e informações são coletados durante os jogos para que estes profissionais possam realizar análises mais precisas. Diante disso, o quadro abaixo, apresenta as informações que baseiam as análises dos profissionais entrevistados, considerando dados e informações de aspectos coletivos e individuais, quantitativamente e qualitativamente.

**Quadro 29** - Dados e informações coletadas na análise do jogo pelos analistas das categorias de base dos clubes brasileiros

<b><u>DADOS/INFORMAÇÕES COLETADOS NA ANÁLISE DE JOGO</u></b>			
<b><u>QUANTITATIVO (A)</u></b>		<b><u>QUALITATIVO (A)</u></b>	
<b><u>Individual</u></b>	<b><u>Coletivo</u></b>	<b><u>Individual</u></b>	<b><u>Coletivo</u></b>
- Ação negativa	- Assistência (para gol e para finalização)	- Ações de goleiros	- Bloco de marcação (alto, médio ou baixo)
- Ação positiva	- Bola aérea (ofensiva e defensiva)	- Características individuais específicas	- Característica de jogo
- Assistência	- Bola parada (origem, tipo e resultado)	- Característica da posição	- Chegada no último "terço" do campo (local e tempo de jogo)
- Bola roubada	- Bola roubada	- Caracterização de ação negativa	- Comportamento e local em transição (ofensiva e defensiva)
- Bola aérea (defensiva e ofensiva)	- Cartões (amarelos e vermelhos)	- Caracterização de ação positiva	- Comportamento em bolas paradas (ofensivas e defensivas)
- Cartão Amarelo	- Chegadas à área	- Causa de ações negativas	- Comportamentos essenciais da equipe (compactação defensiva e ofensiva)
- Cartão Vermelho	- Cruzamento (ofensivo e defensivo)	- Dificuldade para execução de movimento	- Construção de jogo (zonas de defesa, meio-campo e ataque)
- Cruzamentos	- Cruzamento incompleto (ofensivo e defensivo)	- Domínio orientado	- Construção inicial das jogadas
- Desarmes	- Cruzamento	- Local da finalização	- Controle da profundidade
- Faltas (recebidas e sofridas)	- Desarmes	- Movimento corporal	- Eficiência na recuperação da bola (pós-perda)
- Finalizações (feitas e sofridas)	- Faltas (recebidas e sofridas)	- Perna que efetuou a finalização	
- Gol	- Finalizações (feitas e sofridas)	- Posicionamento	
- Interceptação	- Gols	- Ultrapassagens	
- Minutos jogados	- Interceptação		
- Passe certo	- Jogadas de 1x1 (defensivas e ofensivas)		
- Passe chave (que gera uma assistência)	- Local de circulação da bola		
- Passe errado	- Local de finalizações (feitas e sofridas)		
- Perda de bola	- Número de passes (certos e errados)		
- Recuperação de bola	- Oportunidade de gol		
- Jogadas de 1x1 (defensivas e ofensivas)	- Passe vertical (passe de quebra de linha)		
	- Perda de bola		

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Posse de bola (campo defensivo e campo ofensivo)</li> <li>- Recuperação de bola</li> <li>- Tempo de jogo das finalizações (sofridas e realizadas)</li> <li>- Zona de recuperação de bola</li> <li>- Zonas de finalização</li> <li>- Zonas de passe errado</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fases do jogo (construção, criação e finalização)</li> <li>- Formas de progressão (direta ou indireta)</li> <li>- Jogo apoiado</li> <li>- Modelo de jogo</li> <li>- Momento de recuperação de bola</li> <li>- Organização (defensiva e ofensiva)</li> <li>- Posicionamento da equipe (defensivo e ofensivo)</li> <li>- Resultado da finalização</li> <li>- Saída de bola (com alteração de sistema de jogo)</li> <li>- Situações positivas e negativas</li> <li>- Tipos de posse de bola</li> <li>- Trajetória de jogada de gol e de oportunidade de gol</li> </ul>
<b><u>DADOS/ INFORMAÇÕES COLETADOS NA ANÁLISE DO ADVERSÁRIO</u></b>			
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Análise do comportamento na fase ofensiva;</li> <li>- Análise do comportamento na fase defensiva;</li> <li>- Características individuais de jogadores adversários;</li> <li>- Construção de jogo em relação as zonas do campo;</li> <li>- Fragilidades coletivas e individuais;</li> </ul>			

- Gols feitos e sofridos;
- Oportunidade de gols;
- Origem das bolas paradas;
- Padrão/modelo de jogo;
- Resultado da bola parada (direta ou indireta);
- Saída de bola com variação de sistemas de jogo;
- Tipo de bola parada (escanteio, falta lateral, falta frontal);
- Zonas vulneráveis apresentadas.

Fonte: Elaborado pelo autor com base nas informações prestadas nas entrevistas realizadas.

Além de analisar a própria equipe e os jogadores, o quadro acima demonstra que esses profissionais observam os acontecimentos das partidas considerando características específicas ao jogo de futebol (momentos, fases, zonas entre outros). Contudo, os dados e informações coletados na análise do jogo abrangem com prioridade aspectos do rendimento técnico e tático. Em relação a isso, ressalta-se que, conforme apontam Gama *et al.*, (2017) cada vez mais percebe-se a necessidade de combinar uma análise do jogo que seja multidisciplinar, permitindo uma análise global do rendimento.

Com isso, Pedreño (2018) destaca que a análise de desempenho não pode se basear somente a partir do ponto de vista tático-técnico, devendo englobar outras ciências, como fisiologia, psicologia e biomecânica. Entretanto, acredita-se que isto pode se distanciar da realidade contextual dos analistas de desempenho entrevistados, pois, como visto anteriormente, a área de análise vem se desenvolvendo gradualmente nas categorias de base dos clubes brasileiros.

De acordo com Soncin *et al.* (2017) para compreender as características técnicas e táticas das equipes e dos jogadores deve-se considerar aspectos-chave do desempenho, como finalizações totais, posse de bola, passes certos e gols marcados. Contudo, conforme também relatado pelos analistas entrevistados, o processo de análise se caracteriza por explorar de forma mais específica os momentos do jogo (transição ofensiva, transição defensiva, organização defensiva e organização ofensiva), esquemas táticos (ofensivos e defensivos), modelos de jogo, variação no comportamento das equipes e dos jogadores, pontos fortes e fracos, e análise individual dos atletas (PAULA, 2015; PEDREÑO, 2018; SÁNCHEZ, 2018; VENTURA, 2013).

Apesar dos analistas apresentarem amplo conhecimento sobre a análise do jogo, pontua-se que algumas vezes o processo de análise se concentra em maior parte do ponto de vista ofensivo. Nesse sentido, é importante que o registro de informações considere o que acontece longe da bola, pois, ainda que sejam mais difíceis de serem registradas, são tão importantes quanto aquelas que podem ser vistas e medidas (ANDERSON; SALLY, 2013).

Embora venha sendo entendida como uma forma importante para analisar a relação entre os jogadores no contexto do jogo, sendo tema de investigações científicas no futebol nos últimos anos (CAICEDO-PARADA; LAGO-PEÑAS; ORTEGA-TORO, 2020; GAMA *et al.*, 2017), a análise de redes sociais (*network analysis*) não foi mencionada pelos analistas entrevistados. Torna-se relevante que esse método se introduza nas categorias de base dos clubes brasileiros, tendo em vista que é uma abordagem útil para identificar o estilo de jogo, caracterizando a influência exercida pelos principais jogadores nos padrões de jogo das equipes, principalmente no processo de ataque (CLEMENTE *et al.*, 2015; GAMA *et al.*, 2014). Contudo, um dos fatores que pode levar os analistas a não utilizarem esse método, embora apresente grande utilidade científica, é a falta de acesso e de conhecimento para sua aplicação, decorrente da relativa novidade desta forma de análise.

Além das análises realizadas visando o comportamento dos jogadores e o desempenho das equipes, muitas vezes, mesmo trabalhando no contexto das categorias de base, os analistas realizam a análise dos adversários, conforme exposto no quadro 29. Esse tipo de análise ocorre no sentido de identificar informações (padrão de comportamento) para que a comissão técnica possa realizar estratégias visando aproveitar deficiências dos adversários.

Porém, os analistas comentam que muitas vezes acabam tendo dificuldade de realizar esse tipo de análise, pois o ideal, que é obter três partidas do adversário, acaba não ocorrendo, por conta da dificuldade que é conseguir jogos de outros clubes nas categorias de base, “[...] *na formação também existe a questão de você ter as imagens da equipe adversária né, imagens, informações da equipe adversária, nem sempre você vai ter essas informações [...]*” (ANALISTA 8, p. 10).

Como também menciona outro profissional, “[...] *a gente normalmente tenta pegar os últimos três jogos do adversário né, às vezes, a gente entende né que principalmente em base [...] é difícil né tu conseguir, mas o ideal seria três jogos né*

[...]” (ANALISTA 9, p. 10). Nesse sentido, o Analista 1, comenta que muitas vezes olhando apenas um jogo é difícil de conseguir observar algum padrão de comportamento do adversário.

Esses relatos corroboram com o que aponta Sánchez (2018), conforme o autor a análise do adversário deve se basear nos três ou quatro últimos jogos da equipe que será enfrentada. Essa análise deve conter a informação mais completa possível para que o corpo técnico consiga perceber as principais características do adversário, podendo utilizá-las para buscar vantagem competitiva. Contudo, o fato de os analistas apresentarem dificuldades para obter jogos de adversários nas categorias de base pode estar relacionado com o próprio desenvolvimento da área neste contexto, já que não são todos os clubes que contam com um departamento de análise nas categorias de base.

No entanto, mesmo com a dificuldade mencionada, um dos profissionais comenta, “[...] a análise de adversário é sempre feita, a gente tem que dar um jeito de conseguir o jogo, não pode deixar a comissão né, no escuro do jogo” (ANALISTA 1, p. 8). Outro profissional também menciona, especificando, “*sim... sempre faz, é... mas do adversário é mais qualitativa, quantitativa não fazemos*” (ANALISTA 3, p. 5). Embora a análise de adversário deva ocorrer em menor prioridade nas categorias de base (comparada com o futebol profissional) (CARLET, 2020), nota-se que muitas vezes essa é uma prática comum dos analistas, pois esse é um dos principais interesses dos treinadores em relação a área de análise de desempenho, sendo que através dessas informações podem compreender os padrões táticos e as fraquezas das equipes adversárias, e preparar o melhor plano de jogo para suas equipes (GROOM; CUSHION; NELSON, 2011; VENTURA, 2013).

O Analista 8 (p. 10) relata como executa esse tipo de análise dentro do clube:

[...] pensando no ciclo do jogo e os comportamentos padrões dessa equipe, normalmente se a gente consegue os jogos, a gente tenta conseguir pelo menos três jogos que é... o que, o que dentro da semana a gente consegue assistir e analisar, e já consegue identificar, já consegue ter algumas coisas padrões da equipe né (ANALISTA 8, p.10).

A análise de adversário efetuada pelos Analistas 2 e 9 também busca identificar alguns comportamentos específicos do adversário, considerando os momentos do jogo. Já a análise mencionada pelo Analista 7, aponta para a atenção às características individuais quando algum adversário se destaca, no intuito de auxiliar

os atletas da sua equipe. Enquanto ocorre a análise do adversário, o Analista 2 (p.16) comenta que já passa algumas informações para o treinador, *“eu tento já otimizar meu tempo, então enquanto eu tô analisando, eu já vou dando feedback pra ele, mesmo que seja oral, “ó ataque de tal forma, olha a brecha aqui”* (ANALISTA 2, p.16).

Segundo outro profissional, após analisado o jogo do adversário, ocorre um debate com a comissão técnica, pensando no pré-jogo, onde coloca-se *“situações estratégicas pra pensar, desenvolver durante a semana... com os atletas e vendo a possibilidade de se passar ou não esse material pros atletas”* (ANALISTA 8, p. 10). Outro profissional menciona que a estratégia utilizada pela comissão técnica, em função de uma análise de adversário realizada, foi um dos fatores que levou ao sucesso em uma partida (ANALISTA 10). Assim, o investimento de tempo dos analistas para realizar essas análises ocorrem posto que através das informações recolhidas, busca-se antecipar ou predizer o que ocorrerá na partida, auxiliando melhor os treinadores a prepararem melhor o jogo das suas equipes (VÁZQUEZ, 2012; VENTURA, 2013).

Apesar de ser uma prática comum dos analistas entrevistados, conforme mencionam os relatos, Mendes (2016) aponta que muitas vezes existe uma preocupação exacerbada de conhecer os adversários, quando na realidade não existe um conhecimento profundo da própria equipe. Além disso, o mesmo autor cita que o conhecimento sobre o adversário só fará sentido caso os treinadores e os analistas conheçam de maneira específica a própria equipe, só assim poderão retirar vantagens desse processo.

Por outro lado, a análise de adversários tem se tornado cada vez mais importante, por conta de o jogo de futebol ter sido dominado por características estratégico-táticas altamente elaboradas (PAULA, 2015). Entretanto, salienta-se que essa prática parece decorrer muitas vezes pelo modelo visualizado no futebol profissional em que o conhecimento do adversário resulta na melhor preparação para a busca da vitória. Por isso, é necessário, conforme apontado anteriormente, que os analistas das categorias de base tenham clareza dos objetivos de cada prática de análise e executem de acordo com o contexto em que estão inseridos.

Diante do exposto, identifica-se que as áreas mais comuns de análise nos clubes são as análises da própria equipe, de maneira individual e coletiva, como também a análise dos adversários, que apesar de não ocorrer de maneira frequente,

por conta do acesso aos jogos dos adversários, difícil no contexto das categorias de base, é uma preocupação comum aos analistas entrevistados. Contudo, pontua-se que a prática de análise de adversários nas categorias de base pode ser contraproducente, já que muitas vezes esse tipo de análise parece estar atrelada exclusivamente ao resultado, e não ao desenvolvimento dos atletas.

Os resultados encontrados demonstram que embora sejam muitas informações coletadas na análise do jogo, a maior parte dessas informações são relativas a aspectos do rendimento tático e técnico. Sendo assim, parece importante considerar e analisar aspectos do rendimento físico e comportamental dos atletas e das equipes, pois considerando que o desempenho esportivo é multifatorial, a análise destes fatores pode fazer diferença dado o contexto altamente competitivo em que os analistas estão inseridos.

Os analistas de desempenho entrevistados parecem obter grande conhecimento de aspectos ligados ao jogo de futebol, característica essencial para o desempenho da função. Com isso, apresentam um olhar que possibilita contribuir no rendimento tanto do ponto de vista coletivo como individual. Contudo, nota-se que embora a análise de aspectos individuais tenha sido relatada pelos analistas, em alguns casos, a análise com viés coletivo parece predominar. Portanto, caso a comissão técnica não esteja comprometida com o desenvolvimento dos jogadores, a análise do jogo atrelada exclusivamente às exigências coletivas podem ser prejudiciais na formação dos jogadores.

Constata-se que a perspectiva qualitativa é utilizada de maneira preferencial pelos analistas. Haja vista em alguns casos a escolha por este método ser em função da demanda de trabalho no clube, esta forma de analisar os acontecimentos do jogo possibilita um olhar mais abrangente do comportamento das equipes e dos jogadores. Contudo, a integração de informações qualitativas com dados quantitativos parece proporcionar um modelo mais completo para analisar o desempenho, seja coletivo ou individual, podendo contribuir na forma de interpretar e compreender as informações coletadas.

#### **4.3.3 O processo de gestão e condução da informação**

Embora a análise do jogo e a coleta de dados sejam importantes na operacionalização do trabalho dos analistas de desempenho, a condução e

apresentação destas informações são essenciais para a efetividade do resultado pretendido neste processo. Portanto, a presente seção de análise, aborda de que maneira ocorre a condução e a apresentação das informações coletadas nos jogos por parte dos analistas de desempenho dos clubes brasileiros. Ainda, qual o caminho que essas informações percorrem e como são utilizadas após os jogos, bem como, a percepção dos analistas na influência da atuação objetivando a melhora do rendimento dos jogadores e das equipes nos clubes.

Na maior parte das vezes os relatórios e as apresentações (com vídeos) são as formas utilizadas para conduzir os dados e as informações coletadas na análise do jogo. Em cada caso essas informações são compartilhadas tomando caminhos diferentes, sendo destinadas para grande parte dos profissionais envolvidos nas categorias de base dos clubes (quadro 30).

Posto isso, o quadro abaixo apresenta o caminho que percorrem as informações coletadas.

**Quadro 30 - Caminho das informações pós-jogo**

<b>CAMINHO DAS INFORMAÇÕES PÓS-JOGO</b>		
<b>ANALISTA</b>	<b>PROCESSO</b>	<b>FERRAMENTAS PARA COMPARTILHAMENTO E ACESSO DAS INFORMAÇÕES</b>
<u>ANALISTA 1</u>	Analista → Direção → Comissão → Atletas	- <i>WhatsApp</i>
<u>ANALISTA 2</u>	Analista → Comissão → Coordenação → Atletas	- <i>WhatsApp</i>
<u>ANALISTA 3</u>	Analista → Treinador/Auxiliar → Coordenação → Atletas	NÃO MENCIONADO
<u>ANALISTA 4</u>	Analista → Supervisão → Comissão → Atletas	NÃO MENCIONADO
<u>ANALISTA 5</u>	Analista → Coordenação → Comissão → Atletas	NÃO MENCIONADO
<u>ANALISTA 6</u>	Analista → Comissão → Atletas	- <i>Hudl</i> - <i>WhatsApp</i>
<u>ANALISTA 7</u>	Analista → Comissão → Supervisão/Coordenação → Atletas	- <i>Hudl</i>
<u>ANALISTA 8</u>	Analista → Comissão → Atletas (Coordenação participa de todo o processo)	- <i>Hudl</i>

<u>ANALISTA 9</u>	Analista → Comissão → Coordenação → Atletas	- <i>WhatsApp</i> - <i>Hudl</i>
<u>ANALISTA 10</u>	Analista → Coordenação/Direção → Treinador → Comissão →	- <i>Youtube</i> - <i>WhatsApp</i>

Fonte: Elaborado pelo autor com base nas informações prestadas nas entrevistas realizadas.

Então, conforme exposto no quadro acima, a informação analisada após os jogos é encaminhada para outros setores e profissionais dentro do clube. Entretanto, muitas vezes pela necessidade de informar rapidamente, as informações são repassadas sem a realização de uma interpretação mais profunda. Logo após realizar a análise do jogo, o Analista 2 (p. 9) comenta que a informação é transmitida de forma rápida, sem realizar uma interpretação das informações coletadas, como relatado pelo profissional, *“a informação chega pra comissão, chega crua né, a informação chega crua de uma certa forma, chega pro treinador, pro auxiliar técnico, pro preparador físico, pra comissão toda e pro coordenador”*.

Além disso, às vezes pela necessidade de conduzir de forma rápida as informações, um dos analistas coloca *“[...] se a gente tá com demanda muito apertada né, muito apertada, pode ocorrer de agente enviar antes pra algum setor, digamos assim, pra coordenação né, sem ainda interpretar [...]”* (ANALISTA 9, p. 13). No entanto, o profissional comenta que quando isso ocorre, apesar de não ser a forma que entendam como ideal no clube, comunica que a informação ainda não foi interpretada. Por outro lado, um dos analistas relata que as primeiras interpretações do jogo já ocorrem no vestiário após as partidas, sendo discutidas com a comissão técnica (ANALISTA 7). Este relato se aproxima do que aponta McGarry (2009), o autor ressalta que o contexto em que os comportamentos são produzidos revela informações importantes para a análise do jogo.

A interpretação das ocorrências em jogos é um desafio dos profissionais de análise, tendo em vista que o comportamento dos atletas e das equipes é complexo, e muitas vezes aleatório, sendo produto do contexto envolvido (VOLOSSOVITCH; FERREIRA, 2013; CARLING *et al.*, 2014). Destaca-se que a capacidade de realizar essas interpretações, como mencionado por um dos profissionais entrevistados, pode ser uma característica a contribuir na eficiência da análise. Levando em consideração que as variáveis situacionais (local do jogo, nível competitivo, comportamento do adversário, condições climáticas, circunstâncias da partida) influenciam o

desempenho da equipe e dos jogadores, torna-se importante analisar o jogo mais próximo do contexto ocorrido, pois a falta de uma interpretação adequada pode acarretar em um processo ineficaz (VENTURA, 2013; AQUINO; GONÇALVES, 2019).

De acordo com o Analista 5 (p. 6), o processo de interpretação das informações ocorre junto à equipe técnica “*então, fazemos a coleta, montamos o relatório né, os dados, e enviamos pra comissão, e fazemos junto com a comissão essa interpretação*”. Conforme outro analista entrevistado, a condução das informações interpretadas, ocorre no dia posterior ao jogo, sendo que [...] *a gente se reúne, eu me reúno com a comissão... e eu passo tudo isso pra eles, os dados e a interpretação do dado, o resultado disso tudo...*” (ANALISTA 3, p.6). O “resultado disso tudo”, como menciona o entrevistado, é o que garante à comissão técnica, mais especificamente aos treinadores, projetar cenários futuros no desenvolvimento do trabalho (VENTURA, 2013).

Por conta do grande número de informações contidas na análise do jogo, algumas vezes as informações levam alguns dias até serem interpretadas e conduzidas para a equipe técnica. O vídeo compacto realizado logo após o jogo e as informações transmitidas durante a partida, em alguns casos servem para embasar algumas decisões, sendo que, “*o treinador ele não precisa ter uma reunião pra ver todos os dados, muitas vezes o compacto, e o quê a gente já relatou durante o jogo ele já serve pra tomar uma decisão*” (ANALISTA 2, p.16). Cabe ressaltar que para isso ocorrer, é importante que o analista esteja no ambiente do jogo.

Sobre os vídeos realizados após os jogos, o Analista 7 (p. 3) menciona três procedimentos adotados. O profissional realiza a separação dos gols da partida, o vídeo do jogo somente o tempo de bola em jogo sem lances de bola fora, e o vídeo compacto de 10 a 15 minutos, contendo os melhores momentos e as situações específicas a serem corrigidas.

Além de realizar o relatório do jogo, enviado para comissão técnica contendo informações quantitativas e qualitativas, outro profissional também menciona a elaboração de um vídeo compacto de curta duração (máximo 10 minutos), como maneira de conduzir a informação para que os membros da equipe técnica possam fazer a sua interpretação dos comportamentos adotados pela equipe nas diferentes situações de jogo (ANALISTA 6).

O fato de utilizar o vídeo para rever os acontecimentos do jogo, interpretando o desempenho realizado, afastado das emoções que estão muitas vezes presentes no ambiente dos jogos é tido como essencial por parte dos treinadores (GROOM; CUSHION; NELSON, 2011). No entanto, embora a importância de as análises realizadas serem demonstradas através de recursos audiovisuais, torna-se fundamental que os vídeos disponibilizados para comissão técnica estejam em conformidade e sincronia com a estrutura e com os conteúdos descritos nos relatórios (PAULA, 2015), pois, o fato de não haver similaridade nos conteúdos disponíveis, pode acarretar em um desalinhamento na interpretação por parte de outros profissionais, causando um desencontro de informações, perdendo a confiabilidade dos dados e dificultando os processos de melhoria de desempenho.

De acordo com o exposto no quadro 30, comumente as primeiras informações coletadas e interpretadas após os jogos são direcionadas para a comissão técnica nos clubes. Em alguns casos isso ocorre com o intuito de debater com esses profissionais, de modo a proporcionar uma visão mais completa das informações do jogo, inclusive para saberem de forma mais específica uma atenção especial a determinados atletas. Sendo que, após isso ocorrer, os materiais elaborados (em vídeos e relatórios) também são encaminhados aos atletas para que eles possam rever o próprio comportamento nas situações de jogo (ANALISTA 5; ANALISTA 9).

Assim que a interpretação das informações coletadas é verificada pelo treinador, o Analista 2 expõe a sua análise em uma reunião técnica com demais membros da comissão, em um processo compartilhado, para então filtrar as informações que serão repassadas aos atletas:

[...] com os dados já todos filtrados, todos analisados, depois da informação chegar pra comissão e pro coordenador técnico que também tá na reunião técnica, então todos tão o tempo todo, simultaneamente juntos, o coordenador participa ativamente do processo, a gente filtra o que vai pros jogadores, então é, analista filtra, treinador, auxiliar, a comissão e depois vai pros jogadores (ANALISTA 2, p. 9).

Considerando a importância de discutir os dados entre todos os membros da comissão técnica, outro profissional destaca o papel do analista após realizar a análise do jogo:

Ele (*analista*) tem que fazer uma reunião com a comissão, que essa reunião é justamente pra um debate né, aonde ele vai apresentar o que ele viu como

padrão, é... erros e acertos e assim por diante né, vai apresentar pra comissão, vai gerar um debate aonde dentro desse debate eles vão elaborar um material pra ser passado, aí então pra equipe né, de forma coletiva [...] (ANALISTA 8, p. 8).

Além disso, o mesmo profissional ainda comenta que este processo ocorre tanto com informações coletivas, como de caráter individual, sendo que após isso acontecer, os profissionais definem se essas informações vão ser conduzidas aos atletas e quais as informações serão compartilhadas (ANALISTA 8). Contudo, outro analista ressalta *“mas quando sentarmos com a comissão, cada um tem uma visão, cada um vai interpretar de uma forma, mas muito próximo, mas muito próximo do que cada um pensa”* (ANALISTA 6, p. 11).

No sentido de aproximar as formas de compreender os processos adotados no clube, em outro caso um dos entrevistados comenta serem realizadas reuniões semanais, *“a gente faz muitas reuniões semanais, a gente tira um dia pra discutir futebol, pra discutir é... como tá sendo o processo [...] porque a gente precisa falar a mesma língua né [...]”* (ANALISTA 4, p. 8-9). De maneira semelhante, após realizar a interpretação das informações coletadas nos jogos, o Analista 7 comenta que compartilha a informação com toda a comissão técnica, inclusive com os supervisores e coordenador, que participam das reuniões para uma análise após o jogo.

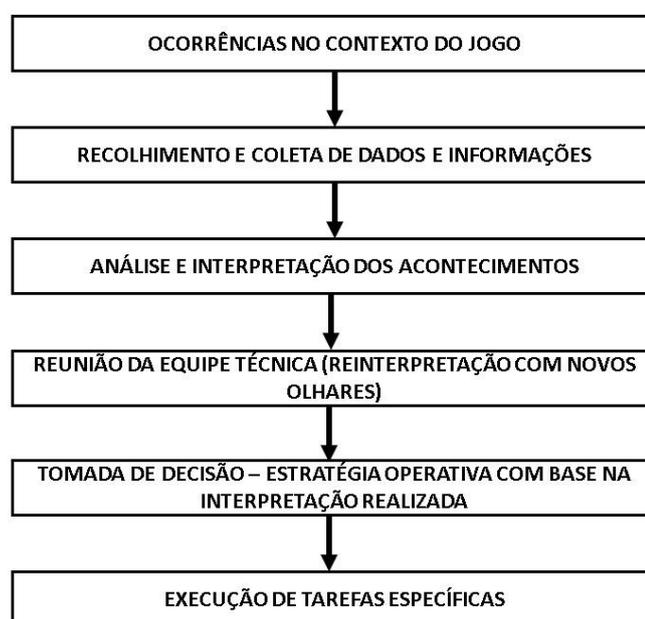
Os relatos apresentados pelos analistas se alinham com o que colocam alguns autores, pois além da interpretação dos dados gerar um maior conhecimento sobre o desempenho dos jogadores e das equipes (SARMENTO *et al.*, 2017), o processo que garante a transformação dos dados e das informações em conhecimento ocorre com o compartilhamento de ideias entre os profissionais envolvidos (AQUINO; GONÇALVES, 2019), neste sentido, as reuniões com as comissões técnicas se tornam importantes para comunicar e complementar o conhecimento propiciado pelas análises realizadas (PEDREÑO, 2018).

Contudo, embora Calvo (2008) coloque que o trabalho de analisar, registrar e interpretar as informações deva ser um trabalho específico dos analistas de desempenho, conduzindo as informações resumidamente para os treinadores, parece de grande importância que a interpretação ocorra em conjunto com os demais membros do corpo técnico, já que este processo garante um olhar com diferentes visões do rendimento apresentado pelos atletas e pelas equipes. Isso não limita o papel do analista na interpretação dos acontecimentos ocorridos nos jogos, e sim,

integra outros profissionais no sentido de otimizar o trabalho realizado, já que a execução das tarefas específicas em treinos ou jogos envolve diversos profissionais.

A interpretação e a condução das informações, identificando a razão dos acontecimentos, a fim de melhorar o planejamento de tarefas específicas é um dos pontos que reforça a integração de diversos profissionais nesse processo. Pedreño (2018) identifica que isso confere importância na tomada de decisão para a execução de tarefas operativas, ou seja, aquilo que se pretende enfatizar de forma específica no seguimento do trabalho da comissão técnica, conforme figura abaixo.

**Figura 16** - Processo de gestão da informação



Fonte: Elaborado pelo autor baseado em Pedreño (2018, p. 60).

A interpretação das informações coletadas, além de otimizar a execução de tarefas específicas, busca alcançar diretamente o contexto dos atletas nos clubes. Como visto anteriormente, a utilização das ferramentas de análise de desempenho, conduzindo e compartilhando informações com os atletas das categorias de base, muitas vezes é uma forma de fazer estes se interessarem pelo próprio desempenho. Além disso, essas ferramentas são utilizadas como uma forma de acessar os atletas, sendo que a utilização de informações transmitidas aos jogadores, muitas vezes em imagens e vídeos, possibilita melhorar a capacidade dos mesmos (MENDES, 2016).

No mesmo sentido, o Analista 7 (p. 12) aponta que a análise é uma forma de acessar o atleta, principalmente o jovem, “[...] através da análise você consegue tornar

*um pouco mais objetivo né, você mostra o vídeo, as imagens, você usa os números... e aí o acesso ao jogador fica melhor*". De forma semelhante, outro profissional comenta: *"[...] eu acho que não tem nada melhor que você acessar o atleta por ele mesmo, ou seja, através da análise de vídeos, através da análise, é... quantitativa mesmo, você ter material em mãos, e chegar no seu atleta de forma individual"* (ANALISTA 4, p.2). Portanto, se assemelhando ao que indica Carlet (2020), o autor coloca que levando em consideração as particularidades de cada atleta, é importante a transmissão de *feedbacks* individualizados, pois a resposta de cada atleta ocorre de forma diferente. Desse modo, as abordagens individuais permitem extrair o máximo de cada atleta.

Os relatos dos analistas entrevistados se aproximam do que destacam Nevill, Atkinson e Hughes (2008), os autores apontam que a análise de desempenho é uma forma objetiva de registrar o rendimento dos jogadores, de tal forma que os elementos "chave" do comportamento dos atletas possam ser identificados de forma válida e consistente. O fato de acessar os atletas através das próprias informações do seu rendimento pode estar atribuído a um processo que não está somente relacionado ao resultado dos jogos, mas ao desempenho de uma forma específica, com o efeito de ocasionar um comprometimento com a melhora da *performance* (GROOM; CUSHION; NELSON, 2011).

Além disso, é colocada a importância de mostrar as informações analisadas no sentido de comprovar determinadas situações para convencer os atletas, pois, algumas vezes determinados atletas apresentam resistência quando a análise é baseada somente em palavras, então os vídeos e os números dos atletas comprovam e fundamentam as análises realizadas (ANALISTA 8). De maneira semelhante, outro profissional coloca que conduzir as informações aos atletas em formato de vídeo auxilia na compreensão por parte dos jogadores, *"e aí que a gente entra pra mostra no vídeo, não só falar porque falar... ele fala... o jogador fala que entendeu e na hora repete... até com vídeo ele fala que entendeu e repete, imagina só falando..."* (ANALISTA 3, p. 7).

No entanto, este ponto evidencia também a necessidade de os analistas conhecerem de maneira específica o nível e as características pessoais dos atletas que fazem parte do grupo de jogadores das categorias. Pois, para garantir uma eficácia nas informações transmitidas aos atletas, é essencial que os analistas

percebam se os jogadores gostam ou não de receber informações, além disso, considerar o tipo de informação que preferem receber (GROOM; CUSHION; NELSON, 2011).

O Analista 8 relata a diferença entre somente dizer determinada situação e proporcionar o acesso dos atletas as análises realizadas:

[...] mas é diferente você simplesmente falar algo pro atleta no campo, seja no treino ou no jogo, do que você realmente ter o material como um vídeo, algo didático apresentando pro atleta aonde ele vai visualizar ele fazendo ou um modelo fazendo né [...] a partir dessa visualização ele consegue interpretar o que ele fez de positivo, negativo, alcançar talvez, pensar em possíveis estratégias né... aonde a gente também contribui, tentando levar o atleta a achar estratégias pra resolver os problemas [...] (ANALISTA 8, p. 3).

Também, outro profissional aponta que,

[...] o atleta consegue se desenvolver melhor, tendo as informações, mais informações sobre o desempenho dele, tendo mais acesso a sua performance, é, tendo mais, tendo mais vontade de querer melhorar por conta do acesso a essas informações (ANALISTA 5, p. 7).

Com base nisso, destaca-se que a informação só se torna útil quando o atleta a percebe como necessária, por isso é sempre importante que se considere de que forma as informações serão transmitidas aos atletas (CALVO, 2008), sendo que o auxílio das ferramentas de vídeo se torna apropriada quando os atletas recebem um bom *feedback*, com informações que são essenciais para a aquisição, melhoria e retenção do próprio rendimento (MCGARRY, 2009).

Entretanto, Groom, Cushion e Nelson (2011), assinalam que a forma como a análise em vídeo é construída pode impactar a confiança dos jogadores, sendo mencionado o cuidado em sempre construir vídeos que acabem com imagens positivas dos atletas. Além disso, necessitando um cuidado na exposição das imagens, não somente apontar o erro, e sim encontrar uma maneira de corrigi-lo. Neste sentido, Pedreño (2018) ressalta que o analista deve ter a consciência de que analisar não é somente criticar, e sim, reforçar comportamentos que se deseja que os atletas realizem.

Muitas vezes os atletas acabam sendo prejudicados, reconhecidos por não apresentarem o entendimento necessário do jogo. No entanto, essa é uma responsabilidade que deve ser atribuída aos profissionais envolvidos no contexto do

clube (principalmente analistas e treinadores), afinal são estes que possuem as ferramentas necessárias para estimular os atletas a terem uma maior compreensão das situações de jogo (HEINECK; CASARIN; GREBOGGY, 2012).

Conforme exposto no quadro 30, a condução das análises de jogos e treinos é recorrentemente utilizada e compartilhada com os atletas. Em muitos casos os *softwares* de análise contribuem para que as informações fiquem disponíveis, facilitando o acesso diretamente pelos atletas, “os atletas todos eles estão cadastrados na Hudl, então lá eles também têm acesso aos jogos, aos vídeos, à destaques e a nível de adversário, relatório de adversário [...] (ANALISTA 7, p. 5). De forma semelhante é outro relato sobre a mesma plataforma (Hudl),

[...] é onde a gente sobe todos os vídeos, e jogo completo, é... as análises, análise individuais, os vídeos pedagógicos pra passar pros atletas e através dessa plataforma a gente compartilha com os atletas com a comissão com coordenação, deixa ele (vídeo) disponível pra que todos possam ter um acesso muito fácil né (ANALISTA 8, p. 11).

Como também,

[...] a gente consegue lá (Hudl), tem um link com os atletas, eles conseguem visualizar, a gente consegue ter um controle de quem viu o material, de quem não viu, é, e a gente tem essa comunicação por ali, o treinador ele tem uma comunicação direta com o atleta dentro dessa ferramenta, dentro dessa plataforma [...] (ANALISTA 6, p. 10).

Os autores Aquino e Gonçalves (2019) destacam que as ferramentas digitais e os *softwares* de análise assumem um papel importante no compartilhamento das informações, em que há muitas vezes uma preferência de treinadores e atletas de receber informações através destas ferramentas. Ressalta-se ainda, que a visualização e o acesso devem ocorrer de forma fácil e eficaz, já que algumas vezes os atletas não possuem experiência com esse tipo de abordagem.

O Analista 2 (p.16) coloca “[...] eles têm acesso ao mesmo relatório que o treinador tem, a gente mostra a eles exatamente o que a gente coletou, pra eles verem também o que eles tão... o que a gente tá vendo sobre eles né”, relatando uma preocupação com a transparência das informações coletadas. Em outro caso, o Analista 9 (p. 11) comenta que, “o relatório coletivo e individual eles recebem...eles recebem os dois, o que a equipe fez e o que, e o que o atleta fez também”. Um dos analistas comenta que as informações passadas aos atletas se referem a autoanálise

do jogo (análise coletiva da equipe) e as ações individuais de cada atleta, os principais momentos que participaram do jogo, levando em consideração ações ofensivas e defensivas (ANALISTA 8).

É necessário enfatizar que as informações disponibilizadas aos atletas devem levar em consideração a realidade vivenciada de cada profissional, sendo que o material disponível deve ser atrativo e objetivo (AQUINO; GONÇALVES, 2019). Esse cuidado deve acontecer, sabendo que o excesso das informações, contidas em relatórios, vídeos e imagens, pode interferir no rendimento dos atletas (CALVO, 2008). Desta maneira, é importante que os profissionais façam um filtro das informações conduzidas aos jogadores.

Além de compartilhar as informações para o livre acesso dos atletas, comumente os analistas produzem materiais para apresentação. Dessa forma, um dos analistas entrevistados comenta que após elaborar o material solicitado pela comissão técnica, de acordo com o planejamento semanal, é realizado um encontro com os atletas, *“a gente marca um dia da semana, é, de acordo com a programação da categoria, e a gente leva os atletas pra sala de vídeo e ali é passado pra eles todo esse, todo esse material [...]”* (ANALISTA 10, p. 8). Porém, outro entrevistado comenta, *“isso fica mais a critério da comissão, de querer mostrar, passar pros atletas, geralmente acontece, a gente sempre reúne, mostra, mas não é uma coisa que é padronizada, depende de comissão pra comissão”* (ANALISTA 5, p. 6).

Ressalta-se que as formas de apresentação das análises realizadas se modificam de acordo com o pensamento de cada comissão técnica e com a relação que cada analista tem com os demais profissionais no contexto do clube, como visto anteriormente. Portanto, o quadro abaixo elucida as principais formas que ocorrem as apresentações das análises realizadas nos clubes.

**Quadro 31** - Formas de apresentação das informações aos atletas

<b><u>CENTRALIZADA</u></b> <b><u>(TREINADOR)</u></b>	<b><u>AUTÔNOMA (ANALISTA)</u></b>	<b><u>MISTA</u></b> <b><u>(ANALISTA E TREINADOR)</u></b>
- Condução centralizada no treinador, onde o analista organiza o material (computador, vídeo,	- Condução realizada exclusivamente pelo analista, onde o analista organiza todo o material e apresenta as informações coletadas, sem a	- Condução da apresentação realizada pelo analista com intervenções do treinador, ou condução realizada pelo

apresentação, etc.), porém não intervém na apresentação.	participação do treinador na apresentação.	treinador com participação efetiva do analista.
----------------------------------------------------------	--------------------------------------------	-------------------------------------------------

Fonte: Elaborado pelo autor.

Neste ponto, independente das formas utilizadas pela comissão técnica, a apresentação dessas informações deve acontecer em um ambiente onde os atletas tem liberdade para perguntar, caso não compreendam questões relativas as informações transmitidas, sem o receio de serem julgados (GROOM; CUSHION; NELSON, 2011). Esse tipo de abordagem pode estimular a participação dos atletas incentivando a terem uma consciência crítica do seu rendimento.

Além disso, já que este é um processo que muitas vezes envolve tanto os treinadores como os analistas, é importante que estes profissionais tenham percepção das suas capacidades comunicativas, objetivando que as informações cheguem de forma clara aos atletas (PEDREÑO, 2018). Ainda que a forma como os jogadores recebam as análises possa variar, sendo de forma individual, grupal ou coletiva, é necessário se leve em consideração o objetivo da apresentação (VÁZQUEZ, 2012).

Se por um lado a apresentação das informações coletivas serve mais para a preparação do jogo em equipe, com uma análise geral do comportamento observado, por outro, a apresentação individual é uma forma de especificar e saber a opinião do jogador sobre o seu próprio desempenho, fazendo intervenções pontuais para a melhora do rendimento. Cabe também que os profissionais estejam atentos para a resposta dos jogadores aos formatos de apresentação, pois dependendo do atleta, pode ser que responda melhor a um tipo do que a outro (GROOM; CUSHION; NELSON, 2011).

Com isso, após a coleta, interpretação, condução e apresentação das análises realizadas, as informações são armazenadas para uso posterior, ocorrendo geralmente em um local denominado de banco de dados. De acordo com os relatos, este armazenamento visa que os dados coletados se tornem fatores importantes na análise a longo prazo dos atletas ou das equipes. Se referindo a utilização de planilhas e *softwares* de análise um dos entrevistados comenta: “*então eu consigo ver, eu consigo criar um banco de dados de todos os jogos, [...] e quando precisa pelo software que a gente usa, a gente consegue ter isso a longo prazo*” (ANALISTA 2, p. 17). O profissional exemplifica,

Eu olho um jogador, eu quero ver o meu lateral-direito titular, a planilha me dá a minutagem dele, de todos os jogos, me dá todos os gols que ele fez, todos os, quantos jogos ele *tava* que a gente ganhou, quantos jogos que ele *tava* que a gente perdeu, então a planilha dá também os dados de longo prazo [...] (ANALISTA 2, p. 17).

Outro profissional (Analista 6) comenta que vai armazenando no *software*, jogo a jogo, todas as ações individuais e coletivas coletadas. Neste caso, em que os profissionais do clube denominam de “*Big Data*”, o analista explica que também consegue utilizar para enviar informações dos atletas para direção do clube:

[...] a gente consegue armazenar todas as ações, é, individuais e coletivas equipe. [...] então a gente consegue armazenar tudo isso aí numa *Big Data*, então sempre que nos é solicitado, pela diretoria, “*ah nome do entrevistado cara me dá todos, a por exemplo um volante, ah me dá todas as todas as desmarcações, todas as ações de mobilidade desse volante*” [sic], é... eu tenho lá todas as ações é, de desmarcações e mobilidade desse atleta e passo pra direção. Então tudo, tudo a gente armazena nessa *Big Data* (ANALISTA 6, p. 12).

Em outro caso as solicitações de informações e jogos dos atletas do clube, geralmente feitas imediatamente por diretores e coordenadores, também é mencionada por outro profissional, “*então armazenamos todos os jogos porque, ano passado foi repentinamente, é repetitivamente solicitado, lances de atletas, jogos de atletas*” (ANALISTA 1, p.10), ressaltando a importância de armazenar as informações e dados dos atletas, principalmente de vídeos dos jogadores.

Neste ponto, nota-se que a grande utilidade dos bancos de dados frequentemente utilizados para a análise e melhora do rendimento esportivo, apresenta grande contribuição dos sistemas tecnológicos (NEVILL; ATKINSON; HUGHES, 2008), como os *softwares* específicos para este fim, citado pelos profissionais entrevistados. Carlet (2020) menciona que este sistema de grande coleta de informações deve ser abastecido, estando à disposição de vários departamentos do clube, pois isso permite otimizar a interação entre os setores, potencializando o trabalho em conjunto. Evidenciado pelo relato dos analistas entrevistados, que utilizam as informações para relatar o desempenho dos atletas, quando necessário.

De acordo com isso, o Analista 7 (p. 6) nota que as informações armazenadas no banco de dados são utilizadas como uma forma de qualificar a tomada de decisão dentro do clube, especialmente na transição dos atletas para categorias superiores, sendo que:

Tudo fica armazenado tanto a nível coletivo quanto individual, porque primeiro para a gente guardar né, pra ter esses registros, e segundo por que de acordo com as transições das categorias é importante a gente ter esse *feedback*, pra você ter por onde se basear antes de tomar uma decisão, antes de subir um jogador de categoria, acabar fazendo uma dispensa (ANALISTA 7, p. 6).

Semelhantemente, outro profissional comenta que dentro do seu clube um banco de dados está sendo criado pensando na venda dos jogadores. Além disso, para que possa contribuir caso o atleta suba de categoria, fazendo com que os profissionais possam ter conhecimento dos atletas. Neste sentido o entrevistado expõe: *“tá sendo criado mais pra venda de jogadores... e pra aproveitar ele no profissional... pro treinador do profissional for querer aproveitar o atleta, conhecer o atleta, saber quem ele tá... quem ele tá subindo”* (ANALISTA 3, p. 6).

Com a ideia de acompanhar de forma mais aprofundada, um grupo de atletas com maior nível de projeção no clube, o Analista 10 (p. 12) coloca que o banco de dados, após elaborado (pois ainda não havia sido realizado), funcionaria como um acervo de imagens para ter um acompanhamento a médio e longo prazo dos atletas no clube. Embora relate que ainda não conseguem utilizar o banco de dados de uma forma otimizada como gostariam, o Analista 8 (p. 15), explica como pretendem utilizar as informações acumuladas no clube: *“nosso objetivo é que a gente consiga ter uma organização eficiente pra que a gente possa a longo prazo entender como foi o desenvolvimento de um atleta, um atleta que teve sucesso, por exemplo”*. Assim, explicando de forma mais específica:

[...] como ele iniciou, a entrada, a ingressão dele no clube o que que ele teve de conteúdo em cada ano que ele passou, em cada categoria que ele passou pra ele chegar lá na equipe principal e a gente conseguir estudar, é... essa trajetória que o atleta teve, pra conseguir talvez desenvolver, é... ou deixar mais próximo ao ambiente pra que a gente consiga desenvolver atletas da mesma, mesmo potencial [...] (ANALISTA 8, p. 15).

Isso se aproxima com o que menciona Carlet (2020), para o autor o banco de dados no clube, deve proporcionar um histórico dos atletas na instituição. Ainda, os relatos parecem corroborar com o que colocam Sampaio e Leite (2013), visto que a grande quantidade de dados e informações disponíveis, obtidas na análise do desempenho, pode ajudar as organizações esportivas a alinhar o desenvolvimento de estratégias operacionais de curto, médio e longo prazo. Contudo, para que isso de fato seja eficiente, é necessário que se utilize medidas e informações adequadas do rendimento. Assim, é possível que os analistas consigam saber de forma mais clara,

qual a distância que se está de onde se pretende chegar, como uma forma de gestão das informações (GARGANTA, 2018).

O Analista 4 (p. 3) comenta que, além de dentro do clube obter os dados armazenados (números, anotações, notas de jogo), gosta, pessoalmente, de armazenar as informações dos atletas, pois assim consegue compreender melhor o rendimento apresentado, *“através disso, a gente percebe quando o atleta realmente não tá no dia bom e tal no dia correto, é... pra determinadas ações”*, de acordo com isso, o compilado de informações parece contribuir na interpretação do desempenho apresentado pelos atletas, a fim de identificar quando algum aspecto contextual pode ter influenciado no rendimento apresentado.

Além disso, o Analista 4 e o Analista 10 mencionam a utilização da plataforma *Youtube* para armazenamento de vídeos, notando uma preocupação com as informações de longo prazo, *“no dia que eu saí, o clube vai ter, vai ter tudo armazenado ali”* (ANALISTA 10, p.8). Destaca-se que isso pode garantir um acompanhamento contínuo do trabalho realizado, independente do profissional que esteja vinculado ao clube.

Na situação do seu clube, o Analista 9 (p. 13-14) menciona que possui dois bancos de dados. Um utilizado pelo departamento de análise de desempenho, compartilhado com a coordenação do clube, para que os analistas possam realizar as suas próprias interpretações, através dos números e gráficos, sobre os atletas. E outro banco de dados, sendo utilizado com informações de todas as áreas do clube, onde os analistas alimentam com as informações coletadas nas partidas, sendo debatidas por diversos profissionais em uma reunião trimestral, onde explica:

Então é passado o nome de cada atleta né, e aí todas as questões desse atleta, então eu vou estar presente lá [...] como analista de desempenho, e quando falar do atleta tal, eu vou falar, falar sobre as informações preenchidas dele desse trimestre... [...] (ANALISTA 9, p. 14)

No caso do Analista 3, a utilização dos dados armazenados, quantitativamente, também é apresentada para os profissionais do clube. O profissional relata que se reúne em um mês com a comissão técnica (os atletas não participam neste processo) e apresenta os dados armazenados durante aquele período. Por outro lado, o Analista 9 (p. 12-13) relata que após recolher uma grande quantidade de dados e informações, combina com a comissão técnica e marca uma reunião com os atletas para esclarecer

os dados coletados, “[...] e aí a gente vai lá, se reúne na nossa sala de reunião lá com os atletas, eu explico os números, falo pra eles o porquê disso tudo [...]”.

De acordo com Vázquez (2012), é fundamental que ao longo de toda a temporada se realizem reuniões técnicas entre diversos setores do clube com a contribuição das informações analisadas, a fim de proporcionar um correto planejamento a seguir. Além disso, Carlet (2020) menciona que se deve apresentar os dados coletados por todas as áreas, na busca por um trabalho transdisciplinar, levando em conta que o desempenho esportivo é multifatorial, assim, as análises com envolvimento de outros campos de conhecimento podem contribuir para uma interpretação mais eficiente do rendimento.

Os autores Aquino e Gonçalves (2019) mencionam um ponto importante que busca contribuir para a área de análise de desempenho e conseqüentemente para os profissionais envolvidos nela. Constatando que as informações armazenadas em banco de dados são utilizadas exclusivamente pelos clubes, os autores indicam que há uma necessidade destes dados recolhidos internamente nos clubes sejam divulgados com maior frequência através de meios científicos. Essa iniciativa possibilitaria o estabelecimento de valores normativos e evolutivos para a área, tendo em vista que muitas vezes os profissionais das categorias de base têm que basear os dados e informações comparando-os com os valores do futebol profissional.

Para Aquino e Gonçalves (2019) e Carlet (2020) há uma clara necessidade do estabelecimento de parcerias entre os clubes esportivos e instituições de ensino e pesquisa. Semelhantemente, Rein e Memmert (2016) destacam que com a grande quantidade de dados disponíveis é necessário que haja um intercâmbio entre os profissionais da pesquisa e da prática, pois esses conhecimentos podem contribuir na forma como ocorre a interpretação e a gestão das informações, fatores relevantes especialmente para a prática da análise de desempenho.

Conforme apresentado, a interpretação, condução e gestão das informações revelam um papel importante no desenvolvimento do trabalho dos analistas de desempenho. Em diversos momentos os entrevistados relatam como percebem a influência da área, especialmente no rendimento dos atletas, nas suas atuações dentro dos clubes.

De acordo com o entendimento do Analista 7 (p. 6) a análise de desempenho apresenta influência direta no desenvolvimento dos atletas, sendo uma ferramenta de

apoio aos profissionais do clube, “*ela influencia diretamente porque eu acho que a análise o primeiro grande braço de apoio pra você tornar objetivo tudo que é subjetivo, quanto a interpretação e propriamente dita a análise do atleta né*”. Além disso, o profissional coloca:

[...] na categoria de base que você tá pensando sempre em projeção pra chegar ao profissional que é o grande objetivo da base, você formar o jogador pro profissional, você precisa tá o tempo todo avaliando e quantificando, qualificando esse jogador, se você não tiver dados, se você não tiver informações a respeito de quem é aquele atleta, quanto mais informações, você está se cercando menor o nível de, menor a chance de você cometer um erro na sua avaliação (ANALISTA 7, p. 6).

É importante salientar que apesar do maior número de informações possibilitar uma análise mais refinada (REIN; MEMMERT, 2016), a quantidade de informações não garante a eficiência e a qualidade no desenvolvimento do trabalho dos analistas, já que a necessidade é que estes profissionais apresentem um grande conhecimento do jogo, a fim de interpretar, conduzir e gerir essas informações da melhor forma possível (GARGANTA, 2001; PEDREÑO, 2018). Então, com a boa leitura das informações disponíveis, de fato é possível minimizar as possibilidades de cometer erros nesses processos (MENDES, 2016).

A participação ativa dos analistas de desempenho é um dos pontos mencionados por outro profissional. Neste caso, comenta como a participação interfere no desenvolvimento dos atletas no clube,

Então a gente participa ativamente do processo e quando cê participa ativamente do processo, você interfere muito no que o jogador vai fazer, tanto de bom, como de ruim, se eu dou uma informação ruim pra ele, ele vai fazer uma coisa ruim dentro do campo, porque o jogador ele tem muito da confiança na informação, ele confia no que a gente fala [...] (ANALISTA 2, p. 18).

Nesse sentido, o Analista 9 e o Analista 3 comentam que enxergam uma importância muito grande da análise, pois dentro dos clubes, realizam um trabalho voltado para a correção de situações técnicas e táticas, “*coleta essas questões, leva o atleta na sala, mostra pra ele o que ele tá fazendo de certo, o que ele tá fazendo de errado*” (ANALISTA 9, p. 2). Como também, “[...] *a gente corrige muita... corrige muitas ações dos atletas é corrigida por nós [sic], pelos analistas [...]*” (ANALISTA 3, p.7). Estes relatos corroboram com o que apontam Carling, Williams e Reilly (2005), Mackenzie e Cushion (2013), MCGARRY, O’DONOGHUE e SAMPAIO (2013), e Carlet

(2020), indicando o papel crucial do *feedback* como forma de correção, principalmente de ações táticas e técnicas dos atletas, em que abordagem individual possibilita maior eficiência visando a melhora da *performance*.

Um dos profissionais ainda comenta sobre a influência da área dentro do clube na ascensão de jogadores a categorias superiores,

[...] casos de atletas que subiram né, ou que foram pra subir que tinham alguns problemas né, técnicos principalmente, vamos falar de maneira individual, de atleta né, e aí foi trabalhado muito em cima de vídeo, de material pra essa correção né, e o atleta melhorou muito nesse ponto [...] (ANALISTA 9, p. 14).

Para o Analista 6 (p. 12) o trabalho da análise de desempenho dentro do clube, principalmente na fase de formação de atletas, é considerado uma ferramenta que auxilia o processo, “[...] é mais um braço, entendeu, na formação dos atletas, é... mais uma ferramenta aí que auxilia, e que ajuda no desenvolvimento dos atletas”. Para o Analista 8 (p. 16) a influência da análise de desempenho dentro do clube, se dá por conta de conseguir ser uma ferramenta muito didática, facilitando a visualização de vídeos e imagens por parte dos atletas. Assim, o profissional comenta que é possível perceber a evolução no conhecimento de jogo (declarativo<sup>35</sup> e processual<sup>36</sup>), propiciando aumento do rendimento dentro de campo. Então,

[...] isso reforça, é... ainda mais o papel da análise de desempenho né... e fala assim de experiência própria, de experiências própria assim, você vê um desenvolvimento muito grande de atletas aplicando conceitos que às vezes você faz de uma maneira mais específica [...] (ANALISTA 8, p. 16).

Embora a utilização incorreta das ferramentas de análise possa atrasar o processo de aprendizagem dos atletas em formação (CALVO, 2008), conferindo uma grande responsabilidade aos profissionais que a utilizam, claramente a aplicação adequada destes conhecimentos pode contribuir de grande forma na busca pela qualificação do rendimento, especialmente relacionada ao processo de formação de atletas nas categorias de base (GROOM; CUSHION; NELSON, 2011; MENDES, 2016; PEDREÑO, 2018; REEVES; ROBERTS, 2013).

---

<sup>35</sup> Conhecimento ligado ao saber do atleta, compreendido como a capacidade que os atletas possuem de conhecer o que fazer em determinada situação (GARGANTA, 1998).

<sup>36</sup> Conhecimento relacionado à capacidade do jogador em operacionalizar (executar) respostas apropriadas aos problemas advindos de determinada situação de jogo (TEOLDO *et al.*, 2011).

Por isso, a relação entre a aplicação e a evolução percebida nos atletas para outro profissional (Analista 1) é um sentimento gratificante, conforme expõe o entrevistado, “[...] *isso é muito gratificante né [...] quando a gente vê o trabalho realmente né surtindo efeito, não tem preço [...]* (ANALISTA 1, p.10). Por outro lado, o Analista 10 coloca que dentro do seu contexto a sua contribuição é reduzida, em comparação com o que entende como ideal,

[...] no nosso atual cenário aqui, a minha contribuição têm sido muito pouco, né... é, infelizmente a análise de desempenho ela requer um, uma atenção, um cuidado diferente, não é porque eu trabalho nesse setor, mas... como eu falei, o mundo ideal seria pelo menos um analista pra cada categoria [...] então assim, eu acho que hoje a minha contribuição aqui no **clube do entrevistado** tem sido muito pouco, as experiências que eu tive aqui, foram experiências assim, é, em partidas né, da gente fazer uma análise prévia de algum adversário [...] (ANALISTA 10, p. 12).

O relato evidencia a dificuldade do profissional em contribuir no ambiente do clube. Ainda que a análise dos adversários seja muitas vezes utilizada, a operacionalização do trabalho dos analistas nas categorias de base não deve estar submetida somente a isso (CARLET, 2020; MENDES, 2016). Além de apresentar uma demanda alta de trabalho, em função do seu contexto de atuação, este pode ser um dos motivos que leva o profissional a entender a sua pouca contribuição no ambiente do clube, pois muitas vezes a análise dos adversários está ligada a conquista do resultado, porém sem uma aplicação específica no desenvolvimento dos jogadores.

Haja vista as declarações sejam dos próprios analistas, a atuação desses profissionais parece apresentar grande influência na melhoria do desempenho dos atletas e das equipes no contexto investigado. De modo a retratar de forma específica a operacionalização do trabalho executado, após a análise, interpretação e gestão das informações coletadas, apresenta-se a seguir um quadro elucidando a contribuição prática na atuação dos analistas nos clubes.

**Quadro 32** - Exemplos práticos mencionados pelos analistas

<p><b>ANÁLISE DO POSICIONAMENTO DEFENSIVO</b></p>	<p>[...] <i>questão de linha defensiva, é, jogadores que tinham dificuldade por (palavra inaudível) da posição e se adaptaram e, hoje jogaram numa linha defensiva, numa linha de quatro e conseguiu perfilar, e conseguiu acompanhar os, os companheiros de linha</i>” (ANALISTA 1, p. 10-11).</p>
<p><b>ANÁLISE DE FRAQUEZAS DO ADVERSÁRIO</b></p>	<p>[...] <i>ano passado a gente tava, a gente foi jogar as quartas de final do *campeonato estadual</i></p>

	<p><i><b>citado</b> , é, foi jogar o primeiro jogo contra a própria <b>*clube anterior do entrevistado</b>, e aí eu conhecia, nisso eu sabia como treinador deles jogava, então a gente construiu junto com o treinador, com vídeos com tudo, e armou a equipe toda numa (trecho inaudível), e no fim o rendimento, ele se deu exclusivamente porque a gente sabia, dentro da análise a gente viu o lugar onde podia roubar a bola, era muito nítido, onde eles tinham fragilidade, onde a gente tinha que pressionar, os nossos dois gols saíram dessa forma, a gente pressionando do lado que a gente previu e chegando ao gol [...]” (ANALISTA 2, p. 18).</i></p> <p><i>“Então a gente teve, tem várias situações aí, tem muito de goleiro também né, de goleiro, de questões de análise de pênalti pra goleiro em competição, e aí o goleiro ficou ali consagrado na categoria maior ali por ser pegador de pênalti, e muita de informação nossa [...]” (ANALISTA 9, p. 14).</i></p> <p><i>“[...] por exemplo, na Copa São Paulo acho que isso foi o, talvez foi o que ficou mais enfático porque, é, primeira rodada da Copa São Paulo é difícil de você ter informações do seu adversário, [...] então nós, nós enfrentamos o <b>clube brasileiro citado</b> na primeira, na primeira rodada esse ano, e aí começou a discussão que que a gente vai encontrar do <b>*clube brasileiro citado</b>, quê que é que a gente vai encontrar... e aí a gente pesquisando, entrando em contato com alguns colegas, é, nós descobrimos, porque no site também tava muito, muito ruim de procurar, descobrimos que eles disputaram a final de uma copa, acho que <b>*copa estadual citada</b>, se eu não me engano, que era sub 19. E aí vimos que eles disputaram a final com um clube [...]E aí descobrimos que esse jogo foi transmitido ao vivo pelo, pelo Facebook, e aí foi lá o <b>*nome do entrevistado</b> correr atrás desse jogo, o jogo foi, se não me engano em novembro ou outubro, e aí eu falei pra comissão, falei “cara olha só, é... mais do que isso aqui a gente não vai encontrar” [sic]. E aí bateu aquela dúvida, será que é isso mesmo que a gente vai encontrar, será que não é, que não sei o quê, não sei o que lá, e aí eu acabei fazendo análise daquele jogo, algumas, algumas situações ficaram muito claras, alguns defeitos também, e graças a Deus quando nós, nós chegamos lá, que a gente começou os primeiros dez, 15 minutos de jogo, graças a Deus, tudo aquilo que eu consegui observar, e analisar, e passar pra eles, era o que realmente tava acontecendo, tanto a, os pontos fortes, quanto os pontos negativos” (ANALISTA 10, p. 12-13).</i></p>
<p><b>ANÁLISE DO COMPORTAMENTO INDIVIDUAL</b></p>	<p><i>“[...] ah esse atleta tem uma característica de sempre puxar a bola pra dentro, eu chamo esse</i></p>

	<p>atleta, eu mostro as vez... o momento certo de puxar a bola pra dentro, puxar a bola pra fora, voltar, atacar [...]" (ANALISTA 3, p. 7).</p>
<p><b>ANÁLISE DO POSICIONAMENTO INDIVIDUAL</b></p>	<p>"[...] ele (atleta) tinha um problema cara em relação, ele é o nosso que a gente chama de enganche, usado muito no futebol argentino, é o nosso meia-atacante ali que tem mais liberdade, enfim, pra tá jogando entre as linhas, pra tá flutuando ali, então tinha momentos que ele se marcava, ele não conseguia, ele jogava na frente do dos volantes, enfim, ele tinha que tá por trás né, ele tinha que tá... móvel ali, tinha que tá se movimentando, então umas, uma das intervenções é, do <b>*treinador da categoria</b> né o nosso treinador, foi em cima disso, aí a gente já tinha essa imagem qualificada, a gente entrevistou com atleta, e ele melhorou significativamente, e... desde então, pô ele fez um Brasileiro espetacular e enfim fez a transição, tá no sub 20, é... acho que até no profissional [...]" (ANALISTA 6, p. 12).</p> <p>"[...] nós tínhamos um centroavante que ele não tava, ele chegou, tinha chego recentemente ao clube, ele não tava realizando boas ações dentro da grande área, então principalmente em relação ao posicionamento, posicionamento dentro da grande área na situação, ele se situando dentro da grande área e até mesmo posicionamento corporal pra que ele pudesse atacar uma bola de situações de cruzamento e gerar mais, uma expectativa de gol maior, a gente teve uma sessão de duas reuniões com ele, de vídeo, só o vídeo mesmo, apresentamos o modelo, é... atletas de alto nível realizando essas ações, isso diversas vezes assim muitos lances pra que realmente ele pudesse, olhar entender e depois aplicar, duas reuniões com ele, na semana seguinte a essas duas reuniões ele começou a executar melhor as ações dentro da grande área e conseqüentemente conseguiu gols nos dois jogos seguintes assim sabe, e realizando comportamento, é... bem próximo daquilo que a gente queria, e ele mesmo reconhecendo isso depois ele chegou "ó fiz isso igual não sei quem, igual aquele atleta que você mostrou, deu certo" (ANALISTA 8, p. 16).</p>
<p><b>ANÁLISE DAS CARACTERÍSTICAS INDIVIDUAIS</b></p>	<p>"Então ano passado a gente tinha um caso de um atleta que era muito bom tecnicamente, ele... ele tinha uma boa leitura de jogo, bom drible, bom passe, só que ele jogava de lateral-direito, só que muitas vezes ele tinha dificuldade para correr para trás recompor a linha, ele... as leituras espaciais dele eram muito ruins, ganhava pouquíssimos duelos e aí a gente veio identificando isso, pegamos uma série de imagens, todos os momentos, tanto negativos como positivos, discutimos junto ao treinador, e aí a gente pensou em mudar ele de posição, transformar ele em meia porque era um cara que conseguia arrastar bem, entendeu?! conseguia</p>

	<p><i>enxergar algum jogador em progressão pra dar alguma assistência, mas como eu te falei tinha muita dificuldade defensiva né, e aí a gente... no segundo semestre ele virou meia, virou um destaque e hoje, isso na sub 17 do ano passado, aí foi titular na copinha sub 20 desse ano como meia” (ANALISTA 7, p. 6).</i></p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Elaborado pelo autor com base nas informações prestadas nas entrevistas realizadas<sup>37</sup>.

Diante disso, mesmo que a atuação dos analistas de desempenho nas categorias de base aconteça de forma específica a cada contexto, os relatos encontrados parecem convergir para utilização destas ferramentas na contribuição do desempenho de jovens atletas.

Evidencia-se que apesar de em alguns casos tomar caminhos diferentes no que concerne à condução das informações, a interpretação do analista de desempenho sobre as observações que ocorrem no jogo, é compartilhada com os diversos profissionais que compõem a estrutura de futebol dos clubes. Ressalta-se que isso qualifica a compreensão das informações, pois pode apresentar diferentes olhares para os mesmos dados.

O compartilhamento e a apresentação das informações (com imagens, dados e vídeos), são formas importantes de acessar os atletas das categorias de base, sendo que através disso torna-se possível auxiliar de forma pedagógica o entendimento sobre o seu próprio desempenho. Com isso, a utilização dos procedimentos de análise, como ferramenta de apoio, com informações fundamentadas, pode aumentar o poder de convencimento dos analistas de desempenho junto aos jogadores.

Embora as informações obtidas através das análises sejam importantes para o resultado desportivo de curto prazo, destaca-se que a contribuição desta área de conhecimento ocorre de maneira significativa com o tratamento de informações a longo prazo. Sendo assim, os resultados apresentados evidenciam que o acompanhamento do histórico dos atletas, o agrupamento de informações somados aos dados de outras áreas, e a avaliação constante do desempenho, podem contribuir no trabalho dos analistas na forma de compreender como ocorre o desenvolvimento dos jogadores no contexto interno aos clubes.

---

<sup>37</sup> O Analista 4 não relatou nenhum caso prático.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados apresentados nesta pesquisa, evidencia-se que os analistas de desempenho das categorias de base apresentam um perfil com características comuns. Além de serem jovens, apresentam uma visão moderna de aspectos ligados ao futebol, valorizando a utilização da tecnologia e das informações na busca da melhora do rendimento. Assim, tendo em vista a necessidade por melhores desempenhos, o ingresso desses profissionais nas categorias de base dos clubes brasileiros ocorrerá de forma cada vez mais sistematizada, com uma tendência de maior profissionalização e atuação mais específica.

De modo a contribuir qualificadamente no contexto de formação de atletas, é importante que os analistas de desempenho vinculados às categorias de base compreendam que a execução do trabalho deve constituir-se com uma visão particular, de caráter pedagógico, diferente da exercida no contexto altamente competitivo do futebol profissional. Posto que o papel “multifuncional” dos analistas nas categorias de base, pode contribuir com informações relevantes a vários setores na estrutura dos clubes.

Embora a área de análise de desempenho ainda esteja em fase de desenvolvimento nas categorias de base, salienta-se que é de extrema importância que haja investimentos em infraestrutura, recursos humanos e qualificação profissional. Além disso, para que a atuação dos analistas se consolide nos próximos anos, torna-se necessário que estes profissionais se qualifiquem, entendendo seu papel na contribuição para o desenvolvimento e formação de jovens atletas.

Portanto, isso só parece possível considerando que os profissionais que constituem a estrutura dos clubes, especialmente os gestores esportivos, obtenham maior conhecimento e clareza das atribuições e possibilidades deste campo de atuação. Aliado a isso, percebe-se como um grande desafio para os profissionais da área, a busca por inovações e conhecimento, já que este campo profissional apresenta novidades de forma constante.

Ainda que seja declarada a valorização de atuação no ambiente das categorias de base por parte dos entrevistados nesta pesquisa, parece importante que haja uma reflexão sobre o fato dos analistas vislumbrarem unanimemente a ideia de “ascensão” a categoria profissional. Isso se atribui à maior valorização (profissional e financeira) que este ambiente proporciona. Contudo, as categorias de base devem ser

compreendidas como um contexto particular, não devendo ser apenas um caminho para o contexto do futebol profissional.

Tendo em vista que as condições oferecidas pelos clubes apresentam uma limitação profissional na operacionalização do trabalho, e considerando que no nível competitivo em que atuam detalhes podem representar diferença nos resultados pretendidos, parece importante que haja uma padronização de condições para o desenvolvimento do trabalho dos analistas nos clubes brasileiros de alto nível. Este é um fator que deve ser considerado pelas entidades (federações e confederações) e pelos gestores dos clubes esportivos, caso tenham a perspectiva de melhorar a qualidade na formação de jogadores no futebol brasileiro. Além disso, pensando na qualificação do processo formativo de jogadores, inevitavelmente os clubes brasileiros devem investir na área de análise de desempenho, especialmente nas categorias de base.

O escopo de trabalho dos analistas de desempenho nas categorias de base deve se concentrar principalmente no desenvolvimento e otimização do rendimento dos atletas. A necessidade de fornecer informações restritamente às comissões técnicas pode limitar a atuação dos profissionais de análise, principalmente caso os treinadores não tenham a consciência de suas contribuições no processo formativo de atletas. Torna-se importante que as instituições, bem como os departamentos de análise de desempenho tenham claramente os propósitos e objetivos estabelecidos. Isso passa por uma necessidade imprescindível de adequação metodológica e uma visão estratégica na organização dos clubes.

A relação que os analistas estabelecem com a comissão técnica, especialmente com os treinadores é um ponto de extrema relevância na qualidade do trabalho desenvolvido e nos resultados conquistados. Embora a figura do analista de desempenho seja uma “novidade” como um membro integrante das comissões técnicas nas categorias de base, este não deve ser compreendido como um profissional de menor importância em relação a outros, posto que o alinhamento de ideias é essencial pensando na qualificação do trabalho realizado pelo conjunto de profissionais dos clubes.

Da mesma forma, a relação dos profissionais de análise com os atletas, especialmente os jovens, apresenta um papel significativo na otimização do desempenho. O gradativo interesse dos jovens atletas pelo seu próprio rendimento,

como vem ocorrendo nos últimos anos, demonstra a necessidade de os analistas estarem cada vez mais integrados em projetos de longo prazo, especialmente nas categorias de base, em que o acompanhamento dos atletas por longo período pode resultar em vantagem desportiva para os clubes.

A participação dos analistas no contexto do treinamento constitui-se como uma função fundamental, tendo em vista a sua colaboração na avaliação, planejamento, organização e qualificação de sessões de treino. Este papel é reforçado pela visão que o analista apresenta do rendimento e também pela dificuldade, muitas vezes apresentada pelos treinadores, no que concerne à avaliação do próprio treino. Posto isso, a reflexão sobre as atividades desenvolvidas, contribui não somente para a otimização do rendimento dos jogadores e das equipes, mas sobretudo para a qualificação da prática profissional dos treinadores.

A principal atribuição dos analistas, refere-se a análise da própria equipe, de maneira individual e coletiva, observando aspectos técnicos e táticos. No entanto, no contexto das categorias de base, é importante que esses profissionais apresentem um olhar relevante para a qualificação do desempenho individual, considerando também conhecimentos relacionados à *performance* de aspectos físicos e comportamentais/psicológicos. Além disso, a análise de adversários muitas vezes utilizada pode ser contraproducente, tendo em vista que busca especificamente o resultado esportivo.

O olhar para o comportamento dos jogadores e das equipes apresenta informações importantes, que relacionadas com outros dados obtidos na análise do jogo, podem otimizar a interpretação de inúmeros aspectos do rendimento. Assim, o entendimento destas relações é uma necessidade importante para contribuição da análise do desempenho. Neste sentido, a utilização de ferramentas tecnológicas, em especial os *softwares* específicos de análise, apresentam grande relevância, pois além de facilitar a coleta de informações em treinos e jogos, contribuem sobretudo na interpretação, condução, compartilhamento e armazenamento das informações obtidas. Sendo que assim torna-se possível gerir um conjunto numeroso de informações contribuindo na tomada de decisão pelos profissionais do clube. Portanto, o conhecimento de jogo, associado ao manejo destas ferramentas é primordial para os profissionais desta área.

O compartilhamento das informações com os atletas, interativamente (possibilitada pelos recursos tecnológicos) é indispensável, visando contribuir instrutivamente e de forma simplificada como melhorar o próprio rendimento. No entanto, isso só se torna possível com uma gestão eficaz destas informações, ligada a um olhar voltado para o desenvolvimento do desempenho, e não focado especificamente no resultado final.

Diante disso, entende-se como um papel importante para a possibilidade de novos estudos, investigar profundamente como ocorre a organização e a utilização das informações recolhidas a longo prazo nas categorias de base nos clubes brasileiros. Ainda, deve-se aprofundar nas particularidades de execução da análise de desempenho nas etapas de formação (categorias de iniciação), como também no contexto do futebol profissional e do futebol feminino, visto que cada ambiente apresenta suas especificidades.

Embora esta pesquisa procure trazer a perspectiva da análise de desempenho pela visão dos analistas que atuam diariamente neste contexto, é importante que novos estudos investiguem a perspectiva de outros profissionais (gestores esportivos, membros da comissão técnica, treinadores e atletas) sobre essa área de atuação. Assim, é possível que a contribuição de outros profissionais possa otimizar a execução do trabalho dos analistas, como também melhorar a formação dos atletas dentro dos clubes. Da mesma forma, coloca-se como crucial, verificar de maneira mais profunda como a formação acadêmica e profissional, contribuí para a prática dos profissionais de análise, tendo em vista que muitas vezes os profissionais do campo prático apresentam um certo distanciamento dos conhecimentos propostos pelo ambiente acadêmico/científico. Contudo, salienta-se que é importante que nos refiramos a uma conexão entre teoria e prática, rompendo um discurso “ultrapassado” que distância essas duas formas de conhecimento.

Ponto fundamental que pode emergir para novas contribuições, se dá por investigar de forma específica a relação existente entre os analistas e os treinadores, bem como, entre os analistas e os atletas. Parece importante ampliar esse conhecimento, a fim de saber como ocorrem essas relações, quais as suas influências e as estratégias utilizadas nos clubes para qualificar estes processos. Assim como investigar de maneira quantitativa o perfil do analista de desempenho, sabendo que

estes resultados podem conferir de forma mais abrangente o entendimento sobre esse profissional, de atuação necessária na estrutura de futebol dos clubes.

Torna-se relevante também investigar de maneira específica os motivos que levam muitas vezes a se observar uma contradição entre o discurso e a prática no ambiente do futebol, especialmente no tema da análise de desempenho, tendo em vista que comumente os discursos valorizam a área de análise, atribuindo grande importância na melhora do rendimento de atletas e equipes, contudo, por outro lado, no mais alto nível do futebol brasileiro (clubes da série A), percebe-se que em muitos casos as condições são limitadoras para a atuação dos analistas, evidenciando a necessidade de maiores investimentos.

Como limitações, aponta-se que este estudo não se concentrou especificamente em uma determinada categoria nos clubes, abrangendo contextos de atuação diferentes. De igual modo, o critério de participação, considerando o tempo mínimo de atuação no clube de seis meses, pode ter levado à alguns profissionais não obterem conhecimento total dos procedimentos Institucionais. Menciona-se ainda outro ponto entendido como limitador do estudo, o fato de que no momento de coleta de informações os relatos de alguns entrevistados se referiam ao trabalho desenvolvido na temporada passada, podendo não ser informações atuais.

Com o fim desta pesquisa, pretende-se que o conhecimento produzido possa retornar à prática profissional, qualificando o trabalho de diversos profissionais, especialmente dos analistas de desempenho nas categorias de base, de modo a qualificar o processo de formação de atletas. Além disso, espera-se que este estudo possa inspirar outros profissionais da área técnica a trazerem para o ambiente acadêmico/científico problematizações da prática diária dos seus campos de atuação, para que novas perguntas possam surgir, emergindo novos conhecimentos. Por fim, espera-se que este trabalho contribua com a valorização da área de análise de desempenho, especialmente na atuação dos analistas no contexto das categorias de base, para que a partir disso um novo olhar sobre o tema possa ganhar espaço, tanto na estrutura dos clubes de futebol no país, como na produção de conhecimento do campo acadêmico/científico, partindo assim para uma análise crítica de desempenho.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, Chris; SALLY, David. **Os números do jogo**: por que tudo o que você sabe sobre futebol está errado. 1. ed. São Paulo: Paralela, 2013.

AQUINO, Rodrigo Leal de Queiroz Thomaz de. **Observação, Análise e Interpretação do Desempenho em Jogo no Futebol: Implicações para a Avaliação e Treinamento**. 2019. Tese (Doutorado em Reabilitação e Desempenho Funcional) - Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2019. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/17/17152/tde-17072019-095619/en.php>. Acesso em: 09 ago. 2020.

AQUINO, Rodrigo; GONÇALVES, Luiz Guilherme. **Observação, análise e interpretação do desempenho em treino e jogo no futebol**: um matrimônio entre a ciência e a prática. Curitiba: CRV, 2019.

AUGUSTO, Roberto. **Análise de redes**: nova forma de identificar padrões em um jogo de futebol - Ciência da Bola. 2021. Disponível em: <https://www.cienciadabola.com.br/blog/analise-de-redes-futebol>. Acesso em: 10 mai. 2021.

BETTEGA, Baggiotto, Otávio; SCAGLIA, Alcides José; MORATO, Márcio Pereira; GALATTI, Larissa Rafaela. FORMAÇÃO DE JOGADORES DE FUTEBOL: PRINCÍPIOS E PRESSUPOSTOS PARA COMPOSIÇÃO DE UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA. **Movimento**, Porto Alegre, v.21, n.3, p. 791–801, jul./set. 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1153/115341503017.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2020.

CAICEDO-PARADA, Sergio; LAGO-PEÑAS, Carlos; ORTEGA-TORO, Enrique. Passing Networks and Tactical Action in Football: A Systematic Review. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 17, p. 1–17, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph17186649>. Acesso em: 12 mar. 2021.

CALVO, Alberto Lorenzo. Las Tecnologías de la Información en los deportes colectivos: valoración del rendimiento deportivo. *In*: TAVARES, Fernando; GRAÇA, Amândio; GARGANTA, Júlio; MESQUITA, Isabel. **Olhares e Contextos da Performance nos Jogos Desportivos**. Portugal: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, 2008. p. 09-24.

CANÔNICO, Leandro. **Sigilo total: analista de desempenho da Seleção Brasileira é misterioso**. ago. 2010. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2010/08/sigilo-total-analista-de-desempenho-da-selecao-brasileira-e-misterioso.html>. Acesso em: 9 nov. 2020.

CARLET, Rodrigo. **Análise de desempenho: a era dos dados no futsal**. 1. ed. Porto Alegre: S2C e Secco Editora, 2020.

CARLING, Christopher; WILLIAMS, A. Mark; REILLY, Thomas. **Handbook of soccer match analysis: A systematic approach to improving performance**. 1. ed. London and New York: Routledge, 2005. *E-book*. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Lfqq6NdzaA3QC&oi=fnd&pg=PT10&dq=the+science+of+match+analysis&ots=GnfKliKOqP&sig=167EtC-308-uXDXD53n82vLtn5M#v=onepage&q=the science of match analysis&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Lfqq6NdzaA3QC&oi=fnd&pg=PT10&dq=the+science+of+match+analysis&ots=GnfKliKOqP&sig=167EtC-308-uXDXD53n82vLtn5M#v=onepage&q=the%20science%20of%20match%20analysis&f=false). Acesso em: 9 nov. 2020.

CARLING, Christopher; WRIGHT, Craig; NELSON, Lee John; BRADLEY, Paul S. Comment on “Performance analysis in football: A critical review and implications for future research”. **Journal of Sports Sciences**, v. 32, n. 1, p. 2–7, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/02640414.2013.807352>. Acesso em: 22 jun. 2020.

CAUDURO, Maria Teresa. Pesquisa: a construção de um conhecimento. *In*: FERNANDES, Luiz Fernando Framil; POSSEBON, Mônica; BIRK, Márcia; MENEZES, Francisco Carlos Lemes De. **Investigação em educação física e esportes: um novo olhar pela pesquisa qualitativa**. Novo Hamburgo: Feevale, 2004.

CAVICHIOILLI, Fernando Renato; CHELUCHINHAK, Aline Barato; CAPRARO, André Mendes; MARCHI JUNIOR, Wanderley; MEZZADRI, Fernando Marinho. O processo de formação do atleta de futsal e futebol: análise etnográfica. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 25, n. 4, p. 631–647, out./dez. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1807-55092011000400008>. Acesso em: 15 mai. 2020.

CIÊNCIA DA BOLA. **Análise de Jogo no Futebol - Ciência da Bola**. Disponível em: <https://www.cienciadabola.com.br/curso/curso-analise-de-jogo-do-futebol>. Acesso em: 11 abr. 2020.

CIÊNCIA DO ESPORTE. **EAD de Análise de Desempenho no Futebol | Ciência do Esporte**. Disponível em: <https://www.cienciadoesporte.com.br/cursos/789479/ead-de-analise-de-desempenho-no-futebol>. Acesso em: 11 abr. 2020.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL (CBF). **CBF Academy - Análise de Desempenho, Identificação e Desenvolvimento do Talento nas Categorias de Base**. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/cbfacademy/pt-br/cursos/17-analise-de-desempenho-identificacao-e-desenvolvimento-do-talento-nas-categorias-de-base>. Acesso em: 11 abr. 2020.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Tabela do Brasileirão Série A 2020 - Confederação Brasileira de Futebol**. fev. 2020. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/competicoes/campeonato-brasileiro-serie-a>. Acesso em: 04 fev. 2020.

CONTRERAS, Maria Isabel; ORTEGA, José Pino. La observación em los deportes de equipo. **Revista Digital EFdeportes**, Buenos Aires, ano. 15., n. 18, fev. 2000. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd18a/dequipo.htm>. Acesso em: 16 mar. 2020.

COSTA, Israel Teoldo da; SAMULSKI, Dietmar Martin; COSTA, Varley Teoldo da. Análise do perfil de liderança dos treinadores das categorias de base do futebol brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 185–194, jul./set. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1807-55092009000300001>. Acesso em: 06 jun. 2020.

COUTTS, Aaron J. Evolution of football match analysis research. **Journal of Sports Sciences**, v. 32, n. 20, p. 1829–1830, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/02640414.2014.985450>. Acesso em: 19 set. 2020.

CUNHA, Sergio Augusto; BINOTTO, Mônica Ribeiro; BARROS, Ricardo Machado Leite. Análise da variabilidade na medição de posicionamento tático no futebol. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 111–116, jul./dez. 2001. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/288218727\\_Analise\\_da\\_variabilidade\\_na\\_medicao\\_de\\_posicionamento\\_tatico\\_no\\_futebol](https://www.researchgate.net/publication/288218727_Analise_da_variabilidade_na_medicao_de_posicionamento_tatico_no_futebol). Acesso em: 03 fev. 2020.

DAMO, Arlei Sander. **DO DOM À PROFISSÃO: Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/5343>. Acesso em: 23 mar. 2020.

DRUBSCKY, Ricardo. **O universo tático do futebol: escola brasileira**. 1. ed. Editora Health, 2003.

FANTATO, Eduardo. **Análise de desempenho na seleção de Mano Menezes**. ago. 2010. Disponível em: <https://universidadedofutebol.com.br/analise-de-desempenho-na-selecao-de-mano-menezes/>. Acesso em: 25 nov. 2020.

FERNANDES, João Carlos Pires; MOURA, Diego Luz; ANTUNES, Marcelo Moreira; LIMA, Rafael Leal de. Uma análise do perfil dos treinadores ex-atletas do futebol profissional brasileiro. **Esporte e Sociedade**, n. 22, p. 1–16, set. 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/48450>. Acesso em: 25 abr. 2020.

FONSECA, Kaio Cesar Gratão. **DA IDEIA À PRÁTICA: ANÁLISE DO MODELO DE JOGO IDEALIZADO, TREINADO E REALIZADO**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação Física na área de concentração Biodinâmica do Movimento e Esporte) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/331737>. Acesso em: 03 ago. 2020.

FORD, Paul R.; BORDONAU, Juan Luis Delgado; BONANNO, Daniele; TAVARES, José; GROENENDIJK, Corne; FINK, Cristina; GUALTIERI, Domenico; GREGSON, Warren; VARLEY, Matthew C.; WESTON, Matthew; LOLLI, Lorenzo; PLATT, David; DI SALVO, Valter. A survey of talent identification and development processes in the youth academies of professional soccer clubs from around the world. **Journal of Sports Sciences**, v. 38, n. 11–12, p. 1269–1278, mai. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/02640414.2020.1752440>. Acesso em: 13 mar. 2021.

FUTEBOL INTERATIVO. **Análise de desempenho avançado**. Disponível em: <https://www.analisededesempenho.futebolinterativo.com/index.php>. Acesso em: 11 abr. 2020.

FUTEBOL INTERATIVO. **Análise de Desempenho Básico**. Disponível em: <https://www.analisededesempenho.futebolinterativo.com/basico/>. Acesso em: 11 abr. 2020.

GALATTI, Larissa Rafaela; BETTEGA, Otávio Baggiotto; PAES, Roberto Rodrigues; REVERDITO, Riller Silva; SEOANE, Antonio Montero; SCAGLIA, Alcides José. O ensino dos jogos esportivos coletivos: avanços metodológicos dos aspectos estratégico-tático-técnicos. **Pensar a prática**, v. 20, n. 3, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/rpp.v20i3.39593>. Acesso em: 09 jul. 2020.

GAMA, José; DIAS, Gonçalo; COUCEIRO, Micael; VAZ, Vasco. **Novos métodos para observar e analisar o jogo de futebol**. 1. ed. Coimbra: Primebooks, 2017.

GAMA, José; PASSOS, Pedro; DAVIDS, Keith; RELVAS, Hugo; RIBEIRO, João; VAZ, Vasco; DIAS, Gonçalo. Network analysis and intra-team activity in attacking phases of professional football. **International Journal of Performance Analysis in Sport**, v. 14, n. 3, p. 692–708, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/24748668.2014.11868752>. Acesso em: 10 out. 2020.

GARGANTA, Júlio Manuel. O ensino dos jogos desportivos colectivos. Perspectivas e tendências. **Movimento**, v. 4, n. 8, p. 19-27, 1998. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/2373/1070>. Acesso em: 10 set. 2021.

GARGANTA, Júlio Manuel. A análise da performance nos jogos desportivos. Revisão acerca da análise do jogo. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v.1, n. 1, p. 57–64, 2001. Disponível em: [https://rpcd.fade.up.pt/\\_arquivo/artigos\\_soltos/vol.1\\_nr.1/08.pdf](https://rpcd.fade.up.pt/_arquivo/artigos_soltos/vol.1_nr.1/08.pdf). Acesso em: 02 fev. 2020.

GARGANTA, Júlio Manuel. Modelação táctica em jogos desportivos: a desejável cumplicidade entre pesquisa, treino e competição. *In*: TAVARES, Fernando; GRAÇA, Amândio; GARGANTA, Júlio; MESQUITA, Isabel. **Olhares e Contextos da Performance nos Jogos Desportivos**. Portugal: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, 2008. p. 100-121.

GARGANTA, Júlio Manuel. ¿SCOUTING EN FÚTBOL BASE? - REFLEXIONES. *In* PEDREÑO, Javier Madrid. **Scouting en Fútbol. Del fútbol base al alto rendimiento**. 2. ed. Vigo: MC Sports, 2018. p 66-69.

GARGANTA, Júlio Manuel; GRÉHAIGNE, Jean Francis. Abordagem sistêmica do jogo de futebol: moda ou necessidade?. **Movimento**, v. 5, n. 10, p. 40–50, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2457>. Acesso em: 20 jul. 2020.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GLAZIER, Paul S. Game, Set and Match? Substantive Issues and Future Directions in Performance Analysis. **Sports Medicine**, v. 40, n. 8, p. 625–634, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.2165/11534970-000000000-00000>. Acesso em: 13 nov. 2020.

GOLDIM, José Roberto; PITHAN, Carolina da Fonte; OLIVEIRA, Juliana Ghislени de; RAYMUNDO, Márcia Mocelin. O processo de consentimento livre e esclarecido em pesquisa: uma nova abordagem. **Revista da Associação Médica Brasileira**. São Paulo, vol. 49, n. 4, p. 372-374, out/dez. 2003.

GÓMEZ-RUANO, Miguel A. La importancia del análisis notacional como tópico emergente en Ciencias del deporte. [The importance of performance analysis as an emergent research topic in sport sciences]. **RICYDE: Revista Internacional de Ciencias del Deporte**, v.8, n.47, p. 1–4, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5232/ricyde2017.047ed>. Acesso em: 22 mai. 2020.

GONZAGA, Adeilton Dos Santos; ALBUQUERQUE, Maicon Rodrigues; MALLOY-DINIZ, Leandro Fernandes; GRECO, Pablo Juan; TEOLDO DA COSTA, Israel. Affective Decision-Making and Tactical Behavior of Under-15 Soccer Players. **PLoS ONE**, v. 9, n. 6, p. 1–6, jun. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0101231>. Acesso em: 29 jun. 2020.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; BRACHT, Valter. **Metodologia do Ensino dos Esportes Coletivos**. Vitória - ES: Editora GSA, 2012. *E-book*. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/298353396\\_Metodologia\\_do\\_Ensino\\_dos\\_Esportes\\_Coletivos](https://www.researchgate.net/publication/298353396_Metodologia_do_Ensino_dos_Esportes_Coletivos). Acesso em: 14 jul. 2020.

GO UP FOOTBALL. **Apresentação Go Up Football - Conteúdos exclusivos para o Mercado do Futebol**. Disponível em: <https://goupfootball.com/app/aspectos-tatico-e-tecnico/analise-de-desempenho-no-futebol>. Acesso em: 11 abr. 2020.

GRÉHAIGNE, Jean-Francis; GODBOUT, Paul. Methods and evaluation in sports performance analysis. Collective variables for analysing performance in team sports. *In*: MCGARRY, Tim; O'DONOGHUE, Peter; SAMPAIO, Jaime. **ROUTLEDGE HANDBOOK OF SPORTS PERFORMANCE ANALYSIS**. 1. ed. New York: Routledge, 2013.

GRÉHAIGNE, Jean-Francis; BOUTHIER, Daniel; DAVID, Bernard. Dynamic-system analysis of opponent relationships in collective actions in soccer. **Journal of Sports Sciences**, v.15, n. 2, p. 137-149, 1997. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/026404197367416>. Acesso em: 09 fev. 2020.

GROOM, Ryan; CUSHION, Christopher; NELSON, Lee. The Delivery of Video-Based Performance Analysis by England Youth Soccer Coaches: Towards a Grounded Theory. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 23, n. 1, p. 16–32, jan. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10413200.2010.511422>. Acesso em: 21 set. 2020.

HEINECK, Lewis Maté; CASARIN, Rodrigo Vicenzi; GREBOGGY, Dênis de Lima. Formação do jogador de futebol brasileiro: opiniões, sugestões e indicadores que revelam o abismo entre as categorias de base e o futebol profissional. **Revista Digital EFdeportes**, Buenos Aires, ano. 15, n. 166. mar. 2012. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd166/formacao-do-jogador-de-futebol-brasileiro.htm>. Acesso em: 17 abr. 2021.

HUGHES, Mike. Notational analysis – a mathematical perspective. **International Journal of Performance Analysis in Sport**, v. 4, n. 2, p. 97–139, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/24748668.2004.11868308>. Acesso em: 21 mar. 2020.

HUGHES, Mike D.; BARTLETT, Roger M. The use of performance indicators in performance analysis. **Journal of Sports Sciences**, v. 20, n. 10, p. 739–754, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/026404102320675602>. Acesso em: 21 mar. 2020.

HUGHES, Mike; FRANKS, Ian. **Notational Analysis of Sport: Systems for better coaching and performance in sport**. 2.ed. London: Routledge, 2005. *E-book*. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9780203641958>. Acesso em: 21 mar. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Divisão Regional do Brasil**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/divisao-regional/15778-divisoes-regionais-do-brasil.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 04 fev. 2020.

JAMES, Nic. Notational analysis in soccer: past, present and future. **International Journal of Performance Analysis in Sport**, Wales-UK, v. 6, n. 2, p. 67–81, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/24748668.2006.11868373>. Acesso em: 21 set. 2020.

LABESFUT UERJ. **Inscrições no Curso de Análise de Desempenho - Labesfut UERJ**. Disponível em: <http://www.labesfut.com.br/2018/12/18/inscricoes-curso-labesfut/>. Acesso em: 11 abr. 2020.

LAMB, Peter; BARTLETT, Roger. Other issues in sports performance analysis. Neural networks for analysing sports techniques. *In*: MCGARRY, Tim; O'DONOGHUE, Peter; SAMPAIO, Jaime. **ROUTLEDGE HANDBOOK OF SPORTS PERFORMANCE ANALYSIS**. 1. ed. New York: Routledge, 2013.

LONGO MATCH. **CURSO DE FORMAÇÃO DE ANÁLISTAS DE DESEMPENHO NO FUTEBOL**. Disponível em: <https://longomatch.com/zh-cn/blog/post/curso-de-formacao-de-analistas-de-desempenho-no-futebol-pt1/>. Acesso em: 11 abr. 2020.

LYLE, John. Dealing with complexity in conceptualising coaching in team sports. *In*: TAVARES, Fernando; GRAÇA, Amândio; GARGANTA, Júlio; MESQUITA, Isabel. **Olhares e Contextos da Performance nos Jogos Desportivos**. Portugal: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, 2008. p. 122-130.

MACEDO, Pedro A. P.; LEITE, Márcio Monteiro. Scout como um instrumento avaliativo do treinamento esportivo nas categorias de base do futebol. **Revista**

**Brasileira de Futebol (The Brazilian Journal of Soccer Science)**, v. 2, n. 1, p. 21–35, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://www.rbf.ufv.br/index.php/RBFutebol/article/view/41>. Acesso em: 29 jun. 2020.

MACKENZIE, Rob; CUSHION, Chris. Performance analysis in football: A critical review and implications for future research. **Journal of Sports Sciences**, v. 31, n. 6, p. 639–676, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/02640414.2012.746720>. Acesso em: 21 jun. 2020.

MARCELINO, Rui.; SAMPAIO, Jaime; MESQUITA, Isabel. Investigação centrada na análise do jogo: da modelação estática à modelação dinâmica. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 11, n. 1, p. 481–499, 2011. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/289385046\\_Investigacao\\_centrada\\_na\\_Analise\\_do\\_Jogo\\_Da\\_modelacao\\_estatica\\_a\\_modelacao\\_dinamica](https://www.researchgate.net/publication/289385046_Investigacao_centrada_na_Analise_do_Jogo_Da_modelacao_estatica_a_modelacao_dinamica). Acesso em: 20 jul. 2020.

MARCONDES, Nilsen Aparecida Vieira; BRISOLA, Elisa Maria Andrade. Análise Por Triangulação De Métodos: Um Referencial Para Pesquisas Qualitativas. **Revista Univap**, São José dos Campos, v. 20, n. 35, p. 201–208, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.18066/revunivap.v20i35.228>. Acesso em: 11 jan. 2020.

MARQUES, António. O Desporto e a Globalização. *In*: TAVARES, Fernando; GRAÇA, Amândio; GARGANTA, Júlio; MESQUITA, Isabel. **Olhares e Contextos da Performance nos Jogos Desportivos**. Portugal: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, 2008. p. 42-47.

MARTINS, Carlos André Felipe. **A percepção dos scouts, treinadores e jogadores sobre a identificação, recrutamento e desenvolvimento de talentos no futebol**. 2020. Dissertação (Mestrado em Direção e Gestão Esportiva) - Escola de Ciências e Tecnologia, Universidade de Évora, Évora, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/27973>. Acesso em: 03 fev. 2021.

MCGARRY, Tim. Applied and theoretical perspectives of performance analysis in sport: Scientific issues and challenges. **International Journal of Performance Analysis of Sport**, Canadá, v. 9, n. 1, p. 128–140, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/24748668.2009.11868469>. Acesso em: 29 jun. 2020

MCGARRY, Tim; O'DONOGHUE, Peter; SAMPAIO, Jaime. **ROUTLEDGE HANDBOOK OF SPORTS PERFORMANCE ANALYSIS**. 1. ed. New York: Routledge, 2013.

MENDES, André. **Scouting, O Futebol (re) nasce aqui**. 1. ed. Lisboa: Chiado, 2016.

MEU TIMÃO. **Corinthians implementa tecnologia de análise de desempenho dentro do vestiário**. nov. 2016. Disponível em: <https://www.meutimao.com.br/noticia/230898/corinthians-implementa-tecnologia-de-analise-de-desempenho-dentro-do-vestiario-entenda>. Acesso em: 3 fev. 2021.

MILES, Matthew B.; HUBERMAN, A. Michael. **Qualitative data analysis: An**

**expanded sourcebook.** Sage, 1994.

MONTAGNER, Paulo Cesar; SILVA, Caio Cezar Oliveira. REFLEXÕES ACERCA DO TREINAMENTO A LONGO PRAZO E A SELEÇÃO DE TALENTOS ATRAVÉS DE “PENEIRAS” NO FUTEBOL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 24, n. 2, p. 187–200, jan. 2003. Disponível em: [https://www.ludopedio.com.br/content/uploads/070609\\_320.pdf](https://www.ludopedio.com.br/content/uploads/070609_320.pdf). Acesso em: 29 jun. 2020.

MORAES, Ivan Furegato. **Formação de Jogadores de Futebol no Brasil: de Charles Miller ao certificado de Clube Formador.** 1. ed. Curitiba: *Prisma*, 2016.

MORAES, Ivan Furegato; BASTOS, Flávia da Cunha; CARVALHO, Maria José. Formação de Jogadores de Futebol: Processo Histórico e Bases para a Evolução no Brasil. **Podium Sport, Leisure and Tourism Review**, v. 5, n. 2, p. 148–163, mai./ago. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/podium.v5i2.142>. Acesso em: 20 jul. 2020.

NEVILL, Alan; ATKINSON, Greg; HUGHES, Mike. Twenty-five years of sport performance research in the Journal of Sports Sciences. **Journal of Sports Sciences**, v. 26, n. 4, p. 413–426, fev. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/02640410701714589>. Acesso em: 29 jun. 2020.

NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISA EM FUTEBOL (NUPEF). **Curso: Análise de Desempenho nas Categorias de Base.** 2020. Disponível em: <http://www.nucleofutebol.ufv.br/?informativos=curso-analise-de-desempenho-nas-categorias-de-base>. Acesso em: 11 abr. 2020.

O'DONOGHUE, Peter. **An introduction to performance analysis of sport.** 1. ed. New York: Routledge, 2015. *E-book*. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=HEaDBAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&dq=O'Donoghue,+P.+\(2015\).+An+In+roduction+to+Performance+Analysis+of+Sport.+London,+UK:+Routledge.+42&ots=cEdxIUkwiH&sig=qZ8CM7h3I7XDhY5ca1WhyJ0mknM#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=HEaDBAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&dq=O'Donoghue,+P.+(2015).+An+In+roduction+to+Performance+Analysis+of+Sport.+London,+UK:+Routledge.+42&ots=cEdxIUkwiH&sig=qZ8CM7h3I7XDhY5ca1WhyJ0mknM#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 8 nov. 2020.

O'DONOGHUE, Peter; MAYES, Anna. Sports performance analysis in professional contexts. Performance analysis, feedback and communication in coaching. *In*: MCGARRY, Tim; O'DONOGHUE, Peter; SAMPAIO, Jaime. **ROUTLEDGE HANDBOOK OF SPORTS PERFORMANCE ANALYSIS.** 1. ed. New York: Routledge, 2013.

OKAZAKI, Victor Hugo Alves; DASCAL, Juliana Bayeux; OKAZAKI, Fábio Heitor Alves; TEIXEIRA, Luis Augusto. Ciência e tecnologia aplicada à melhoria do desempenho esportivo. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 11, n. 1, p. 143–157, 2012. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/236891195\\_CIENCIA\\_E\\_TECNOLOGIA\\_APLICADA\\_A\\_MELHORIA\\_DO\\_DESEMPENHO\\_ESPORTIVO](https://www.researchgate.net/publication/236891195_CIENCIA_E_TECNOLOGIA_APLICADA_A_MELHORIA_DO_DESEMPENHO_ESPORTIVO). Acesso em: 20 jul. 2020.

PALAO, José. M.; MORANTE, Juan Carlos. Other issues in sports performance analysis. Technical effectiveness. *In*: MCGARRY, Tim; O'DONOGHUE, Peter; SAMPAIO, Jaime. **ROUTLEDGE HANDBOOK OF SPORTS PERFORMANCE ANALYSIS**. 1. ed. New York: Routledge, 2013.

PAOLI, Próspero Brum. **OS ESTILOS DE FUTEBOL E OS PROCESSOS DE SELEÇÃO E DETECÇÃO DE TALENTOS**. 2007. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <https://ludopedio.com.br/biblioteca/os-estilos-de-futebol-e-os-processos-de-selecao-e-deteccao-de-talentos/>. Acesso em: 04 abr. 2020.

PAULA, André Filipe Constantino de. **Prática Diária de um Analista de Jogo: Observação e Análise**. 2015. Relatório de Estágio (Mestrado em Treino Desportivo) - Faculdade de Motricidade Humana, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.5/12507>. Acesso em: 07 mai. 2020.

PEDREÑO, Javier Madrid. **Scouting en Fútbol. Del fútbol base al alto rendimiento**. 2. ed. Vigo: MC Sports, 2018.

PEREIRA, João Jorge Gândara Mendes. **Construção de um modelo de observação e análise do jogo de Futebol baseado na visão de intervenientes profissionais em diferentes contextos de elite**. 2017. Relatório de Estágio (Mestrado em Treino de Alto Rendimento) - Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto, 2017. Disponível em: [https://sigarra.up.pt/icbas/pt/pub\\_geral.pub\\_view?pi\\_pub\\_base\\_id=218684](https://sigarra.up.pt/icbas/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=218684). Acesso em: 07 mai. 2020.

PERL, Jürgen; TILP, Markus; BACA, Arnold; MEMMERT, Daniel. Other issues in sports performance analysis. Neural networks for analysing sports games. *In*: MCGARRY, Tim; O'DONOGHUE, Peter; SAMPAIO, Jaime. **ROUTLEDGE HANDBOOK OF SPORTS PERFORMANCE ANALYSIS**. 1. ed. New York: Routledge, 2013.

PIMENTA, Abel Alfredo Sousa. **A influência da problemática da complexidade na observação e interpretação do jogo de futebol**. 2019. Relatório de Estágio (Mestrado em Treino Desportivo) - Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto, 2019. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/120569>. Acesso em: 07 mai. 2020.

POIZAT, Germain; SÈVE, Carole; SAURY, Jacques. Other issues in sports performance analysis. Qualitative aspects in performance analysis. *In*: MCGARRY, Tim; O'DONOGHUE, Peter; SAMPAIO, Jaime. **ROUTLEDGE HANDBOOK OF SPORTS PERFORMANCE ANALYSIS**. 1. ed. New York: Routledge, 2013.

PRAÇA, Gibson Moreira; DE VITO, Arthur. **ANÁLISE DE DESEMPENHO NO FUTEBOL: CONCEITOS INTRODUTÓRIOS E PRINCÍPIOS TÁTICOS**. *In*: **Curso de Análise de Desempenho no Futebol: Conceitos Introdutórios e Princípios Táticos**, UNIGRA, 2020.

PRAÇA, Gibson Moreira; GRECO, Pablo Juan. **Treinamento tático no futebol**:

teoria e prática. 1. ed. Curitiba: Appris, 2020.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUESTBR. **Formação de Elite - Scouting e Análise de Desempenho - Curitiba, BRASIL - Quest - Soluções para o Desporto**. Disponível em: <https://questbr.com.br/formacao/formacoes-20150923-1041/?lang=pt>. Acesso em: 09 nov. 2020.

REEP, C.; BENAJMIN, B. Skill and Chance in Association Football. **Journal of the Royal Statistical Society. Series A (General)**, v. 131, n. 4, p. 581–585, 1968. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/2343726>. Acesso em: 24 mar. 2020.

REEVES, Matthew J.; ROBERTS, Simon J. Perceptions of performance analysis in elite youth football. **International Journal of Performance Analysis in Sport**, v. 13, n. 1, p. 200–211, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/24748668.2013.11868642>. Acesso em: 29 jun. 2020.

REILLY, Thomas; GILBOURNE, David. Science and football: A review of applied research in the football codes. **Journal of Sports Sciences**, v. 21, n. 9, p. 693–705, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/0264041031000102105>. Acesso em: 21 mar. 2020.

REIN, Robert; MEMMERT, Daniel. Big data and tactical analysis in elite soccer: future challenges and opportunities for sports science. **SpringerPlus**, v. 5, n. 1, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s40064-016-3108-2>. Acesso em: 21 mar. 2020.

RODRIGUES, Franciso Xavier Freire. **A FORMAÇÃO DO JOGADOR DE FUTEBOL NO SPORT CLUB INTERNACIONAL (1997-2002)**. 2003. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/3538>. Acesso em 13 abr. 2020.

RODRIGUES, Francisco Xavier. Modernidade, disciplina e futebol: Uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 11, p. 260–299, jan./jun. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1517-45222004000100012>. Acesso em: 13 abr. 2020.

ROSADO, António; MESQUITA, Isabel. A formação para ser treinador. *In*: TAVARES, Fernando; GRAÇA, Amândio; GARGANTA, Júlio; MESQUITA, Isabel. **Olhares e Contextos da Performance nos Jogos Desportivos**. Portugal: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, 2008. p. 48-57.

SAMPAIO, Jaime; LEITE, Nuno. Methods and evaluation in sports performance analysis. Performance indicators in game sports. *In*: MCGARRY, Tim; O'DONOGHUE, Peter; SAMPAIO, Jaime. **ROUTLEDGE HANDBOOK OF SPORTS PERFORMANCE ANALYSIS**. 1. ed. New York: Routledge, 2013.

SÁNCHEZ, Francis. **¿Qué esconde tu rival?**. 3. ed. Fútbol de Libro, 2018.

SARMENTO, Hugo; CLEMENTE, Filipe Manuel; ARAÚJO, Duarte; DAVIDS, Keith; MCROBERT, Allistair; FIGUEIREDO, António. What Performance Analysts Need to Know About Research Trends in Association Football (2012–2016): A Systematic Review. **Sports Medicine**, v. 48, n. 4, p. 799–836, dez. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s40279-017-0836-6>. Acesso em: 07 mai. 2020.

SARMENTO, Hugo; MARCELINO, Rui; ANGUERA, M. Teresa; CAMPANIÇO, Jorge; MATOS, Nuno; LEITÃO, José Carlos. Match analysis in football: a systematic review. **Journal of Sports Sciences**, v. 32, n. 20, p. 1831–1843, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/02640414.2014.898852>. Acesso em: 07 mai. 2020.

SILVA, Pedro Miguel Moreira Oliveira . **A Análise do Jogo em Futebol**: Um estudo realizado em clubes da Liga Betandwin.com. 2006. Dissertação (Mestrado em Treino de Alto Rendimento) - Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2006. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/EDUCACA\\_O\\_FISICA/dissertacao/Pedro\\_Miguel\\_Silva.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACA_O_FISICA/dissertacao/Pedro_Miguel_Silva.pdf). Acesso em: 09 jan. 2020.

SILVA, Sheila Aparecida Pereira dos Santos. A pesquisa qualitativa em Educação Física. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 87–98, 1996. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2594-5904.rpef.1996.138481>. Acesso em: 11 jan. 2020.

SONCIN, Rafael; PENNONE, Juliana; PINHO, João Pedro; DINIZ, Maraiza Campos CLAUDINO, João Gustavo; AMADIO, Alberto Carlos; SERRÃO, Júlio Cerca; MEZÊNCIO, Bruno. Modelos de análise de scout no futebol (baseado na temporada 2013 / 2014 da Liga dos Campeões). **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 33–39, jan./mar. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/141763>. Acesso em: 07 mai. 2020.

SORTEIOGO. **Crie sorteios online grátis**. Disponível em: <https://www.sorteiogo.com/pt>. Acesso em: 02. fev. 2020.

TENGA, Albin. Applied sports performance analysis. Soccer. *In*: MCGARRY, Tim; O'DONOGHUE, Peter; SAMPAIO, Jaime. **ROUTLEDGE HANDBOOK OF SPORTS PERFORMANCE ANALYSIS**. 1. ed. New York: Routledge, 2013.

TEOLDO, Israel; GARGANTA, Júlio; GRECO, Pablo Juan; MESQUITA, Isabel. Proposta de avaliação do comportamento tático de jogadores de Futebol baseada em princípios fundamentais do jogo. **Motriz**, Rio Claro, v.17 n.3, p.511-524, jul./set. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1980-65742011000300014>. Acesso em: 10 set. 2021.

TEOLDO, Israel; GUILHERME, José; GARGANTA, Júlio. **Para um futebol jogado com ideias**: Concepção, treinamento e avaliação do desempenho tático de jogadores e equipes. 1.ed. Curitiba: Appris editora, 2015.

THE360. **Curso SCOUT: Análise de Desempenho no Futebol**. 2020. Disponível em: <https://the360.com.br/cursos/scout-analise-desempenho/>. Acesso em: 11 abr. 2020.

UFMG SOCCER SCIENCE CENTER. **Análise de Desempenho no Futebol: Teoria e Prática – Soccer Science**. Disponível em: <http://www.ufmgsoccer.com/index.php/cursoanalise-de-desempenho/>. Acesso em: 11 abr. 2020.

UNIDRUMMOND. **Especialização em Análise de Desempenho no Futebol na UniDrummond (Drummond)**. Disponível em: <https://querobolsa.com.br/drummond/cursos/analise-de-desempenho-no-futebol>. Acesso em: 11 abr. 2020.

UNIGRA. **UNIGRA - Centro de Formação em Ciências do Esporte**. 2020. Disponível em: [https://unigra.com.br/det/147\\_Esportes-Coletivos\\_ANALISE-DE-DESEMPENHO-NO-FUTEBOL:-Conceitos-Introdutorios-e-Principios-Taticos](https://unigra.com.br/det/147_Esportes-Coletivos_ANALISE-DE-DESEMPENHO-NO-FUTEBOL:-Conceitos-Introdutorios-e-Principios-Taticos). Acesso em: 11 abr. 2020.

UNISPORT. **3º Curso Análise Desempenho Futebol UniSport - Cursos de Esporte**. 2018. Disponível em: <https://www.unisportbrasil.com.br/cursos/3-curso-analise-desempenho-futebol/163/>. Acesso em: 11 abr. 2020.

UNIVERSIDADE DO FUTEBOL. **Rafael Vieira, analista de desempenho**. dez. 2010. Disponível em: <https://universidadedofutebol.com.br/rafael-vieira-analista-de-desempenho/>. Acesso em: 9 mai. 2020.

UNIVERSIDADE DO FUTEBOL. **UNIVERSIDADE DO FUTEBOL Store**. Disponível em: [https://plataforma.universidadedofutebol.com.br/loja/analise-de-desempenho-uma-perspectiva-sistemica?gclid=CjwKCAiAv4n9BRA9EiwA30WND75jodgc9z1zgkveF0Um2Qcbwlx0xiz-OJOy-q029bY3XYsaWuYnNxoCnQMQAvD\\_BwE](https://plataforma.universidadedofutebol.com.br/loja/analise-de-desempenho-uma-perspectiva-sistemica?gclid=CjwKCAiAv4n9BRA9EiwA30WND75jodgc9z1zgkveF0Um2Qcbwlx0xiz-OJOy-q029bY3XYsaWuYnNxoCnQMQAvD_BwE). Acesso em: 11 abr. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Orientações para a Normalização de Trabalhos Acadêmicos da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança**. Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, UFRGS, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/bibesefid/wp-content/uploads/orienta%C3%A7%C3%B5es-normas-tecnicas-ABNT-revisado12ABRIL2019.pdf>. Acesso em: 04 mai. 2021.

VÁZQUEZ, Ángel Vales. **FÚTBOL. DEL ANÁLISIS DEL JUEGO A LA EDICIÓN DE INFORMES TÉCNICOS**. 1. ed. Moreno y Conde Sports, 2012.

VENDITE, Caroline Colucio; VENDITE, Laércio Luis; MORAES, Antonio Carlos de. **Scout No Futebol: Uma Ferramenta Para a Imprensa Esportiva**. In: **XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, p. 1–10, set. 2005. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/29839791442711236695040612710072498671.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2020.

VENTURA, Nuno. **Observar para ganhar. O Scouting como Ferramenta do Treinador**. 2. ed. Portugal: Prime Books, 2013.

VIEIRA, Sonia. **O tamanho da amostra nas entrevistas qualitativas**. 2014. Disponível em: [http://soniavieira.blogspot.com/2014/01/o-tamanho-da-amostra-nas-entrevistas\\_18.html](http://soniavieira.blogspot.com/2014/01/o-tamanho-da-amostra-nas-entrevistas_18.html). Acesso em: 25 mar. 2020.

VILAR, Luís; ARAÚJO, Duarte; DAVIDS, Keit; BUTTON, Chris. The Role of Ecological Dynamics in Analysing Performance in Team Sports. **Indian Streams Research Journal**, v. 2, n. 6, p. 1–10, 2012. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/51860118\\_The\\_Role\\_of\\_Ecological\\_Dynamics\\_in\\_Analysing\\_Performance\\_in\\_Team\\_Sports](https://www.researchgate.net/publication/51860118_The_Role_of_Ecological_Dynamics_in_Analysing_Performance_in_Team_Sports). Acesso em: 09 set. 2020.

VOLOSSOVITCH, Anna; FERREIRA, António Paulo. Da descrição estática à predição dinâmica. A evolução das perspectivas de análise da performance nos jogos desportivos coletivos. *In*: VOLOSSOVITCH, Anna; FERREIRA, António Paulo (org.). **Fundamentos e aplicações em análise do jogo**. Lisboa, 2013. p.1-34.

VOSER, Rogério da Cunha. **Futsal: princípios técnicos e táticos**. 5. ed. Canoas: Editora ULBRA, 2019.

VOSER, Rogério da Cunha; GIUSTI, João Gilberto Mattos; JÚNIOR, Mario Renato de Azevedo. **Futsal: ensino através dos jogos de inteligência e capacidade tática**. 2. ed. Canoas: Editora ULBRA, 2018.

WRIGHT, Craig; ATKINS, Steve; JONES, Bryan. An analysis of elite coaches' engagement with performance analysis services (match, notational analysis and technique analysis). **International Journal of Performance Analysis in Sport**, v. 12, n. 2, p. 436–451, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/24748668.2012.11868609>. Acesso em: 09 set. 2020.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. 1.ed. Porto Alegre: Penso. 2016.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

BASEADO NAS DIRETRIZES CONTIDAS NA RESOLUÇÃO CNS Nº 466/12

Prezado (a) Participante

O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) a participar da dissertação de mestrado intitulada: **O Processo da Análise de Desempenho nas Categorias de Base em Clubes Brasileiros de Futebol** que está sendo desenvolvida pelo Professor Dr. Rogério da Cunha Voser – como professor responsável– e pelo pesquisador Manoel Eduardo do Prado Shamah, aluno de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O objetivo principal do estudo é descrever como ocorre o processo de análise de desempenho nas categorias de base em clubes brasileiros de futebol. A finalidade deste trabalho é ampliar o conhecimento dos profissionais da área esportiva, em especial os analistas de desempenho no contexto das categorias de base, posto que essa área tem se mostrado relevante dentro do futebol, colocando-se como um campo de atuação em ascensão atualmente.

Solicitamos a sua colaboração para uma entrevista semiestruturada, sendo esta entrevista gravada pelo pesquisador com duração média de noventa minutos, o (a) senhor (a) terá acesso a transcrição da entrevista para sua posterior validação, assim, ao término da pesquisa ocorrerá a devolutiva dos dados. Solicitamos também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto.

Informamos que o participante pode apresentar alguma inibição frente aos questionamentos, cabendo ao pesquisador tornar o ambiente tranquilo e agradável, a fim de minimizar o risco de constrangimento que você possa sentir. Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado (a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador (a). Os custos de deslocamento serão de responsabilidade do pesquisador.

Ao participar da pesquisa, colocam-se possíveis benefícios indiretos, como, contribuir para ampliar o conhecimento de profissionais na área da análise de desempenho, além disso, esta pesquisa poderá beneficiar também os clubes brasileiros, que através da ampliação de conhecimento dos analistas poderão qualificar o processo de formação e otimização de desempenho de jovens jogadores de futebol.

Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

---

**Prof. Dr. Rogério da Cunha Voser**  
Pesquisador(a) Responsável

---

**Assinatura do Participante**

Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

(Cidade) , \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

---

**Assinatura do Participante**

Caso tiver alguma dúvida, entrar em contato com o pesquisador responsável, Prof. Dr. Rogério da Cunha Voser, pelo fone +55 51 3308-5876 e com o pesquisador Manoel Eduardo do Prado Shamah, pelo fone +55 51 98158-5716, ou ainda com o Comitê de Ética da UFRGS +55 51 3308-3738.

**Comitê de Ética da UFRGS**

**Endereço:** Av. Paulo da Gama, 110 – Sala 317 do Prédio Anexo 1 da Reitoria – Campus Centro

**Bairro:** Farroupilha

**CEP:** 90.040-060

**UF:** RS

**Município:** PORTO ALEGRE

**Telefone:** (51) 3308-3738

**Fax:** (51) 3308-4085

**E-mail:** [etica@propesq.ufrgs.br](mailto:etica@propesq.ufrgs.br)

**APÊNDICE B – FORMULÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO**

<b><u>DADOS DE IDENTIFICAÇÃO</u></b>		
NOME:		
DATA DE NASCIMENTO:	LOCAL DE NASCIMENTO:	ESTADO CIVIL:
<b><u>FORMAÇÃO</u></b>		
FORMAÇÃO PROFISSIONAL (CURSOS):	FORMAÇÃO ACADÊMICA (GRADUAÇÃO E PÓS):	
INSTITUIÇÃO DE FORMAÇÃO:	INSTITUIÇÃO DE FORMAÇÃO:	
ANO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL:	ANO DE FORMAÇÃO ACADÊMICA:	
<b><u>ATUAÇÃO PROFISSIONAL</u></b>		
ANOS DE EXPERIÊNCIA NA ÁREA DE ANÁLISE DE DESEMPENHO:		
CLUBE ATUAL:		
QUANTO TEMPO ATUA NO CLUBE ATUAL:		
CATEGORIAS QUE ATUA NO MOMENTO:		
FOI ATLETA PROFISSIONAL?		
DATA DE PREENCHIMENTO:	LOCAL DE PREENCHIMENTO:	

**APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA**

1. Para iniciar essa conversa, conte-me como se deu sua inserção no futebol e na área da análise de desempenho?
2. Na sua percepção, qual a importância da análise de desempenho na formação do atleta de futebol? Têm influência? Como?
3. Qual o seu entendimento sobre o papel do analista de desempenho nas categorias de base dos clubes?
4. Existe diferença de atuação do analista de desempenho do profissional em comparação ao das categorias de base? Comente.
5. Qual setor/departamento é responsável pela análise de desempenho na instituição?
6. Desde quando o setor/departamento existe dentro da instituição? Você tem conhecimento de como e quando foi implementado?
7. Quantos profissionais trabalham neste setor/departamento atualmente?
8. Como está estruturado, em relação ao espaço físico e recurso material, o setor/departamento de análise de desempenho na instituição?
9. Qual a função do analista de desempenho dentro do clube? E o objetivo da Análise de Desempenho no clube?
10. Existe um fluxograma formalmente definido em relação ao fluxo de informações obtidas? Fale-me como funciona esse fluxo de informações.
11. Comente sobre os tipos de análise realizadas dentro do clube e quando ocorrem.
12. O clube utiliza alguma ferramenta (software) de análise de desempenho? Qual ?

13. Comente quais são os dados coletados na análise do jogo?
14. Como você percebe a análise do jogo na instituição, você entende que é mais voltada para o desempenho coletivo ou individual?
15. Quem recebe as informações coletadas na análise dos jogos? Os atletas tem acesso a estas informações?
16. As informações coletadas são interpretadas antes de enviá-las?
17. Os dados coletados são armazenados e/ou utilizados posteriormente? De que forma isso ocorre dentro do clube?
18. Você considera que a análise de desempenho influencia a formação do atleta dentro da instituição? De que maneira você entende que isso ocorra?
19. No seu entendimento quais são as principais dificuldades encontradas pelo setor/departamento dentro da instituição? Têm sugestões de melhoria?
20. Como você enxerga o desenvolvimento da análise de desempenho futuramente? E quais são os desafios da profissão?
21. Fale sobre as suas pretensões no mercado futebolístico, em qual contexto (profissional ou base) você pretende atuar futuramente? Porquê?
22. Você gostaria de expor algo além do que conversamos nesta entrevista?
Comentários e observações:

## APÊNDICE D – CARTA CONVITE COLABORAÇÃO EM PESQUISA ACADÊMICA

### NOME DA INSTITUIÇÃO CARTA CONVITE DE COLABORAÇÃO EM PESQUISA ACADÊMICA

A **INSTITUIÇÃO**, doravante denominada “XXXX”, e **MANOEL EDUARDO DO PRADO SHAMAH**, aluno do Curso de Mestrado (*Stricto Sensu*) do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da ESEFID/UFRGS, doravante denominado “**ALUNO**”, concordam colaborar mutuamente para desenvolvimento de pesquisa acadêmica, sob orientação do Professor Dr. Rogério da Cunha Voser, nos termos que seguem:

A **INSTITUIÇÃO** propõe-se colaborar:

1. Autorizando o **ALUNO** a aplicar o estudo **O PROCESSO DA ANÁLISE DE DESEMPENHO NAS CATEGORIAS DE BASE EM CLUBES BRASILEIROS DE FUTEBOL**, em encontros agendados com seus respectivos analistas de desempenho;
2. Autorizando seus analistas a participarem do estudo, respondendo a uma entrevista semiestruturada, podendo ser efetuada nas dependências da **INSTITUIÇÃO**, elaborada pelo **ALUNO**.

O **ALUNO** pretende colaborar:

1. Orientando e colaborando com os participantes, analistas de desempenho da **INSTITUIÇÃO**;
2. Disponibilizando para a **INSTITUIÇÃO** e para cada um dos profissionais envolvidos os resultados obtidos após a finalização do estudo;
3. Realizando uma apresentação do resultado do estudo, **O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA ANÁLISE DE DESEMPENHO NAS CATEGORIAS DE BASE EM CLUBES BRASILEIROS DE FUTEBOL**, caso haja o interesse, em dia e horário agendados pela **INSTITUIÇÃO**.
4. Responsabilizando-se por todos os custos referentes à aplicação da pesquisa: combustível, hospedagem, alimentação, materiais de áudio e impressões, entre outros.

Cidade, dia do mês e ano.

---

**NOME**  
Cargo  
Instituição Participante da Pesquisa

---

**Manoel Eduardo do Prado Shamah**  
Aluno  
Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano  
Escola Superior de Educação Física, Fisioterapia e Dança  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## APÊNDICE E – MODELO DE TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

<b><u>TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA</u></b>			
CÓDIGOS	DATA DA ENTREVISTA	DURAÇÃO	DATA DE TRANSCRIÇÃO
ENTREVISTADO (E) PESQUISADOR (P)	16/04/2020	67 minutos	20/05/2020
<b><u>ANALISTA 8</u></b>			
<b><u>Atuação Profissional (dados coletados até a data da entrevista)</u></b>			
<p><b>Formação Acadêmica:</b> Bacharel em Educação Física (2016) – Pós Graduado em Futebol (2018)</p> <p><b>Tempo de experiência na área de Análise de Desempenho:</b> 3 anos</p> <p><b>Tempo de atuação no clube atual:</b> 3 anos</p> <p><b>Categoria (as) que atua:</b> Sub 20 e Sub 23</p>			
<b>Orientações iniciais a respeito da entrevista.</b>			
<p><b>Pesquisador (P):</b> Para iniciar essa conversa então, me conta como se deu sua inserção no futebol e na área da análise de desempenho?</p> <p>Entrevistado (E): Beleza...de maneira mais resumida aí Manoel, eu como quase todos que trabalham com o futebol (<i>risos</i>) quando o jovem tentei jogar né, então participei de algumas categorias de formação de clubes de menor expressão, é... chegando aos meus 17 anos já comecei a observar que não teria espaço pra que eu pudesse jogar, comecei a estudar, consegui uma bolsa pra fazer educação física aqui na <b><i>*instituição de ensino superior citada</i></b>, tá me escutando?</p> <p><b>(P): Sim, pode continuar...</b></p> <p>(E): Aqui na <b><i>*instituição de ensino superior citada</i></b>, é... comecei, ingressei na... na universidade, no segundo ano... se eu, eu não me... segundo ano eu tive a oportunidade de fazer um processo seletivo pra estagiar na escola de futebol do <b><i>*clube atual do entrevistado</i></b> aqui em <b><i>*cidade do clube atual do entrevistado</i></b> mesmo, na época que era do <b><i>*clube atual do entrevistado</i></b> mesmo, o <b><i>*clube atual do entrevistado</i></b> administrava as escolas da região, é... aí eu consegui passar nesse processo seletivo, fiquei mais ou menos um ano sendo estagiário de uma... de uma escola aonde também tinha um processo de, que eles chamavam de seleção, seleção das escolas <b><i>*clube atual do entrevistado</i></b>, que seria mais ou menos um filtro ali que eles faziam pra um processo de iniciação né, então pegava os melhores das escolas e... e mantinham... uma... uma semana de treinamento aí de dois, duas, três vezes na semana. Após isso... eu fiquei um ano aí, após esse um ano, acabou esse projeto, acabou a perspectiva de se continuar, é... galgando num processo de formação de categoria de base mesmo, e aí surgiu oportunidade de um iniciar um outro clube, onde <i>tava</i> iniciando um outro clube e me ofereceu uma proposta pra que eu pudesse trabalhar lá também como auxiliar, seria um projeto de formação né, é... saí do estágio, fui pra esse... fui pra esse projeto, é... fiquei lá por volta de dois anos e meio três anos, é... e de lá eu saí pra ser treinador da categoria sub 11 na iniciação</p>			

do **\*clube atual do entrevistado** né, era é um projeto parceiro com o **\*clube do estado do entrevistado** onde eles faziam captação... e... mantinha uma equipe já pensando em iniciação esportiva também... eu fiquei como treinador da categoria sub 11, auxiliando na sub 12 e na sub 13 na época, é... mais ou menos um ano e seis meses, um ano e meio mais ou menos esse período, é... aí então surgiu a possibilidade de ser, de vir ser analista na, nas categorias de formação do **\*clube atual do entrevistado**, aí então já era contratado pelo **\*clube atual do entrevistado**, é...o analista da categoria sub 20 tinha saído, eles tinham feito uma escada do... do sub 17, sub 15 né, e ficou uma vaga no sub 15, é... dentro disso eles fizeram uma proposta pra que eu pudesse ser...perguntaram se eu tinha interesse em ser analista da categoria de formação, sub 15 na época né, é... eu... com objetivo de... na época tinha o objetivo de ser treinador, ainda tenho esse objetivo de ser treinador...

**(P): Em que ano isso?**

(E): Foi em... 2017, em agosto de 2017... e aí tiveram um bate papo comigo... eu achei interessante, achei que ia ser importante pra minha formação como profissional... de futebol mesmo né... é... experimentar uma área que eu ainda não tinha uma vivência, é... isso ia me trazer competências que na iniciação digamos assim, eu não teria é... como explorar ali no momento, e... aceitei, o pessoal também acreditou que poderia é fazer um trabalho ali também na parte de análise, iniciei em setembro, se eu não me engano em setembro, é... como analista da categoria sub 15 e sub 14 do **\*clube atual do entrevistado**, então eu já estava decorrer da temporada... já *tava* na terceira fase do **\*campeonato estadual** sub 15... eu não tinha experiência prévia nenhuma de como analista, porém...

**(P): Tinha conhecimento da área ou foi algo totalmente novo pra ti?**

(E): Não... conhecia a área né, que a gente acaba fazendo um processo de análise só que como treinador, como líder da equipe ali mesmo, então a gente mesmo fazia né... tanto no sub 11, é... tanto no sub 11, ali quando tinha possibilidade de vídeo, quando eu estava no projeto lá do **\*clube do estado do entrevistado**, então a gente acabava fazendo esse processo... é... só que não de uma forma... é... tão afundo é... tão afundo e organizado como... como a gente faz como um analista né, e... não pensava em ir para essa área né, mas surgiu a possibilidade, eu achei interessante e avalei como que poderia ser produtiva pra mim, principalmente no desenvolvimento profissional e arrisquei (*risos*). Aí... a partir disso, na época o clube, eu entendi que o clube não... não buscava alguém que tivesse tanta experiência com ferramentas principalmente da análise né, mas era algo que eles deixaram claro realmente, mas eles queriam alguém que tivesse... um conhecimento é... básico ali realmente de jogo né, de rotina de treinamento, de rotina de... de desenvolvimento de planejamento de treinamento, é... desenvolvimento de estratégia de jogo e tudo mais, então esse era o maior interesse, pelo que, na verdade eles deixaram claro isso, quando tiveram esse bate papo comigo né, e não levaram tanto em consideração a minha experiência com as ferramentas, que era algo que segundo eles eu ia desenvolver naturalmente dentro do processo, era algo mais... mais simples de alcançar né, e foi o que acabou acontecendo. Após isso, no final do ano encerrou o sub 15 aí... já o **\*clube atual do entrevistado** abriu a categoria aspirantes né, sub 23, consequentemente precisou de um analista no 23 e eles subiram todo mundo, eu acabei virando analista do sub 17, onde eu fiquei... o ano de 2018 todo trabalhando com o treinador **\*nome do profissional citado**, tive um monte de experiência bacana a nível nacional aí como como analista, é... até o ano passado, aí o ano passado virou sub 18 a categoria né, então acabei subindo junto com a categoria ali mesmo sub 18, esse ano retornou a formação normal de sub 15, 17 e 20 e 19 né no caso, e 23, é... e eu sou o responsável hoje pela categoria sub 20, porém no momento a gente tá... antes dessa paralisação toda né, por causa da pandemia, a gente *tava* com um analista a menos e uma categoria mais, que era a aspirante... e a demanda do profissional, o objetivo do clube era que tivesse um analista no profissional e o segundo analista do profissional tivesse a demanda

do aspirantes, porém isso não foi possível porque a demanda do grupo principal era muito grande e aí eu acabei suprimindo a ausência do... do analista que *tava (palavra inaudível)* do aspirante que era o **\*nome do profissional citado** né, então esse início de ano eu acabei ficando muito mais no aspirantes ali que é um ritmo mais de equipe profissional do que no próprio sub 20 né, é mais ou menos isso aí Manoel...

**(P): Na sua percepção, qual a importância da análise de desempenho na formação do atleta de futebol? Têm influência? Como?**

(E): Ah... eu acho que a influência é muito grande, o poder de influência é muito grande Manoel, é... porque a gente consegue ter ferramentas aonde você vai conseguir ser muito mais didático com atleta né, então... é diferente você... não que não seja produtivo, mas é diferente você simplesmente falar algo pro o atleta no campo, seja no treino ou no jogo, do que você realmente ter o material como um vídeo, algo didático apresentando pro atleta aonde ele vai visualizar ele fazendo ou um modelo fazendo né, a gente usa normalmente materiais pedagógicos e ele a partir dessa visualização ele consegue interpretar o que ele fez de positivo negativo, alcançar talvez, pensar em possíveis estratégias né... aonde a gente também contribui, tentando levar o atleta a achar estratégias pra resolver os problemas, corrigir talvez determinadas competências que ele precisa corrigir ou reforçar competências que ele aplica muito bem, então hoje eu acho que é extremamente importante e... dentro futebol dificilmente você vai ver, dificilmente eu vejo é... o clube... se desenvolver sem análise de desempenho. Além de *(palavra inaudível)* mesmo questão quantitativa né, pra você convencer um atleta, as vezes tem aqueles atletas... que acabam não acreditando muitas vezes só em palavras né, pra você ter um convencimento as vezes além do vídeo mesmo mostrando, você consegue conciliar com o número deles né, um exemplo bem grosseiro assim... nosso meia acaba errando muito passe na frente da grande área, passes de decisão, passes decisivos, é... na percepção dele, ele acaba entendendo que não, quando você mostra os números, comprovam pra ele, realmente a gente erra bastante é... a gente mostra o vídeo, porque que a gente erra bastante e agora o próximo passo, como a gente vai corrigir tudo isso... então acho que é uma ferramenta muito importante hoje.

**(P): Qual o seu entendimento sobre o papel do analista de desempenho nas categorias de base dos clubes?**

(E): Eu acho que realmente o papel dele é filtrar e... filtrar dados né, e passar os dados e informações de maneiras mais, de maneira mais objetiva, didática, tanto pra comissão, pensando em questões coletivas e também pro atleta pensando em questões individuais que é o mais importante principalmente na formação e desenvolvimento do atleta.

**(P): Deve existir diferença de atuação do analista de desempenho do profissional em comparação ao das categorias de base? Comente.**

(E): É... eu acho que um pouco a visibilidade do profissional ele é muito grande né, e o principal objetivo da equipe principal é você ter vitórias né, é o rendimento realmente né... então se vai trabalhar muito em cima disso, de resultados, acaba sendo... ainda mais no Brasil né, no cenário que nós vivemos no Brasil, a diferença da equipe do, analista da equipe principal, profissional né, pra formação... é que você não tem essa grande visibilidade, você não precisa trabalhar em cima de resultados, é... todo final de semana, você tem que dar muito mais atenção pra desenvolvimento do atleta, que esse é o papel eu acho... o diferencial entre o profissional e a base né, porque você tá pensando em formação, então desenvolver conteúdo, desenvolver informação, pra que você possa realmente potencializar o atleta e quando ele chegar na equipe principal ele esteja pronto pra... pra... pra exigência da equipe principal, que vai ser o dia a dia de vitória, busca de resultado e tudo mais...

**(P): Qual setor/departamento é responsável pela análise de desempenho na instituição?**

(E): É... hoje... a gente tem uma... o clube usa uma matriz um pouco diferente né, então o... que seria equivalente a um departamento, hoje nós temos uma área de análise de desempenho, e tem um... ultimamente, nos dois últimos anos o clube têm utilizado um conceito de auxiliar-analista, nem... não só analista de desempenho né, é... o porquê, a gente já vinha antes, quando era um departamento mesmo... e a gente levava só o nome de analista de desempenho, vendo uma importância muito grande do analista estar dentro do campo, ele não ser simplesmente o cara que edita vídeo e passa os vídeos pra comissão, não, ele tem que tá dentro do contexto, entendendo todo o contexto, como se desenvolve treino, como atleta se apresenta em treino, em jogo, pra que realmente ele possa ter uma análise muito mais rica né, então o clube tem, tem trabalhado dentro dessa, daí... justamente pra potencializar ainda mais isso, tem começado a tratar como auxiliar-analista, e... dentro de cada categoria, é... se tem um auxiliar-analista né, então alguém que tem as ferramentas e um conhecimento pouco maior da utilização das ferramentas pra análise de desempenho, é... pra desempenhar esse papel de... de realmente de análise né, tanto coletiva quanto individual e qualitativa e quantitativa e assim por diante... existe uma área bem definida pra isso.

**(P): Desde quando o setor/departamento existe dentro da instituição? Você tem conhecimento de como e quando foi implementado?**

(E): O fato de se definir como área, é... justamente por não ficar uma região *departamentalizada* né, um exemplo, existe o departamento tal, o departamento tal, o departamento tal, aí o clube entendia que estes departamentos eles trabalhavam apenas para o departamento, separado né... então um exemplo... que o departamento de análise de desempenho, ele gerava muita informação e trabalhava pro departamento, então o objetivo de, de transformar em área é pra que ele realmente possa trabalhar muito mais para o clube, um exemplo que talvez posso deixar um pouco mais claro, é... um departamento normalmente é fechado né, as quatro paredes, e você trabalha dentro desse departamento, quando a gente fala em área, o objetivo é tirar essas paredes aonde consiga uma interação muito maior com o todo né, então não existe mais o departamento de *scouting*, o departamento de análise de desempenho, não, existe a área de análise de desempenho que tá englobando o todo né, e tá se relacionando com todas as outras áreas, não só se desenvolvendo como, com informações ou trabalhando somente pra aquela, pra aquele departamento... é mais uma justificativa, não sei se eu fui bem claro mas, mas esse é o objetivo de realmente ser mais, ter uma interação muito maior...

**(P): Foi sim... só retomar um pouco das datas, antes existia departamento e faz uns dois anos que mudou essa ideia pra área?**

(E): É... realmente foi... (*entrevistado pensando*), no final do ano passado, mas (*palavra inaudível*) foi no final do ano passado que realmente houve essa nomenclatura de área né... que existiu um organograma mais matricial assim... e não aquele organograma, é... convencional que a gente vê né, de departamentos.

**(P): Quantos profissionais trabalham nesta área atualmente?**

(E): Bom... na análise de desempenho, a gente tem o... o... nosso, o coordenador que é o **\*nome do profissional citado**, então ele é o coordenador da área de análise de desempenho, aí nós temos dois analistas, auxiliares-analistas, na equipe principal, é...e aí tem, na sequência sou eu como auxiliar-analista sub 20 e um auxiliar-analista do sub 17, um auxiliar-analista do sub 15 e um auxiliar-analista que ele faz um suporte pra o sub 14 e pra toda área de iniciação né, sub 13, 12, 11,10, que aí é um trabalho um pouco diferente assim, essa parte de análise realmente...

**(P): A análise inicia em categorias menores, então?**

(E): É... não seria especificamente uma análise né, teria material, imagens, pra você acompanhar o desenvolvimento do atleta assim, nada também tão formal no sentido de apresentar conteúdo pros atletas sabe...

**(P) Não teria o procedimento que as categorias maiores têm, mas ocorre em certo ponto, isso?**

(E): Isso...

**(P): E em caso de viagem, o auxiliar-analista viaja junto? Como funciona?**

(E): É... ele sempre vai, pra quase todas as competições sempre tem um auxiliar-analista, dificilmente não vai... eu desde que tô no clube, eu não vi nenhuma competição que não fosse um auxiliar-analista, pra fazer esse trabalho de análise. Só um detalhe voltando ali também, que você perguntou aí em relação aos profissionais, aí nós temos a área específica de *scouting* também né, que... se não me engano, são cinco ou seis profissionais que são especificamente da área de *scouting*, trabalhando na parte de análise de mercado, digamos assim... e fora captadores né, e também tem dentro da nossa área de análise de desempenho, tem um... responsável, que a gente chama de processo de *coaching*, que é o **\*nome do profissional citado**, que ele é o responsável por acompanhar as categorias e desenvolver também um processo, digamos, de lapidação de ações técnicas e conceituais dos atletas também, então dentro do que eles vão identificando, é o **\*nome do profissional citado** e o **\*nome do profissional citado**, são esses dois responsáveis, então faz um processo todo de... é... análise individual do atleta, e... isso usando o *Sportscod* também na mesma forma e dentro do que eles identificam que é necessário no desenvolvimento do atleta, e assim, é... entrando em contato a comissão né, debatendo junto com a comissão também, vai identificando alguns pontos que o atleta tem que ser potencializado e eles vão trabalhando de uma forma meio que, lapidando essas, esses conteúdos seja técnico, conceitual né de maneira mais individual e assim também, que também entra dentro da área de análise.

**(P): Mais pra frente a gente vai falar um pouco mais sobre isso, mas tem um nome específico a área?**

(E): De desenvolvimento individual...

**(P): Eu digo da área de análise de desempenho do clube mesmo...**

(E): É, auxiliares-analistas, e a área, área de análise de desempenho...

**(P): Como está estruturado, em relação ao espaço físico e recurso material, a área de análise de desempenho na instituição?**

(E): Começando pelas, pela questão de, de área, onde a gente normalmente fica, hoje o clube todo fica, a gente chama de núcleo 1, que é o núcleo de futebol né, desenvolvimento de futebol né, na área mais técnica digamos assim, então a gente fica numa sala todo mundo junto, treinador, auxiliar, auxiliar-analista, preparador de goleiro, então todo mundo junto, é... dentro dessa. E aí entrando mais na parte da questão das ferramentas, hoje o clube disponibiliza pra gente, pra cada auxiliar-analista um *MacBook* né, pra que... a gente possa operar o *Sportscod*, então cada auxiliar-analista ele tem esse *MacBook* e a disponibilidade de uma licença do *Sportscod*, que é a ferramenta que a gente utiliza pra... edições de imagem e realmente pra análise né, que ela é específica pra isso, dentro disso, aí os outros materiais auxiliares que são essenciais né, câmera, cada categoria ou cada auxiliar-analista tem sua câmera, um *iPad* que a gente utiliza pra fazer o *tagueamento*, em tempo real ou não né, aí depende de como fica a rotina, diferente... é... que ele é o suporte também, ele é uma ferramenta do *Sportscod*, e aí os outros materiais auxiliares que é tripé, suporte, é... adaptador, e esses materiais mais simples né.

**(P): Esses materiais são do clube? Ou vocês utilizam materiais pessoais também?**

(E): Não... eles são... o clube que disponibiliza pra gente, ele **(o clube)** dá todo o suporte em relação as ferramentas.

**(P): Qual a função do analista de desempenho dentro do clube? E o objetivo da Análise de Desempenho no clube?**

(E): Então, a ideia do clube é que ele seja um auxiliar né, tanto de campo e dê suporte pro treinador e contribua com informações para os atletas né, pra desenvolvimento dos atletas principalmente. E aí tendo como ferramenta a questão das imagens, a questão da... da... dos dados estatísticos que possam gerar *feedback* pros atletas, esse é o principal ponto. O objetivo principal é a gente dá suporte pro atleta, isso na formação é o principal, nosso produto final é isso, desenvolver o atleta, e então a gente acaba auxiliando, na... na transmissão de informação pra esses atletas e *feedbacks* né, tanto pro atleta diretamente, como pro, pra comissão, dando suporte pra comissão pra que eles possam elaborar estratégias pra desenvolver os atletas também.

**(P): E como funciona a questão do auxiliar-analista no campo? Como isso é organizado?**

(E): Na medida do possível sempre o auxiliar-analista ele tá no campo, então ele tem que tá dando suporte no treino, então... fazendo papel de auxiliar realmente, passando informação pro atleta, contribuindo no exercício, contribuindo na elabora, na elaboração do exercício, no planejamento da semana, então é realmente um papel de igual um auxiliar, e aí dentro disso também, existe essa possibilidade de análise de treino né, que aí demanda, muitas vezes, algumas vezes o auxiliar-analista não está realmente no campo ativo, passando informação de uma maneira como auxiliar ali mesmo, porque às vezes ele vai te que tá, é... filmando, é... *tagueando* alguma coisa específica, que daí são, é uma estratégia das comissões, a comissão que vai elaborar isso, às vezes utilizar a... alguém ali de fora ou de suporte, um estagiário às vezes pra poder fazer uma filmagem ou outro auxiliar-analista que acabou tendo treino em um turno diferente e a gente vai lá contribui, então algumas estratégias...mas sempre que possível o auxiliar-analista tem que estar no campo, porque a ideia é...

**(P) E os treinos são em um turno ou em dois?**

(E): Em um turno... normalmente um turno, dificilmente os treinos são em dois períodos assim, na categoria de formação dificilmente...

**(P) Pergunto isso, pois se fosse em dois turnos talvez fosse mais difícil de fazer essas duas situações, em um turno então é possível?**

(E): É possível... assim, acho que o... o que dificulta muitas vezes, as vezes é o calendário né, que nem um exemplo de uma categoria sub 20 ou sub 15, sub 17 desculpa, às vezes tem, disputando duas competições similares, que hoje tem né, é o Campeonato Brasileiro e o Campeonato Estadual, então se acaba tendo o jogo do, do Brasileiro no meio da semana e do Estadual no final de semana, e aí normalmente tem... dois dias, três dias pra fazer todo o trabalho de análise, aí, é...dentro do que a comissão às vezes entende, *“opa hoje o treino não vai exigir tanto, vai ser algo mais regenerativo, não vai ter nada tão conceitual”*, ah então... e tem demanda da análise pra fazer, então hoje você pode ficar ali. Então são estratégias que podem ser utilizadas também, mas... aí a gente sempre vai priorizando algumas coisas né, tem... quando você vai ter menos tempo, se vai priorizar algo que é mais importante pro, pra análise do, do jogo que já passou, autoanálise, análise do adversário e assim por diante, daí dentro do que a comissão entende como prioridade.

**(P): Existe um fluxograma formalmente definido em relação ao fluxo de informações obtidas? Me fala como funciona esse fluxo de informações.**

(E): É, então... a gente já tem uma linha que a gente segue já, um bom tempo assim também, dentro das, digamos que seriam as obrigações do auxiliar-analista né, que é principalmente essa autoanálise, acho que... pensa num ritmo de jogo né, você fez o jogo, fez a filmagem, fez o processo de *tagueamento*, tempo real ali todo, aí a partir disso você vai fazer a autoanálise, que é análise do nosso desempenho na equipe né, normalmente é de forma mais qualitativa colaborando com algumas questões quantitativas, após o auxiliar-analista ter feito essa análise, ele tem que fazer uma

reunião com a comissão, que essa reunião é justamente pra um debate né, aonde ele vai apresentar o que ele viu como padrão, é... erros e acertos e assim por diante né, vai apresentar pra comissão, vai gerar um debate aonde dentro desse debate eles vão elaborar um material pra ser passado, aí então pra... pra equipe né, de forma coletiva, e aí da mesma forma também existe a estratégia que a gente utiliza de maneira individual, esse fluxo né, fez o material, comissão técnica, pós comissão técnica define se vai passar pra os atletas, aí passa pra os atletas, normalmente o coordenador ele tá sempre acompanhando esse, dentro desse processo na medida do possível também né, participa dessas reuniões com as comissões, é... participa também das reuniões com os atletas também, sempre que possível, pra que ele possa realmente tá entendendo o contexto geral, o dia a dia ali né, e não gerar mais uma demanda de trabalho, que muitas vezes “*ah tem que apresentar pro, pra comissão, depois apresentar pra coordenação*” e até dep... normalmente já participa dentro desse processo direto assim...

**(P): Comente sobre os tipos de análise realizadas dentro do clube e quando ocorrem. Quantitativas ou qualitativas? Segue algum protocolo?**

(E): Então você comentou sobre o protocolo a gente usa um protocolo padrão que usa-se desde a equipe principal, até a equipe sub 14, digamos ali, então existe os mesmos protocolos, a análise ela não vai ser a mesma, mas você acaba utilizando os mesmos protocolos né, você vai analisar o que foi padrão no jogo né, então é, todas as cate... todos os auxiliares-analistas de comissão seguem esses protocolos, é... a gente tenta, a gente utiliza muito mais análise qualitativa na formação né, a imagem. Então, através da nossa, do nosso *tagueamento* dentro do que a gente separou, a gente viu o que aconteceu como padrão, seja ele positivo ou negativo, e aí separa normalmente essas situações, pensando em situações coletivas em primeiro, é... em primeira instância assim, junto a isso já, a gente tem alguns protocolos que, que já geram pra gente alguns dados estatísticos, que da maneira mais quantitativa, normalmente a gente usa pra reforçar algo *coletí*, algo qualitativo ou ao contrário né, ou também a gente viu, visualizou alguma coisa de maneira qualitativa, mas os números tão mostrando alguma coisa diferente, isso nos faz, é... olhar para o jogo de uma forma um pouco diferente depois para ver se realmente, o porquê não bateu os dados ou o contrário como a gente falou... que justamente tá batendo os dados, um exemplo... (*palavra inaudível*) finalizações, isso é o que a gente acaba gerando ali, em... de maneira mais quantitativa né, mas hoje a gente valoriza muito mais a parte qualitativa...

**(P): E pro treino, tem algum protocolo específico de análise?**

(E): Não, a gente segue ali também um, um protocolo básico de treino, é... mas não tem nada específico... daí isso é algo que a gente, a gente vai ver da demanda do treino né, é “*hoje o objetivo do treino foi desenvolver muito mais conceitos de... comportamento de linha defensiva*”, então eu *vô dá* atenção pra isso né, então... vai depender muito do que o treino vai, vai demandar e no que a gente quer observar dentro do treino, claro que pode ter coisas gerais que a gente pode, é... *taguear* e separar também, é... mas isso muito mais de demanda do treino.

**(P): Comenta quais são os dados coletados na análise do jogo? O que realmente são esses dados? Chegada no último terço, construção inicial? E se tem algumas nomenclaturas específicas pra isso...**

(E): Acho que é justamente nesse caminho, que você tá falando né, normalmente a gente usa o protocolo ali pra separar, separar os lances e depois a gente vai qualificar os lances né, é... um exemplo, a gente segue a nossa análise e principalmente em cima do modelo de jogo que clube propõe né, e esse modelo de jogo ele... ele é algo definido, é um norte que todas as categorias devem seguir, tem sua liberdade, cada categoria, até mesmo pela demanda do que é da exigência da categoria, mas todo mundo segue né, e a nossa análise ela parte a partir daí, então o que a gente vai visualizar vai separar normalmente, situações de primeira fase, é... pensando em questões ofensivas, normalmente situação que a gente tá saindo, ou de um tiro de meta ou partindo de uma construção mais próxima ao nosso primeiro

terço do campo, nossa área, nosso goleiro né, segunda fase de construção, pra ficar um pouquinho mais localizado, normalmente na região de... central do campo, intermediária defensiva e intermediária ofensiva, situações de último terço, como a gente conseguiu chegar e como a gente vai concluir nossas jogadas, é...que vão tá situadas no último terço do campo, aí situações de transição defensiva, seguindo o fluxo do jogo né, transição defensiva, qual o nosso comportamento que a gente tem em transição defensiva, se tá próximo do que a gente trabalha, se tá próximo ao modelo de jogo né, vai entrando na parte mais *qualita*... dentro da... da parte qualitativa, na fase defensiva a mesma coisa bloco alto, bloco médio, como a gente tá defendendo em bloco alto, em bloco médio, bloco... bloco baixo, quais são os nossos comportamentos, é... e na transição ofensiva, o que a gente tá fazendo quando a gente recupera a bola, qual nossos primeiros comportamentos, pra onde a gente tá indo, tá sendo eficiente, não tá sendo eficiente, porque tá sendo eficiente, por que não tá sendo eficiente. Além das bolas paradas né, tanto na defensiva quanto ofensiva, que aí entra muito em questão estratégica. E a parte quantitativa, aquilo que eu, já comentei né, que a gente usa muito mais situações de, é... posse em campo de defesa, no campo de ataque, pra entender o quanto a gente conseguiu controlar o jogo, se a gente conseguiu, teve dificuldades pra progredir no campo, isso significa que talvez a gente teve uma posse muito baixa, e muito alta no nosso campo defensivo, uma posse muito baixa que vai balizar um pouco mais também nossa, nosso desempenho da equipe né... de forma mais quantitativa, então posse, número de finalizações, número de finalizações sofridas, o tempo onde essas finalizações foram sofridas, isso separadas de 15 em 15 minutos, exemplo, 12 em 12 minutos dependendo da quantidade, do tempo de jogo, por causa da questão da formação, e uma das coisas que o clube têm utilizado, só que usa-se no profissional mas a gente tem começado a usar na equipe, nas equipes de formação, só que com uma, um número bem menor, é a utilização do... da *Quin*, das análises da *Quin* né, da *Quin Statistics*, que é uma empresa, que ela é... faz uma análise quantitativa realmente do jogo e dá números pra gente, é... mostrando e comparando nossa performance, seja ela comparando essa performance com um outro jogo nosso do mesmo nível, ou até mesmo com outras equipes, ou até também com nossa equipe principal para ver se a nossa performance de jogo realmente ela tá sendo bem desenvolvida ou não, e dando também ferramenta pra que a gente possa desenvolver ainda mais a... tanto o atleta quanto a equipe e assim por diante...

**(P): Ocorre análise do adversário? Como funciona isso?**

(E): A gente faz uma ação pré-jogo né, então se a gente, na formação também existe a questão de você ter, ter as imagens da equipe adversária né, imagens, informações da equipe adversária, nem sempre você vai ter essas informações, como é nas equipes profissionais você consegue com facilidade hoje né, então... se a gente consegue, é... normalmente a nível nacional, uma competição à nível nacional, por exemplo Campeonato Brasileiro sub 17 hoje a gente consegue vídeos, consegue vídeos com trocas né, com outras equipes, vô dá um exemplo, jogamos contra o **\*clube brasileiro citado pelo entrevistado**, o próximo jogo vai ser contra o **\*clube brasileiro citado pelo entrevistado** e o **\*clube brasileiro citado pelo entrevistado** já jogou contra o **\*clube brasileiro citado pelo entrevistado**, então eles tem a filmagem do jogo, então a gente acaba trocando, e aí, e aí conseguindo esse material, se a gente consegue esse material antes, a gente tenta assistir, separar os comportamentos padrões da mesma forma que eu falei da nossa análise né, primeira fase, segunda fase, e assim por diante, pensando no ciclo do jogo e os comportamentos padrões dessa equipe, normalmente se a gente consegue os jogos, a gente tenta conseguir pelo menos três jogos que é... o que, o que dentro da semana a gente consegue assistir e analisar, e já consegue identificar, já consegue ter algumas coisas padrões da equipe né, e aí depois de analisado o material, fazendo o mesmo processo de análise, de auto análise, fazendo uma reunião com a comissão, aí debatendo já debatendo é, situações estratégicas

pra pensar, desenvolver durante a semana... com os atletas e vendo a possibilidade de se passar ou não esse material pros atletas.

**(P): E no dia do jogo, chegam a coletar alguma coisa da equipe adversária?**

(E): A... dentro disso a prioridade do jogo é a nossa equipe né, claro que ela vai tá diretamente relacionado com os comportamentos da equipe adversária, então a gente vai tá analisando a situação do jogo né, do jogo em si, mas a observação maior é dentro da nossa equipe e dentro do que ela tá fazendo e o que ela pode fazer pra superar o adversário durante o jogo, mas nada específico assim do adversário né...

**(P): O clube utiliza alguma ferramenta (software) de análise de desempenho? Qual(is)?**

(E): É, então... nossa principal ferramenta é o *Sportscod* né, então o *Sportscod* é uma ferramenta que a gente consegue fazer análise, fazer as edições dos vídeos também, extrair os vídeos já que... um exemplo grande é que a gente dentro do jogo já vai fazendo *tagueamento*, separando os lances, porque o objetivo é passar a informação mais rápido possível pra comissão, pros atletas e assim por diante... então essa ferramenta ela auxilia nisso, e aí a gente vai pegando já os cortes pra poder passar já pros atletas, seja informação no intervalo, seja informação pós-jogo, no dia seguinte e assim por diante, aí uma ferramenta que é auxílio, que é também do *Sportscod*, é o *Coda*, que nos auxilia a fazer esse *tagueamento*, é... durante o jogo já mesmo, em tempo real, a outra ferramenta que é dentro do, dentro do *Mac* é o *Keynote*, como se fosse um similar ao *PowerPoint*, aonde a gente monta a apresentação normalmente, seja ela autoanálise, análise de adversário, preleção, e assim por diante... monta tudo por ali, dentro dela mesmo a gente usa recursos pra fazer os desenhos, pra ficar mais didático pra passar informação, tanto comissão quanto pros atletas, quando possível a nossa equipe principal e hoje o clube também adquiriu a gente usa a ferramenta que é o *Coach Paint*, que ele também tem a mesma finalidade, de aplicar desenhos dentro dos vídeos né, só que uma forma muito mais complexa e já faz dentro de vídeo mesmo, é... destacando o atleta, o atleta correndo a gente já consegue acompanhar, fazer esse destaque nele correndo e destacar espaços e assim por diante... é, acho que essas são... e junto com o *Sportscod* né, que hoje é da mesma empresa, tem a *Hudl*, a *Hudl* que é uma, digamos que seria o *YouTube* nosso interno né, é onde a gente sobe todos os vídeos, e jogo completo, é... as análises, análise individuais, os vídeos pedagógicos pra passar pros atletas e através dessa plataforma a gente compartilha com os atletas com a comissão com coordenação, deixa ele **(vídeo)** disponível pra que todos possam ter um acesso muito fácil né.

**(P): E aquela que tu comentaste antes, como é o nome?**

(E): É *Quin Statistics*, é uma empresa colombiana, ou... não lembro agora se é colombiana ou equatoriana, mas ela dá todos esses dados...

**(P): Como você percebe a análise do jogo na instituição, você entende que é mais voltada para o desempenho coletivo ou individual?**

(E): A gente acredita assim, eu principalmente acredito que um alimenta o outro né. Então você pensar de forma coletiva, você tem que pensar em organização coletiva no geral, não só na questão de organização e distribuição dos atletas dentro do campo, mas... quando eu *fala* organização, se pensa no todo né, é... ele vai acabar contribuindo pro desenvolvimento do atleta né, ele entender onde ele tem que se situar, como ele se movimenta e assim por diante... um vai alimentando outro, então você tem uma organização coletiva, conseqüentemente você vai potencializar, é, as ações individuais e se você tem boas ações individuais, atletas que entendem bem e executam bons comportamentos, seja ele técnico, tático e assim por diante, vai contribuir pra as ações coletivas né, mas... se a gente for pensar em formação, hoje nós damos muito mais atenção pra uma análise individual, pensando... pensando em desenvolvimento do atleta, que nossa principal função é realmente desenvolver o atleta. Nós não vamos chegar com equipes completas

lá, uma geração completa na equipe principal, nós vamos chegar com um, dois, três atletas talvez na equipe principal, e... mais esses atletas tem que chegar bem preparados pra jogar na equipe principal né, nossa preocupação maior tem que ser o desenvolvimento do atleta, de maneira mais individual mesmo, claro e (*palavra inaudível*) do que eu falei né, um vai alimentando o outro, se tem equipe organizada vai desenvolver melhor os atletas, se você tá desenvolvendo melhor os atletas você vai ter equipes mais organizadas...

**(P): Vou voltar um pouco naquela questão das análises individuais, como que ocorre?**

(E): Dentro da análise individual que você comentou né?!

**(P): Isso, isso...**

(E): Ela sempre vem em conjunto com a comissão né, dentro dessa função específica mesmo, é... nós temos um protocolo aonde, é um protocolo bem longo, deve ter...sei lá uns 120 botões assim de ações do atleta, então você fica quase o dia inteiro assistindo o jogo e separando o lance do atleta, depois que separou todo esses lances, vai... é...você consegue elaborar um material e identificar, "*esse atleta tem dificuldade em domínio orientado*", então porque, dentro de tantas ações ele errou mais de 70%, daí a gente acompanhando os treinos, entrando em contato com a comissão, o próprio **\*nome do profissional citado** que eu comentei, que é o responsável por essa área, ele também acompanha quase todos os treinos, sempre tá no campo né, identificando isso também, tem um... uma capacidade muito grande pra poder identificar isso, e... junto com todas essas informações, são conciliadas e identificou-se que tem problema, aí opa, então esse atleta merece uma atenção maior pra a gente desenvolver essa ação dele, o comportamento de domínio orientado, do exemplo né. Então o que que nós vamos fazer, aí eles elaboram uma estratégia de como vai, como vai agir com o atleta, "*ah não é algo tão grave*", a gente pode mostrar só em vídeo, fazer os "*coaches*" (*termo usado pelo entrevistado*), que a gente fala né de vídeo, e ele... ele vai compreender, isso dependendo do que, de qual é o comportamento, de qual é a ação que ele precisa desenvolver, "*não, é uma ação técnica, ele precisa executar essas ações*", então a gente vai ter que fazer um treino a parte pra ele, e aí entra de situações de treinar o... o... num segundo período, então ele teve o treino, à tarde ele vai ter livre, então à tarde a gente vai ter lá, um treino que não seja tão desgastante que vai atacar aquele comportamento que ele precisa desenvolver, aquela ação técnica que ele precisa desenvolver, então um trabalho mais individualizado dessa forma assim né...

**(P) Então não são os auxiliares-analistas que fazem essas questões mais individuais? São outros profissionais? É isso?**

(E): Isso, *aham*... eles acabam tendo um molhar muito mais individual do que a gente assim né, a gente acaba olhando num todo, o auxiliar-analista acaba olhando num todo, e eles acabam olhando só a parte individual mesmo...

**(P): E quais categorias participam desse processo mais individual?**

(E):14, 15, 17 e 20...

**(P): Quem recebe as informações coletadas na análise dos jogos? Os atletas tem acesso a estas informações? Tem algum dia específico?**

(E): Em relação... vou começar pelo fim ali, um dia... depende muito da comissão né, do que eles acharem que é válido, passa no dia... logo no dia seguinte após o jogo ou passar no meio da semana ou passar como preleção para o próximo jogo, isso são todas estratégias, estratégias que a comissão elabora, o que eles acham melhor assim, depende muito também de como vai ser a semana deles né, então...nesse ponto é estratégia deles, é... em relação a apresentação, também entra-se em consenso com a comissão, então tem treinador que normalmente ele gosta de passar tudo, ele centraliza tudo ali, o auxiliar-analista prepara todo o material e ele que vai passar pros atletas né, é... quando eles entendem que tem, que tem que ser passado né, exemplo, as vezes teve um jogo, quando... um exemplo

de quando eles não vão utilizar pros atletas, teve um jogo que o nível do jogo foi muito baixo, a adversário não propôs nada de diferente que que a gente vai passar daquele jogo, que que vai ser válido pros atletas, aí as vezes a comissão prefere não passar porque talvez não tenha um conteúdo, é... com uma expressão boa assim, realmente pra desenvolver o atleta, aí eles acabam não passando, é... e aí voltando a questão de quem passa né, tem do treinador... tem treinador que gosta que o auxiliar, o auxiliar mesmo fale, então o auxiliar apresenta a análise do adversário, apresenta autoanálise, então... tem essa estratégia também, e tem o treinador que prefere que o auxiliar-analista já passe, por que as vezes ele assistiu o jogo mais vezes, ele elaborou o material, talvez esteja um pouquinho mais preparado no momento pra aquele material, pra apresentar pros atletas, e aí existe a maneira conjunta também, normalmente... eu trabalhei com os treinadores que gostam de fazer de maneira conjunta, o auxiliar-analista conduz, no caso eu conduzia a apresentação, e a todo momento ele (treinador) ia entrando pra debater também... pontuar algo que ele achava importante né... então tem esses pontos, aí são diversas estratégias.

**(P): E como é a relação do auxiliar-analista com os atletas?**

(E): É... nós temos uma relação bem próxima assim dos atletas né, tanto que o clube e os treinadores dão liberdade pra gente mesmo passar informação pros atletas, e a gente pensa muito numa questão de educação dos atletas em relação a... a análise mesmo, pra que a gente chegue num momento aonde o atleta, ele sente, assista o jogo, faça análise do jogo, ele mesmo faça sua autoanálise, seja crítico em cima do que ele fez de bom ou ruim no que ele precisa evoluir. Então a gente tenta caminhar pra um... pra essa direção aonde o atleta consiga realmente ter um interesse muito grande por analisar o jogo né, então... hoje, não digo assim que é todos, mas existe uma grande parte dos atletas que eles nos procuram pra pedir materiais né, realmente pra ver... pra ver as suas ações no jogo... às vezes como eu falei, a gente usa a *Hudl*, eles têm acesso a todas as ações deles separadas já dentro do, dentro do jogo né, mas normalmente eles gostam de... procurar a gente pra ter o debate né, tem os atletas que a gente chama, que a gente vê com uma necessidade de chamar pra fazer uma reunião e mostrar os vídeos, pra pontuar algo positivo e negativo do atleta também, fazer ele refletir sobre aquela, sobre aquele jogo especificamente ou sobre aquelas ações, material que pode ser elaborado de cinco, seis, sete jogos e assim por diante, da temporada toda, e tem atleta que ele tem... ele mesmo busca a gente pra poder debater e... a gente explicar, tirar algumas dúvidas que ele tem, com a maior liberdade assim... e principalmente a gente dá uma atenção bem grande para esses atletas, que vem nos procurar, pra que eles possam realmente fazer isso com frequência, a gente não precisar tá obrigando o atleta "*oh você tem que ir na reunião tal hora para a gente fazer vídeo*", é muito mais fácil quando ele vem de livre e espontânea vontade, é... até mesmo pra ele assimilar as informações é muito melhor né, o atleta vem aberto pra receber essas informações...

**(P): Todos os atletas tem acesso a essas informações? Tanto individuais como coletivas?**

(E): Isso... assim, as informações que a gente passa normalmente pra eles né, é a nossa autoanálise do jogo, então isso já separado, desenhado, de uma forma didática pra eles, normalmente coloca após apresentação pra eles, pra que eles possam assistir lá também, e as ações deles né, as ações deles separadas já, os principais momentos que eles participaram do jogo, de ações ofensivas e defensivas, o jogo completo também, que as vezes tem atletas que se interessam em assistir o jogo completo, então são essas informações, e aí materiais *pedagógico* de geral né, material didático pra o... de ações defensivas do lateral, e assim por diante...

**(P): E quanto tempo mais ou menos pra gerar essas informações? Pra ter o relatório do jogo completo?**

(E): Então, a coleta do dado, dos dados a gente tenta fazer sempre em tempo real durante o jogo já na separação, aí a ideia é que a gente tem que passar a informação mais rápido possível para comissão, por que, pra que eles possam

pensar e a comissão como um todo elaborar a semana de treino já, é... dando ênfase em algo que seja importante que foi visto no jogo passado, daí que vai ser importante pro próximo jogo e principalmente que vai ser importante pra desenvolvimento dos atletas, é... então a gente tenta passar o mais rápido possível, normalmente se joga no sábado, se tem uma folga no domingo e já retorna na segunda-feira, normalmente com essa sequência já tenta apresentar todo esse material na segunda-feira pra comissão, pra que eles já possam, como eu falei pensar na semana toda já.

**(P): As informações coletadas são interpretadas antes de enviá-las?**

*\*Questão respondida anteriormente, em outra abordagem.*

**(P): Os dados coletados são armazenados e/ou utilizados posteriormente? De que forma isso ocorre dentro do clube?**

(E): É... hoje se tem banco de dados mas assim, confesso a você que a gente ainda não consegue utilizar ele de uma maneira bem ótima assim né bem otimizado, nosso objetivo é que a gente consiga ter uma organização eficiente pra que a gente possa a longo prazo entender como foi o desenvolvimento de um atleta, um atleta que teve sucesso por exemplo, qual foi o... como ele iniciou a... a entrada, a ingressão dele no clube o que que ele teve de conteúdo em cada ano que ele passou, em cada categoria que ele passou pra ele chegar lá na equipe principal e a gente conseguir estudar, é... essa trajetória que o atleta teve, pra conseguir talvez desenvolver, é... ou deixar mais próximo ao ambiente pra que a gente consiga desenvolver atletas da mesma... da mesma... mesmo potencial, assim por exemplo, então, se tem, se utiliza poucas vezes assim, um material mais a longo prazo, porque a gente ainda precisa organizar ele melhor dentro do clube, mas é um dos nossos objetivos, que a gente vem fazendo e é até tem um papel dessa parte da análise individual hoje né, de todo esse material individual separado também, que daqui dez anos por exemplo, eu vou conseguir fazer o estudo de comportamento atleta que passou desde a iniciação lá no clube, chegou na sub 10 e chegou a equipe principal...

**(P): Você considera que a análise de desempenho influencia a formação do atleta dentro da instituição? Caso aconteça, de que maneira você entende que isso ocorra?**

(E): É... então, já comentei em relação a isso né... eu acho que tem uma influência muito grande, é... por que você consegue usar uma ferramenta que acaba sendo muito mais didática pro atleta e ele conseguir se visualizar ou visualizar modelo e criar estratégias pra que ele possa aplicar isso depois na prática de maneira processual né, e ele compreendendo de maneira declarativa, isso é cientificamente já comprovado que ele vai evoluir de maneira processual, ele vai conseguir aplicar dentro do campo, isso reforça, é... ainda mais o papel da análise de desempenho né... e fala assim de experiência própria, de experiências próprias assim você vê um desenvolvimento muito grande de atletas aplicando conceitos que às vezes você faz de uma maneira mais específica, uma reunião individual com atleta que a gente chama de *coach* né, ano passado a gente teve uma situação, vou até colocar a questão mais prática assim mesmo do que a gente viveu, que acho que pode ser um pouco claro, é... nós tínhamos um centroavante que ele não *tava*, ele chegou, tinha chego recentemente ao clube, ele não *tava* realizando boas ações dentro da grande área, então principalmente em relação ao posicionamento, posicionamento dentro da grande área na situação, ele se situando dentro da grande área e até mesmo posicionamento corporal pra que ele pudesse atacar uma bola de situações de cruzamento e gerar mais, uma expectativa de gol maior, a gente teve uma sessão de duas reuniões com ele, de vídeo, só o vídeo mesmo, apresentamos o modelo, é... atletas de alto nível realizando essas ações, isso diversas vezes assim muitos lances pra que realmente ele pudesse, olhar entender e depois aplicar, duas reuniões com ele, na semana seguinte a essas duas reuniões ele começou a executar melhor as ações dentro da grande área e consequentemente conseguiu gols nos dois jogos seguintes assim sabe, e realizando comportamento, é... bem

próximo daquilo que a gente queria, e ele mesmo reconhecendo isso depois ele chegou “ó fiz isso igual não sei quem, igual aquele atleta que você mostrou, deu certo...”. Então isso é um reforço, você cria um marcador no atleta muito grande, é... principalmente por ser uma ação positiva né, ele conseguir executar bem, acho que esse é um dos exemplos, existe muitos outros exemplos em que pode ter no dia a dia que, que demonstra importância e... e... realmente a eficiência da utilização da análise desempenho né...

**(P): No seu entendimento quais são as principais dificuldades encontradas pela área de análise de desempenho dentro da instituição? Têm sugestões de melhoria?**

(E): Uma contribuição grande é... pensando especificamente na nossa realidade ali, é... esse suporte dessa utilização de material a longo prazo assim que vai dar informações maiores pra nós, e também acho que esse é o principal ponto assim, de encontro assim... eu acho que não seja nenhuma dificuldade mas é algo que a gente pode potencializar e compreender muito mais...é... o desenvolvimento do atleta e conseqüentemente ter mais informações pra desenvolver melhores atletas, acho que é o principal ponto... acho que hoje o clube ele dá um suporte muito grande pra essa área porque entende que é importante, é...valoriza bastante essa área, então... eu acho que a gente tem um suporte do clube muito grande e isso facilita nosso trabalho, ao invés de dificultar, de ter dificuldade realmente assim...

**(P): Como você enxerga o desenvolvimento da análise de desempenho futuramente? E quais são os desafios da profissão?**

(E): Assim... pensando em futuro... o que eu vejo, é... dentro dos estudos que a gente vem vendo, dentro das outras equipes também, profissionais da mesma área em e dentre outras áreas é conseguir relacionar maiores números de informações exemplos, você conseguir relacionar e ter informações todas *linkadas* com questões fisiológicas né... com questões mentais também assim... então depois você gerar dados, pós jogo, durante o jogo realmente, que todas essas informações estejam *linkadas*, eu acho que a área vem se desenvolvendo para isso, acho que isso é um... que todo mundo já vem tentando desenvolver, que eu acho que isso vai acabar em breve sendo bem utilizado.

**(P): Fale sobre as suas pretensões no mercado futebolístico, em qual contexto (profissional ou base) você pretende atuar futuramente? Por quê?**

(E): A pretensão é trabalhar em alto nível né... então, é... tentar, conseguir chegar a equipes profissionais de alto nível, porque, acho, acredito que quase todo mundo possa almejar isso dentro do... dentro do futebol, pra ter um reconhecimento maior, você ter desafios muito maiores, então acho que essa é a principal pretensão, e meu objetivo como profissional é... continuar dentro dessa área técnica-tática né, seja como um auxiliar, como auxiliar, como treinador, como um analista, então minhas pretensões como profissional é estar dentro dessa área técnica-tática.

**(P): Você gostaria de expor algo além do que conversamos nesta entrevista?**

(E): Acho que... acabei até falando demais já até né Manoel (*risos*), pô a gente já conversou uma hora e... e alguma coisa aqui, uma hora e *bolinha* (*risos*), não, não tenho de cabeça aqui algo que tenha deixado de falar ou deixado de perguntar, não sei se você tem alguma coisa a colocar, alguma curiosidade a mais também. É legal participar disso também, e até como... colaborar com o desenvolvimento de estudos como você falou, realmente hoje a gente é um pouco escasso a questão de material científico né, a parte mais acadêmica justamente sobre isso também por consequência de ser novo no Brasil, uma área acaba sendo nova né, algo que vem sendo desenvolvido a pouco tempo né, é... alguns clubes que tem a mais tempo, é... sendo vanguardistas em relação a isso... mas é uma área que na verdade se deu atenção a muito pouco tempo ainda, até por isso que acaba tendo pouco conteúdo sobre isso, mas é

algo que vem se fortalecendo a cada dia mais e precisa de estudos realmente para se colocar ainda mais aí... forte dentro do futebol e conseqüentemente contribuindo com futebol né... e no que você precisar aí também eu tô à disposição, depois quando você terminar todo estudo aí, puder passar um *feedback* pra nós, isso tudo vai ser legal também...

**Agradecimentos finais.**

## ANEXOS

### ANEXO A – APROVAÇÃO NA COMISSÃO PESQUISA-ESEFID

Remetente:<[compesq@esef.ufrgs.br](mailto:compesq@esef.ufrgs.br)>

Para:[rogerio.voser@ufrgs.br](mailto:rogerio.voser@ufrgs.br)

Prezado Pesquisador ROGERIO DA CUNHA VOSER,

Informamos que o projeto de pesquisa O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA ANÁLISE DE DESEMPENHO NAS CATEGORIAS DE BASE EM CLUBES BRASILEIROS DE FUTEBOL encaminhado para análise em 06/11/2019 foi aprovado quanto ao mérito pela Comissão de Pesquisa da ESEFID com o seguinte parecer:

Com base no parecer consubstanciado elaborado pelo Prof. José Cicero Moraes em 28/11/19, a COMPEAQ-ESEFID aprova o referido projeto de pesquisa.

Devido as suas características este projeto foi encaminhado nesta data para avaliação por .

Atenciosamente, Comissão de Pesquisa da ESEFID

---

Dr. Rogério da Cunha Voser  
Professor Associado 3 na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS  
Diretor do Laboratório de Pesquisa do Exercício (LAPEX)  
Líder do Grupo de Estudos em Esporte - GEE  
Contato: 51.984016980 (celular)  
[rogerio.voser@ufrgs.br](mailto:rogerio.voser@ufrgs.br)

## ANEXO B – QUALIFICAÇÃO DO PROJETO PELA BANCA DE QUALIFICAÇÃO (ESEFID/UFRGS)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO

### QUALIFICAÇÃO DE PROJETO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Autor(a):** Manoel Eduardo Prado Shamah

**Título:** "O processo de desenvolvimento da análise de desempenho nas categorias de base em clubes brasileiros de futebol"

**Orientador(a):** Prof. Dr. Rogério da Cunha Voser

**Data:** 11/12/2019

**Horário:** 16:00

**Local:** *muscu*

**Banca Examinadora:**

**Assinaturas:**

Prof. Dr. Thiago José Leonardi (UFRGS)

*Thiago José Leonardi*

Prof. Dr. José Cícero Moraes (UFRGS)

*José Cícero Moraes*

**Avaliação:**

Qualifica:  (X)

Qualifica com correções ( )

Não qualifica ( )

**Reservado ao Núcleo Acadêmico:**

Ad referendum (se houver) em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

SISPOS em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Homologado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ Ata: \_\_\_

Site: \_\_\_

**ANEXO C – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

UFRGS - INSTITUTO DE  
PSICOLOGIA DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
RIO GRANDE DO SUL

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA ANÁLISE DE DESEMPENHO NAS CATEGORIAS DE BASE EM CLUBES BRASILEIROS DE FUTEBOL

**Pesquisador:** Rogerio da Cunha Voser

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 31000120.2.0000.5334

**Instituição Proponente:** Escola de Educação Física da Universidade do Rio Grande do Sul

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 4.081.495

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

PORTO ALEGRE, 10 de Junho de 2020

---

**Assinado por:**  
**Jerusa Fumagalli de Salles**  
**(Coordenador(a))**